



Pitanguá

ARTE

Organizadora:
Editora Moderna

Obra coletiva concebida,
desenvolvida e produzida
pela Editora Moderna.

Editor responsável:
André Camargo Lopes



3º
ANO

Anos Iniciais do
Ensino Fundamental

Componente curricular:
Arte

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO.
PNLD 2027 - ANOS INICIAIS | CATEGORIA 2
Código da obra:
0058 P27 01 02 060 060

LIVRO DO
PROFESSOR



MODERNA



Organizadora: Editora Moderna

Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna.

Editor responsável:

André Camargo Lopes

Licenciado em Educação Artística pela Universidade Estadual de Londrina (PR).

Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (PR).

Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Professor da rede pública de ensino básico.

Editor de materiais didáticos.

Componente curricular: Arte

LIVRO DO PROFESSOR

1ª edição
São Paulo, 2025



Elaboração dos originais:

André Camargo Lopes

Licenciado em Educação Artística pela Universidade Estadual de Londrina (PR). Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (PR). Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Professor da rede pública de ensino básico. Editor de materiais didáticos.

José Paulo Brisolla de Oliveira

Bacharel em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Londrina (PR). Foi professor do curso técnico de Arte Dramática do Instituto Federal do Paraná e em oficinas de Introdução Teatral. Elaborador e editor de materiais didáticos.

Andressa Tatielle Campos

Licenciada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Londrina (PR). Especialista em Ensino e Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Especialista em Docência na Educação Superior pela Universidade Estadual de Londrina (PR). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (PR). Professora. Editora de materiais didáticos.

Produção editorial: Scribe Soluções Editoriais

Edição: José Paulo Brisolla de Oliveira

Assistência editorial: Brunna Leonardi, Giovanna Fernanda Montagnani

Gerência de planejamento editorial: Camila Rumiko Minaki

Preparação de texto e revisão: Moisés Manzano da Silva,

Nicolas Hiromi Takahashi

Projeto gráfico: Keithy Mostachi, Dayane Barbieri, Marcela Pialarissi

Edição de arte: Tatiane Galheiro

Editoração eletrônica: JSDesign, Laryssa Dias Almeron dos Santos

Pesquisa iconográfica: André Silva Rodrigues

Tratamento de imagens: Vinicius Costa

Edição executiva: Marina Sandron Lupinetti, Millyane Magna M. Moreira

Gerência de planejamento editorial e revisão: Ana Paula Souza Nani

Suporte administrativo e de planejamento editorial: Carlos Eduardo B. Oliveira, Joselina F. dos Santos, Patrícia Carvalho, Patrícia S. Tengan, Stephanie S. Martini, William Magalhães

Gerência de design, produção gráfica e digital: Patricia Costa

Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite

Capa: Bruno Tonel, Everson de Paula, Suiane Cardoso

Ilustração: Diego Loza/Arquivo da Editora

Foto: Rob Lewine/Tetra images/GETTY IMAGES

Coordenação de arte: Wilson Gazzoni Agostinho

Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues

Pré-impressão: Alexandre Petreca, Marcio H. Kamoto

Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pitangua arte : 3º ano : anos iniciais do ensino fundamental / organizadora Editora Moderna ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna ; editor responsável André Camargo Lopes. -- 1. ed. -- São Paulo : Moderna, 2025.

Componente curricular: Arte.

ISBN 978-85-16-14255-1 (aluno)

ISBN 978-85-16-14256-8 (professor)

1. Arte (Ensino fundamental) I. Lopes, André Camargo.

25-297434.0

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904
Canal de atendimento: 0303 663 3762
www.moderna.com.br
2025
Impresso no Brasil

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2

Você sabia que **PITANGUÁ** é o nome tupi do bem-te-vi, um dos pássaros mais populares encontrados nas matas e nos jardins de todo o Brasil?



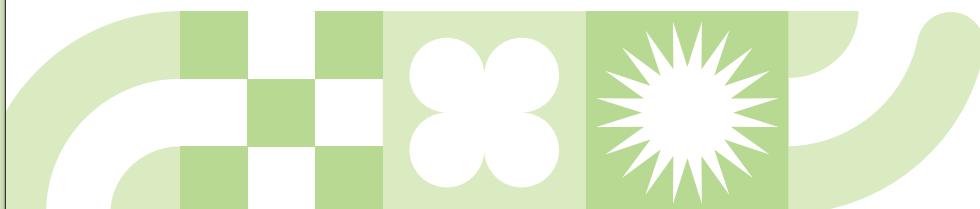


OLÁ, ESTUDANTE!

Neste livro, você vai encontrar diversas obras que contribuirão para o seu aprendizado sobre as quatro linguagens da Arte: as artes visuais, o teatro, a dança e a música.

Além disso, por meio das práticas propostas, você perceberá que é possível aplicar seus conhecimentos em situações do cotidiano, desenvolvendo a autonomia e valorizando a diversidade cultural.

Bons estudos!



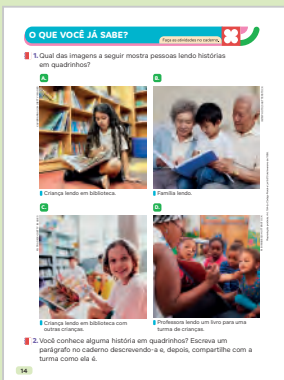
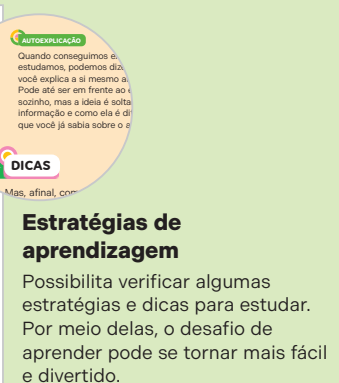
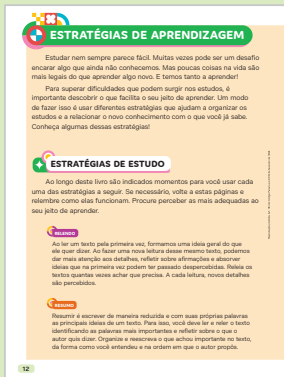
Reprodução do Livro do Estudante

Nesta parte do **Livro do Professor**, você encontra uma versão reduzida do **Livro do Estudante**, que inclui as respostas das atividades e alguns comentários.

Nas laterais e nos rodapés, as **orientações ao professor** funcionam como um guia para a prática pedagógica, com sugestões de como abordar as atividades. É aqui também que estão as respostas que não couberam na reprodução das páginas.

CONHEÇA SEU LIVRO

Este livro foi produzido com muito carinho. Muitas pessoas trabalharam nele para ajudar você a explorar o universo da arte. Confira a seguir como o livro está organizado.



O que você já sabe?

Essa seção auxiliará a retomada do que você e seus colegas já sabem sobre alguns assuntos.



Abertura de unidade

O livro é composto de quatro unidades, iniciadas com uma imagem de abertura, um texto introdutório, uma lista dos assuntos que serão abordados e o boxe Conectando ideias.

Conectando ideias

Nesse boxe, há duas ou três questões que ajudarão você a pensar sobre o conteúdo que será estudado.

CRIANDO E VIVENCIANDO HISTÓRIAS

Quando falamos em **tradição** não devemos pensar apenas nas coisas apresentadas em sala de aula. Podemos encontrá-las nos mais diversos lugares e nas mais variadas formas.

Um exemplo disso é o Cavalo Marinho, um folgado que faz parte da cultura popular dos estados de Pernambuco e Paraíba. No Cavalo Marinho, músicos tocam instrumentos como reco-reco, pandeiro e rabeca, acompanhando personagens mascarados que fazem enações de improviso. O Cavalo Marinho tem influências das culturas indígenas e africanas, que foram muito importantes para a formação da cultura brasileira.



Tradição: qualidade de algo que tem a ver com o passado, com o antigo, com o que vem de antes.
Apreciação de Cavalo Marinho para São João do Freixo, em São Paulo, em 2015.

Atividade: Pesquise a forma de folclore Cavalo Marinho em vídeos e fotos e apresente.

1. Com um colega, observem a fotografia que retrata o Cavalo Marinho e sejam os primeiros a seguir. No caderno, anatem os nomes de três danças e descrevam como elas aparecem na imagem.

danças **público** **dança** **instrumentos musicais**

figuras **personagens** **música** **espaço**

2. Compartilhem com a turma o que vocês discutiram e anatem.

As unidades são divididas em dois tópicos, que apresentam conteúdos e atividades para você aprender e explorar.



Pessoas tocando viola no

Os jeitos de falar e as ex

do povo brasileiro. Deve

Atitude legal

Esse boxe indica atitudes positivas que você pode ter a fim de promover uma convivência melhor com os outros e o mundo.

AS PRIMEIRAS HISTÓRIAS EM

O artista suíço Rodolphe Töpfer, o autor da primeira história em que conhecemos hoje. Outro autor importante foi o estadunidense Richard Outcault, que usava balões de falas em seus quadros.

No Brasil, também temos um autor importante: o brasileiro (1843-1910). Nascido na Itália, A volta do fim dos anos 1850 e em quadrinhos brasileira.

Boxe complementar

Traz informações extras, que ajudarão você a compreender melhor o conteúdo e tornarão a aprendizagem mais completa.



Jovens jogando capoeira no

Unesco: organização que reconhece a cultura, a ciência e a comunidade. **Patrimônio Cultural Imaterial:** importante para a identidade.

1. Quantas pessoas

Vocabulário

Apresenta definições de palavras que talvez você não conheça.

PELO BRASIL

O baião é um gênero musical e dançante, marcado por instrumentos como zabumba e o triângulo.

O gênero é muito ligado ao Nordeste, especialmente Pernambuco. É nesse estado que nasceu a chamada de capital do baião por Gonzaga.

Exu fica no Sertão do Cariri, região de Gonzaga.

Pelo Brasil

O Brasil é um país enorme e diverso. Por isso, esse boxe foi feito para você conhecer lugares específicos do país.

disser "quatro" e "pitam" o exercício até os seus respectivos

Cuidado: Ao se deslocar pela sala de aula, evite movimentos que possam causar acidentes.

Cuidado

Aparece quando há um ponto de atenção na atividade para que você tenha cuidado e evite riscos.

O MUNDO QUE QUEREMOS

Dança, comunidade, dance!

Vamos falar agora de um elemento bastante importante para a dança e consciência corporal. Ela se refere à percepção que temos sobre o próprio corpo, os movimentos que ele faz e a forma como ele se move no espaço, e como funciona cada parte dele para fazer os movimentos necessários.

Desenvolver a consciência corporal é importante porque com ela aprendemos, por exemplo, a andar sem esbarrar nos outros e, nos movimentar com mais desenvoltura e até mesmo a respirar melhor.

Essa consciência pode ser desenvolvida de muitas formas em práticas de danças tradicionais indígenas e afro-brasileiras, em brincadeiras populares que envolvem movimentos corporais e em projetos educativos. Na cidade de São Paulo, por exemplo, o coreógrafo Ivailto Bertazzo criou o projeto Dança Comunitária, que busca ensinar consciência corporal e habilidades da dança por meio da dança.



Estudantes do projeto Dança Comunitária durante uma aula em São Paulo, em 2015.

Questão inicial: Como a consciência corporal pode ajudar as pessoas a viverem melhor?

No projeto Dança Comunitária, os estudantes sempre praticavam alongamento antes e depois das coreografias, faziam exercícios de fisioterapia, além de terem aulas de anatomia, música, crítica de arte, literatura, entre outros assuntos. Para Ivailto, todos esses conhecimentos ajudaram os estudantes a entender melhor o próprio movimento, evitando o desgaste dos músculos e dos ossos. Mas não só isso: as aulas também eram importantes para eles entenderem a si mesmos, tanto na dança quanto no dia a dia, mantendo a saúde mental e corporal.



Ivailto Bertazzo ensinando um exercício de alongamento aos estudantes na cidade de São Paulo, em 2015.

1. Como a consciência corporal por meio de danças e brincadeiras pode ajudar as pessoas a conviverem melhor entre si no dia a dia?

2. Com o auxílio do professor, conheça e experimente alguns exercícios de alongamento e consciência corporal. Perceba seus movimentos e sua postura enquanto faz esses exercícios e compartilhe com os colegas as suas impressões.

3. Com os colegas e com o auxílio do professor, produzam vídeos fazendo esses exercícios e abordando a necessidade de cuidar com a consciência corporal e com a saúde para uma boa qualidade de vida. Compartilhem as produções de vocês com as outras turmas da escola.

O mundo que queremos

Essa seção apresenta reflexões e atividades que têm o objetivo de promover a conscientização sobre assuntos importantes para construirmos um mundo melhor.

O QUE VOCÊ JÁ APRENDEU?

1. Retorne seus conhecimentos sobre histórias em quadrinhos. Depois, escreva no caderno o que se pede a seguir:
 - a) Como se originou esse tipo de história?
 - b) Liste ao menos três elementos presentes nas histórias em quadrinhos.
2. Uma história é um tipo de história em quadrinhos. Identifique a opção incorreta sobre esse tipo de narrativa e a confira no caderno.
 - a) As histórias em quadrinhos são narradas por imagens e textos, em que as cenas se desenvolvem em quadrinhos.
 - b) São narrativas em que não há a presença da escrita em nenhum momento.
 - c) Os desenhos exploram a personalidade das personagens para evidenciar a comunicação entre elas.
3. Observe a imagem e responda no caderno ao que se pede.



- a) A imagem retrata o trabalho de um grô. Qual é o papel dos grôs para o seu povo?
- b) Que linguagens artísticas estão presentes no trabalho dos grôs?

O que você já aprendeu?

Nessa seção, aparecem diversas atividades para você avaliar os conhecimentos novos que adquiriu durante o ano.

HORA DO TESTE

QUESTÃO 1

Como são chamadas as imagens feitas por grupos humanos pré-históricos?

- A. Colagem. B. Fotografia. C. Pintura.

QUESTÃO 2

O que são as onomatopeias, que aparecem em histórias em quadrinhos?

São a mesma coisa que as palavras.

Hora do teste

Essa seção traz atividades que o ajudarão a se preparar para testes que você vai encontrar ao longo de sua trajetória escolar. Você a encontrará sempre no final da seção **O que você já aprendeu?**

PARA SABER MAIS

Com esse livro, que dá dicas para escrever e desenhar enredos, crie suas histórias em quadrinhos e divirta-se com suas personagens.

Para saber mais

Nessa seção, você encontrará sugestões de livros, filmes, sites e outros recursos que ampliarão o seu repertório sobre os conteúdos estudados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira. *Triângulo triangular no ensino das artes e culturas visuais*. Com o objetivo de estabelecer uma aprendizagem e imagem, a obra apresenta a proposta triangular para apreciação e produção, além de propor um pensar a imagem e seus usos.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://www.mec.gov.br/pt-br/escala-em-tempo-integral/BNC>. Acesso em: 28 jul. 2025.

Referências bibliográficas comentadas

Para fazer este livro, as pessoas que o elaboraram precisaram pesquisar, consultar e estudar algumas referências. Ao final do livro, você pode verificá-las.

ÍCONES



Resposta oral

Sinaliza que você deve falar sua resposta ao professor e aos colegas de turma.



Resposta no caderno

Indica que a atividade deve ser realizada no caderno.

OBJETO DIGITAL

No livro digital, você encontrará alguns infográficos clicáveis com informações que complementam o conteúdo. Esse selo indica os momentos em que você trabalhará com eles.

FAIXA DE ÁUDIOS

Este livro é acompanhado de algumas faixas de áudios que explicam o conteúdo e ajudam você a realizar as atividades. Esse ícone aponta os momentos em que elas serão utilizadas.

Imagens sem proporção entre si.

Texto informativo

Traz avisos importantes que você deve ter em mente ao analisar as imagens e os demais elementos do livro.



ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM 12

O QUE VOCÊ JÁ SABE? 14

UNIDADE
1

AS HISTÓRIAS QUE AS IMAGENS CONTAM.....16

A HISTÓRIA EM IMAGENS 18

▶ Produzindo pigmentos 19

ATIVIDADES 20

Imagens em sequência 24

▶ Com quantos quadrinhos se faz uma história? 26

Heróis em quadrinhos 28

As histórias em quadrinhos no cinema e na televisão 29

ATIVIDADES 30

▶ Chuá, chuá, *splash!* 32

ATIVIDADES 34

PARA FAZER JUNTOS • Fotonovelas 40

O IMAGINÁRIO POPULAR BRASILEIRO 42

ATIVIDADES 44

▶ De onde a história vem 47

ATIVIDADES 48

▶ Conhecendo a Cuca 51

ATIVIDADES 52

▶ Contando e recontando histórias 54

O MUNDO QUE QUEREMOS • Os guardiões da floresta:
o que os povos originários ensinam 56

▶ Narrativas sobre memórias na arte contemporânea 58

ATIVIDADES 59

O QUE VOCÊ ESTUDOU? 62

UNIDADE 2

UMA ARTE QUE É UM ESPETÁCULO!.....64

CRIANDO E VIVENCIANDO HISTÓRIAS.....66

▶ **Máscara: o rosto da personagem**.....68

Máscaras pelo mundo.....70

Máscaras e folguedos no Brasil.....71

ATIVIDADE.....72

PARA FAZER JUNTOS • Criando uma personagem.....74

▶ **O teatro é uma festa!**.....76

ATIVIDADES.....80

O TEATRO DE ANIMAÇÃO.....82

▶ **Objetos que falam**.....84

ATIVIDADES.....85

O MUNDO QUE QUEREMOS • Com vocês: os mestres!.....86

ATIVIDADES.....88

▶ **Sombras vivas**.....89

ATIVIDADES.....90

▶ **Máscaras e materiais**.....93

ATIVIDADES.....94

O QUE VOCÊ ESTUDOU?.....95

UNIDADE 3

CANTAR E DANÇAR.....96

AS MUITAS MÚSICAS BRASILEIRAS.....98

ATIVIDADES.....99

▶ **Brincadeiras de versar**.....100

ATIVIDADES.....102

▶ **Gêneros musicais brasileiros**.....104

ATIVIDADES	106
Instrumentos musicais da música brasileira	107
ATIVIDADES	110
DIFERENTES JEITOS DE DANÇAR	113
ATIVIDADE	115
▶ Dançando histórias pelo mundo	116
Odissi, na Índia	116
Zaouli, na Costa do Marfim	117
El Güegüense, na Nicarágua	118
ATIVIDADE	119
Dança e ilusão	120
ATIVIDADES	121
PARA FAZER JUNTOS • A história do Boitatá	122
O MUNDO QUE QUEREMOS • Dance, comunidade, dance!	124
▶ A diversidade na dança	126
A dança nas tradições indígenas brasileiras	126
O cantar e o dançar nas tradições afro-brasileiras	127
ATIVIDADES	131
O QUE VOCÊ ESTUDOU?	134

UNIDADE 4	FESTANÇA: UM OLHAR PARA O INTERIOR	136
TRADIÇÕES RURAIS		138
▶ Que comece a cantoria!		140
A viola caipira		144
ATIVIDADES		147
▶ O caipira além da música		148
ATIVIDADES		151
▶ Saudades do sertão!		152

ACORDA, SÃO JOÃO! 153

ATIVIDADES 155

Entre mastros e bandeiras 157

ATIVIDADES 159

PARA FAZER JUNTOS • Dançando quadrilha 162

O QUE VOCÊ ESTUDOU? 166

O QUE VOCÊ JÁ APRENDEU? 168

PARA SABER MAIS 171

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS 175

OBJETOS DIGITAIS

INFOGRÁFICO CLICÁVEL • PAINEL DOS CAVALOS 18

INFOGRÁFICO CLICÁVEL • UMA HISTÓRIA SEM PALAVRAS 26

INFOGRÁFICO CLICÁVEL • HISTÓRIAS DO BRASIL 42

INFOGRÁFICO CLICÁVEL • GRIÔS 55

INFOGRÁFICO CLICÁVEL • INSTRUMENTOS MUSICAIS AFRICANOS 127

INFOGRÁFICO CLICÁVEL • A CAPOEIRA DE MESTRE PASTINHA 130

INFOGRÁFICO CLICÁVEL • O VIOLÃO 144

FAIXAS DE ÁUDIOS

O GRIÔ E A KORÁ 55

CAVALO-MARINHO 66

BEATBOX 101

BALÃO DE OURO 102

SAMBA, CHORO E MODA DE VIOLA 104

PANDEIRO 107

ATABAQUE OU CONGA 108

TRIÂNGULO 109

JONGO 132

SAMBA DE RODA E SAMBA CHULA 133

CATIRA 138

CARIMBÓ 140

VIOLAS DO BRASIL 144

- A estratégia de estudo **Relendo** contribui para o desenvolvimento da competência leitora e de habilidades de fixação de informações. Oriente os estudantes a executarem esta estratégia fazendo questionamentos que ajudem a refletir sobre o texto e anotando questões centrais, conceitos e ideias que julgarem importantes.
- A estratégia de estudo **Resumo** contribui para o desenvolvimento de habilidades de interpretação de textos, síntese e escrita. Comente com os estudantes que anotar e procurar o significado de palavras que acharem difíceis no texto facilita a compreensão da mensagem a ser absorvida e auxilia a produção de uma reescrita mais compreensível.



ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM

Estudar nem sempre parece fácil. Muitas vezes pode ser um desafio encarar algo que ainda não conhecemos. Mas poucas coisas na vida são mais legais do que aprender algo novo. E temos tanto a aprender!

Para superar dificuldades que podem surgir nos estudos, é importante descobrir o que facilita o seu jeito de aprender. Um modo de fazer isso é usar diferentes estratégias que ajudam a organizar os estudos e a relacionar o novo conhecimento com o que você já sabe. Conheça algumas dessas estratégias!



ESTRATÉGIAS DE ESTUDO

Ao longo deste livro são indicados momentos para você usar cada uma das estratégias a seguir. Se necessário, volte a estas páginas e relembre como elas funcionam. Procure perceber as mais adequadas ao seu jeito de aprender.

RELENDENDO

Ao ler um texto pela primeira vez, formamos uma ideia geral do que ele quer dizer. Ao fazer uma nova leitura desse mesmo texto, podemos dar mais atenção aos detalhes, refletir sobre afirmações e absorver ideias que na primeira vez podem ter passado despercebidas. Releia os textos quantas vezes achar que precisa. A cada leitura, novos detalhes são percebidos.

RESUMO

Resumir é escrever de maneira reduzida e com suas próprias palavras as principais ideias de um texto. Para isso, você deve ler e reler o texto identificando as palavras mais importantes e refletir sobre o que o autor quis dizer. Organize e reescreva o que achou importante no texto, da forma como você entendeu e na ordem em que o autor propôs.

EXPLICAR A UM COLEGA

Falar em voz alta e com as próprias palavras é uma boa forma de aprender. Uma maneira de fazer isso é explicar a um colega algum assunto estudado. Ao organizar as ideias e buscar palavras para que a sua explicação seja entendida pelo outro, a sua mente passa a entender melhor o assunto e você passa a saber mais sobre ele.

AUTOEXPLICAÇÃO

Quando conseguimos explicar com nossas palavras algo que estudamos, podemos dizer que aprendemos. Na autoexplicação, você explica a si mesmo algo que leu ou que explicaram para você. Pode até ser em frente ao espelho, para não parecer que está falando sozinho, mas a ideia é soltar a voz. Fale o que entendeu sobre a informação e como ela é diferente, semelhante ou nova em relação ao que você já sabia sobre o assunto.

DICAS

Mas, afinal, como se preparar para estudar? Seguem algumas dicas.



Crie um cantinho

Se possível, encontre um espaço tranquilo para estudar. Tenha por perto água, caderno, estojo, livros e o que mais for necessário.



Cuide do tempo

Organize seu tempo pensando nos dias, horários e assuntos a estudar. Calendário, quadro de horários e agenda podem ajudar.



Pare um pouco

As pausas são tão importantes quanto a concentração. Crie intervalos para brincar, conversar com alguém ou se alimentar.



Faça diferente

A biblioteca da escola pode ter muitos materiais para você usar. Nesta coleção, há dicas de livros, filmes e outras coisas que você pode explorar. Aproveite!

• A estratégia de estudo **Explicar a um colega** contribui para o desenvolvimento de habilidades de síntese, elaboração de raciocínio, relação entre conteúdos, comunicação e socialização. Oriente os estudantes a refletirem sobre o assunto estudado. Em seguida, eles podem se organizar em duplas, e cada um deve ter seu momento de explicar ao outro o que entendeu. Após as duas explicações, eles podem dialogar, expondo dúvidas e refletindo juntos sobre o tema. Caso restem dúvidas ao final das conversas, eles podem debater de maneira mais ampla com a turma.

• A estratégia de estudo **Autoexplicação** contribui para o desenvolvimento de habilidades de síntese, elaboração de raciocínios, relação entre conteúdos e comunicação. Ela auxilia principalmente na assimilação de conteúdos mais abstratos. Incentive os estudantes a exercitarem-na sempre que possível. Comente que essa estratégia pode ser realizada por meio de questionamentos, como: "O que esse conteúdo acrescenta ao que eu já sei?"; "Com quais assuntos que eu já conheço essa informação se relaciona?"; "Como ocorre essa relação?". Por meio dessa dinâmica de perguntas, o estudante poderá ter mais facilidade em refletir sobre seus conhecimentos e elaborar autoexplicações.

1. Objetivo

• Identificar se os estudantes reconhecem visualmente livros de histórias em quadrinhos.

Como proceder

• Comece analisando as imagens com a turma, de modo que eles compreendam que, em todas elas, aparecem pessoas com livros. Comente os contextos de cada foto, explicando que eles variam entre escolar e familiar. Aproveite o momento para perguntar se eles têm o hábito de ler, se costumam realizar leituras em contextos parecidos com os das imagens e que tipos de histórias mais lhes interessam.

• Retome o enunciado da questão e leve-os a observar as imagens, a fim de que percebam que, em duas delas, **B e C**, não é possível ver as páginas dos livros. Portanto, não se pode afirmar o gênero lido. Já nas demais, é possível identificar que há imagens divididas em quadros separados por calhas e contendo balões de fala, que são características das histórias em quadrinhos.

• Providencie alguns livros de histórias em quadrinhos para mostrar aos estudantes, caso alguém não identifique o gênero nas imagens **A e C**.

2. Objetivo

• Trabalhar a articulação da escrita sobre conhecimentos prévios dos estudantes e identificar a que tipos de histórias em quadrinhos eles têm acesso.

Como proceder

• Inicie com uma conversa sobre histórias em quadrinhos, revistas e livros conhecidos que trabalham o gênero a ser estudado. Mostre alguns deles para que os estudantes possam associar o nome à imagem e peça que

escrevam no caderno alguma história, alguma personagem ou outro elemento com que tenham familiaridade e que esteja relacionado ao tema.

• Caso algum estudante demonstre não reconhecer os aspectos propostos para a criação do parágrafo, escolha uma história curta, de uma página, e leia junto a ele, para que possa se embasar nessa experiência para realizar a atividade.

• Ao final, peça que os estudantes se organizem para ler, um de cada vez, o parágrafo escrito.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Faça as atividades no caderno.

1. Resposta: **A e C**. Chame a atenção dos estudantes para o fato de que em todas as
1. Qual das imagens a seguir mostra pessoas lendo histórias em quadrinhos? **imagens A e C** é possível identificar que as crianças estão lendo histórias em quadrinhos.

A.



Criança lendo em biblioteca.

B.



Família lendo.

C.



Criança lendo em biblioteca com outras crianças.

D.



Professora lendo um livro para uma turma de crianças.

2. Você conhece alguma história em quadrinhos? Escreva um parágrafo no caderno descrevendo-a e, depois, compartilhe com a turma como ela é. 2. Resposta pessoal. Lembre os estudantes de algumas histórias famosas com as quais eles podem ter tido contato e incentive-os a compartilhar seus conhecimentos sobre o assunto.

14

3. Cite uma dança brasileira que você conhece. Em seguida, explique o motivo de ela ser considerada uma dança.
4. Como são chamados os profissionais que se apresentam nas peças teatrais? O que eles fazem para realizar esse trabalho?
5. Em qual das imagens a seguir as pessoas parecem estar em uma festa junina? Em quais elementos você baseou sua resposta?

4. Resposta: Atrizes e atores. É possível que os estudantes respondam que,



para se apresentar, esses profissionais realizam gestos e movimentos, estabelecem jogos e interações com os demais atores e o público, além de explorar a voz.

- Pessoas idosas dançando com chapéu de palha na cabeça e bandeirinhas ao fundo.



5. Resposta: Espera-se que os estudantes indiquem a imagem **A**. Para justificar a resposta, eles podem apontar a roupa xadrez, o chapéu de palha e as bandeirinhas ao fundo.

- Crianças brincando com roupas e acessórios coloridos.



3. Sugestões de respostas: Frevo, samba, carimbó, catira, cateretê e cururu. Verifique se os estudantes indicam que as danças são caracterizadas pela expressão por meio de movimentos corporais, explorando diferentes níveis, planos e ritmos.

- Crianças e adultos reunidos ao redor de um bolo com velas acesas.

15

3. Objetivo

- Identificar conhecimentos prévios relativos a danças brasileiras.

Como proceder

- Realize a leitura do enunciado junto aos estudantes, questionando se algum deles pratica danças locais ou conhece alguém que o faça. Possibilite que comentem o que entendem por danças brasileiras, citando, inclusive, aquelas com que tiveram contato em âmbito escolar em anos anteriores. É possível também que citem músicas e as relacionem a danças. Nesse caso, acolha todos os comentários e retome conteúdos apresentados em anos anteriores, referindo-se ao frevo, ao carimbó e às danças circulares, por exemplo.

4. Objetivo

- Retomar conhecimentos sobre a linguagem teatral, relativos ao trabalho de atrizes e atores.

Como proceder

- Ao conduzir essa atividade, peça aos estudantes que relembrem os conteúdos relacionados ao teatro, de modo que se recordem dos termos **ator** e **atriz** enquanto trocam informações. Retome alguns elementos estudados nos anos anteriores, como figurino, cenário, sonoplastia, iluminação e espaço cênico. Possibilite que comentem como se dá a relação entre atrizes, atores e tais recursos.

(Continua)

(Continuação)

5. Objetivo

- Avaliar a familiaridade dos estudantes com elementos das festas juninas.

Como proceder

- Comece pela leitura da legenda da imagem **C**, analisando-a com eles, para que possam identificar que se trata de uma festa de aniversário. Repita a estrutura com a imagem **B**, que pode ser associada a brincadeiras e à diversão de modo

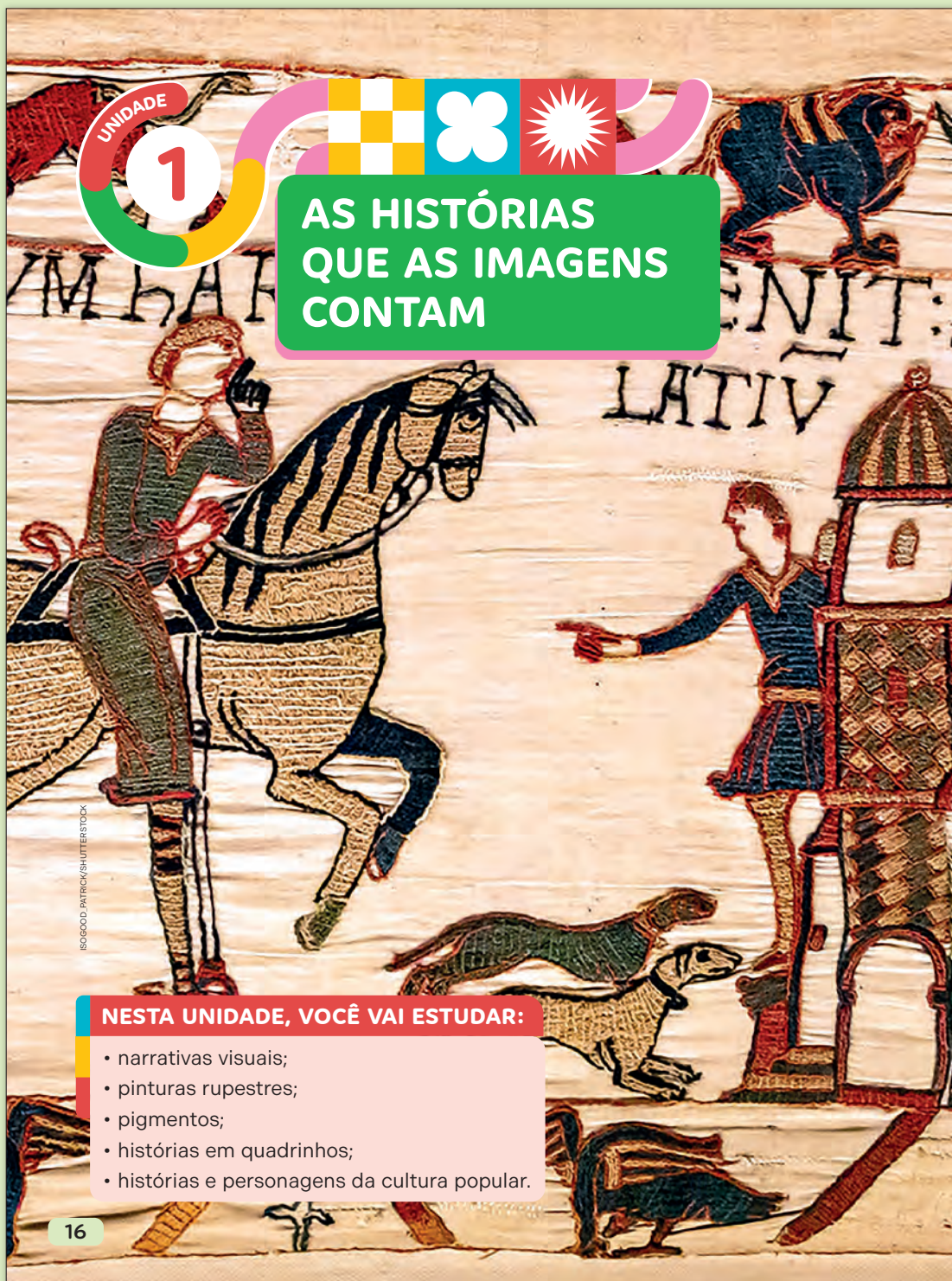
geral, remetendo talvez a uma festa de Carnaval, não havendo itens que lembrem a festa junina. Ao apresentar a imagem **A**, realize a leitura da legenda e, em seguida, chame a atenção para elementos presentes na imagem que sejam comuns em uma festa junina: chapéu de palha, camisa xadrez e bandeirinhas. Possibilite que relatem sobre experiências em festas do tipo, comentando outros aspectos presentes nessas comemorações.

Esta unidade aborda aspectos da narratividade visual em Arte. Com ênfase nas artes visuais, explora contextos e técnicas de produção de imagem com base em seu sentido narrativo.

Objetivos

- Compreender a arte como um campo de conhecimento que explora a expressão em seus processos criativos.
- Perceber as narrativas como elementos presentes no trabalho artístico.
- Compreender o conhecimento em arte como algo contextual e diversificado.
- Conhecer a origem das HQs e como se estruturam suas narrativas.
- Desenvolver atividades interpretativas relacionadas à leitura e aos saberes de arte.
- Compreender a diversidade nas tradições culturais brasileiras.
- Conhecer o imaginário que estrutura a cultura popular brasileira.
- Sensibilizar os estudantes quanto ao respeito a si mesmos e aos colegas em relação a crenças, costumes e tradições que orientam nossos pensamentos e nossas atitudes.
- Perceber as apropriações do imaginário popular brasileiro no trabalho de artistas modernistas e quadrinistas.
- Aprender sobre a arte contemporânea e suas possibilidades narrativas.
- Desenvolver atividades práticas para formalização das aprendizagens em arte.

• Nesta unidade, os estudantes explorarão temas ligados às narrativas visuais, iniciando com a pintura rupestre e outros exemplos históricos. Depois, será abordado o tema das histórias em quadrinhos, sua interface com o imaginário popular, e também o tema da narrativa na arte contemporânea brasileira. As atividades práticas permitirão aos estudantes experimentarem esses temas,



NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI ESTUDAR:

- narrativas visuais;
- pinturas rupestres;
- pigmentos;
- histórias em quadrinhos;
- histórias e personagens da cultura popular.

16

produzindo, por exemplo, tinta com pigmentos naturais e histórias em quadrinhos.

- Apresente aos estudantes a *Tapeçaria de Bayeux*. Explique, em primeiro lugar, o que é a técnica do bordado. Comente que se trata de uma técnica de costura para criar desenhos, letras ou padrões em tecidos com agulha e linha, que passa várias vezes pelo tecido para formar as figuras. Mostre imagens de bordados e leve exemplos para a sala de aula.
- Pesquise imagens da *Tapeçaria de Bayeux* para mostrar aos estudantes a extensão da obra. Comente que se trata de um grande painel de bordado no qual se narra uma história com imagens e textos em sequência.

• Explique aos estudantes que o povo normando tinha origem nórdica (*viking*) e, a partir do século IX, estabeleceu-se na região da Normandia, no norte da França, expandindo-se depois para outras partes da Europa. A *Tapeçaria de Bayeux* mostra como o povo normando venceu uma guerra contra a Inglaterra em 1066. Não se sabe com certeza quem é seu autor.

• Comente com os estudantes que, além da história principal, nas margens da *Tapeçaria de Bayeux* aparecem animais, monstros e cenas de caçada, como se fosse uma pequena história paralela.



Há milhares de anos e até os dias atuais, as pessoas usam imagens para contar histórias. Nestas páginas, podemos observar um trecho da *Tapeçaria de Bayeux*, um bordado de quase 70 metros de comprimento! Com imagens e textos apresentados em sequência, essa obra conta a história de quando um povo chamado normando conquistou a Inglaterra, no ano de 1066.

CONECTANDO IDEIAS

1. O que essa cena está retratando? 1 a 3. Respostas nas **orientações ao professor**.
2. Como você identificou isso?
3. Escreva uma história para essa cena e compartilhe com os colegas.

Tapeçaria de Bayeux, produzida na década de 1070. Acervo do Museu de Bayeux, França. Foto de 2024.

17

Destaques BNCC

- Ao entrar em contato com as diferentes construções narrativas visuais permeadas pelos mais diversos contextos, os estudantes podem desenvolver a percepção, a imaginação e a capacidade de simbolizar o cotidiano, trabalhando assim as habilidades **EF15AR01**, **EF15AR04**, **EF15AR05**, **EF15AR06**, **EF15AR07**, **EF15AR21** e **EF15AR25** e a **Competência específica de Arte 1**.

Conectando ideias

1. Espera-se que os estudantes respondam que a cena representa uma comitiva de homens montados em cavalos, em direção a um lugar onde parecem ser recebidos por uma pessoa. Incentive-os a descrever os elementos da imagem, como a presença de animais, as roupas das pessoas e as personagens representadas, além dos ornamentos nas bordas superior e inferior da tapeçaria.
2. Resposta pessoal. Incentive os estudantes a comentarem como perceberam o contexto representado na imagem. Eles podem mencionar, por exemplo, que observaram o que as personagens estão fazendo, a presença dos cavalos e outros animais, além das vestimentas.
3. Resposta pessoal. Incentive os estudantes a compartilhar suas percepções sobre a imagem, pois isso pode ajudar na identificação de repertório

(Continua)

(Continuação)

previamente adquirido por eles e na produção da história a partir da cena representada. Depois que terminarem, peça a cada um que explique à turma a narrativa criada, relacionando a história à imagem. Em seguida, informe-os que este trecho da *Tapeçaria de Bayeux* representa dois chefes normandos, Haroldo e William, cavalgando com seus súditos em direção ao Palácio de Rowen. Logo à frente, dentro do palácio, há um debate acontecendo com um clérigo. Bordada em latim, é possível ler parte da seguinte frase: "O chefe William chega a seu palácio com Haroldo. Conversa com o clérigo Algiva".

Objetivos

- Reconhecer diferentes formas de compor narrativas nas artes visuais.
- Explorar a criação de tintas com diferentes pigmentos.
- Identificar os elementos de uma história em quadrinhos.

Destaques BNCC

- Ao ampliar o repertório artístico e imagético dos estudantes, promovendo a fruição e a apreciação de obras diversas, como previsto na **Competência geral 3**, trabalha-se a habilidade **EF15AR01**.
- Ao conhecer e fruir obras de artistas de períodos distintos e conscientizar-se da produção plural e diversificada, contempla-se a **Competência específica de Arte 1**.

Atividade preparatória

• Para iniciar o tema destas páginas, organize uma apresentação aos estudantes de diferentes tipos de pinturas rupestres. Leia com a turma elementos das imagens e procure indagá-los sobre suas percepções. No site do Parque Nacional da Serra da Capivara, por exemplo, é possível encontrar diversos desses registros, entre eles, pinturas representando cenas de caça, de rituais e demais aspectos do cotidiano dos grupos que fizeram essas representações.

• Peça aos estudantes que relatem os elementos observados na imagem apresentada na página, instigando, assim, sua atenção e curiosidade. Para tirar melhor proveito das atividades, organize os estudantes em roda para que todos compartilhem suas impressões. Verifique se conseguem identificar que as pessoas representadas têm nas mãos arcos e flechas. Oriente-os a perceber que a pintura representa uma cena de caça. Saliente que as pessoas que viviam nesse período caçavam para se alimentar, e por isso, eram exímias observadoras e conheciam os hábitos dos animais.

A HISTÓRIA EM IMAGENS

Há centenas de milhares de anos, nossos antepassados já produziam diversas imagens, fazendo marcas e desenhos em rochas, ossos e conchas.

Mais tarde, eles passaram a pintar figuras no interior das cavernas e ao ar livre, em grandes paredes rochosas. Essas imagens são chamadas de **pinturas rupestres**, e as mais antigas já descobertas foram feitas há cerca de 40 mil anos.

As pinturas rupestres faziam parte de rituais, marcavam acontecimentos especiais e também tinham a função de ensinar algo para os membros do grupo.

As cenas retratadas nessas pinturas nos permitem conhecer um pouco mais o modo de vida desses antigos grupos humanos.

Observe a imagem a seguir.

INFOGRÁFICO CLICÁVEL
PAINEL DOS CAVALOS




Pinturas rupestres de caçadores produzidas há cerca de 7000 anos na caverna da Cova dels Cavalls, em Castellón, na Espanha.

1. Resposta: A pintura representa uma cena de caça. O que a imagem está representando?
2. Resposta pessoal. Oriente os estudantes a observarem os elementos da imagem, principalmente os animais e os caçadores com arco e flecha.

Produzindo pigmentos

Para produzir as pinturas rupestres, nossos antepassados usavam elementos da natureza, como plantas, raízes, sementes, pedras, carvão e terra. Esses elementos, quando moídos e preparados, resultavam em cores diversas.

Essa mistura de materiais produz os chamados **pigmentos**: substâncias que serviam para colorir superfícies, como as paredes das cavernas. Essas tintas apresentavam diversos tons e cores, e são usadas até hoje para desenhar e pintar.

-  1. Você já utilizou tintas produzidas com elementos da natureza, como raízes, plantas, sementes, entre outros materiais?

1. **Resposta pessoal.** Espera-se que os estudantes compartilhem suas experiências, caso já tenham utilizado tintas produzidas com alguns desses materiais.



PELO BRASIL

Localizado no município de São Raimundo Nonato, no Piauí, o Parque Nacional Serra da Capivara tem pinturas rupestres de mais de 25 mil anos.

Elas se tornaram conhecidas no mundo todo por causa dos estudos realizados no local desde a década de 1970 pela arqueóloga Niède Guidon (1933-2025) e, graças a ela, o espaço foi transformado em parque em 1979. Em razão da importância histórica do parque, ele foi transformado em Patrimônio da Humanidade em 1991 e tombado em 1993 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O tombamento significa que o parque será preservado e não pode ser destruído nem sofrer alterações drásticas sem autorização.

A visitação é gratuita e deve ser feita com acompanhamento de guias preparados.

Pintura rupestre na Serra da Capivara, no município de São Raimundo Nonato, no Piauí.



MICHAEL RUNKEL/IMAGEBROKER/GETTY IMAGES

- Informe aos estudantes que alguns minerais naturais deram origem às tintas ao serem utilizados como pigmento e incorporados a outras substâncias, servindo como tinta para as pinturas rupestres. Os ocre, o carvão e os óxidos de ferro foram os primeiros minerais usados como pigmento. Ao longo do tempo, foi descoberto como extrair pigmento colorido de outros materiais, como os vegetais, ampliando a gama de cores usadas. Era comum dissolver o pigmento em seiva, sangue, gordura de animais e excrementos, elementos que atuavam como aglutinantes para a fixação do pigmento na superfície.

- Ao abordar o boxe **Pelo Brasil** com os estudantes, comente que a área do Parque Nacional da Serra da Capivara, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), corresponde a cerca de 400 sítios arqueológicos, abrigando 63 parques, que, além de preservar as pinturas rupestres, têm um papel fundamental na proteção da vegetação da região, que engloba aproximadamente 40% da caatinga existente em todo o país.

- Trabalhos e entrevistas com a arqueóloga Niède Guidon são facilmente encontrados ao digitar seu nome em *sites* de busca da sua preferência. Esses conteúdos podem ser usados para aprofundar o tema ou para uma melhor preparação da aula.

Destaques BNCC

- A seção permite aos estudantes desenvolver a criação artística por meio de recursos e técnicas colaborativas, contemplando as habilidades **EF15AR04**, **EF15AR05** e **EF15AR06**.

- Ao explorar a criação de tintas feitas com pigmentos naturais para depois realizarem uma produção visual coletiva, os estudantes exercitam sua curiosidade, contemplando as **Competências gerais 2 e 4**.

- Aproveite as atividades **1** e **2** para incentivar a experimentação, a criatividade e a observação dos estudantes. Permita-lhes se expressarem por meio do desenho e, caso seja necessário, promova uma conversa com a turma, a fim de que os estudantes primeiro identifiquem qual aspecto de seu cotidiano gostariam de representar.

- Por meio da observação e leitura visual da imagem, conduza os estudantes a refletirem sobre cenas de seu cotidiano e a decidir quais cenas gostariam de retratar. Instigue-os a pensar as formas de interação entre as pessoas no dia a dia. Promova uma roda de conversa com apresentação dos trabalhos, possibilitando a todos que falem sobre suas criações, explorando a cena na oralização de seus elementos visuais.

ATIVIDADES

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes percebam que o grupo humano foi representado fazendo uma pintura rupestre e que escrevam uma frase relacionada a isso no caderno.

Faça as atividades no caderno.

1. Observe a pintura rupestre a seguir, que representa o antepassado de um grupo humano. Em sua opinião, o que esse grupo está fazendo? Escreva em seu caderno uma frase descrevendo essa cena.



Pintura encontrada na região de Tadrart Acacus, na Líbia, feita há cerca de 14 mil anos.

2. Se você tivesse que retratar uma cena do seu cotidiano, que cena escolheria? Desenhe-a no caderno.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes representem por meio de desenho uma cena de seu cotidiano na escola, em casa ou com os colegas, por exemplo.
3. Leia o texto a seguir, escolhendo a ordem das palavras que o completam corretamente, e, em seguida, escreva o parágrafo completo no caderno.

As pinturas ■ são encontradas em ■ e ao ar livre, em grandes paredes rochosas. Muitas vezes, elas estavam ligadas a ■. As cenas retratadas nessas pinturas nos permitem conhecer um pouco mais sobre o ■ desses antigos grupos humanos.

3. As pinturas **rupestres** são encontradas em **cavernas** e ao ar livre, em grandes paredes rochosas. Muitas vezes, elas estavam ligadas a **rituais**.

rituais • rupestres
modo de vida • cavernas

As cenas retratadas nessas pinturas nos permitem conhecer um pouco mais

20

sobre o **modo de vida** desses antigos grupos humanos. Esta atividade permite o desenvolvimento de habilidades de escrita. Aproveite para retomar com a turma o conteúdo abordado no parágrafo.

DEA/C. SAPPA/DEAGOSTINI/GETTY IMAGES

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

4. Você sabia que existem pigmentos que são fáceis de encontrar e que podem se transformar em tintas para nossas pinturas? Assim como os humanos pré-históricos criavam tintas com materiais da natureza, você também vai experimentar essa técnica para criar a própria obra.

Confira alguns exemplos de pigmentos.

A.



PICTURE PARTNERS/SHUTTERSTOCK

Urucum.

As sementes de urucum são muito usadas pelos indígenas brasileiros em suas pinturas. Na língua tupi, urucum significa “vermelho”.

B.



CREATIVEREWORKS/SHUTTERSTOCK

Cúrcuma.

A cúrcuma é uma planta. Quando sua raiz é seca e moída produz um pó de cor amarela, que pode ser usado para pintar.

- Ao iniciar o trabalho com a atividade 4, explique aos estudantes que o urucum é o fruto do urucuzeiro e que essa especiaria costuma estar presente nas cozinhas brasileiras como um tempero chamado colorau, que é a semente do urucum seca e batida. Nessa forma em pó, o manuseio do pigmento costuma ser mais fácil.

- Comente que a cúrcuma também pode ser chamada de açafrão-da-terra e que o verdadeiro açafrão é de difícil acesso e alto custo, porém a cúrcuma pode ser, muitas vezes, encontrada no mercado com o nome de açafrão.

- Ao final das explicações, pergunte aos estudantes se eles já tiveram contato com algum desses produtos. Acrescente para eles que diversos povos indígenas do nosso país costumam fazer pinturas corporais utilizando pigmentos naturais, como o urucum e a cúrcuma.

• Explique aos estudantes que, ao ser usado como pigmento, o pó de café pode obter diferentes tonalidades de marrom, a depender da concentração e do tipo de café. Ele não é um pigmento muito resistente à luz e ao tempo, e muda de cor ou desbota com a exposição ao sol, umidade e ar.

• Para esta etapa da atividade, os estudantes devem perceber que é possível extrair pigmentos de diferentes fontes. As tintas, em geral, são compostas de um pigmento, um solvente e um aglutinante. Na têmpera, uma das tintas mais antigas, o aglutinante era a clara de ovo. Nas pinturas rupestres, eram as gorduras animais, o sangue, a resina vegetal e a clara de ovo.

• Disponibilize os materiais necessários para a realização da atividade ou avise os estudantes com antecedência sobre a prática da atividade, para que possam se organizar. Caso opte por pedir que os estudantes levem os materiais, converse com eles sobre outras possibilidades de pigmentos, como cascas de frutas, terra e outros elementos orgânicos que poderão ser usados em suas pinturas. Além disso, organize os grupos para que cada um leve algo diferente para a realização da atividade.

C.



SPALINC/SHUTTERSTOCK

■ Café.

O pó de café, que muitas pessoas consomem todos os dias como bebida, também serve de pigmento para fazer tinta de cor marrom.

Agora, vamos nos reunir em grupos para fazer tintas usando esses pigmentos e, depois, produzir uma obra de arte com elas.

♦ MATERIAIS

- pó de café, pó de urucum e cúrcuma em pó
- água
- cola branca escolar
- colher
- potes de plástico
- papel *kraft*
- pincel



JOSE VITOR ELORZA/ASC IMAGENS

Em um pote de plástico, coloquem a água e o pó de urucum.



4. a) e b)
Respostas
pessoais.
Essas
atividades
levam os
estudantes
a realizarem
a ação
educativa
conceitual
de **conhecer**;
as ações
educativas
atitudinais
de **praticar**

e **experimentar**;
e as ações
educativas
comportamentais

para as
artes visuais
de **criar**,
compor,
misturar
e **pintar**.
Confira
como
conduzir
esta
atividade
nas
orientações
ao professor.

Agora, adicionem a cola escolar até obter uma mistura pastosa.



Mexam com a colher até formar a tinta.

- a) Seguindo esses mesmos passos, façam as tintas utilizando a cúrcuma e o pó de café.
- b) Agora, chegou a hora de produzir uma obra de arte! Em um pedaço grande de papel *kraft*, pintem com as tintas que vocês acabaram de fazer. Depois, exponham suas obras de arte no mural da sala de aula. Mãos à obra!

- Para formar a base da tinta, serão utilizadas cola branca e água na proporção de um para um (uma parte de água para uma parte de cola). Oriente os estudantes a misturá-los até que o líquido fique homogêneo. Depois, eles devem adicionar o pigmento até obter o tom desejado. Se necessário, peneire o pigmento para desmanchar pelotas e filtrar impurezas.

- Leve os estudantes a perceberem que a cor ficará mais intensa depois de seca, pois a cola branca fica transparente ao secar.

- Para a realização do item **b**, mantenha os estudantes divididos em grupos e peça a cada um que reserve seu espaço de produção no papel *kraft*, que deve ser de aproximadamente 1 metro. Para a produção das pinturas, fixe-o em uma parede. Caso na escola não haja espaço específico para o trabalho com tintas, busque forrar as carteiras e o chão da sala de aula com jornal ou material similar.

- Explique aos estudantes que cada desenho feito por um estudante ou grupo deverá complementar os dos colegas, formando, assim, um painel que represente um tema geral. Espera-se, como resultado, um painel formado por desenhos diferentes, mas que apresentem coerência entre si.

- Finalize a atividade com a observação dos painéis produzidos e uma roda de conversa. Pergunte-lhes sobre as sensações despertadas ao produzirem as tintas e aplicá-las em uma obra.

Destaques BNCC

• Ao apreciarem diferentes exemplos históricos de obras artísticas que compõem narrativas visuais, os estudantes desenvolvem a **Competência geral 3**, as **Competências específicas de Arte 1 e 9** e a habilidade **EF15AR01**.

• Verifique se os estudantes percebem a diferença entre representar uma cena e representar duas cenas lado a lado, e como isso implica em um efeito narrativo. Pergunte a eles: qual a diferença entre uma imagem isolada e uma sequência de imagens? Incentive a percepção da lógica de antes/depois ao se colocar imagens lado a lado. Para tornar isso mais claro, desenhe na lousa uma cena isolada e, depois, desenhe mais uma ou duas cenas que a complementem narrativamente.

• Mostre aos estudantes outras fotografias e também vídeos da Coluna de Trajano. Explique-lhes que o monumento traz imagens em sequência em espiral. Chame a atenção para a altura do monumento e para o fato de que a narrativa pode ser compreendida andando em torno da coluna. Peça que observem a imagem e digam, com suas próprias palavras, os elementos que percebem e explique-lhes que a coluna narra a história da guerra entre os romanos e os dácios. Explique-lhes que os romanos foram um povo que viveu na Antiguidade e que formou um dos maiores impérios da história. Já os dácios foram um povo que viveu onde hoje fica a Romênia. A guerra narrada na Coluna de Trajano aconteceu no início do século II d.C., quando romanos, sob governo do imperador Trajano, buscaram conquistar a região dos dácios. Os romanos venceram a guerra, e a Coluna foi construída em Roma para contar essa vitória com imagens esculpidas na pedra.

Imagens em sequência

Como vimos, muitas pinturas rupestres representavam situações do cotidiano vividas por antigos grupos humanos. Ao longo do tempo, surgiram imagens com narrativas mais elaboradas, que contavam diferentes histórias.

Muitos povos descobriram que era possível narrar histórias colocando as imagens lado a lado, em sequência. Ao verem uma imagem depois da outra, as pessoas entendiam que a primeira cena acontecia antes da segunda, e assim por diante.

Na Roma antiga, por exemplo, uma narrativa com imagens está na Coluna de Trajano. Essa obra é um monumento de 30 metros de altura, e nela foi esculpida a história de uma guerra.



■ Detalhe da Coluna de Trajano, inaugurada no ano 113 em Roma, na Itália.

Outro exemplo de narrativa com imagens é o Códice Zouche-Nuttall, livro em formato de sanfona criado pelo povo Mixteca, que viveu há cerca de 600 anos na região onde hoje fica o México. De um lado do livro, os desenhos contam a história de um chefe Mixteca. Do outro, é narrada a história de uma cidade.

Página do Códice Zouche-Nuttall, produzido entre os séculos 14 e 15. Acervo do Museu Britânico, Londres. Foto de 2011.



MUSEU BRITÂNICO, LONDRES

Já no continente africano, um exemplo muito antigo de história contada com imagens é o Livro dos Mortos. No Egito antigo, essa narrativa era colocada junto às pessoas falecidas. Eles acreditavam que a história poderia ajudar as pessoas na vida após a morte. **1. Resposta pessoal. O objetivo desta questão é levar os estudantes a compreenderem que imagens em sequência formam uma narrativa. Incentive-os a pensar em situações do cotidiano para compor os desenhos. Ao compartilharem as produções entre si, são trabalhados a empatia e o respeito na turma.**



Fragmento do Papiro de Ani, uma das versões do Livro dos Mortos, produzido por volta de 1300 a.C. Acervo do Museu Britânico, Londres. Foto de 2011.

1. Vamos entender melhor como é possível fazer uma narrativa por meio de imagens. No caderno, desenhe uma cena de seu cotidiano. Em seguida, desenhe outra cena, dessa vez representando algo que aconteceu depois da primeira. Por exemplo, se na primeira cena você desenhou uma pessoa calçando sapatos, na segunda poderá desenhá-la com os sapatos no pé. Depois de terminar os desenhos, mostre-os para os colegas e observe se eles compreendem o que aconteceu na narrativa que você criou.

25

(Continuação)

hoje, mas um rolo feito em papiro, um tipo de papel produzido com plantas, contendo imagens e textos escritos. Explique à turma que os egípcios utilizavam um tipo de escrita pictórica, chamada escrita hieroglífica.

Existiram muitas versões do Livro dos Mortos, e a mais famosa é o Papiro de Ani, encontrado junto à tumba de um escriba. O trecho na página traz a cena da pesagem do coração: na narrativa mítica, o coração do falecido era colocado em uma balança. Se o coração fosse leve, a pessoa podia entrar no paraíso, mas, se fosse pesado, seria devorada por um monstro. Oriente os estudantes na leitura da imagem e questione-os sobre que

outros elementos observam.

A atividade **1** tem o objetivo de exercitar a narrativa visual dos estudantes. Oriente-os a desenhar as duas cenas no caderno, destacando que a segunda deve mostrar algo que aconteceu depois da primeira. Peça que mostrem os desenhos para os colegas e incentive-os a tentar compreender a sequência antes da explicação do autor. Pergunte à turma que elementos deixam claro que se trata de uma narrativa, ou seja, que uma cena aconteceu depois da outra.

Explique para os estudantes que o Códice Zouche-Nuttall é feito com couro de veado coberto por uma tinta branca e que as figuras foram pintadas com pigmentos naturais, com o uso de cores fortes. O códice não traz textos verbais, mas imagens pintadas que contam a história do chefe mixteca Oito Veado Garra de Jaguar e da cidade de Tilantongo. Essa história foi registrada no código pelo povo Mixteca, um povo indígena que viveu na região da América Central entre os anos 900 e 1521, aproximadamente. Os Mixteca tinha como hábito a prática da agricultura, do artesanato, além de construir cidades. Explique-lhes também que o Códice tem formato de livro dobrado em forma de sanfona, com páginas unidas pelas extremidades, constituindo uma longa faixa de 11,4 m. Conduza-os a observar a fotografia do códice, questionando sobre quais elementos representados eles identificam e chamando a atenção para o fato de que as figuras dispostas em sequência resultam em efeito narrativo. Comente que um códice é um livro antigo, precursor dos livros que conhecemos atualmente. Já o nome Zouche-Nuttall refere-se a um colecionador e à arqueóloga que descobriu esse códice. O povo Mixteca não o chamava por esse nome.

Comente que o Livro dos Mortos não era um livro no formato como conhecemos

(Continua)

Destaques BNCC

- Ao apreciar e conhecer os elementos formais que constituem as HQs explorando sua linguagem para incrementar o repertório, atende-se às habilidades **EF15AR01** e **EF15AR02**.

- Incentive os estudantes a explorarem as ações que personagens em cena, orientando-os a observar o olhar das crianças, a direção para a qual olham, o gesto pensativo de Mafalda e a ação de sentar-se como um exercício de espera.

- Ao explorar a leitura da tirinha, voltada para a escrita da resposta das questões, os estudantes podem desenvolver a argumentação e a compreensão de textos, interpretando o que está escrito. As práticas de alfabetização no contexto escolar, combinadas com práticas artísticas e a leitura de tirinhas, possibilitam o desenvolvimento da atenção, da memória e do poder de concentração.

- Comente com a turma que Quino, autor de Mafalda, criou a personagem em 1964, que tem como principal marca a crítica social sagaz, inteligente e atual no decorrer das décadas. Mafalda reflete sobre temas sérios com humor e deixa nítido seu amor pela democracia, pelos direitos das crianças e pela paz, apresentando-se como a menina que sonha em consertar o mundo.

- A produção de Mafalda foi interrompida na década de 1970, porém suas histórias ainda hoje refletem a situação global, as mudanças de comportamento e, mesmo que remotamente, a inserção da tecnologia no cotidiano.

Com quantos quadrinhos se faz uma história?

Hoje em dia, continuamos a contar histórias por meio de imagens. Um bom exemplo disso são as histórias em quadrinhos (ou HQs, como também são chamadas), um gênero artístico que começou a se popularizar no fim do século 19.

As HQs são histórias que usam imagens e textos escritos e que se desenvolvem em páginas divididas em quadros.

Uma das personagens de HQ mais conhecidas atualmente é a Mafalda, uma garota de 6 anos de idade muito questionadora, que reflete sobre as informações que acessa no rádio, no jornal e na televisão. Ela foi criada pelo quadrinista argentino Joaquín Salvador Lavado Tejón (1932-2020), conhecido como **Quino**.

Leia os quadrinhos a seguir.

INFOGRÁFICO CLICÁVEL
UMA HISTÓRIA SEM PALAVRAS



QUINO. Tirinha número 353. In: QUINO. *Toda Mafalda*: da primeira à última tira. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 77.

Com base na história em quadrinhos, reflita com os colegas sobre as questões a seguir e depois anote as suas conclusões no caderno.

1. De que forma as personagens se comunicam?
2. O que pode ter deixado Mafalda tão preocupada com o mundo?

1. Resposta: As personagens se comunicam pela fala (representada nos balões), por gestos e expressões. Comentários nas orientações ao professor.

Quino ao lado de uma estátua que representa a personagem Mafalda, em Buenos Aires, na Argentina, em 2009.



26

2. Resposta pessoal. Incentive os estudantes a compartilharem suas opiniões, debatendo questões relevantes para o mundo contemporâneo.



CONHECENDO A ARTISTA

No Brasil, também temos uma grande produção de histórias em quadrinhos, com artistas que abordam os mais diversos temas. Entre esses artistas está a quadrinista **Laerte Coutinho** (1951-).

Confira a tirinha a seguir.



COUTINHO, Laerte. *Folhinha*. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/27434-%20tiras-de-laerte>. Acesso em: 6 jun. 2025.

1. Nessa tirinha, Laerte compara o Sol a uma criança. Quais são os acontecimentos vividos pelo Sol, representados na tirinha, que também podem ser vividos por uma criança ao longo de seu desenvolvimento?

1. Resposta nas orientações ao professor.

Laerte é cartunista, ilustradora e roteirista. Formou-se em Jornalismo na Universidade de São Paulo (USP) e começou a trabalhar com histórias em quadrinhos na década de 1970. Já nesse período, seus desenhos foram publicados em jornais importantes, como *Folha de S.Paulo* e *O Pasquim*.

Laerte ficou conhecida pelo jeito criativo com que trata temas importantes, como liberdade e igualdade, além de questões políticas e sociais. Ao longo de sua carreira, ganhou muitos prêmios: várias vezes o Troféu HQ Mix, que reconhece os melhores artistas de histórias em quadrinhos do Brasil; o Prêmio Angelo Agostini, a mais antiga premiação brasileira de histórias em quadrinhos; e o prêmio Juca Pato, da União Brasileira de Escritores.



Laerte Coutinho em encontro de escritores ocorrido na Biblioteca Mário de Andrade, na cidade de São Paulo, em 2024.

© LAERTE/ARQUIVO DA ILUSTRADORA

MARCELO ESTRELA/ATO PRESS/FOLHAPRESS

- Auxilie os estudantes na leitura e interpretação da tirinha presente na página. Observe com a turma o que acontece com o Sol em cada quadro e como suas características lembram a de um bebê. Chame a atenção para o fato de que o Sol é mostrado como se fosse um ser vivo. Oriente os estudantes a perceberem que a história representa, de maneira conotativa, um acontecimento que se repete. Por fim, pergunte à turma o que eles acham que a autora quis dizer com a tirinha, questionando se eles já conheceram outras histórias em que elementos da natureza agem como pessoas.

- Na seção **Conhecendo a artista**, você pode apresentar outras tirinhas de Laerte. Conte aos estudantes que ela é uma das quadrinistas mais importantes do Brasil e que seu reconhecimento ultrapassa as fronteiras brasileiras, tendo ganhado prêmios internacionais. Ela também já escreveu roteiros para séries de TV e para o filme infantil *Super-Colosso* (1995), assim como peças de teatro, além de já ter atuado como atriz em filmes e participado de documentários. O trabalho da cartunista reflete sobre problemas sociais e políticos com humor e crítica. O combate ao preconceito é um ponto muito relevante no trabalho de Laerte, que em 2012 fundou, com Márcia Rocha e Maitê Schneider, a Associação Brasileira de Transgêneros (Abrat).

27

Resposta

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes percebam que a tirinha faz uma analogia entre o nascer do Sol e o nascimento de uma criança. Desse modo, as demais personagens chamam a atenção para algumas ações e cuidados que o Sol necessita ao nascer, assim como um bebê, pois lembra com fome, faz suas necessidades, brinca, dorme e amanhece em um novo dia. Explique-lhes que essas ações correspondem ao movimento aparente do Sol no céu ao longo de um dia, desde o momento em que surge, ou seja, quando “nasce”,

passando pela fase em que está a pino, no meio do dia, quando “quer brincar”, até o momento em que se põe, quando, na tirinha, “bateu o sono”.

Amplie seus conhecimentos

- Procure pelo documentário *Laerte-se* (2017), em que você pode conhecer mais sobre a vida e a obra da cartunista Laerte Coutinho, além de ter acesso a muitas referências de diferentes cartunistas do Brasil.

Destaques BNCC

- Ao levar os estudantes a conhecerem e explorarem a origem das histórias em quadrinhos, seus gêneros, suas características enquanto linguagem e sua constituição gráfica, desenvolve-se a habilidade **EF15AR01** e a **Competência específica de Arte 1**.

- O suíço Rodolphe Töpffer é autor de *Monsieur Jabot*, álbum publicado pela primeira vez em 1883 e que é considerado o precursor dos quadrinhos modernos.

- Richard Outcault é um dos pioneiros na produção de HQs. Em 1895, ele criou uma série de desenhos intitulada *Hogan's Alley*, que tinha Yellow Kid como protagonista. Sua publicação era semanal e muitas vezes ocupava uma página inteira.

- Nesse período, nos Estados Unidos, as publicações das histórias em quadrinhos começaram como uma tentativa de fomentar a venda de jornais e revistas. Geralmente, os desenhistas não eram funcionários do jornal, portanto há produções de um mesmo artista em diferentes periódicos. No início, os quadrinhos tinham caráter político e satírico.

- No Brasil, a primeira história em quadrinho, criada por Angelo Agostini, é de 1869 e se chama *As Aventuras de Nhô Quim ou impressões de uma viagem à corte*. Já a primeira revista em quadrinhos do país foi *O Tico-Tico*, lançada em 1905. A revista foi idealizada para o público infantil por Renato de Castro.

- A imagem reproduzida na página é apenas um recorte da história *As Aventuras de Nhô Quim ou impressões de uma viagem à corte*, e não a história inteira. Ressalte aos estudantes que, sendo uma produção do século XIX, ela reproduz muitas problemáticas do período, por exemplo, a escravidão. É importante

AS PRIMEIRAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

O artista suíço Rodolphe Töpffer (1799-1846) é considerado o autor da primeira história em quadrinhos no modelo como conhecemos hoje. Outro autor importante para essa forma de arte foi o estadunidense Richard Outcault (1863-1928), sendo o primeiro a usar balões de falas em seus quadrinhos.

No Brasil, também temos um pioneiro das HQs: Angelo Agostini (1843-1910). Nascido na Itália, Agostini mudou-se para o Brasil por volta do fim dos anos 1850 e, em 1869, publicou a primeira história em quadrinhos brasileira. Observe um trecho dela a seguir.



AGOSTINI, Angelo. As Aventuras de "Nhô-Quim", ou impressões de uma viagem à corte. **A Vida Fluminense**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 57, 30 jan. 1869, p. 728-729.

Heróis em quadrinhos

As histórias em quadrinhos se popularizaram ao longo do século 20. A partir da década de 1930, apareceram as primeiras histórias de heróis e super-heróis.

Uma das personagens que nasceram nessa década foi o Superman (Super-Homem), criado pela dupla de quadrinistas Jerry Siegel (1914-1996) e Joe Shuster (1914-1992). Suas histórias apresentavam elementos comuns entre heróis da época, como a identidade secreta e o uso de uniforme. Contudo, os autores acrescentaram a origem extraterrestre e os superpoderes.

A publicação das aventuras do Superman começou oficialmente em 1938, inaugurando um novo gênero: os quadrinhos de super-heróis.



Capa da primeira história em quadrinhos do Superman, de Joe Shuster e Jerry Siegel, 1938.

28

salientar esse ponto para fomentar o senso crítico dos estudantes e levá-los a compreender que obras como essa reproduzem preconceitos e estereótipos da época em que foram produzidas.

- Por volta de 1930, as HQs se popularizaram e começaram a adquirir novas características, como o surgimento de heróis e super-heróis. Questione os estudantes se sabem a diferença entre eles. Saliente que herói é aquele que, mesmo sem poderes, combate os vilões e malfeitores das histórias. Já o super-herói tem as mesmas características do herói, mas com o acréscimo de superpoderes.

As histórias em quadrinhos no cinema e na televisão

Você conhece a história do Homem-Aranha? E a do Capitão América?

É possível que você tenha conhecido essas histórias por meio de filmes. O cinema se inspira nas HQs praticamente desde que foi inventado. Mas o primeiro grande sucesso foi *Superman: o filme* (1978), dirigido por Richard Donner (1930-1921) responsável por trazer as histórias do super-herói dos quadrinhos para o cinema.

As séries de televisão inspiradas em quadrinhos também foram, e ainda são, muito populares. Batman, por exemplo, teve um seriado muito famoso exibido entre 1966 e 1968.



Batman, interpretado por Adam West (direita), e Robin, interpretado por Burt Ward, 1966.

O QUE É UMA PERSONAGEM?

Uma personagem é uma criação artística. Você já deve ter visto cachorros que voam e carros que viram robôs em histórias em quadrinhos, filmes, livros e peças teatrais. Isso ocorre porque uma personagem pode ser qualquer coisa: um ser humano, um animal, um objeto, um ser inventado.

29

(Continuação)

primeiro cria-se o desenho animado e depois ele é transformado em quadrinho.

Mais atividades

- Proponha uma atividade de percepção visual. Escolha entre quatro e seis personagens de quadrinhos e imprima imagens de diferentes versões de cada uma delas. Busque selecionar imagens de anos diferentes para cada personagem, de modo que se possam perceber mudanças em seu *layout*. Monte um painel dispondo as imagens lado a lado, constando o ano da versão e o nome

da personagem.

- Peça aos estudantes que observem cada imagem e, no caderno, escrevam as diferenças percebidas de uma versão para outra. Oriente-os a fazer uma linha do tempo anotando o que mudou em cada ano.
- Finalize com uma roda de conversa sobre as mudanças e adaptações que os estudantes acharam mais interessantes, bem como as que eles não gostaram. Pergunte também qual dos personagens mais chamou a atenção deles.

- As HQs ganharam espaço no cinema e na televisão na primeira metade do século XX. Com o tempo, a perspectiva sobre os heróis sofreu alterações e as representações tornaram-se mais complexas física e psicologicamente. O cinema absorveu essas mudanças e os filmes dessas personagens na atualidade apresentam efeitos especiais, uso de recursos tecnológicos e ritmo frenético no enredo.

- Para detectar o que os estudantes sabem do tema, faça o seguinte questionamento: "Vocês têm acesso a cinema, HQs, livros e outras fontes de conhecimento e entretenimento?". Monte um quadro na lousa com os aspectos que definem um herói ou uma heroína e um super-herói ou uma super-heroína. Promova um debate sobre esses aspectos e sugira aos estudantes que criem seus super-heróis e elaborem uma cena em que as personagens que criaram conversem por balões de texto.

- Proponha uma pesquisa sobre personagens de HQs que também aparecem nos filmes. O registro pode ser feito por meio de anotações, colagens e desenhos. Averigue se os estudantes conseguem distinguir entre as linguagens diversas e questione-os sobre os aspectos visuais, narrativos e dramáticos. Comente que muitas histórias de desenhos animados vieram de quadrinhos, mas hoje o processo inverso também é comum:

(Continua)

Respostas

1. b) No terceiro quadrinho da terceira linha e no primeiro, segundo e terceiro quadrinhos da quarta linha. Espera-se que os estudantes apontem detalhes relacionados à expressão corporal da personagem.

1. c) Espera-se que os estudantes identifiquem a primeira frase como incorreta e a segunda como correta, transcrevendo a primeira corretamente. Sugestão de correção: "Nessa história, Calvin começa a sentir uma forte coceira, tenta não se coçar, mas fica extremamente agoniado e se coça. A personagem se sente aliviada após entrar no mar e nadar. Contudo, volta a sentir coceira, como demonstrado no último quadrinho." A segunda frase deve ser transcrita como foi apresentada aos estudantes: "Alguns quadrinhos representam as sensações da personagem. Os que mostram seu rosto desfigurado, pegando fogo, com fumaça e vermelho e o que mostra Calvin no deserto representam sua vontade de se coçar; já o quadrinho que mostra Calvin no mar simboliza o alívio que ele sente ao fazer isso."

• Na questão **a**, oriente os estudantes a identificarem os símbolos e recursos que expressam irritação nos quadrinhos. Permita que exponham suas observações e narrem o motivo de relacionarem esse elemento à irritação.

• A questão **b** deve ser abordada da mesma forma que a anterior, isto é, com a justificativa de que a alegria de Calvin é identificada por meio dos gestos e elementos observados. Reforce a ideia de que por meio da **observação** das expressões faciais é possível identificar emoções e que, nos quadrinhos, vários outros elementos integrados reforçam a emoção representada.

• A questão **c** deve ser respondida depois da observação e da análise dos elementos e das narrativas presentes na história em quadrinhos. Alguns quadrinhos mostram as expressões no rosto da personagem, enquanto outros trazem elementos representativos. Solicite aos estudantes que associem outros elementos às sensações. Para isso, pergunte, por exemplo, a qual sensação o gelo remete.

• As expressões faciais utilizadas nas mais diversas manifestações são responsáveis por transmitir o estado de espírito das personagens, assim

como no cotidiano das pessoas. Um exercício interessante para explorar esse recurso é uma dinâmica na qual os estudantes representem expressões para que os demais adivinhem. A expressão pode ser escolhida pelos estudantes ou previamente escrita em papéis para sorteio. Por meio desta atividade, possibilita-se o desenvolvimento da experimentação e da curiosidade entre os estudantes, retomando conhecimentos já adquiridos.

ATIVIDADES

1. a) Resposta: A irritação é representada pela expressão facial da personagem e pelos recursos como fogo e fumaça.

Faça as atividades no caderno.

1. A personagem de HQ mostrada a seguir se chama Calvin. Ela foi criada em 1985 pelo artista estadunidense Bill Watterson (1958-). Note que, para cada situação, Calvin revela uma expressão diferente. Leia as questões a seguir e as responda no caderno.



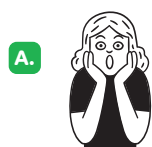
WATTERSON, Bill. Os dias estão simplesmente lotados. São Paulo: Conrad, 1995. v. 2. p. 45.

- Que elementos visuais expressam irritação? Por quê?
- Em que quadrinhos Calvin parece estar feliz? O que indica isso?
- Leia atentamente as frases a seguir, descubra a afirmação verdadeira e transcreva-a no caderno. Faça o mesmo com a afirmação falsa, transcrevendo-a corretamente.

- Nessa história, Calvin começa a sentir uma forte coceira, mas consegue se controlar e fica o tempo todo sem se coçar.
- Alguns quadrinhos representam as sensações da personagem. Os que mostram seu rosto desfigurado, pegando fogo, com fumaça e vermelho e o que mostra Calvin no deserto representam sua vontade de se coçar; já o quadrinho que mostra Calvin no mar simboliza o alívio que ele sente ao fazer isso.

1. b) e c) Respostas nas **orientações ao professor**.

2. Observe as ilustrações a seguir e, no caderno, relacione-as corretamente às descrições das expressões que representam.



2. Resposta: Espera-se que os estudantes relacionem a imagem

A à descrição 2.

medo; a imagem

B à descrição 3.

alegria; a imagem

C à descrição 1.

tristeza; e a imagem

D à descrição 4.

tranquilidade.

1. tristeza



2. medo



3. alegria



4. tranquilidade

3. Vamos conhecer os elementos das histórias em quadrinhos? Confira a seguir os nomes de alguns deles e depois faça uma pesquisa a respeito. Por fim, monte um glossário no caderno desenhando esses elementos e escrevendo junto de cada um deles o seu significado.

3. a) Resposta nas **orientações ao professor**.

1. balão de fala

3. balão de pensamento

2. calha

4. personagem

a) Reúna-se com um colega para que vocês possam comparar os glossários produzidos e discutir sobre o que aprenderam. Cada um pode complementar o próprio glossário com base no que aprendeu com o colega. Depois, com base no que aprenderam nas páginas anteriores, façam um resumo sobre as características das histórias em quadrinhos.



31

• A proposta das atividades **2 e 3** explora de forma lúdica a valorização dos conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo por meio das linguagens verbal e não verbal para expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, explorando os processos de compreensão dos elementos formais que compõem as histórias em quadrinhos. Isso possibilita o desenvolvimento das **Competências gerais 1 e 4** e das **Competências específicas de Arte 1, 2 e 6**, bem como da habilidade **EF15AR01**.

• Na atividade **2**, incentive os estudantes a observarem atentamente as ilustrações de modo que tentem compreender o que elas expressam. Na sequência, faça uma leitura conjunta com a turma das descrições apresentadas e, oralmente, peça-lhes que associem às ilustrações. Por meio desse exercício, espera-se que os estudantes compreendam a função dessas representações nas histórias em quadrinhos.

Mais atividades

- Proponha aos estudantes que escolham tirinhas de personagens variadas e identifiquem as emoções e expressões possíveis de perceber por meio da observação aprofundada. Isso pode ser feito individualmente como tarefa ou coletivamente em sala de aula utilizando diferentes tirinhas disponibilizadas por você.
- Outra atividade que pode ser realizada a fim de aprofundar esse estudo é o autorretrato com fotografia. Solicite aos estudantes que, com a supervisão de um adulto responsável, tirem de cinco a oito

fotos *selfies*. Saliente que em cada uma a expressão deve ser diferente. Ao término da atividade, sugira que mostrem aos colegas.

Resposta

3. a) Organize os estudantes em duplas já na primeira etapa da atividade, de modo que possam realizar a pesquisa dos nomes com o colega. Você pode providenciar fontes impressas ou realizar a atividade na sala de informática, conduzindo a pesquisa dos estudantes, de modo que acessem *sites* confiáveis e sob a sua su-

pervisão. A cada resposta obtida, oriente-os a anotar no caderno para que, na sequência, possam compor seu glossário. Após a finalização do glossário pelas duplas, oriente-os a trocar seu material com outras duplas, compartilhando e enriquecendo seus conhecimentos. Na produção do **Resumo**, oriente os estudantes a pensarem sobre os principais elementos que compõem uma história em quadrinhos, incluindo os que eles pesquisaram, as funções desse gênero, entre outros elementos.

- Explique aos estudantes o uso de cada um dos balões. Se possível, pesquise previamente imagens de histórias em quadrinhos com diferentes tipos de balão e apresente-as aos estudantes de modo que eles possam observar como eles funcionam como elemento expressivo. Proponha conversas sobre essas imagens, de modo que eles possam perceber alguns aspectos, como a utilidade dos balões na interpretação das falas e ações das personagens, a capacidade de conduzirem nossa leitura e o fato de suas formas ajudarem a compor as imagens de cada quadrinho, junto a todos os outros elementos visuais.
- Aproveite as atividades **1** e **2** para destacar a importância da construção visual da personagem para a interpretação do espectador sobre ele, o que ocorre, em grande parte, por meio da leitura de imagem.

Chua, chua, splash!

Observe a imagem a seguir.



ZIRALDO. O Menino Maluquinho: as melhores tiras. Porto Alegre: L&PM, 1995. p. 23.

1. O que as personagens estão fazendo? **1. Resposta: Espera-se que os estudantes descrevam as ações das personagens, como o fato de estarem nadando e conversando.**
2. Que recursos visuais indicam que essas personagens estão dialogando? **2. Resposta: O uso de balões de diálogo.**

Nas histórias em quadrinhos, uma das principais formas de representar as ações e os sentimentos das personagens é explorando seus gestos e expressões faciais.

Outro elemento expressivo muito importante nessa forma de arte são os balões de texto. Eles podem conter a fala, o pensamento ou representar a emoção das personagens.

Conheça alguns tipos de balões a seguir.



Fala.



Pensamento.



Grito.



Sussurro.



Ideia.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

ILUSTRAÇÕES: ALBERTO MARINHO
COORDENADOR GERAL DA EDITORA

32

Mais atividades

- Proponha a construção coletiva de histórias em quadrinhos. Na primeira etapa, cada estudante deve desenhar uma história com seis quadrinhos sem nenhuma fala. Em seguida, eles devem trocar entre si os desenhos que fizeram. Então, cada um deve completar as imagens que recebeu com balões de fala de vários tipos, porém vazios, ou seja, ainda sem nenhuma palavra escrita. Na última etapa, eles devem trocar de trabalho com um terceiro colega. Por fim, eles terão de completar

os balões dessa última história em quadrinhos que receberam, escrevendo as falas.

- Proponha, então, uma leitura em conjunto com os estudantes para que eles observem como os trabalhos se completaram com a interação e participação de todos. Em seguida, articule um debate sobre como foi trabalhar a partir da composição de um colega e como eles percebem a transformação de suas primeiras propostas por meio da interação com os outros.

3. Resposta: As palavras representam sons. SMACK! representa um som de beijo; AARGH! pode representar expressão de dor, frustração ou nojo; BOING! representa o som de um movimento engraçado, que lembra uma mola; GULP! representa o som de alguém engolindo; e CRACK! representa o som de algo quebrando.

IMAGENS: FOUR LEAF LOVER/SHUTTERSTOCK



3. O que significa cada uma das palavras que aparecem nas imagens?

Você já pensou que podemos representar os sons por meio de palavras? Pode ser uma batida, uma risada, um carro acelerando.

Essas palavras que imitam os sons têm um nome: são as onomatopeias. Elas são muito comuns nas histórias em quadrinhos e muitas vezes são escritas com letras que ressaltam ainda mais as características do som.

O artista pode indicar a intensidade do barulho no quadrinho pelo tamanho e formato das letras, por exemplo. Confira a seguir.



BRUNO NUNES/ARQUIVO DA EDITORA
IURI/A/SHUTTERSTOCK

PINK PENG/SHUTTERSTOCK
BRUNO NUNES/ARQUIVO DA EDITORA

DURANTELLERA/SHUTTERSTOCK

33

• A página tem o objetivo de apresentar os diversos usos de onomatopeias para que os estudantes possam identificá-las em HQs.

• Assim, incentive-os a interpretar as onomatopeias por sua forma e tamanho e pelo ritmo visual da imagem. Peça-lhes que observem as cores utilizadas. Em seguida, liste alguns exemplos de sons e solicite que também façam suas listagens e as apresentem à turma.

• Você pode apresentar aos estudantes algumas onomatopeias:

- Bi, bi = buzina
- Tic-tac = relógio
- Quac, quac! = som imitativo dos patos
- Uuuu! = vaia; reprovação
- Toc-toc = batida em porta
- Cof, cof = tosse
- Vrum! = arranque de motor
- Zzzzzzzzz! = dormir
- Miau = miado de gato
- Pof! = algo que cai no chão

• Explique aos estudantes que algumas onomatopeias encontradas nas histórias em quadrinhos vêm da língua inglesa. Apesar de muitas vezes serem reproduzidas na grafia inglesa, elas têm correspondentes em português. Tomando as onomatopeias reproduzidas na página como exemplo, SMACK! poderia ser traduzida como CHUAC!; BOING! por POINI!; GULP! por GLUPI!; CRACK! por CRÉC! ou CRÁC!

• Incentive os estudantes a emitirem os sons. À medida que a participação for aumentando, desenhe as letras dos sons na lousa.

• Escreva na lousa as onomatopeias sem seu significado para que os estudantes possam sugerir-las, depois peça-lhes que leiam as onomatopeias com a intenção de voz que imaginaram para cada uma. Peça-lhes que leiam novamente depois de você mostrar o significado.

Destaques BNCC

- A atividade incentiva a criatividade e aguça a percepção acerca dos sons do cotidiano, além de trazer o contexto das histórias em quadrinhos e um dos recursos expressivos do gênero: a onomatopeia. Permite explorar elementos que constituem as artes visuais e experimentar a criação artística em diferentes linguagens, estimulando o desenvolvimento das habilidades **EF15AR01** e **EF15AR02**.

- Pergunte aos estudantes o que é onomatopeia e quando esse recurso pode ser utilizado. Saliente para eles que a onomatopeia é um recurso gramatical amplamente utilizado nas histórias em quadrinhos de forma a ressaltar seus significados e dar expressividade aos acontecimentos.

- Relembre aos estudantes que, além de serem um recurso verbal, nas histórias em quadrinhos as onomatopeias têm caráter visual, auxiliando a compor as imagens reproduzidas na página. Além de escreverem as respostas em letra cursiva no caderno, incentive-os a desenhar essas onomatopeias com fontes e recursos gráficos variados. Se possível, após a atividade, apresente aos estudantes exemplos de quadrinhos que exploram esse elemento visualmente.

- A análise de imagens é, muitas vezes, mais bem compreendida com base na experiência coletiva. Oriente os estudantes a observarem as imagens e opinarem acerca da melhor onomatopeia para acompanhá-las. Peça-lhes que pensem no contexto das imagens e depois na onomatopeia que melhor se encaixa.

ATIVIDADES

Faça as atividades no caderno.

1. Observe as imagens a seguir. Escreva no caderno a onomatopeia mais apropriada para cada imagem.

A.



Cachorro latindo.

1. A. Sugestão de resposta: Au-au!

B.



Pessoa dirigindo motocicleta.

1. B. Sugestão de resposta: Vrum!

ILUSTRAÇÕES: KLEBER MAURICIO COELHO/ARQUIVO DA EDITORA

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

C.



Pessoa rindo.

1. C. Sugestão de resposta: Ha-ha!

D.



Ambulância com sirenes ligadas.

1. D. Sugestão de resposta: Ion-ion!

Ao escrever onomatopeias, você pode utilizar diferentes tipos de letras para representar a intensidade, a duração e o timbre dos sons. Experimente fazer isso com as onomatopeias que você utilizou para responder a esta atividade.

Mais atividades

- Após a correção da atividade, busque instigar a imaginação e a criatividade dos estudantes. Enumere outros exemplos e situações em que poderiam ser usadas onomatopeias, como:
 - um objeto caindo na água;
 - um sino badalando;
 - um pássaro batendo as asas para levantar voo;
 - uma campainha tocando;
 - uma barriga roncando.
- Sorteie uma situação para cada estudante e pergunte qual seria a melhor onomatopeia se a situação narrada fosse um desenho. Dessa maneira, os estudantes são estimulados a aprofundarem a percepção e a imaginação, definindo qual som melhor acompanharia a cena.
- Depois, peça-lhes que representem a situação sorteada com um desenho, ressaltando que ele deve encaixar a onomatopeia na cena.

Saberes integrados

Para integrar o estudo ao componente curricular de **Língua Portuguesa**, mostre aos estudantes textos de outros gêneros que fazem uso de onomatopeias como recurso expressivo. Busque selecionar anedotas, contos, poemas e canções, entre outros gêneros, para que os estudantes possam perceber como as onomatopeias podem ser utilizadas em diferentes situações.

• Conduza o desenvolvimento das atividades incentivando a interpretação da imagem e orientando as respostas das atividades **2** e **3**.

• Antes de começar a atividade **2**, é interessante mostrar personagens que os estudantes conheçam e conversar sobre suas características. Isso pode ajudá-los a serem criativos na atividade e darem exemplos de características psicológicas.

• Cada personagem tem, além das características físicas, as comportamentais e emocionais. Oriente os estudantes a anotarem o que pensam acerca da personagem que aparece na página.

• Os itens **b** e **c** da atividade **2**, são pessoais, mas espera-se que os estudantes aprofundem ao máximo as informações usando a criatividade. Incentive-os a pensar nos superpoderes dessa personagem e em histórias com aventuras protagonizadas por ela. Comente alguns superpoderes possíveis para incentivar os estudantes, como voar, superforça, rapidez e telecinese.

• Disponha alguns nomes de super-heróis e super-heroínas para que os estudantes pensem em possibilidades. Diga que os nomes podem ter ligação com os poderes ou com as aventuras, por exemplo.

• Para a realização da atividade **3**, lembre aos estudantes de que na página **32** eles podem encontrar os balões utilizados comumente nas histórias em quadrinhos e a funcionalidade de cada um.

2. Observe a personagem retratada na imagem e responda às questões no caderno.

2. a) Resposta:

A personagem tem cabelos castanhos e compridos e olhos castanhos, veste um figurino azul, verde e branco. Sua vestimenta com máscara e capa preserva sua identidade secreta, remetendo-a à condição de super-heroína.



a) Quais são as características físicas dessa personagem?

b) Em sua opinião, quais seriam os superpoderes da personagem?

2. b) Possíveis respostas: Superforça; voar; superpulos etc.

c) Com base nos superpoderes que você escreveu, dê um nome para essa personagem. **2. c) Resposta pessoal.** Oriente os estudantes a nomearem-na com base nas características que anotaram nas questões **a** e **b**.

3. Um cidadão indefeso está em perigo. Ele quer gritar pedindo ajuda para a heroína da atividade anterior, mas não sabe que balão de fala usar. Vamos mostrar a ele qual é o balão correto para o grito de socorro. Reproduza o balão correto no caderno. **3. Resposta: Alternativa C.**

A.



C.



B.



4. Leia a tirinha a seguir. Ela mostra uma situação que envolve duas personagens: Gui e seu amigo Estopa.



CALTABIANO, Mariana. *Gui e Estopa*. Disponível em: https://iguinho.com.br/tirinhas/tirinha_gui-estopa_69.png. Acesso em: 18 jun. 2025.

Agora, responda às perguntas no caderno.

- a) Gui consegue provar a Estopa que sabe amarrar seu cadarço?

4. a) Resposta: Não, pois ele não consegue amarrar.

- b) Quais foram os tipos de balão usados na tirinha?

4. b) Resposta: Balão de fala e balão de grito.

- c) Como são as expressões faciais de Gui que aparecem nos quadros? Elas mudam?

- d) Agora, vamos imaginar a continuação da tirinha de Gui e Estopa?

No último quadro da tirinha, Gui percebe que não consegue amarrar seu cadarço sozinho e pede a Estopa que volte. O que acontece depois disso? É você quem decide!

4. c) Resposta pessoal.

Incentive os estudantes a observar as mudanças nas expressões faciais, indicando a mudança de temperamento da personagem até a frustração de não conseguir amarrar o cadarço.

1.



2.



3.



IMAGENS: MIUM/SHUTTERSTOCK

4. d) Resposta pessoal. Incentive os estudantes a criarem uma interação entre as personagens da tirinha, mostrando o que aconteceu depois que Gui pediu a Estopa que voltasse. Comentários nas orientações ao professor.

37

(Continuação)

registrar os apontamentos dos estudantes. Leia com eles a tira, auxiliando-os a descrever as cenas, o comportamento e as características das personagens.

• Nos itens **b** e **c**, converse sobre os elementos verbais que contribuem para a construção da história e oriente os estudantes a prestarem atenção às ações e aos balões de diálogo para que compreendam que cada balão na HQ tem

um significado e comunica estados emocionais e situações diferentes na história.

• Para a realização do item **d**, incentive os estudantes a imaginarem possibilidades. Dê alguns pontos de partida, como: "E se o Estopa voltar, ele pode ajudar Gui de alguma forma?"; "E se ele já estiver muito longe e não conseguir escutar Gui chamando?". Esses exemplos podem ajudar os estudantes a criarem diálogos autorais.

Destaques BNCC

• A proposta da atividade **4** explora as linguagens verbal e não verbal para expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, compreendendo que uma personagem é uma criação artística. Isso possibilita o desenvolvimento das **Competências gerais 3 e 4**, da **Competência específica de Arte 2** e das habilidades **EF15AR01 e EF15AR02**.

• A tirinha da página pode ajudar os estudantes a reconhecerem as diferentes funções dos balões de fala na construção narrativa das histórias em quadrinhos.

• Oriente os estudantes a lerem a história em voz alta para que possam observar e compreender a integração entre imagem e texto verbal e para que conheçam o gênero textual HQ e sejam incentivados a lerem com fluência.

• Pergunte aos estudantes as características das personagens apresentadas na página. Isso é importante para que os estudantes aprofundem o conhecimento, então retome com eles o conteúdo relacionado aos elementos das histórias em quadrinhos, percebendo a importância da personagem dentro da construção narrativa desse gênero textual.

• Solicite aos estudantes que façam oralmente uma descrição das personagens e da situação representada na tirinha. Use a lousa para

(Continua)

- Na atividade **5**, os estudantes vão compor histórias em quadrinhos de acordo com os temas propostos. Se possível, providencie alguns exemplares de HQs para levar aos estudantes, incentivando-os a observar que a sequência dos quadrinhos forma a narrativa.

- Auxilie a turma na escolha dos temas para a história. Caso perceba dificuldades, retome as temáticas trabalhadas ao longo do tópico, relacionando-as às imagens da página, de modo que os estudantes possam ter ideias a partir delas.

- Proponha aos estudantes que façam a história na parte de dentro das folhas dobradas para que ao final eles possam desenhar uma capa e uma contracapa para suas HQs. Explique-lhes que a capa precisa conter o nome e uma imagem relacionada à história contada e a contracapa pode ter outras imagens, informações ou um texto instigante para chamar a atenção dos leitores.

- Explique aos estudantes que eles terão o espaço interno da folha para realizarem a história inteira, portanto eles podem fazer todos os quadrinhos antes dos desenhos para compreenderem o espaço que terão para desenvolver a narrativa. Caso perceba que apenas uma folha pode ser pouco espaço, inicie a atividade pedindo aos estudantes que dobrem duas folhas e coloquem uma dentro da outra, como um caderno.

- Proponha que a história seja feita com lápis grafite e lápis de cor. Peça aos estudantes que não utilizem caneta hidrográfica, pois, dessa forma, o desenho mancha a parte de trás da folha e, nesta atividade, os desenhos serão feitos dos dois lados da folha.

5. Chegou a sua vez de criar uma história em quadrinhos! Leia as orientações. **5. Resposta pessoal. Confira como conduzir esta atividade nas orientações ao professor.**

a) Primeiro, escolha um dos temas a seguir para desenvolver a história. Depois, no caderno, faça o roteiro da HQ: escreva os nomes das personagens, um resumo da história, defina quantos quadrinhos ela vai ter e o que acontecerá em cada um deles. Ao final, compartilhe sua HQ com os colegas.

Brincadeiras



■ Pião.

LUIS CARLOS TORRES/SHUTTERSTOCK

Festa junina



■ Chapéu de palha.

BEN BRYAN/SHUTTERSTOCK

Teatro



■ Máscaras teatrais.

BOOM/AL BOM/AL/ISTOCK/GETTY IMAGES

Histórias populares brasileiras



■ Máscara de Bumba Meu Boi.

LUCIANA WHITAKER/PULSAR IMAGES

Imagens sem proporção entre si.

b) Agora, chegou a hora de desenvolver as personagens da história de acordo com as etapas a seguir.

1. Defina as características físicas de cada uma das personagens (cor do cabelo, altura, idade etc.). Defina também suas características psicológicas (corajosa, tranquila, preguiçosa, animada etc.).

2. Desenhe as personagens com base nas características que você escolheu para elas.

3. Faça outros desenhos dessas personagens em várias situações, como sorrindo, chorando, correndo, sentadas ou brava.



Criança fazendo esboço de personagem.

c) Com o roteiro pronto e as personagens desenvolvidas, agora você pode fazer sua HQ. Para isso, dobre uma folha sulfite ao meio. Desenhe sua história apenas nas partes de dentro da dobra. Nas partes de fora, desenhe a capa e a contracapa da HQ. Na história, siga o roteiro e mantenha as características definidas para as personagens. Lembre-se de usar elementos como balões, legendas e onomatopeias. Quando tudo estiver pronto, empreste sua HQ para os colegas conhecerem e divirta-se lendo o que eles criaram!

- Para orientar os estudantes na atividade e tirar melhor proveito dela, peça-lhes que imaginem como seria a personagem ideal e quais características físicas e comportamentais ela teria. Nessa etapa, eles também podem definir se a personagem será humana ou não humana, além de lhe atribuir um nome, apelido, se for o caso, habilidades, profissão, idade, hábitat, caso se trate de animais, entre outros.

- Leve-os a produzir com base nos os detalhes preestabelecidos e peça-lhes que sigam a orientação do desenho aplicando as diferentes situações apresentadas na gestualidade e na expressão facial da personagem. Ao final, incentive-os a compartilhar o trabalho com os colegas.

Acompanhando a aprendizagem

Objetivo

- Verificar se os estudantes exploraram as expressões das personagens criadas.

Como proceder

- Para a avaliação, peça aos estudantes que façam uma exposição das histórias em quadrinhos e verifique se eles cumpriram as orientações.
- Leve os estudantes a discutirem seus trabalhos, trocando suas experiências. Incentive-os a comentar os trabalhos dos colegas, avaliando como identificam diferentes características físicas e psicológicas nas personagens que criaram.

Objetivo

• Empregar os conhecimentos relativos aos elementos constitutivos de histórias em quadrinhos para a produção coletiva de uma fotonovela.

Destaques BNCC

• A atividade promove a abordagem das **Competências específicas de Arte 5 e 8**, bem como a habilidade **EF15AR26**, pois os estudantes são convidados a mobilizar os recursos tecnológicos como forma de registro e criação artística na produção das fotonovelas, e também é desenvolvido o trabalho coletivo e colaborativo.

• Ao explorarem diferentes materialidades para a confecção da fotonovela, os estudantes desenvolvem a habilidade **EF15AR04**. Ao explorarem gestos e movimentos para interpretar as personagens e tirarem as fotografias, também desenvolvem as habilidades **EF15AR19**, **EF15AR21** e **EF15AR22**.

• A seção **Para fazer juntos** tem o objetivo de aprofundar a temática de construção de histórias em quadrinhos. Inicie explicando aos estudantes a proposta e que materiais serão utilizados. Oriente-os a ler as páginas antes da explicação e, depois, pergunte o que entenderam da proposta.

• A proposta leva os estudantes a realizarem a ação educativa conceitual de **imaginar**; as ações educativas atitudinais de **respeitar**, **cooperar** e **socializar**; as ações educativas comportamentais para artes visuais de **desenhar**, **fotografar** e **experimentar as relações entre tecnologia/recursos digitais e as artes visuais**; e as ações educativas comportamentais para audiovisual de **produzir gestos e fotografar**.

• Retome com os estudan-

tes alguns elementos formais das histórias em quadrinhos, como balões de fala, recordatórios, calhas e imagens. Explique aos estudantes que as fotonovelas também utilizam esses elementos, sendo uma espécie de história em quadrinhos em que as imagens são feitas por meio de fotografia.

• Se possível, pesquise e apresente aos estudantes algumas fotonovelas, verificando se elas são adequadas para a faixa etária deles. Explique-lhes que elas foram muito populares no Brasil na década de 1970, criando narrativas com recursos das histórias em quadrinhos, mas com imagens

protagonizadas por atores estrelas de televisão da época.

• A seção propicia que os estudantes retomem os elementos da fotografia, como o enquadramento. O roteiro prévio é fundamental, e todos do grupo devem participar da elaboração. Lembre-os da importância de sempre retornarem ao roteiro.

• Auxilie os estudantes na produção dos diferentes elementos da fotonovela: criação de personagens, diálogos, confecção de figurinos, escolha de locações e criação cenográfica, entre outros.



PARA FAZER JUNTOS

Fotonovelas

Você já ouviu falar de fotonovela? Ela parece uma história em quadrinhos, mas é feita com fotos no lugar dos desenhos. Em grupo, confira algumas etapas que você e seus colegas podem seguir para criar uma fotonovela.

MATERIAIS

- dispositivo com câmera fotográfica
- cartolina branca
- lápis de cor
- papel sulfite A4
- tesoura com pontas arredondadas
- cola branca escolar
- canetas hidrocor
- lápis grafite
- impressora



Uma forma de iniciar é conversar sobre a história que vocês querem criar. Pode ser uma história curta, de poucos quadrinhos.



Como se trata de uma fotonovela, é necessário pensar não só nos diálogos e nas personagens, mas também nas imagens de cada cena. Para isso, vocês podem desenhar e fazer esboços prévios de cada quadrinho.



Com tudo planejado, está na hora de começar a produzir as imagens. Com supervisão do professor, fotografem as principais ações da história que vocês planejaram.

4

Outro momento importante nesse tipo de produção é a escolha das fotografias. É necessário definir juntos quais delas vão compor a história.



Cuidado: Ao manusear a tesoura, tome cuidado para não se machucar.

5

Agora, é hora de inserir os diálogos nas cenas. Para isso, podem ser usados balões de fala como os das histórias em quadrinhos. É necessário distribuir e colar as imagens sobre as folhas de papel sulfite e, com o auxílio do professor, grampear essas folhas, formando sua revista de fotonovela.



ILUSTRAÇÕES: BRUNO NUNES/ARQUIVO DA EDITORA

AGORA É COM VOCÊS

Para terminar a atividade, compartilhem o trabalho com os demais colegas de turma e aproveitem para ler as produções deles.

Comentários nas **orientações ao professor**.

- Com as fotografias prontas, proponha aos estudantes que observem e selecionem as imagens a serem utilizadas. Todas as etapas devem ser feitas coletivamente. Será preciso compor os diálogos com base nas imagens coladas, nas falas e nos balões definidos previamente. A montagem é uma etapa delicada e importante, pois é a partir dela que os demais estudantes e a comunidade escolar entenderão o seu trabalho. Para não se perderem na sequência, oriente os estudantes a numerarem as cenas no verso, colando-as de acordo com a numeração. O ideal é que eles montem sequências de três quadros por linha, de modo que todos possam ler a história sem se deslocar. Fomente o uso da criatividade e da imaginação.
- Ao final da atividade faça uma roda de conversa com os estudantes para que eles possam compartilhar impressões sobre a atividade, a linguagem da fotonovela e sua relação com as histórias em quadrinhos.
- Peça a cada grupo que comente as histórias criadas por outro grupo e o que acharam mais interessante em suas próprias criações.

Objetivos

- Valorizar as histórias e as personagens que fazem parte do imaginário popular brasileiro.
- Reconhecer a presença dessas personagens em diferentes produções brasileiras.

Destaques BNCC

- Ao conhecerem a cultura popular brasileira, os estudantes vão apreciar e experimentar formas distintas de arte e compreender o imaginário popular como elemento vivo do patrimônio cultural brasileiro, desenvolvendo as habilidades **EF15AR24** e **EF15AR25** e as **Competências específicas de Arte 3 e 9**.

Atividade preparatória

- Para iniciar o tema destas páginas, organize uma apresentação audiovisual sobre as personagens apresentadas. Procure explorar canções e textos sobre personagens dessas histórias da cultura popular brasileira. Esse tipo de organização de atividade tem como objetivo introduzir o tema com a turma, incentivando o interesse pelo assunto.



Atitude legal

- Após incentivar os estudantes a exporem seus conhecimentos prévios sobre as personagens, discorra sobre a importância de valorizar a cultura popular brasileira, sobretudo em sua diversidade. Diga que muitas dessas entidades têm origem em diferentes matrizes estéticas que contribuíram para a formação da nossa cultura, como a europeia, a africana e a indígena.

O IMAGINÁRIO POPULAR BRASILEIRO

Você sabe o que significa “imaginário”? Essa palavra pode ter vários sentidos. Geralmente, quando falamos em imaginário, estamos nos referindo a coisas que existem dentro de nós, como sonhos, histórias, personagens e imagens.

O imaginário pode ser de uma pessoa só, mas também de um grupo de pessoas, de toda uma cultura ou de um país – por exemplo, quando um povo todo conhece as mesmas lendas, símbolos ou histórias.

Observe as imagens a seguir.



INFOGRÁFICO CLICÁVEL
HISTÓRIAS DO BRASIL



Apreciar personagens do imaginário popular é uma forma de valorizar a cultura brasileira.



Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

ILUSTRAÇÕES: FÁBIO EUGENIO/ARQUIVO DA EDITORA

O imaginário que nós compartilhamos surge da cultura popular, isto é, da cultura que é passada de geração em geração. Fazem parte da cultura popular as festas, tradições, músicas, danças, comidas e também as lendas e suas personagens. É por meio da cultura popular que o imaginário nasce e é compartilhado por um povo.

No caso do Brasil, a cultura popular deu origem a um imaginário rico e diversificado. Isso porque nosso país foi formado por diversas tradições: as dos povos indígenas, europeus, africanos e de outros imigrantes.



ILUSTRAÇÕES: FÁBIO EUGENIO/ARQUIVO DA EDITORA

EXPLICAR A UM COLEGA

1. Que histórias das personagens representadas nas imagens você conhece? Compartilhe uma delas com um colega. Ouça também a que ele tem para compartilhar.
1. Resposta pessoal. Leve os estudantes a compartilharem seus conhecimentos.
2. Agora, escreva um texto resumindo a história que seu colega contou e compartilhe com a turma. 2. Resposta pessoal. Esta atividade leva os estudantes a realizarem as ações educativas conceituais de **apreciar e argumentar**; e as ações educativas atitudinais de **compartilhar** e **socializar**. Confira como conduzir esta atividade nas **orientações ao professor**.

43

(Continuação)

ter uma estrutura de início, meio e fim. Auxilie-os no processo de escrita, chamando a atenção para a pega correta do lápis e para o formato das letras.

- Após os textos escritos, os estudantes devem montar grupos para que cada integrante leia, de maneira aleatória, a história de outra pessoa do grupo, o que pode ser feito por meio de dinâmicas.

- Deve ser feita a leitura em voz alta de cada texto para que todos ouçam e tentem identificar a qual participante do grupo a história pertence.
- Faça a leitura das imagens e dos textos, incentivando os estudantes a expressarem suas opiniões. Verifique se o significado de “cultura popular” foi compreendido pela turma.

- Peça aos estudantes que observem as imagens e, em seguida, questione-os sobre as personagens ilustradas, se as conhecem e se já ouviram as histórias das quais fazem parte. Pergunte se já estudaram essas figuras e conduza uma conversa para identificar conhecimentos prévios.

- Muitas das histórias do imaginário popular misturam elementos de mais de uma matriz estética. Por exemplo, a lara é originada das histórias das sereias europeias, que, ao chegarem ao território brasileiro, passaram a se mesclar com histórias dos povos indígenas, como a das criaturas aquáticas conhecidas como ipupiaras. Conta-se que os ipupiaras eram humanoides aquáticos, podendo ser masculinos ou femininos, que atacavam pescadores e lavadeiras na beira dos rios. A história sobre os ipupiaras era mais difundida no território brasileiro entre os séculos XVI e XVII, e a história atual da lara só começou a ser difundida a partir do século XIX.

- Ao empregarem a estratégia de **Explicar a um colega**, na atividade 1, espera-se que os estudantes compartilhem seus conhecimentos prévios entre si como uma forma de iniciarem uma reflexão sobre o assunto.
- Na atividade 2, oriente os estudantes a elaborarem um texto para contarem a história de uma personagem do imaginário popular brasileiro. O texto deve seguir as normas de coesão e coerência e

(Continua)

Destaques BNCC

• Ao empregarem uma prática de pesquisa para investigarem e conhecerem histórias e personagens da cultura popular brasileira, buscando valorizar suas matrizes e seus saberes, os estudantes desenvolvem as **Competências gerais 1, 2 e 3**.

• A pesquisa proposta deverá ser realizada em grupo, desenvolvendo a aprendizagem colaborativa e ativa. Para a realização da atividade, organize os grupos e oriente os estudantes a pesquisarem as lendas do Minhocão do Pari, do Curacanga, da Galha Azul, do Jurupari e da Caipora, escrevendo um **Resumo** para cada um deles, contendo, por exemplo, as origens da história popular pesquisada, a região onde ela é mais conhecida e se existem outros nomes para a personagem que representa a lenda. Explique para os estudantes que a pesquisa é coletiva, mas todos devem escrever o resumo criado pelo grupo no caderno.

• Assim como a Mula Sem Cabeça, algumas das versões da Curacanga apresentam aspectos sexistas, atribuindo sua aparição a uma suposta maldição aplicada a uma mulher por ter se relacionado com um sacerdote católico. Caso essas versões apareçam nos resumos dos estudantes, explique-lhes que a cultura popular por vezes não está isenta de expressar preconceitos e estereótipos presentes na sociedade. Oriente-os a terem senso crítico ao conhecerem e apreciarem essas histórias, buscando identificar e problematizar as questões moralizantes presentes nelas.

• Explique também que essa não é a única versão da história da Curacanga. Em outras, a Curacanga é a última a ter nascido de uma família de sete filhas, uma explicação parecida com a origem do Lobisomem. Nessa versão, a maldição pode ser evitada se a mãe escolher a filha mais velha para ser ma-

drinha da mais nova.

Respostas

1. a) Espera-se que os estudantes apreciem as ilustrações, observando atentamente as personagens representadas e o que elas podem significar, considerando elementos como suas características físicas, se são seres humanos, animais ou figuras antropozoomórficas, ou seja, seres humanos misturados a animais, e os lugares onde estão inseridos.

1. b) Resposta pessoal. Providencie materiais impressos nos quais os estudantes possam realizar as pesquisas, e assim tenham subsídios para conduzir a estratégia de estudo **Resumo**. Também é possível levá-los ao laboratório de informática, caso a escola possua, para que pesquisem as personagens das histórias populares na internet sob a sua supervisão. Oriente-os a anotarem as principais informações que encontrarem para que, na sequência, possam produzir os resumos.

ATIVIDADES

Faça as atividades no caderno.

RESUMO

1. a) e b) Respostas nas **orientações ao professor**.

1. Vamos precisar solucionar um mistério, e o seu conhecimento sobre as histórias populares e suas personagens pode ajudar muito! Organizados em grupos, leiam as instruções a seguir.

- a) Observem as sombras nas imagens e os nomes das personagens. Cada uma delas vem de uma região do Brasil.
- b) Pesquisem e façam um resumo sobre a história de cada uma dessas personagens no caderno.



ILUSTRAÇÕES: FÁBIO EUGENIO/ARQUIVO DA EDITORA



Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.



- Para melhor aproveitamento da atividade, verifique com antecedência livros, HQs, revistas e outros materiais disponíveis na biblioteca da escola que tratem de personagens do imaginário popular brasileiro. Disponha todos os materiais na sala de aula para que os estudantes possam realizar suas pesquisas e exercitar a leitura e a troca de informações entre eles.
- Confira algumas histórias relacionadas às personagens apresentadas nas páginas **44, 45 e 46**:

- **Curacanga:** é a sétima de uma família de sete filhas. Toda noite de sexta-feira sua cabeça se separa do corpo e flutua no ar sem rumo envolta em chamas.
- **Minhocão do Pari:** é uma criatura aquática que vive no Rio Cuiabá, no Mato Grosso, atacando pescadores que não respeitam a piracema.
- **Jurupari:** é uma divindade dos indígenas Tukano e Desana. Em algumas versões, habita o mundo dos sonhos causando pesadelos.
- **Gralha-azul:** é uma ave que ganhou sua cor azulada como recompensa por ter espalhado as sementes de araucária pela terra.
- **Caipora:** é uma entidade guardiã das matas e dos animais, percorrendo vastas extensões de terra, montada em um porco-do-mato, protegendo a fauna e a flora de ameaças.

Destaques BNCC

• Ao criarem desenhos com base em suas pesquisas, os estudantes exploraram diferentes elementos constitutivos das artes visuais, desenvolvendo as habilidades **EF15AR02**, **EF15AR04**, **EF15AR05** e **EF15AR06**.

• Ao explorarem contar histórias para os colegas, buscando descobrir as melhores formas de despertar o interesse dos ouvintes, os estudantes exploram diferentes entonações vocais, desenvolvendo as habilidades **EF15AR19** e **EF15AR21**. Ao ouvirem e apreciarem as histórias dos colegas, desenvolvem a habilidade **EF15AR18**.

• O item **c** da atividade **1** propicia aos estudantes criarem com base em seus conhecimentos. Explique a eles que o desenho não precisará ser uma cópia das imagens da página. Eles podem utilizá-las como inspiração e montar algo totalmente novo com base no que descobrirem em suas pesquisas.

Respostas

2. a) e b) Respostas pessoais. Para conduzir a atividade, procure transformar o ambiente da sala de aula em um espaço de contação de histórias, afastando mesas e cadeiras e propondo que os estudantes se sentem no chão e em roda. É possível escolher um objeto para que seja o guia das histórias e quem estiver com esse objeto na mão deve contar a história. Você também pode escolher uma ordem de como passar o objeto para o próximo: pode ser sentido horário na roda, ou então o estudante escolhe o próximo e leva o objeto até ele. Promova um ambiente de acolhimento e de respeito entre a turma, para que todas as histórias sejam apreciadas e ouvidas com atenção.



FABIO EUGENIO/ARQUIVO DA EDITORA

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

- c)** Depois de investigar e descobrir as histórias dessas personagens, cada integrante do grupo deve escolher uma delas para revelar sua verdadeira identidade fazendo um desenho em uma folha separada. Para criar seu desenho, perceba as pistas nas sombras de cada carta. **1. c) Resposta pessoal. Esta atividade leva os estudantes a realizarem a ação educativa comportamental de artes visuais de desenhar.**
- 2.** Com as histórias pesquisadas e escritas, vamos experimentar um jogo. Ainda em grupo, escrevam o nome de cada personagem em pedaços de papel e coloquem-os em um saco.
- a)** Para cada integrante do grupo, sorteiem uma personagem.
- b)** Quando chegar a sua vez, conte para a turma a história da personagem que você sorteou. Não vale ler! Ouça as histórias dos colegas com atenção.

2. a) e b) Respostas nas orientações ao professor.

1. a) Resposta: Espera-se que os estudantes comentem o conteúdo com base em suas percepções, trabalhando seus imaginários particulares e conectando sua interpretação

De onde a história vem ao imaginário coletivo. Avalie se a escrita contém elementos de descrições da imagem e criações com base nela e no texto.

Muitas histórias que fazem parte do imaginário popular brasileiro têm origens indígenas. As histórias que conhecemos nas páginas anteriores e muitas outras, que narram a criação do Universo ou o começo da vida na Terra, são contadas há muitos anos pelos povos originários. Podem ser com palavras, mas também com imagens, como fez o artista indígena Denilson Baniwa (1984-), do povo Baniwa.



■ *Cobra Canoa da Transformação*, de Denilson Baniwa. Mural, 3 m x 5 m. 2017.

Em algumas de suas obras, Denilson Baniwa retrata histórias de seu povo, valorizando sua ancestralidade e mantendo vivas as tradições dos Baniwa.

1. Resposta: Incentive a curiosidade dos estudantes em buscar mais conhecimentos sobre a história apresentada.

Na imagem apresentada nesta página, podemos observar um mural que retrata parte da história da Cobra Canoa, presente em diferentes etnias indígenas e que descreve a origem da vida.

1. Que tal descobrir mais informações sobre essa história?

a) Ao observar a imagem e ler o texto, o que você imagina que acontece na lenda da Cobra Canoa? Escreva no caderno.

b) Agora, faça uma pesquisa sobre a história da Cobra Canoa e, depois, escreva no caderno o que realmente acontece nessa história.

Há semelhanças entre a versão que você imaginou e a narrativa tradicional dos Baniwa? Quais? 1. b) Resposta: Perceba na escrita se os estudantes realmente pesquisaram a história da Cobra Canoa, que diz respeito à criação da vida humana no ventre de uma grande serpente.

47

(Continuação)

do Universo e da humanidade. Ela é originada dos povos Tukano e Desana, que contam que a humanidade surgiu de uma grande cobra. Essa cobra seria uma das entidades conhecidas como Avô do Mundo e tinha uma cabeça que lembrava uma canoa, onde carregava outra entidade conhecida como Bisneto do Mundo. Eles desceram ao Lago do Leite, o oceano, e carregavam uma série de artefatos e riquezas que, por onde passavam, transformavam-se nos primeiros seres humanos.

• Ressalte aos estudantes a importância de um

artista indígena contemporâneo, como Denilson Baniwa, representar histórias e mitos de seu povo. Explique-lhes que muitos mitos indígenas foram apropriados e rotulados como “lendas” ou “folclore”. Esse tipo de apropriação atualmente é muito criticado por grupos indígenas, uma vez que tais histórias são cosmogonias, ou seja, narrativas tradicionais sobre a origem do mundo. Utilize o trabalho de Baniwa como forma de levar os estudantes a conhecerem e valorizarem as cosmovisões indígenas.

Destaques BNCC

• Ao conhecerem e apreciarem uma obra de um artista indígena contemporâneo, buscando valorizar os saberes por ele expressos e identificando as matrizes estéticas presentes em seu trabalho, os estudantes desenvolvem as **Competências gerais 1 e 3**, as **Competências específicas de Arte 1 e 3** e as habilidades **EF15AR01** e **EF15AR03**.

• Ao refletirem sobre a importância de os mitos de origem indígena serem representados pelos próprios indígenas, entendendo que muitos foram apropriados em outros contextos e mídias, os estudantes desenvolvem a **Competência específica de Arte 6** e a habilidade **EF15AR07**.

• Denilson Baniwa é um artista amazonense, oriundo do povo Baniwa. Em seus trabalhos, aborda os processos de colonização e as violências que ela perpetrrou contra os povos indígenas e busca valorizar as matrizes estéticas desses povos. Ele também explora diferentes modos de fazer das artes visuais em seus trabalhos, como colagem, *performance*, *videomapping*, pintura, fotografia, desenho e infogravura.

• Explique aos estudantes que a *Cobra Canoa*, também conhecida como *Canoa da Transformação*, é uma história cosmogônica, ou seja, o mito de um povo para explicar o surgimento

(Continua)

• Com a leitura da história em quadrinhos apresentada nesta página e o registro das respostas da página seguinte, é possível trabalhar a interpretação de texto com os estudantes. Conduza a leitura visual perguntando quais são as cores e os animais retratados na obra. Você pode perguntar sobre os significados das onomatopeias que aparecem nas histórias e sobre outras questões que envolvem interpretação e percepção visual.

• Por meio das respostas da atividade 1, conduza os estudantes na interpretação do quadrinho apresentado, verificando se eles conhecem as histórias da Turma do Chico Bento e as personagens do imaginário popular. Como aprofundamento da atividade, se a escola possuir acervo de história em quadrinhos, selecione algumas com a mesma temática para que os estudantes leiam. As histórias em quadrinhos selecionadas podem ser de meio digital, no entanto, convém dar preferência às físicas. Peça aos estudantes que façam anotações sobre o contexto da história apresentada e sua interpretação.

ATIVIDADES

Faça as atividades no caderno.

1. Os quadrinistas têm um jeito próprio de criar histórias com personagens do imaginário popular brasileiro. Leia os quadrinhos a seguir e, depois, responda às perguntas da página seguinte no caderno.



SOUSA, Mauricio. Chico Bento em: Que barulho é esse? O Chico sabe! *Chico Bento*, São Paulo, Globo, n. 462, jul. 2006. p. 50.

48

Mais atividades

• Comente com os estudantes que alguns quadrinistas podem desenvolver histórias baseadas em acontecimentos do cotidiano e de determinadas regiões. Peça-lhes que pensem em questões relacionadas ao local onde vivem, como: "Quais são os problemas locais?"; "Que assunto seria importante tratar?".

- Ressalte que é fundamental que o assunto seja de interesse coletivo, e não individual.
- Com o assunto escolhido, oriente os estudantes a criarem uma história em quadrinhos abordando o problema selecionado e utilizando uma das personagens estudadas neste tópico. Com os quadrinhos prontos, proponha que troquem os trabalhos entre si para que leiam as histórias uns dos outros.

- a) Quem são as personagens da história?
1. a) Resposta: Chico Bento, Rosinha, o cachorro, a Mula Sem Cabeça e o cavalo.
- b) Onde essa história ocorre?
1. b) Resposta: Em um cenário rural, durante a noite.
- c) O que acontece na história? 1. c) Resposta: Rosinha fica assustada com os sons vindos do estábulo e Chico Bento procura acalmá-la.
- d) Que personagem brasileira provoca medo em Rosinha?
1. d) Resposta: A Mula Sem Cabeça.
- e) Como você descobriu o conteúdo da conversa entre as personagens?
1. e) Resposta: Por meio do conteúdo ilustrado nos balões de diálogo.
- f) Converse com um colega sobre o que vocês acham que Chico Bento e Rosinha conversaram nessa história. Para isso, experimentem interpretar essas personagens como em uma peça de teatro. Um de vocês será o Chico, e o outro, a Rosinha.



Crianças interpretando.

2. Leia um texto da artista Marlene Crespo sobre a personagem Curupira.

[...]
cabelos vermelhos,
dentes de guariba,
pontudos e verdes.
O corpo é peludo,
e as pontas dos pés,
para trás. Assim,
engana o rastro.
[...]

CRESPO, Marlene. *Curupira: o guardião da floresta*. São Paulo: Peirópolis, 2012. p. 22.

Como você imagina que seja o Curupira? Desenhe essa personagem em uma folha de papel à parte.

2. Resposta pessoal. Comentários nas orientações ao professor.

49

Destaques BNCC

• No item **f**, os estudantes vão exercitar a imaginação e o faz de conta para interpretar as personagens de uma história em quadrinhos, o que contempla a habilidade **EF15AR21**.

• Ainda no item **f**, oriente os estudantes a formarem duplas para improvisarem um diálogo, interpretando as personagens da HQ. Para isso, solicite que utilizem os itens **a** e **e** para discutirem que situação está retratada na cena e quais são as motivações das personagens. Peça-lhes que notem questões como: "O que está acontecendo na tirinha?"; "O que Rosinha quer nessa cena?"; "E Chico Bento?"; "Como vocês imaginam o final dessa cena?".

• Com base nessas questões, oriente os estudantes a travarem um diálogo, improvisando e interpretando as personagens da história. Isso pode ser feito com as duplas sentadas nas próprias carteiras, explorando a atividade verbalmente. Após alguns minutos, oriente que cada dupla, ao seu tempo, invente um final para a cena. Depois que todas as duplas terminarem o diálogo, peça aos estudantes que anotem quais foram os momentos mais interessantes da improvisação. Em seguida, peça-lhes que repitam a cena uma vez para tentarem memorizar os pontos principais. Finalize incentivando os estudantes a

(Continua)

(Continuação)

repetirem o mesmo diálogo mais uma vez, porém agora se apresentando aos colegas. Faça uma conversa sobre como cada dupla interpretou a história de maneira diferente.

• Na atividade **2**, antes de iniciar a leitura do poema, pergunte aos estudantes o que eles sabem das características físicas e comportamentais do Curupira. Depois, peça-lhes que façam uma leitura silenciosa do texto e, na sequência, que façam uma leitura coletiva, em voz alta. Depois, peça-lhes que comentem o que compreenderam das características mencionadas no poema e incentive-os a imaginarem a aparência do

Curupira e suas características psicológicas. Depois da leitura, solicite que façam desenhos da personagem. Ao final, peça-lhes que apresentem seus desenhos e conversem sobre as produções, verificando se ficaram parecidas ou diferentes, qual é a mais assustadora e a mais simpática. Leve-os a criarem o hábito de comentarem as próprias produções e as dos colegas, sempre de modo respeitoso. Perceba qual é a imagem que os estudantes concebem do Curupira e confira se a descrição que o poema apresenta dialoga com o conhecimento prévio deles.

Destaques BNCC

• Ao realizarem a atividade de sonorização de história, os estudantes desenvolvem a habilidade **EF15AR17**. Além disso, ao contarem as histórias aos colegas, explorando variadas entonações de voz e as diferentes fisicalidades e incentivando a imaginação e o faz de conta, desenvolvem as habilidades **EF15AR19** e **EF15AR21**. Já ao ouvirem as narrativas dramatizadas dos colegas, os estudantes desenvolvem a habilidade **EF15AR18**.

• Peça aos estudantes que façam a leitura individual do enunciado da atividade, anotando suas percepções e dúvidas. Em seguida, questione-os para verificar a compreensão da turma sobre a lenda do Curupira e aproveite para mapear os conhecimentos dos estudantes sobre a cultura popular. Depois da leitura, conduza uma conversa sobre o texto, tendo como base as anotações e o conhecimento dos estudantes. Durante a conversa, faça uma lista na lousa com algumas palavras e expressões em que os estudantes apresentem dificuldade e outra que os estudantes considerem importantes para a compreensão da história e da personagem Curupira, finalizando com uma conversa sobre os elementos apontados na lista.

• O item **a** incentiva a criatividade e a imaginação dos estudantes. Determine um tempo para que eles escrevam suas histórias. Ressalte que o contexto deve ser especificamente o descrito na atividade: criar uma história que coloque o Curupira como personagem principal.

• No item **b**, explique aos estudantes que, depois de escreverem a história sobre o Curupira, ela será narrada e sonorizada para a turma.

3. O Curupira é um ser mítico responsável por proteger as florestas de caçadores, madeireiros, garimpeiros e qualquer pessoa que ameace a natureza. Esse mito tem origem entre os povos indígenas da Região Norte do Brasil.

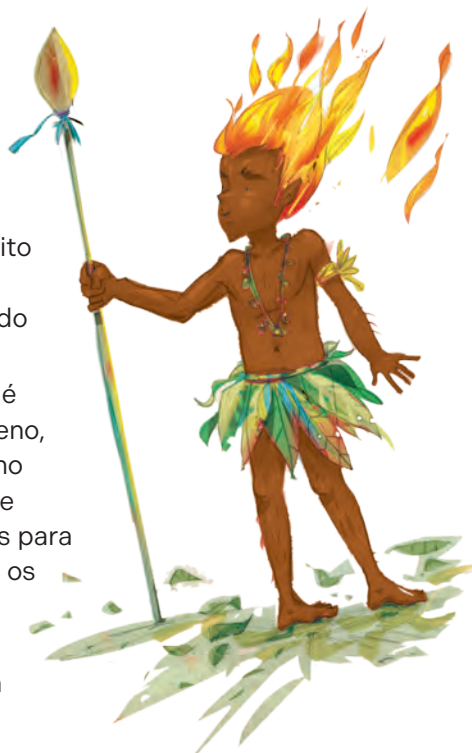
Esse guardião das florestas é descrito como um ser pequeno, com cabelos vermelhos como o fogo, extremamente forte e com os pés virados para trás para deixar rastros que enganam os caçadores.

Algumas versões da lenda contam que o Curupira tem dentes, pele e olhos verdes como a mata. Ele gosta de pregar peças nos caçadores,

disfarçando-se de caça e atraindo-os para o meio da floresta para que fiquem perdidos. **3. a) e b) Respostas pessoais. Confira como conduzir a atividade nas orientações ao professor.**

a) Você já desenhou o Curupira e conheceu algumas de suas características. Agora, imagine e escreva uma pequena história em que ele seja a personagem principal.

b) Vamos experimentar criar efeitos sonoros para a história? Para isso, providencie chocalho, apito e tambor, ou, se você não tiver nenhum desses instrumentos, coloque pedrinhas ou areia dentro de uma garrafa plástica pequena com tampa, para que ela produza sons semelhantes aos de um chocalho. Depois de pronta, compartilhe a história com seus colegas, lendo-a em voz alta. Use os instrumentos para produzir os sons em momentos adequados: por exemplo, quando o Curupira aparece na história, você pode fazer um som de suspense, indicando que algo está prestes a acontecer.



Representação do Curupira, o guardião das florestas.

FABIO EUGENIO/ARQUIVO DA EDITORA

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

50

• Com as histórias prontas, os estudantes devem sonorizar a apresentação da narrativa. O chocalho pode ser feito por eles ou pode-se utilizar algum tipo de chocalho pronto. Eles podem levar outros instrumentos ou improvisar sons com os itens encontrados em sala de aula. Deixe que ensaiem algumas vezes e organize a apresentação.

Mais estratégias

No caso de pessoas surdas ou com deficiência auditiva, a atividade pode ser adaptada para que os estudantes adicionem sinais visuais à história como, por exemplo, efeitos de luz feitos com lanternas ou cartões ilustrados com símbolos.

Conhecendo a Cuca

A Cuca é uma personagem do imaginário popular brasileiro. Ela é retratada como uma bruxa com cabeça e corpo de jacaré. De acordo com a lenda, essa bruxa costuma roubar crianças desobedientes.

A história da Cuca tem origem portuguesa e chegou ao Brasil ainda no período colonial. A literatura e a televisão popularizaram essa história e até deixaram a Cuca mais simpática. Isso ocorreu por meio da obra conhecida como *Sítio do Picapau Amarelo*, do escritor Monteiro Lobato (1882-1948).



A Cuca, interpretada pela atriz Jacira Santos, na série televisiva *Sítio do Picapau Amarelo*, baseada em obra **homônima** de Monteiro Lobato, transmitida entre 2001 e 2007.

Homônima: que tem o mesmo nome.

Observe a imagem e depois responda às questões no caderno.

1. O que a Cuca costuma fazer, de acordo com a lenda?
1. Resposta: A Cuca costuma roubar crianças desobedientes.
2. Você acha que a Cuca da imagem parece ser assustadora ou simpática? Por quê?
2. Resposta pessoal. Incentive os estudantes a compartilharem elementos na composição da personagem que a tornem mais assustadora ou mais simpática, instigando a observação e a análise.
3. Se você fosse desenhar a Cuca, o que faria para deixá-la mais assustadora ou mais simpática?
3. Resposta pessoal. Esta questão permite aos estudantes pensarem em como representariam a Cuca, o que será proposto na próxima atividade.

51

(Continuação)

usando um vestido vermelho e uma capa; em 2003, ela continuou conservando a aparência de jacaré de cabelos loiros com poucas mudanças de estilo; em 2005, ela ganhou traços mais assustadores, sendo retratada de forma ainda mais próxima a um jacaré, como a Cuca de 1977; em 2007, ela tornou-se muito mais semelhante a uma mulher escamosa de dentes e unhas pontiagudas. No desenho animado, ela é geralmente representada como um jacaré de corpo magro e boca grande. De 2006 a 2008, a editora Globo publicou uma série

de revistas em quadrinhos baseadas nas temporadas de 2005 e 2006 da série *Sítio do Picapau Amarelo* e, em 2009, lançou a edição especial *As melhores histórias da Cuca*.

• Na atividade 1, após os estudantes escreverem suas respostas, sorteie dois ou três estudantes para lerem suas respostas em voz alta. Ao fazerem isso, pergunte se todos concordam e abra o debate para que se posicionem, principalmente se houver respostas divergentes.

• Na atividade 2, faça perguntas para constatar se os estudantes conseguem identificar um tom cômico ou assustador em como a personagem Cuca é apresentada na imagem.

• Ao realizar a atividade 3, identifique os estudantes que acharam a personagem assustadora e incentive-os a comentarem como transformá-la em uma personagem simpática e divertida. Solicite àqueles que a percebem de forma simpática que façam o processo inverso.

• Oriente os estudantes em uma leitura visual da personagem Cuca apresentada na página. Questione se eles conhecem essa personagem e o que sabem dela. Disponibilize materiais de pesquisa de fontes variadas e peça-lhes que anotem as variações que observarem entre as histórias. Organize uma roda de conversa para que todos falem o que já conheciam da personagem e o que aprenderam.

• Mostre diferentes representações da Cuca e peça aos estudantes que comparem, analisem e percebam as diferenças e semelhanças. O intuito é levá-los a compreenderem as modificações que as personagens sofrem de acordo com quem os representa. Ressalte que isso tem a ver com a forma oral como são transmitidas e o imaginário popular que constrói suas representações.

• Comente com os estudantes que a obra original *Sítio do Picapau Amarelo*, de autoria de Monteiro Lobato, é composta de 23 volumes publicados entre 1920 e 1947.

• A personagem Cuca foi retratada em diversos livros, mas sua primeira aparição na televisão foi no filme *O Saci* (1951), no qual ela é representada como uma bruxa de roupas velhas e rasgadas. Desde então, foram feitas diversas versões para a televisão. Em 1977, a personagem apareceu como um boneco de jacaré, de olhos vermelhos e cabelos loiros; em 2001, surgiu de tamanho humano

(Continua)


- Para a realização da atividade, inicie com a leitura coletiva da cantiga apresentada na página. Pergunte aos estudantes de que personagem a cantiga trata e quais são suas características. Questione-os sobre o que compreendem da música e peça-lhes que narrem o que imaginam estar acontecendo na canção. Pergunte se eles conhecem outra canção ou alguma produção artística em que a Cuca apareça. Procure imagens para mostrar aos estudantes. Entre elas, você pode narrar a Cuca retratada por Tarsila do Amaral em sua obra *A Cuca*.

- No item **a**, utilize a estratégia **Explicar a um colega** para incentivar os estudantes a compartilharem seus conhecimentos com a turma, realizando assim a troca de informações e favorecendo a aprendizagem colaborativa.

- Faça um exercício de imaginação antes da realização do item **b**, lendo algumas descrições das representações de Cucas no decorrer dos anos enquanto os estudantes ficam de olhos fechados e imaginam como pode ser essa personagem. Depois, eles podem desenhar uma das imagens imaginadas.

- No item **b**, convide os estudantes a desenvolverem uma história em quadrinhos sobre a personagem Cuca. Incentive-os a usarem a criatividade na exploração dos detalhes, tomando como base seus conhecimentos expressos no item **a** e na imagem da personagem apresentada no livro.

- O item **c** demanda que os estudantes escrevam o roteiro antecipadamente, descrevendo as cenas. A atividade incentiva o uso da criatividade e da imaginação, além de proporcionar a aprendizagem ativa. Oriente os estudantes na elaboração do roteiro para a HQ. Diga que o roteiro é



Faça as atividades no caderno.

1. Leia a cantiga de ninar e observe a ilustração a seguir.

1. a) Resposta pessoal. Utilize esta questão para verificar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre a personagem.

VINÍCIUS COSTA/ARQUIVO DA EDITORA

Vai-te, Cuca, sai daqui
Para cima do telhado
Deixa dormir o menino
O seu sono sossegado

Origem popular.

1. b) Resposta pessoal. Esta atividade leva os estudantes a realizarem as ações educativas conceituais de **imaginar e inventar; as ações educativas atitudinais de **praticar e criar**; e as ações educativas comportamentais para as artes visuais de **compor e desenhar**. Confira como conduzir esta atividade nas **orientações ao professor**.**




Ilustração representando a personagem Cuca.

BRUNASSARAVA/SHUTTERSTOCK
 Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

a) A cantiga de ninar e a ilustração mostradas anteriormente remetem à personagem Cuca. Nós já conhecemos um pouco da história da Cuca; o que mais você sabe sobre essa personagem? Compartilhe seus conhecimentos com os colegas.

EXPLICAR A UM COLEGA

b) Após compartilhar o que sabe, mãos à obra! Você vai elaborar uma história em quadrinhos que terá a Cuca como uma das personagens. Use todo o conhecimento compartilhado para criar a sua história, produzindo ilustrações da personagem e de demais elementos que você considerar necessários.

c) Escreva no caderno o roteiro da história, ou seja, o que vai acontecer em cada cena. Faça um roteiro para uma HQ que tenha apenas oito quadros. **1. c) Resposta pessoal. Oriente os estudantes quanto à composição da história. Primeiro, diga-lhes que o roteiro precisa conter a descrição das cenas. Como a história em quadrinhos terá oito quadros, peça aos estudantes que usem uma linha para cada descrição.**

d) Agora, com base na versão da Cuca que você desenhou e no roteiro que você escreveu, use uma folha sulfite para criar a sua história em quadrinhos. Lembre-se de explorar os diálogos das personagens em balões. **1. d) Resposta pessoal. Confira como conduzir esta atividade nas orientações ao professor.**

2. Compartilhe o seu desenho e a sua HQ com os colegas e converse com eles sobre os resultados. Você percebeu como uma mesma personagem pode ganhar diferentes formas e versões quando abordada por pessoas diferentes? Agora, responda às perguntas no caderno. **2. a) e b) Respostas pessoais. Confira como conduzir esta atividade nas orientações ao professor.**

a) Quais foram as principais diferenças entre as versões da Cuca que você imaginou?

b) Aproveite para montar uma exposição sobre a Cuca em um espaço da escola e mostrar a todos as diferentes formas e versões dessa personagem do imaginário brasileiro.

3. No caderno, relacione as seguintes personagens à sua descrição correta. **3. Resposta: Espera-se que os estudantes relacionem a descrição A ao Lobisomem, a descrição B à Mula Sem Cabeça, a descrição C ao Boitatá e a descrição D ao Saci-Pererê.**

Boitatá

Mula Sem Cabeça

Lobisomem

Saci-Pererê

A. Nas histórias populares, essa personagem é um ser humano durante o dia, tornando-se outra criatura em noites de lua cheia.

B. Essa criatura tem fogo no lugar da cabeça e corpo de animal.

C. Essa história popular envolve a figura de uma cobra como personagem.

D. Nessa história popular, a criatura anda em uma perna só e usa um gorro vermelho.

53

(Continuação)

como podem organizar a exposição. Incentive-os a estabelecerem critérios sobre como organizá-la, discutindo se vão agrupar as histórias por meio da temática ou do estilo, por exemplo. Além disso, verifique com a direção da escola a possibilidade de a exposição ser organizada na biblioteca da escola e caso seja possível, organize, junto às produções dos estudantes, outras referências que abordem a temática das lendas brasileiras,

incentivando, desse modo, a leitura das histórias populares tanto pela turma quanto pelos demais estudantes da escola.

• Na atividade 3, incentive os estudantes a retomarem o que pesquisaram sobre as personagens citados. Peça-lhes que os desenhem no caderno, explorando o que se lembram de cada um deles.

Destaques BNCC

• Ao conhecerem a personagem Cuca, sua lenda e as produções artísticas populares que a retratam, nas páginas 51 e 52, os estudantes vão desenvolver as **Competências específicas de Arte 1 e 3**, bem como a habilidade **EF15AR25**. O compartilhamento e o diálogo sobre as produções realizadas pela turma trabalham a habilidade **EF15AR06**.

• No item d, os estudantes devem construir a história em quadrinhos com base no roteiro criado no item c. Atente para a importância do uso dos balões para a comunicação das personagens. Aproveite o momento para avaliar o comprometimento e a participação dos estudantes em relação à atividade.

• A atividade 2 propõe a formalização e o compartilhamento, que pode ser realizado como uma roda de conversa. No item a, pergunte aos estudantes as diferenças e as semelhanças que eles observam entre as personagens e as histórias.

• Antes do item b, proponha que os estudantes compartilhem suas histórias com os colegas, de modo que possam perceber que cada um tem sua forma de desenhar a personagem. Ao passar para a etapa de montagem da exposição, incentive os estudantes a retomarem o que se lembram das histórias dos colegas, de modo que possam conversar sobre

(Continua)

Destaques BNCC

• A página permite abordar os temas contemporâneos transversais **Diversidade cultural** e **Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras**, ao apresentar aos estudantes as origens das tradições e da cultura popular brasileira e a oralidade na transmissão desses conhecimentos, contribuindo assim para a valorização das matrizes culturais do Brasil, entre elas as indígenas, as africanas e a afro-brasileira. Desse modo, também são desenvolvidas as habilidades **EF15AR03** e **EF15AR24**.

Atitude Legal

• Ao trabalhar o boxe com os estudantes, pergunte-lhes que histórias são tradicionalmente contadas em seus espaços familiares ou onde vivem e se elas se alteram de acordo com quem as conta. Aproveite para conversar com a turma sobre a cultura popular brasileira e a origem de diversas histórias que permeiam nosso imaginário. Note o que eles conhecem dessas tradições, enfatizando a importância da oralidade para a transmissão do conhecimento e incentivando-os a compartilharem o que sabem com a turma.

Contando e recontando histórias



■ Crianças Xavante ouvindo ensinamentos de parente mais velho, em Campinópolis, no Mato Grosso, em 2021.

FABIO COLOMBINI/ARQUIVO DO FOTÓGRAFO
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

Como vimos, a cultura popular brasileira é muito rica e diversificada. Ao ouvirmos histórias e canções tradicionais, sem perceber, vamos adquirindo um imenso repertório cultural.

Por meio das narrativas orais, aprendemos hábitos e valores que são compartilhados nos ambientes familiar, religioso, comunitário e escolar.



As histórias que ouvimos de nossos pais, avós ou outras pessoas mais velhas são parte importante de nossa cultura. Ao contar essas histórias para outras pessoas, você está ajudando a mantê-las vivas!

Nas tradições orais que fazem parte da cultura brasileira, há uma contribuição expressiva dos povos que vieram da África. Em algumas sociedades africanas, a oralidade tem um papel tão importante que existem pessoas dedicadas exclusivamente à transmissão oral dos conhecimentos tradicionais. Estamos falando dos contadores de histórias, poetas e músicos conhecidos como griôs.

Os griôs têm o ofício de guardar e ensinar a memória cultural de seu povo. Por meio da oralidade, eles mantêm vivos séculos de histórias, crenças, costumes e lições de vida. Para transmitir esses saberes, os griôs também usam instrumentos musicais, como a *korá*, que você pode observar na imagem a seguir.

1. Resposta: Incentive os estudantes a descreverem com suas palavras a *korá* de acordo com as características que perceberem do instrumento.



ÁUDIO O GRIÔ E A KORÁ.

Para saber mais sobre o papel do griô e do instrumento *korá* em sociedades da África ocidental, escute a faixa de áudio **O griô e a *korá***.

INFOGRÁFICO CLICÁVEL GRIÔS

1. Descreva o instrumento musical retratado na foto.
2. A *korá* é um instrumento de sopro ou de cordas? Como você chegou a essa conclusão?

2. Resposta: Espera-se que os estudantes respondam que é um instrumento de cordas e expliquem que chegaram a essa conclusão porque se trata de um instrumento que produz sons quando suas cordas são dedilhadas, fazendo-as vibrar sobre uma caixa de ressonância.

O griô Lao Kouyate tocando o instrumento musical *korá*, em Agde, na França, em 2018.

55

• Esta página dá continuidade ao conteúdo sobre tradições orais com ênfase nos povos africanos e em suas influências na cultura e nas tradições brasileiras, contribuindo para valorizar as matrizes culturais do Brasil, especificamente as matrizes africana e afro-brasileira. Reforce com os estudantes a importância do papel dos griôs na transmissão das suas tradições e cultura de geração em geração. Comente que essas histórias mantêm viva a memória das sociedades africanas que preservam o costume da oralidade.

• Converse com a turma sobre a contação de histórias e o papel de contadoras e contadores e pergunte-lhes se eles já participaram de alguma apresentação de contação de histórias. Caso alguém responda positivamente, peça-lhe que compartilhe com os colegas sua experiência, contando quem foi o contador, que história a pessoa contou, se havia interação com os participantes, entre outros aspectos.

• Acesse com os estudantes alguns canais de contação de histórias e selecione algumas para mostrar a eles.

Amplie seus conhecimentos

• ENCOMENDA Encantada! Histórias e Brincadeiras. Disponível em: <https://www.youtube.com/@encomendaencantadahistoria8271>. Acesso em: 2 set. 2025.

Verifique a possibilidade de assistir aos vídeos desse canal com os estudantes. Caso não seja possível, escolha alguns para indicar que assistam em casa e escrevam ou façam desenhos sobre a história escolhida.

• GRIOT Toumani Kouyaté canta uma história no Arte do Artista. 6 maio 2016. Canal TV Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AWVeC6kbNH0>. Acesso em: 2 set. 2025.

Se possível, assista a esse vídeo com os estudantes para auxiliá-los a visualizarem e conhecerem mais sobre a prática do griô.

• QUINTAL da cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/QuintalDaCultura>. Acesso em: 2 set. 2025.

Nesse canal, é possível encontrar algumas histórias para apresentar aos estudantes.

Objetivos

- Reconhecer o papel dos povos indígenas para o enfrentamento de problemas relativos ao meio ambiente, como o desmatamento.
- Valorizar saberes e modos de vida sustentáveis, em harmonia com o meio ambiente.

Destaques BNCC

- Ao levar os estudantes a refletirem sobre o modo de vida sustentável dos povos indígenas brasileiros, é possível trabalhar o tema contemporâneo transversal **Educação ambiental**. Ao fazer isso valorizando seus saberes e suas vivências, é possível trabalhar o tema contemporâneo transversal **Diversidade cultural**. Desse modo, também se desenvolvem as competências gerais **1, 2, 9 e 10**.

Saberes integrados

Esta seção possibilita o trabalho integrado com o componente curricular de **Geografia**, ao promover a observação de um etnomapa na página **57** e, com base nele, refletir sobre o modo de vida sustentável dos povos indígenas brasileiros. Desse modo, é possível aprofundar os temas contemporâneos transversais **Educação ambiental** e **Diversidade cultural** e os objetivos de desenvolvimento sustentável **13, 14 e 15**. Aborde com os estudantes como o conhecimento geográfico sobre o entorno onde vivemos pode auxiliar a pensar em modos de vida mais sustentável.



O MUNDO QUE QUEREMOS

Questão inicial. Resposta pessoal. Utilize a questão para levar os estudantes a se conscientizarem em relação à importância da preservação do meio ambiente, especialmente das florestas.

Os guardiões da floresta: o que os povos originários ensinam

Os povos originários sabem muito sobre a preservação do meio ambiente e, com seus conhecimentos tradicionais, ensinam a cuidar da natureza e a protegê-la, vivendo em harmonia com ela.

Questão inicial. O que a proteção das florestas tem a ver com preservação da vida no planeta?

Eles sabem como cultivar o solo sem destruí-lo e se alimentar sem prejudicar as árvores, as plantas, os rios e os animais. Esses saberes valiosos fazem parte da tradição dos povos originários. Muitos deles cultivam diferentes tipos de plantas em uma mesma área, formando um ambiente diversificado, uma verdadeira floresta. Assim, eles garantem o próprio alimento sem precisar desmatar grandes espaços para plantações.



Indígenas Waurá trabalhando em colheita de mandioca em Paratininga, no Mato Grosso, em 2025.

56

- Nesta seção, é abordada a valorização dos saberes ancestrais dos povos originários na produção de alimentos e na preservação das florestas. Comente com os estudantes o fato de que a natureza faz parte da vida de todos os seres e sua preservação é necessária para manter a vida no planeta Terra.
- Comente com os estudantes que várias personagens do imaginário popular brasileiro tiveram origem entre os povos indígenas. Entre eles, muitas estão ligadas à proteção da natureza, como é o caso do Curupira e da Caipora.

Amplie seus conhecimentos

- SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida. Disponível em: <https://www.youtube.com/@selvagemciclo8>. Acesso em: 2 set. 2025.

Nesse canal, é possível ter acesso a documentos, palestras e discussões que abordam a importância da preservação da natureza e a influência dos saberes indígenas nesse debate. Procure por textos e vídeos de Ailton Krenak e Daniel Munduruku para ampliar os conhecimentos sobre as temáticas abordadas na seção.

Para aprofundarmos o tema sobre o modo de vida sustentável dos povos indígenas, confira o etnomapa da Terra Indígena Mamoadate.

Etnomapa da Terra Indígena Mamoadate



ETNOMAPEAMENTO DA TERRA INDÍGENA MAMOADATE

Etnomapa da Terra Indígena Mamoadate, produzido por indígenas do povo Yaminawá, em 2016.

Refleta sobre as questões a seguir.

1. Nesse mapa há elementos naturais e elementos construídos pelos seres humanos. Você consegue identificá-los?
2. Na comunidade onde você vive, que pequenas ações poderiam ser tomadas para melhorar a sustentabilidade e o equilíbrio com o meio ambiente?
3. Em grupo, desenhem um mapa que mostre como ficaria sua comunidade se essas ações fossem colocadas em prática. Explore diferentes desenhos, cores e formatos de letras para criar as legendas.
4. Chegou a hora de fazer! Com a orientação do professor, o grupo deve escolher uma das ações para colocar em prática. Cuide de todos os detalhes para que a ação seja bem desenvolvida. No final, apresente o que foi feito, sua motivação e os desafios enfrentados. **1 a 4. Respostas nas orientações ao professor.**

57

Respostas

1. Resposta pessoal. As matas e os rios são exemplos de elementos da natureza mostrados na imagem, e as casas são exemplos de construções feitas pelos seres humanos. Instrua a interpretação da imagem junto aos estudantes. Permita que eles comentem os aspectos que identificam no mapa e, conforme digam o que percebem, faça perguntas como: "Esse elemento foi construído por um ser humano?"; "Como esse elemento pode ter ido parar aí?". Guie a observação de modo que os estudantes comentem o mapa percebendo as casas, os rios, as árvores etc.

2. Resposta pessoal. Promova um debate sobre como é o bairro da escola, descrevendo o entorno próximo para que os estudantes possam compreender características importantes a comentar e, posteriormente, incorporar essas informações à descrição de suas comunidades, que podem ou não serem do entorno da escola. Incentive os estudantes a pensarem em ações simples e factíveis.

3. Resposta pessoal. Se achar necessário, peça aos estudantes que realizem primeiro um mapa de como a comunidade deles é de fato para que compreendam noções de espacialidade e distâncias. Pergunte o que eles consideram importante em suas comunidades para que isso esteja representado no mapa. Eles podem começar por esses pontos e como referência

(Continua)

(Continuação)

para acrescentarem elementos que não existem, mas deveriam estar presentes.

4. Oriente os estudantes a discutirem qual ação escolherão, levando em conta os recursos disponíveis, o tempo de realização e o espaço. Ajude-os a escolherem ações possíveis de executar para a faixa etária. Depois, os grupos deverão listar as etapas da ação, pensando no que será necessário, quem será responsável por cada uma das tarefas e

quando e onde a ação será realizada. Acompanhe de perto a execução, ajudando na organização e garantindo a segurança dos estudantes. Para finalizar, conduza a conversa para que os grupos discutam o que fizeram, estimulando-os a refletirem sobre o impacto de suas ações e como esse impacto poderia ser mantido ou ampliado com outras iniciativas.

• Comente com os estudantes que a obra *Parede da memória* é composta de 1 500 almofadas de 8 cm x 8 cm com impressões de fotos que remetem à história pessoal da artista, costuradas à mão. A escolha das almofadas como suporte está relacionada à memória afetiva da artista, a um patuá que ficava acima da porta da casa de sua família. Portanto, ao compor a sua “parede de memórias”, Rosana Paulino faz menção a um objeto comum nas tradições populares brasileiras: o patuá.

Atitude legal

Aproveite o conteúdo do boxe e proponha aos estudantes que entrevistem uma pessoa mais velha para ouvir alguma história relacionada a um objeto. Oriente-os a fazerem perguntas como: “Que memórias o objeto desperta?”; “Por que ele foi guardado?”; “Como passou a fazer parte da sua vida?”.

Peça aos estudantes que verifiquem a possibilidade de levar esse objeto para a sala de aula. Caso não seja possível, solicite que levem fotos desses objetos e escrevam sobre a história deles. Combine uma apresentação desses objetos para a turma, de forma que o estudante mostre o objeto ou sua imagem e descreva sua importância.


Para completar a atividade, você pode solicitar aos estudantes que representem o objeto escolhido em técnica mista (desenho e pintura, pintura e colagem, desenho e bordado etc.) e sobre um suporte opcional (papelão, cartolina, tecido, papel-cartão etc.). Por fim, organizem uma exposição com os trabalhos e os respectivos textos a respeito de cada objeto representado.

Narrativas sobre memórias na arte contemporânea


A transmissão da memória e o encontro com as tradições também têm muita importância para a arte contemporânea. Se prestarmos atenção na arte de nosso país, perceberemos que muitas obras se utilizam de narrativas e fazem referência às culturas que formaram o povo brasileiro.


A artista paulista Rosana Paulino (1967-), por exemplo, narra memórias sobre sua origem fazendo referência à cultura africana. Observe a seguir uma de suas obras, intitulada *Parede da memória*.



 *Parede da memória* (detalhe), de Rosana Paulino. 1 500 peças em fotocópia, aquarela e tecido costurado, 8 cm x 8 cm x 3 cm (cada). 1994-2015.

Nessa obra de Rosana Paulino, não estão retratadas personagens de nosso imaginário coletivo, mas das memórias pessoais da artista. Assim, a cultura africana está presente, pois Paulino as retratou sobre centenas de **patuás**, objetos que fazem parte das tradições africanas trazidas ao Brasil e que também remetem à sua ancestralidade afro-brasileira.

 **Patuás:** amuletos feitos de tecido, característicos de religiões afro-brasileiras, e que fazem parte da cultura popular do país.

 Muitas vezes, as pessoas guardam objetos que remetem a memórias, a histórias do passado. Ouvir essas histórias é uma forma de preservarmos tradições e nos conectarmos às outras pessoas!

1. Resposta pessoal. Esta atividade leva os estudantes a realizarem as ações educativas conceituais de **conhecer e apreciar**; as ações educativas atitudinais de **compartilhar, socializar e valorizar**; e as ações educativas comportamentais para as artes visuais de **colar, colorir, compor, desenhar e recortar**. Confira como conduzir esta atividade nas **orientações ao professor**.

ATIVIDADES

Faça as atividades no caderno.

1. Na obra *Parede da memória*, Rosana Paulino cria uma narrativa em torno de suas origens por meio de fotografias impressas em patuás.

Agora é sua vez de montar um “painel da memória” e criar uma narrativa com sua história. Observe um exemplo a seguir e, depois, leia as instruções.

- Busque fotos ou faça desenhos de pessoas e acontecimentos que são importantes em sua história.
- Converse com os colegas sobre o significado de cada imagem para você.
- Depois, em uma cartolina, cole as imagens escolhidas para montar seu painel.
- Quando os painéis ficarem prontos, organize com os colegas uma exposição na sala de aula.



Exemplo de painel com memórias pessoais.

- Tendo como base a obra *Parede da memória*, de Rosana Paulino, a seção propõe aos estudantes a construção de um painel da memória. Explique a eles que deverão montar, individualmente, um painel para representar a própria história. Para isso, peça-lhes que reflitam sobre acontecimentos importantes em sua vida.

- Faça questionamentos como: “Qual foi o momento mais feliz da sua vida? E o mais triste?”; “Você se lembra do dia em que conseguiu fazer algo sozinho pela primeira vez?”; “Qual foi a vez em que você mais se divertiu com seus amigos ou sua família?”; “Que momento foi marcante porque você aprendeu algo novo?”; “O que você gostaria que os outros soubessem de sua história?”.

- Orienta os estudantes a procurarem fotos ou desenharem momentos que marcaram suas memórias. Depois, cada um deve colar, nas folhas de cartolina, as fotos ou os desenhos para montar o próprio painel. Por fim, promova uma exposição dos painéis.

• Comente com os estudantes que muitas palavras que utilizamos no cotidiano são oriundas da colonização do Brasil e têm suas raízes em Portugal, na África e nos povos indígenas. Diga que existem muitas línguas nativas do continente africano. Entre as que mais influenciaram o português do Brasil, podemos citar as línguas do tronco banto (como o kikongo e o kimbundu) e o iorubá. Essas línguas chegaram ao Brasil por meio dos africanos escravizados, principalmente entre os séculos XVI e XIX.

• Para a realização da atividade, oriente os estudantes em relação à pega no lápis, que deve ser feita com os dedos polegar e indicador, e com o dedo médio apoiando a parte inferior. Se necessário, escreva na lousa algumas palavras de origem africana, chamando a atenção para os movimentos de escrita da letra cursiva. Depois, peça aos estudantes que leiam as palavras em voz alta. Verifique o aprendizado dos estudantes em relação à escrita e ofereça ajuda individual, caso necessário.

• Lembre-os de que, ao usar a letra cursiva, escrevemos a primeira letra das palavras em letra maiúscula quando elas estiverem no começo de frase, em nomes próprios, títulos de obras, siglas e abreviações.

2. Em nossa língua, há uma grande quantidade de palavras usadas no dia a dia que têm sua origem ligada ao continente africano.

Que tal descobrir o significado de algumas delas? Faça uma pesquisa sobre as palavras de origem africana apresentadas a seguir. Depois, escreva com letra cursiva no caderno o significado de cada uma delas. 2. Professor, professora: As legendas das imagens não foram inseridas para não comprometerem a realização da atividade. Confira como conduzir esta pesquisa nas **orientações ao professor**.

Acarajé



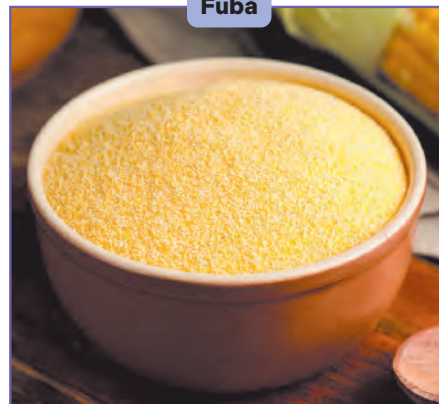
2. Resposta: Acarajé: comida tradicional do estado da Bahia. É uma espécie de bolo de massa de feijão, recheado com camarão moído e frito em azeite de dendê.

Angu



2. Resposta: Angu: prato popular na cozinha brasileira. Trata-se de uma massa feita de fubá de milho, água e sal.

Fubá



2. Resposta: Batuque: nome que se dá a músicas e danças acompanhadas por instrumentos de percussão, sendo associadas a manifestações de origem afro-brasileira.

Batuque



2. Resposta: Dengo: modo de se comportar de forma delicada, fazendo manha.

Dengo



2. Resposta: Berimbau: instrumento musical tradicional da cultura afro-brasileira. É formado por um fio de arame esticado preso a um arco de madeira, com a metade de uma cabaça na parte inferior do instrumento. O som é produzido por uma vara batida no fio de arame.

Berimbau



- Oriente a pesquisa sobre a origem e o significado das palavras apresentadas. Verifique se todos as conhecem e se alguma delas é desconhecida da maioria. Incentive os estudantes a pesquisarem, além dessas palavras, outras que revelam expressões regionais de origem étnica.
- Conduza a atividade solicitando a pesquisa dos termos em um dicionário. Prefira um volume físico e utilize a internet apenas se necessário.
- Para tirar melhor proveito da atividade, organize os estudantes em pequenos grupos para que realizem a pesquisa juntos. Na sequência, forme uma roda na sala de aula, pedindo-lhes que compartilhem suas descobertas. Procure verificar de que maneira a atividade de pesquisa contribui para desenvolver suas habilidades de formulação de raciocínios e de observação.

1. Objetivo

- Compreender a relação entre imagem e contexto.

Como proceder

- Ao contornarem a cena de caça pré-histórica, os estudantes demonstram atenção quanto ao contexto e características da pintura rupestre. Oriente-os a lerem novamente a página **18** para sanarem dúvidas. Além disso, você pode complementar as informações das imagens comentando com os estudantes que a primeira foto retrata a estátua de Diana, deusa romana da caça, de autor desconhecido, com altura de 2,15 m e localizada em Paris, na França. A terceira imagem, por fim, mostra um mosaico bizantino do século V, do acervo do Museu dos Mosaicos do Grande Palácio, em Istambul, Turquia.

2. Objetivo

- Desenvolver a capacidade de argumentação dos estudantes, refletindo sobre os elementos que compõem a técnica da HQ e suas características.

Como proceder

- Espera-se que os estudantes apontem o potencial narrativo na HQ, identificando os recursos gráficos utilizados, como quadros, figuras, balões e texto.
- Oriente os estudantes a utilizarem a estratégia de estudo **Autoexplicação** para sistematizarem o conteúdo, buscando refletir sobre o que isso agregou a seus conhecimentos prévios. Incentive-os a lerem novamente as páginas **26, 28, 32 e 33** para sanar dúvidas.

3. Objetivo

- Compreender a cultura popular e o imaginário que sustenta suas tradições.

O QUE VOCÊ ESTUDOU?

Faça as atividades no caderno.

1. Confira as imagens a seguir e, no caderno, indique qual delas retrata uma cena pré-histórica e escreva como você chegou a essa conclusão.

A.



B.



1. Resposta: Imagem **B**. As legendas das imagens não foram inseridas para não comprometerem a realização da atividade. Confira mais informações sobre elas nas **orientações ao professor**.

C.



2. Como você explicaria para si mesmo o que são histórias em quadrinhos?

AUTOEXPLICAÇÃO

3. Leia as frases a seguir, sobre imaginário e cultura popular, e escreva no caderno aquela que você considerar a resposta correta.

3. Resposta: A cultura popular é passada de geração em geração.

A cultura popular só pode ser aprendida nas escolas.

As lendas e seus personagens não fazem parte do imaginário de um povo.

A cultura popular é passada de geração em geração.

62

2. Resposta: As histórias em quadrinhos são histórias ilustradas em que os autores exploram o uso de imagens e palavras em páginas divididas por quadros.

Como proceder

- A arte popular e seu imaginário resultam de um saber formado por um conjunto de tradições que envolvem costumes, histórias e manifestações artísticas.
- Retome com os estudantes as páginas **42 a 55** e procure sanar as dúvidas referentes ao tema. Em seguida, proponha uma pesquisa na internet na sala de informática da escola sobre lendas e cultura popular brasileira. Eles podem observar imagens e verificar histórias e jogos sobre lendas e tradições populares brasileiras.

4. Resposta: As personagens das lendas brasileiras têm origem nas tradições dos indígenas, dos portugueses, dos africanos e de outros povos que formaram o a população brasileira.

4. Leia as frases a seguir e escreva no caderno a afirmação correta em

relação à origem das personagens do imaginário popular brasileiro.

5. b) Resposta: Espera-se que os estudantes percebam, por meio dos balões de fala

e das situações ilustradas, que o menino está em um impasse, pois quer ficar com a Mula Sem Cabeça, mas sabe que sua mãe não vai aceitar e, por isso, esconde-a na lareira.

As personagens das lendas brasileiras têm origem apenas nas tradições portuguesas.

As personagens das lendas brasileiras têm origem apenas nas tradições africanas e indígenas.

As personagens das lendas brasileiras têm origem nas tradições dos indígenas, dos europeus, dos africanos e de outros povos que formaram a população brasileira.

5. Leia a tirinha a seguir e responda às questões no caderno.



GALVÃO, Jean. Tirinhas pedagógicas, 20 jan. 2014. Disponível em: <https://tiroletas.wordpress.com/2014/01/20/3/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

a) Que personagem do imaginário popular brasileiro está representada nessa tirinha? 5. a) Resposta: A personagem representada é a Mula Sem Cabeça.

b) Qual é o problema apresentado pelo menino? Como você identificou esse problema?

6. Grande parte da riqueza cultural brasileira chegou até nós por meio de histórias e saberes que foram contados por nossos antepassados, transmitidos de geração em geração. É uma tradição oral, ou seja, a palavra falada tem grande importância na transmissão de lendas, histórias e provérbios.

Pergunte a alguém da sua família a respeito de uma história que já tenha ouvido. Pode ser sobre qualquer tema. Escreva essa história no caderno, registrando também quem a contou.

6. Resposta pessoal. Peça aos estudantes que compartilhem suas histórias de tradição oral, verificando se outros colegas compartilham a mesma história ou histórias semelhantes. Reserve um tempo da aula para esse compartilhamento.

63

4. Objetivo

- Relacionar a cultura brasileira à sua diversidade cultural formadora.

Como proceder

- Os estudantes devem identificar que as histórias que compõem o imaginário popular brasileiro têm suas origens nas tradições dos indígenas, dos portugueses, dos africanos e dos outros povos que formaram nossa sociedade.
- Leve os estudantes à biblioteca da escola para pesquisarem livros que tratem de lendas brasileiras. Eles podem fazer o empréstimo e levá-los para casa a fim de lê-los com os familiares, por exemplo, ou montar cartazes e momentos explicativos.

5. Objetivo

- Identificar elementos da tirinha apresentada.

Como proceder

- Leia a tirinha com os estudantes e deixe que eles narrem as situações apresentadas nela após a leitura. Incentive-os a relacionarem o teor da tirinha aos conteúdos estudados na unidade, buscando identificar o humor presente nela.

6. Objetivo

- Valorizar a prática de repassar histórias oralmente entre gerações.

Como proceder

- Incentive os estudantes a transcreverem as histórias contadas por seus familiares no caderno e a compartilhá-las com os colegas. Leve-os a refletirem e valorizarem os conhecimentos e saberes aprendidos.

Nesta unidade, objetiva-se abordar a ação narrativa com base no teatro apresentando o elemento máscara e o gênero teatro de animação, de modo a explorar suas origens e relações com a cultura popular em diferentes culturas, incluindo a brasileira.

O teatro e suas abordagens metodológicas nos anos iniciais do ensino fundamental é um instrumento de socialização entre os estudantes, possibilitando que se desenvolvam habilidades de leitura, comunicação, canto e expressão corporal, que são benéficos para a alfabetização.

Objetivos

- Aprender as origens do teatro e sua importância na comunicação humana.
- Observar diferentes manifestações da teatralidade.
- Aprender sobre o teatro de máscaras.
- Produzir uma máscara e experimentá-la em cena.
- Conhecer e diferenciar os gêneros primários do teatro ocidental: a tragédia e a comédia.
- Identificar e experimentar diferentes formas de teatro de animação.

Destaques BNCC

- Ao trabalharem a abertura da unidade **2**, os estudantes são levados a desenvolverem a imaginação e repertórios ficcionais, além de investigarem a imagem apresentada, de modo a procurarem elementos teatrais, relacionando-os ao seu cotidiano, conforme as habilidades **EF15AR18** e **EF15AR19**.



UMA ARTE QUE É UM ESPETÁCULO!



Cena da peça *Última parada no mercado*, interpretada pela Companhia de Teatro das Crianças, em Minneapolis, nos Estados Unidos, em 2018.


64

NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI ESTUDAR:

- manifestações teatrais com máscaras;
- máscaras e folguedos;
- teatro e festa;
- teatro de animação;
- animação de bonecos e objetos;
- animação de sombras.

- A imagem de abertura é uma cena da peça *Última parada no mercado*, da Companhia de Teatro das Crianças.
- Identifique com os estudantes alguns elementos presentes na imagem, como figurinos e cenário. Pergunte o que eles imaginam e qual é a situação apresentada nessa cena.
- Conte aos estudantes que a peça *Última parada no mercado* é um musical inspirado no livro infantil *Última parada, rua do mercado*, escrito por Matt de la Peña e ilustrado por Christian Robinson e conta a história de uma criança chamada CJ, que começa a reparar nas conversas que escuta

- e nas imagens que vê ao fazer um passeio de ônibus com a mãe. Isso os leva a perceberem as belezas e dificuldades de seu cotidiano e no daqueles que acompanham a personagem. O livro *Última parada, rua do mercado* foi muito premiado nos Estados Unidos e por isso acabou se tornando um musical apresentado por diversas companhias teatrais.
- Questione os estudantes se eles conhecem o livro original, se já viram ou ouviram falar dele e converse sobre o enredo.
- Caso tenha acesso ao livro do qual a peça foi adaptada, proponha uma leitura com os estudantes.



Você já brincou de fingir ser outra pessoa? Sem saber, você pode estar fazendo teatro! Desde a Antiguidade, essa arte faz parte do cotidiano dos seres humanos. Que tal conhecer mais sobre isso?

CONECTANDO IDEIAS

1. Que detalhes da imagem indicam que se trata de uma apresentação teatral? Explique.
1 a 3. Respostas pessoais. Comentários nas orientações ao professor.
2. Que tipo de história parece ser contado na peça teatral?
3. Que histórias você contaria por meio do teatro? Compartilhe com os colegas como faria isso.

65

Conectando ideias

1. Espera-se que os estudantes percebam os refletores na borda do palco e os microfones junto às atrizes e aos atores. Questione-os sobre o figurino, os adereços e o cenário.
2. Permita que os estudantes utilizem a imaginação ao interpretar a cena. Depois das respostas, questione-os sobre as características que se observam e o que conduziu cada um à sua resposta.
3. Resposta pessoal. Oriente os estudantes a pensarem não apenas na ideia da história, mas também no figurino, na maquiagem, nos adereços, no cenário, no local e no tempo de duração. Ao final, peça-lhes que escrevam a história e a apresentem oralmente.

Amplie seus conhecimentos

• PEÑA, Matt de la. *Última parada, rua do mercado*. São Paulo: FTD, 2018.

O livro apresenta a história que inspirou a peça teatral apresentada na abertura da unidade. Utilize o livro para relacionar o conteúdo apresentado ao universo infantil.

Objetivos

- Explorar a atuação com máscaras nas manifestações teatrais.
- Compreender os gêneros teatrais comédia e tragédia.

Destaques BNCC

- Ao levar os estudantes a conhecerem diferentes gêneros teatrais e as manifestações culturais populares brasileiras, a fim de ampliarem o repertório cultural, contemplam-se as habilidades **EF15AR18** e **EF15AR19**.

Atividade preparatória

- Para despertar a curiosidade dos estudantes pelo tema destas páginas, organize uma apresentação de pequenos vídeos que abordem as festividades citadas nelas. Durante as aulas, procure sempre apresentar um referencial de imagens para aprofundar o debate sobre a teatralidade. Explore as atividades que têm como objetivo introduzir o tema com a turma, incentivando o interesse pelo assunto.
- Após assistirem aos vídeos, oriente os estudantes a perceberem que os folguedos têm vários traços de teatralidade, que podem ser observados na encenação, nas personagens e no figurino, entre outros aspectos.
- Reafirme a presença das máscaras na cultura popular. Peça aos estudantes que citem exemplos de festas, danças e outras manifestações que utilizam as máscaras como recurso cênico.

CRIANDO E VIVENCIANDO HISTÓRIAS

Quando falamos em **teatralidade**, não devemos pensar apenas nas peças apresentadas em salas teatrais. Podemos encontrá-la nos mais diversos lugares e nas mais variadas formas.

Um exemplo disso é o Cavalo-Marinho, um folguedo que faz parte da cultura popular dos estados de Pernambuco e Paraíba. No Cavalo-Marinho, músicos tocam instrumentos como reco-reco, pandeiro e rabeca, acompanhando personagens mascaradas que fazem encenações de improviso. O Cavalo-Marinho tem influências das culturas indígenas e africanas, que foram muito importantes para a formação da cultura brasileira.



Teatralidade: qualidade do que é teatral, ou seja, que lembra essa forma artística mesmo que não esteja organizado como uma peça de teatro.

Apresentação de Cavalo-Marinho, pela Cia. Mundu Rodá, em São Luiz do Paraitinga, em São Paulo, em 2013.

AUDIO CAVALO-MARINHO

Escute a faixa de áudio **Cavalo-Marinho** para conhecer a música desse folguedo.

EXPLICAR A UM COLEGA

1. Com um colega, observem a fotografia que retrata o Cavalo-Marinho e leiam as palavras a seguir. No caderno, anotem os nomes de três delas e descrevam como elas aparecem na imagem.

máscaras

público

dança

instrumentos musicais

figurinos

personagens

música

espaço

2. Compartilhem com a turma o que vocês discutiram e anotaram.
1 e 2. Respostas pessoais. Comentários nas **orientações ao professor**.

66

• Durante a realização da atividade, oriente os estudantes a lerem as palavras, pensarem em seus significados e pesquisarem as que não conhecem. Em seguida, eles devem escolher três, identificar como elas aparecem na imagem e anotar. Incentive-os a conversar sobre cada elemento contido na imagem. Para finalizar, cada dupla apresenta o resultado aos colegas. A atividade pode propiciar o desenvolvimento de compreensão de leitura, ampliação de vocabulário e produção de escrita. Ao mesmo tempo, os

estudantes ampliam seus conhecimentos sobre a linguagem teatral, identificando elementos dessa forma artística. Ao explorarem a estratégia de **Explicar a um colega**, os estudantes desenvolvem a capacidade de síntese, apropriando-se dos conhecimentos adquiridos.

• Além da cena representada na imagem, outras linguagens artísticas têm todos ou alguns dos elementos descritos na página. Conduza os estudantes a discutirem que linguagens eles já conhecem e quais elementos as compõem.



A Zona da Mata é uma porção de terra, na região litorânea do Nordeste, que abrange seis estados: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Ela recebeu esse nome, pois a região abrigava grande parte da Mata Atlântica, mas que hoje quase não existe mais por lá.

A manifestação popular do Cavalo-Marinho é típica dessa região e hoje é brincada, principalmente, no norte de Pernambuco e no sul da Paraíba. Essa região também é rica em outras manifestações, como o Maracatu.

AS MÁSCARAS NO FESTIVAL DE GELEDÉ

O Cavalo-Marinho é uma manifestação cultural brasileira com personagens mascaradas. Porém, a tradição de usar máscaras é muito mais antiga. Os seres humanos as usam há milhares de anos. Existem outras culturas pelo mundo que utilizam máscaras, das mais variadas formas.

O povo iorubá, por exemplo, que vive na região da Nigéria, do Benin e do Togo, na África, costuma utilizar máscaras em cerimônias e rituais, principalmente naqueles que homenageiam as mulheres. Uma dessas homenagens ocorre no Geledé, um festival realizado entre março e abril para reconhecer a importância das mulheres na sociedade iorubá, principalmente das mais idosas.



Personagem mascarado durante o festival Geledé, em Cové, em Benin, em 2018.

67

(Continuação)

personificadas pelas anciãs femininas. Nessa festividade, os homens saem vestidos de mulheres usando máscaras para reverenciarem as mães do povoado, que são consideradas poderosas. A celebração desse poder é considerada fundamental para a harmonia, a sobrevivência e a prosperidade na comunidade. Convide os estudantes a pensarem nessa configuração: a sabedoria e o poder das mulheres são celebrados, enquanto elas se deparam com os homens dançando mascarados como mulheres. O que está em jogo é reverenciar as anciãs para cultivar boas relações entre as mulheres mais velhas, seus poderes e a comunidade. O grupo responsável

pela realização do festival é liderado por uma mulher e um homem.

Amplie seus conhecimentos

- O ARTESANATO africano. *TV Brasil*, 10 jan. 2013.

Procure pelo vídeo em uma plataforma de vídeo de sua preferência para conhecer outras sociedades que utilizam máscaras com funções ritualísticas e assista ao vídeo indicado, no qual o artista africano Minkoe Mi-Nze explica a origem ritualística e a importância cultural das máscaras do povo Ngil.

• Ao abordar o boxe **Pelo Brasil**, retome o conteúdo iniciado sobre o Cavalo-Marinho e explique aos estudantes que esse folguedo está relacionado ao corte de cana-de-açúcar e apresenta a história de uma festa realizada por uma personagem chamada Capitão Marinho. A brincadeira é performática e envolve muito improviso, criatividade e uso de máscaras. O contexto principal aponta que o modo como o Capitão negocia com as demais personagens reflete uma crítica velada dos cortadores de cana da região às condições de trabalho às quais eram submetidos.

• Comente que, além da encenação, o Cavalo-Marinho conta com um momento em que todos podem dançar e brincar juntos: o Magui, um jogo dançado que ocorre antes da entrada das personagens.

• Ao apresentar a manifestação Geledé aos estudantes, explique que o festival ocorre anualmente entre os povos de origem iorubá no sudoeste da Nigéria e no Benin, na época de seca, entre os meses de março e maio, ou após eventos traumáticos como epidemias. A celebração é considerada patrimônio cultural imaterial da humanidade pela Unesco. Durante sua realização ocorre a confecção de máscaras e figurinos e a reclusão dos homens, que depois saem dançando em praça pública em homenagem às *awon iya wa*, mães ancestrais,

(Continua)

- Peça aos estudantes que observem atentamente a imagem presente na página, comparando-a à do Cavalo-Marinho mostrada anteriormente, para que possam perceber semelhanças e diferenças entre elas. Oriente-os a realizar a estratégia **Relendo** para que possam retomar os conteúdos aprendidos sobre Cavalo-Marinho e compará-los com a nova manifestação que estão conhecendo, elencando semelhanças como o uso de máscaras, figurinos e adereços.

- Depois, realizem uma leitura coletiva da imagem do espetáculo *Arlequim, servo de dois senhores*, para avaliar as respostas da atividade 1 em conjunto. Convide a turma a listar os elementos apresentados na imagem, antes da leitura das informações apresentadas na página seguinte, como máscaras, postura corporal e figurinos. Pergunte o que os estudantes podem imaginar com base na imagem: “Quem são as personagens retratadas?”; “O que elas estão fazendo?”.

- Em seguida, complemente a leitura da imagem com as informações destacadas na página 69. Nesse processo, aproveite para dialogar sobre as diferenças entre uma personagem e o ator que a interpreta. Mencione os recursos que podem ser utilizados pelos artistas da cena para dar vida às personagens, como entonação da voz, gestos, postura corporal, figurino e máscaras.


Máscara: o rosto da personagem

No teatro, geralmente, a personagem é um elemento importante na criação de histórias. Existem várias formas de criar e caracterizar uma personagem teatral: uma delas é usando máscaras!

Observe a imagem a seguir.




LAWRENCE K. HOLOSANGELES/TIMES/GETTY IMAGES
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

 Apresentação da peça *Arlequim, servo de dois senhores*, escrita por Carlo Goldoni, 2005.

RELEND

2. Possíveis respostas: A apresentação de Cavalo-Marinho ocorre em um espaço público e aberto, enquanto a apresentação de *Arlequim, servo de dois senhores*, ocorre em um palco fechado, com elementos cênicos como cenário e iluminação.

 1. Releia as suas anotações sobre a foto do folgado Cavalo-Marinho e compare-as com a imagem desta página. Que semelhanças você identifica entre as duas imagens?

 2. E quais são as diferenças?

1. Possíveis respostas: Uso de máscaras, ações e corporeidade dos atores, uso de figurinos.

Para aprofundar sua leitura da imagem do espetáculo *Arlequim, servo de dois senhores*, confira na página seguinte algumas informações sobre o uso de máscaras no teatro.

- A.** A máscara confere novo visual ao rosto de atores e atrizes. Assim, eles passam a atuar com um rosto **estilizado** pelas características específicas de sua personagem.

Em outras palavras: os atores e as atrizes precisam atuar como se as máscaras não fossem meros adereços, mas como se elas fossem os próprios rostos das personagens que estão interpretando!



Máscara teatral conhecida como **máscara neutra**.

- B.** Para dar vida a esse novo rosto, o ator precisa criar um jeito de andar, gesticular e falar. Geralmente, uma boa interpretação com o uso de máscaras só é alcançada por meio de muitos treinos e ensaios.



Atores ensaiando com máscaras de **Commedia dell'Arte** em Barcelona, na Espanha, em 2011.

- C.** Outros elementos também ajudam a compor a personagem. É o caso do figurino. Assim, combinando a máscara, o figurino e a interpretação do ator, a personagem ganha vida.

Estilizado: desenhado ou feito de modo diferente do real.

Commedia dell'Arte: manifestação teatral italiana, surgida no século 16, feita com máscaras.

- 3.** Com base na análise da imagem do espetáculo *Arlequim, servo de dois senhores* e nas informações apresentadas até agora, escreva um resumo do que você entendeu até o momento sobre as máscaras no teatro. **3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes compreendam que a máscara, no teatro, é um meio para a construção de personagens, que influencia também na interpretação dos atores e na composição com os figurinos.**



69

Amplie seus conhecimentos

• BIBLIOTECA. *Grupo Moitará*. Disponível em: <https://www.grupomoitara.art.br/> Acesso em: 22 ago. 2025.

O Grupo Moitará, referência nacional em estudos sobre a utilização da máscara no teatro, disponibiliza em seu site vídeos e textos que podem ajudar na condução dos conteúdos apresentados neste tópico.

• LECOQ, Jacques. *O corpo poético*: uma pedagogia da criação teatral. São Paulo: Sesc, 2021.

A máscara mostrada na primeira imagem da página é um exemplo de máscara neutra. Ela é um tipo de máscara feita especialmente para treinamento de atores, não costumando ser utilizada em cena. Ao anular o rosto do artista, inclusive tapando sua boca para que não fale, ela visa levar o ator e a atriz a encontrarem outras formas de atuação, para além da expressão facial e da voz. Você pode conhecer mais sobre essa e outras máscaras teatrais (como as máscaras larvais e expressivas) neste livro de Jacques Lecoq.

• Ao apresentar o significado da palavra “estilizado” e sua relação com a atuação com a máscara, explique aos estudantes que estilizar, no teatro, significa se movimentar e agir de maneira diferente da do cotidiano ao interpretar uma personagem. Por exemplo, realizando gestos e movimentos mais amplos ou exagerados, ou com um ritmo diferente do que seria feito no dia a dia (intencionalmente mais rápido ou em câmera lenta).

• Por proporcionar uma nova visualidade ao rosto do ator, o trabalho com as máscaras geralmente induz a um tipo de atuação mais estilizada, de modo que o ator consiga animar, ou seja, “dar vida” à máscara. Nesse sentido, é importante mostrar vídeos e imagens aos estudantes para que consigam compreender melhor esse conceito em movimento, em cena. Assim, vídeos das duas manifestações mostradas até então, o Cavalo-Marinho pernambucano e a *Commedia dell'Arte* italiana, são bons exemplos a serem apresentados aos estudantes. Ambas são baseadas em personagens estabelecidas pela tradição popular de seus respectivos lugares de origem, cada uma com a própria forma de se mover, falar e se relacionar com os demais.

• Na atividade **3**, utilize a estratégia de **Resumo** para levar os estudantes a sistematizarem o conhecimento apreendido sobre as máscaras no teatro. Incentive-os a compartilhar os resumos entre si, de modo a verificarem se não se esqueceram de detalhes importantes, bem como para conversarem sobre o tema.

• Proponha a leitura coletiva do texto e das imagens desta página com os estudantes, chamando a atenção para as diferenças entre as máscaras apresentadas.

• Explique que cada cultura e época tem o próprio modo de fazer teatro. É possível mencionar, por exemplo, que:

- Na Grécia antiga, o teatro era apresentado em grandes festivais competitivos, com júris selecionados para avaliar cada *performance*, e os vencedores das competições eram celebrados pelo público com grande honra.

- O teatro Nô japonês é uma tradição artística que envolve canto, música e dança. Suas máscaras são consideradas maneiras de acessar espíritos e seres antigos. Depois de vestir a indumentária e a máscara, o artista passa algum tempo se olhando no espelho, pois esperava-se que ele passasse por uma transformação, assimilando a personalidade da máscara. Nessa forma de arte, o artista faz uso de movimentos altamente estilizados para sutilmente dar vida à personagem que a máscara apresenta, com muita disciplina e cuidado.

- A *Commedia dell'Arte* é uma tradição teatral que surgiu na Itália, no século XVI, e que posteriormente se espalhou para outros locais da Europa, principalmente a França. Ela agrega diferentes gêneros de atuação e envolve improvisação a partir de situações específicas. As máscaras conformam tipos de personagens e cada personagem encena um padrão corporal específico, um modo de andar e uma postura que se torna vivo e variado graças ao trabalho dos atores.

Máscaras pelo mundo

As máscaras fazem parte da história da humanidade e estão em diversas tradições pelo mundo. Agora, vamos conhecer algumas expressões teatrais históricas em que a máscara é elemento de destaque.

As máscaras do teatro grego tinham traços exagerados que enfatizavam a emoção dos personagens. Acompanhadas de perucas e figurinos enormes, elas ajudavam a compor as mais extravagantes figuras. Suas bocas enormes auxiliavam a projetar a voz dos atores.

Máscara do teatro grego antigo.



LEFTERIS PAPAILLAKIS/SHUTTERSTOCK

O teatro Nô foi criado no Japão há aproximadamente 700 anos. As peças podem tratar da vida de guerreiros e monges ou de amores perdidos. As máscaras do teatro Nô eram esculpidas em madeira com delicadeza.

1. Resposta pessoal. O objetivo desta questão é levar os estudantes a conhecerem diferentes manifestações teatrais, ampliando o repertório cultural deles.

Máscara de teatro Nô.



FEDOR SELIMANOV/SHUTTERSTOCK

A *Commedia dell'Arte* é um teatro popular de origem italiana. Suas peças tinham como base a improvisação dos atores em torno de personagens tradicionais, como o Arlequim, a Colombina e o Pierrô. Cada uma dessas personagens tinha a própria meia-máscara e formas específicas de falar e de se movimentar.

Máscara de Arlequim, personagem da *Commedia dell'Arte*.



CLAUDIO CARDI/SHUTTERSTOCK

Meia-máscara: máscara que não cobre o rosto em sua totalidade, deixando a boca descoberta.

1. Observe novamente as máscaras retratadas nesta página. Escolha aquela de que você mais gostou e desenhe-a no seu caderno.

2. Explique aos colegas o motivo da sua escolha.

70

2. Resposta pessoal. O objetivo desta questão é levar os estudantes a refletirem sobre o motivo de suas escolhas.

- Fomente o debate sobre as diferenças entre as máscaras e as distintas relações que elas configuram entre os artistas e o público e pergunte se os estudantes conhecem outros tipos de máscara. Solicite que descrevam suas referências. Em seguida, convide os estudantes a realizarem as atividades 1 e 2. Instigue-os para que todos possam apresentar seus desenhos e argumentar sobre suas escolhas com respeito e escuta mútua.

Máscaras e folguedos no Brasil

Você conheceu o Cavalo-Marinho, um folguedo em que as máscaras são elementos fundamentais na composição das personagens. Mas existem vários outros folguedos que se utilizam de máscaras. Vamos conhecer mais dois exemplos a seguir.

Cavalcadas

Com máscaras ricamente adornadas, as Cavalcadas são muito populares na região Centro-Oeste do Brasil, principalmente no estado de Goiás, mas podem acontecer também em outras regiões. Nessas encenações, os participantes representam personagens montadas em cavalos e retratam as batalhas de cristãos e muçulmanos na Idade Média. Com esse tema, as Cavalcadas são uma mostra importante da influência da cultura portuguesa no país.



Encenação da Cavalcada de São Pedro de Catuçaba no município de São Luiz do Paraitinga, em São Paulo, em 2023.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

CESAR DINIZ/PULSAR IMAGENS

Folia de Reis

A Folia de Reis é uma expressão cultural e religiosa comum no Brasil, com mais presença nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. A celebração remete à história dos três reis magos, presentes nas religiões cristãs. Os participantes da folia costumam bater de porta em porta espalhando bênçãos, entoando canções e declamando poemas de inspiração bíblica.

Nessa festa, existe uma personagem muito importante: o palhaço, que, em geral, tem um papel semelhante ao palhaço do circo, mas com aparência diferente. O palhaço da Folia de Reis, ou Palhaço de Reis, utiliza sempre uma máscara única e assustadora. Isso confunde os espectadores, porque, apesar de ter uma aparência monstruosa, ele diverte todos com piadas, danças e atitudes inesperadas.

71

Destaques BNCC

• Ao conhecerem e apreciarem manifestações populares brasileiras, atentando ao uso de máscaras e à teatralidade presentes nelas, os estudantes desenvolvem as habilidades **EF15AR18**, **EF15AR19**, **EF15AR24** e **EF15AR25**, bem como a **Competência geral 3** e as **Competências específicas de Arte 1 e 3**.

• Questionem os estudantes se eles conhecem as Cavalcadas. Essa festa acontece no mês de maio e retrata o confronto entre mouros e cristãos. Os trajes são muito coloridos (cristãos vestem azul e mouros, vermelho) e chamam a atenção pela beleza. Comente com os estudantes que essa manifestação chegou ao Brasil com os portugueses no início do século XVI, levando-os a valorizar as matrizes culturais do Brasil, no caso, a europeia. Existem duas festas bem tradicionais: a de Pirenópolis, com origem espanhola; e a de Palmeiras de Goiás, de tradição portuguesa, ambas com banda de música tocando composições típicas da cavalaria.

• Sugira a leitura coletiva da página. Solicite aos estudantes que conversem com adultos e familiares sobre a Folia de Reis e proponha que cada um traga informações a respeito do que ouviu. Caso nenhum estudante tenha vivenciado uma celebração de Folia de Reis ou Cavalcada, se

(Continua)

(Continuação)

possível, leve imagens ou vídeos para serem vistos em sala de aula. Chame a atenção dos estudantes para a figura mascarada do palhaço e para sua interação ambivalente com o público, podendo assustar ou divertir.

• Explique aos estudantes que, na Folia de Reis, o palhaço é considerado um ser mágico que abençoa doentes e reza pelas pessoas que desejam ajuda divina. Dessa forma, ele questiona o que é considerado bom e mau.

Amplie seus conhecimentos

• **PARTICIPAÇÃO** popular: Folia de Reis. *TV Câmara*, 6 jan. 2025. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/1128173-participacao-popular-folia-de-reis/>. Acesso em: 22 ago. 2025.

No vídeo, é possível ter acesso a um episódio do programa *Participação Popular*, exibido pela TV Câmara, com a temática da Folia de Reis. O programa convida uma

antropóloga e um participante de Folia de Reis para comentar o tema proposto, de forma que o vídeo pode servir como preparação para a condução da página, bem como ser incorporado à aula e mostrado aos estudantes, já que traz imagens de máscaras utilizadas na Folia de Reis.

Destaques BNCC

• Ao explorarem diferentes materialidades para confeccionarem uma máscara destinada à criação de uma personagem teatral, os estudantes exploram a integração das linguagens das artes visuais e do teatro e desenvolvem a **Competência geral 4**, as **Competências específicas de Arte 2, 4 e 8** e a habilidade **EF15AR23**. No decorrer do processo, ao explorarem as materialidades e os elementos constitutivos dessas linguagens, desenvolvem também as habilidades **EF15AR02**, **EF15AR04** e **EF15AR19**.

• Enfatize que a máscara desafia o ator a encontrar outros modos de interpretação. Para que os estudantes vivenciem o desafio de encontrar modos de interpretação para diferentes máscaras, proponha a atividade a seguir.

• Siga as orientações presentes na atividade 1. Auxilie os estudantes na utilização da tesoura com pontas arredondadas para picarem os jornais, evitando riscos e garantindo sua segurança.

• Solicite que encham o balão em um tamanho que fique próximo ao tamanho do rosto e o amarrem. Auxilie no processo de inflar a bexiga e de passar as primeiras camadas de papel com cola escolar. Nesse momento, é necessário que os estudantes comecem com pinceladas leves para que o balão não estoure.

• O jornal deve ser picado em aproximadamente 5 cm x 5 cm. Oriente os estudantes a aplicarem cola nos papéis com pincel e, em seguida, colarem os pedaços de papel sobre o balão. É importante que não sobrem partes levantadas sem colar, pois isso prejudicará o resultado. Ao fina-

lizarem a primeira camada, oriente-os a passar uma camada de cola escolar com o pincel e, em seguida, aplicarem a segunda camada de papel picado. Explique que é preciso fazer de duas a quatro camadas. Quanto mais camadas, mais firme ficará a máscara depois de seca.

• Oriente os estudantes a colarem de duas a três camadas de jornal para que a máscara fique firme (se necessário, aplique mais uma).

ATIVIDADE

1. Respostas pessoais. Esta atividade leva os estudantes a realizarem a ação educativa de **imaginar** e as ações educativas para artes visuais de **executar**, **modelar**, **pintar**, **recortar** e **perfurar**. Confira como conduzir esta atividade nas **orientações ao professor**.
Faça as atividades no caderno.

1. Aprendemos bastante sobre máscaras, não é mesmo? Agora, que tal fazer uma para você? Imagine uma personagem teatral e execute as etapas a seguir para criar uma máscara.

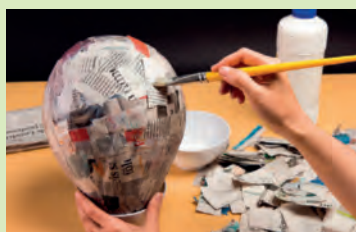
MATERIAIS

- folhas de jornal
- barbante
- tinta guache
- caneta hidrocor
- tesoura com pontas arredondadas
- balão de festa
- cola escolar
- pincéis
- lápis grafite
- pote de plástico

A. Corte as folhas de jornal em tiras e coloque a cola no pote de plástico. Encha o balão até que ele fique um pouco maior do que sua cabeça.



B. Encha o balão, passe a cola nos pedaços de jornal com o pincel e cole-os um por um. Repita o processo colando várias camadas de jornal.



C. Enrole pedaços de jornal e molde-os para dar forma ao nariz, às sobrancelhas ou a outro detalhe que você quiser criar.



- D.** Após a cola secar, estoure o balão e retire-o de dentro da estrutura da máscara.



- E.** Com a tesoura, corte a estrutura ao meio, na direção vertical.



- F.** Com a ajuda de um colega, coloque a máscara no rosto para marcar os locais onde devem ficar os olhos e a boca. Depois, recorte nas marcações.



- G.** Cubra totalmente a máscara com tinta guache branca. Em seguida, pinte do modo que preferir. Depois que a tinta secar, fure as laterais com a ponta do lápis e amarre o barbante. Pronto! Você já tem a máscara da sua personagem.



FOTOS: JOSÉ VITOR ELORZA/ASC IMAGENS

Mais estratégias

Para a etapa da retirada do balão de dentro da máscara, peça aos estudantes que avisem uns aos outros quando forem estourar a bexiga, para evitar sustos ou problemas. Se necessário, cubra a máscara com algum tecido para abafar o barulho e não prejudicar estudantes que tenham hipersensibilidade ao som. Nesse caso, tenha o cuidado de não aplicar muito peso para não amassar a máscara.

- Explique aos estudantes que, para passar diferentes camadas de tinta, é necessário que cada camada seque por completo para que a próxima seja iniciada.

- Para os detalhes, pergunte aos estudantes quais são os elementos presentes no rosto. Deixe que façam os detalhes livremente, como lábios, nariz, sobrancelhas e bochechas. Além do nariz e das sobrancelhas, os estudantes podem usar a criatividade e fazer orelhas, lábios e acessórios.

- Auxilie os estudantes a fazerem a marcação dos olhos e da boca e a recortá-los. Como a máscara endurece depois de seca, é possível que seja preciso utilizar uma tesoura com pontas arredondadas. Nesse caso, realize esse procedimento para os estudantes.

- Após a confecção da máscara, peça aos estudantes que observem atentamente seus detalhes. Solicite que

(Continua)

(Continuação)

observem a si mesmos, em um espelho, vestindo-as. Peça aos estudantes que experimentem várias configurações corporais, experimentando posições de coluna, cabeça, pernas e ombros, de modo a descobrirem diferentes nuances de interpretação. Questione como eles farão para o rosto estático da máscara parecer alegre, bravo ou assustado. Oriente-os a experimentar diferentes gestos e movimentos, preparando-se para a proposta da seção **Para fazer juntos**.

Objetivos

- Levar os estudantes a compreenderem na prática como a máscara interfere na movimentação.
- Experimentar a realização de ações com o uso da máscara confeccionada.
- Criar uma personagem com base na máscara confeccionada.
- Realizar uma apresentação teatral utilizando os conhecimentos sobre máscara adquiridos ao longo da unidade.

Destaques BNCC

- Ao utilizarem a própria máscara como elemento cênico, explorando diferentes gestos, movimentos e entonações vocais para criar uma personagem com ela, os estudantes desenvolvem as habilidades **EF15AR19**, **EF15AR20**, **EF15AR21** e **EF15AR22**.

Amplie seus conhecimentos

- CAVASSIN, Juliana. Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica. *Revista Científica/FAP*, Curitiba, v. 3, p. 39-52, jan./dez. 2008.

No artigo indicado, é possível encontrar informações e debates sobre a importância e os campos de atuação da pedagogia do teatro na educação formal (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior).

- Caso a sala de aula não tenha uma configuração adequada à atividade, reserve com a diretoria da escola um espaço alternativo para sua realização, como a quadra poliesportiva ou o pátio.
- Organize a turma em dois grupos. Um deles experimentará a máscara que construiu, buscando compor as características físicas e a personalidade da persona-

gem, enquanto os demais assistem. Depois, os papéis se invertem.

- Nesta etapa de composição, oriente os estudantes a descobrirem como suas personagens olham. Chame a atenção para o fato de que os espectadores não veem os olhos dos atores, mas os olhos da máscara. Desse modo, não basta que eles olhem para algo ou alguém, pois precisam indicar ao espectador para o que estão olhando. Nesse sentido, é comum dizer que a maior parte das máscaras não “olha” as coisas com os olhos, mas com o nariz.
- Em seguida, peça-lhes que caminhem pela sala de aula de maneiras diferentes, de modo a encontrarem a forma de caminhar da personagem.

Por exemplo, caminhar com pernas muito abertas ou arqueadas, andar apoiando-se apenas nas bordas externas dos pés ou somente com os metatarsos, ou mudar a posição da coluna durante a caminhada.

Mais estratégias

- Oriente os estudantes na realização dos movimentos de modo a garantir sua segurança, auxiliando-os e evitando que realizem posturas arriscadas. Caso haja estudantes com deficiência ou outras condições que tragam prejuízos à mobilidade, personalize a atividade, propondo movimentos alternativos.



Criando uma personagem

Com os colegas, imagine que as máscaras que vocês criaram na atividade anterior são os rostos de personagens teatrais. Não seria legal se, além das máscaras, as personagens tivessem outros elementos do figurino, como roupas e adornos? E como as personagens poderiam se mexer e se comportar? Vamos pensar nisso juntos.

Primeiro, leiam algumas etapas que vocês podem seguir com as orientações do professor para criar a personagem. Depois, coloquem a mão na massa!



O primeiro passo é transformar a sala de aula em uma sala de ensaio. Afastem as mesas e cadeiras, deixando espaço para a turma toda se movimentar.



Coloquem suas máscaras. Lembrem-se de prendê-las bem para que não se soltem enquanto vocês se movimentam.



Olhem para a direita, depois para a esquerda, para cima e para baixo. Podem fazer isso quantas vezes quiserem, de várias formas diferentes, para saber o que vocês enxergam com a máscara. Vocês conseguem ver bem ou a máscara diminui o campo de visão?



Hora de agir! Vamos nos movimentar bem devagar. Experimentem mexer a cabeça, o pescoço, os braços, o tronco, o quadril, as pernas e, por último, o pé. Só depois de começar a movimentar os pés é que vamos caminhar. Comecem andando bem lentamente.



5

Depois de experimentarem diferentes movimentos com a máscara, sigam as instruções do professor, executando as ações que ele pedir.

6

Agora, cada um deve escolher o modo de se movimentar e de falar que a personagem vai ter. Depois, formem duplas para, juntos, criarem uma pequena cena para vocês **dramatizarem**, interpretando as personagens. Sigam as orientações do professor para estabelecer o teor dessa cena. Depois, ensaiem o que definiram atentando para as características escolhidas.

7

Vocês podem escolher nomes para as personagens. Olhem para suas máscaras, observem-se no espelho com ela e encontrem um nome que combine. Pensem em algo bem criativo!

8

Em casa, escolham roupas que combinem com as máscaras e as personagens de vocês. Podem decidir entre roupas simples ou extravagantes.

Agora é com vocês. Respostas pessoais. Esta atividade leva os estudantes a realizarem a ação educativa atitudinal de autoavaliar-se; e as ações educativas comportamentais de teatro de movimentar, olhar, falar, interpretar, dramatizar, registrar, criar e explorar a relação entre recursos digitais e teatro.

AGORA É COM VOCÊS

Dramatizarem: representar algo com elementos do teatro, como movimento, expressão facial, voz, entre outros.

Depois de escolherem os nomes das personagens, as roupas delas e os movimentos que fazem, apresentem-se à turma. Uma dupla de cada vez vai contar como foi criar a cena.

Vocês podem aproveitar tecnologias digitais para registrar as apresentações em vídeo, a fim de assistirem a elas e se autoavaliarem depois.



THAMIRIS PAREDES/ARQUIVO DA EDITORA

75

(Continuação)

estão preparando, mas a casa ainda está uma bagunça.”; “Vocês acabaram de achar um baú do tesouro, mas não sabem como abrir.”; “Vocês querem dormir, mas toda hora há algo fazendo barulho no quarto.”.

• Após os grupos realizarem uma primeira improvisação com base na situação dramática escolhida, oriente-os a repetir os momentos que acharam mais interessantes. Oriente-os a organizar esses momentos em uma sequência com começo, meio e fim para que possam ensaiar.

• Os estudantes devem ensaiar em casa e preparar cenas baseadas nas personagens. Oriente-os a conduzir esse trabalho tendo como referência as características físicas e psicológicas que compuseram. Instigue os estudantes a criarem as cenas a serem apresentadas. Em seguida, peça-lhes que as escrevam, com o objetivo de ajudar a organizar a ação do grupo. No dia da apresentação, antes de assistirem às cenas, promova uma dinâmica semelhante à descrita anteriormente para que possam retomar, no corpo, essas personagens.

• Se julgar conveniente, proponha que apresentem as encenações a outras turmas da escola. Para isso, organize um cronograma em comum acordo com a direção escolar e os demais professores.

• Após as apresentações, oriente os estudantes a avaliarem o próprio processo de criação, compartilhando suas dificuldades, o que fizeram para solucionar os problemas encontrados e os aspectos que mais os interessaram.

• Depois que o primeiro grupo finalizar a experimentação, promova um debate entre eles e o grupo que assistiu. Desenvolva, então, a mesma dinâmica descrita anteriormente com o segundo grupo.

• Sugira aos estudantes que experimentem também falar ou realizar sons com a voz, questionando que sons essa personagem faz, como respira, qual é o timbre e a altura de sua voz etc.

• Dê uma tarefa de simples execução, como coletar pedras, ao grupo que está experimentando a máscara. Conforme os estudantes desenvolvem a atividade, proponha desafios em que eles precisem utilizar a imaginação para realizarem ações com a máscara, como pular uma poça de água ou caminhar em um chão muito quente, entre outras. Oriente-os de modo que, por meio das reações a esses estímulos, possam encontrar as características que compõem tanto o físico como a personalidade da personagem.

• Após os estudantes experimentarem atuar com as máscaras, peça-lhes que se organizem em grupos de quatro a cinco integrantes. Para que possam desenvolver as cenas a serem criadas, você pode propor algumas situações dramáticas nas quais os estudantes possam improvisar com base na personagem que estão criando. Dê sugestões como: “Há convidados prestes a chegar para um banquete que vocês

(Continua)

- Leia coletivamente com a turma os textos das páginas **76 a 79**. Em seguida, convide os estudantes a contarem as experiências que já tiveram com a linguagem teatral, seja como público, seja participando ativamente na produção. Retome assuntos já conversados anteriormente. Chame a atenção para a relação entre as festividades e as artes de diversos tipos, em diferentes culturas e períodos históricos. Peça aos estudantes que descrevam as imagens apresentadas nesta página e imaginem o que as pessoas representadas estão fazendo.

- É importante salientar que pesquisadores, arqueólogos e historiadores consideram que determinadas culturas antigas já apresentavam práticas de artes da cena com base em documentos escritos ou imagens antigas encontradas e restauradas. Os pesquisadores compõem uma noção de como eram essas práticas tendo como referência tais indícios, textos, imagens e objetos e é muito difícil saber exatamente como essas práticas eram.

- Comente com os estudantes que o autor do *Vaso de Pronomos* é um artista da Grécia antiga conhecido como "Pintor de Pronomos". No vaso, estão representados artistas se preparando para entrarem em cena, sob o olhar das divindades Dionísio e Ariadne.


- As peças, comédias ou tragédias, eram encenadas por um a três atores que interpretavam os papéis principais e se relacionavam com o coro, que era formado por 12 cidadãos que contracenavam com os protagonistas, cantando e dançando. A importância do texto na *performance* era fundamental. Os autores e poetas gregos impactaram profundamente o teatro e as culturas ocidentais.

O teatro é uma festa!

O Cavalo-Marinho, as Cavalhadas, a Folia de Reis e o Geledé: todas essas manifestações que estudamos estão ligadas a festas. E isso não é por acaso. Em muitas culturas, o teatro nasceu como parte de festas comunitárias ou religiosas.

Segundo alguns historiadores, a relação entre teatralidade e festa já existia em várias civilizações da Antiguidade. No Egito antigo, por exemplo, existiam celebrações em que se encenavam passagens da vida de Osíris, que, para os egípcios, era o deus da vegetação e do mundo dos mortos. Na Mesopotâmia, também existiam celebrações com encenações em homenagem a deuses, como no Festival de Akitu, o Ano-Novo dos babilônicos, em que era encenado o mito da criação do mundo.



 Detalhe de pintura no *Vaso do Pronomos*, obra grega do século 4 a.C., representando artistas se preparando para entrar em cena. Acervo do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, na Itália.

Uma das manifestações mais importantes para o desenvolvimento do teatro como o conhecemos hoje aconteceu na Grécia antiga. Lá, o teatro também surgiu no contexto de festas religiosas, principalmente as celebrações dedicadas a Dionísio, o deus do vinho e da natureza. Essa festa durava vários dias e era repleta de música e dança, além de encenações.

Com o tempo, o teatro na Grécia antiga foi ganhando cada vez mais vida própria. No início, era parte de uma festa pública, mas com o tempo se tornou uma forma artística mais organizada, envolvendo atores, coro, máscaras e figurinos.

Desde a época em que era dedicado a Dionísio, o teatro da Grécia antiga se desenvolveu em dois gêneros principais: a comédia e a tragédia. Eles existem até os dias de hoje.

A **comédia** é um tipo de peça de teatro em que há uma personagem engraçada que critica os costumes das pessoas e faz o público rir. A comédia geralmente tem um final alegre, com festas, banquetes e casamentos.



LUIZ DORO/NETO/ARQUIVO DO FOTOGRAFO

■ Apresentação da peça *Totalmente pastelão*, comédia interpretada pelo grupo Parlapatões, na cidade de São Paulo, em 2015.

Já a **tragédia** é um gênero teatral em que a personagem principal enfrenta grandes dificuldades, passando por acontecimentos que não consegue controlar. A tragédia muitas vezes tem um final triste, às vezes até com a morte da personagem principal.



CHARLY MORLOCK/SHUTTERSTOCK

■ Apresentação da peça *Dionísio*, tragédia interpretada pela companhia de Rafael Amargo, em Mérida, na Espanha, em 2019.

1. Você se lembra de alguma peça teatral ou de um filme que seja uma comédia? E que seja uma tragédia? Converse com os colegas sobre o assunto. 1. Resposta pessoal. O objetivo desta questão é levar os estudantes a refletirem sobre as produções dramáticas com as quais já tiveram contato e associá-las aos gêneros teatrais em questão.

77

- Explique aos estudantes que a comédia era considerada um gênero literário de menor prestígio do que a tragédia, visto que esta contava as histórias dos deuses e heróis, enquanto a comédia tratava do ser humano comum, porém durante uma comédia era possível desafiar autoridades e deuses, rir com a plateia e interagir com o público.
- Os gregos acreditavam que um bom autor trágico não seria um bom autor cômico. Os atores e as máscaras de cada um desses gêneros eram específicos. Embora fossem apresentadas nos mesmos festivais, as peças eram encenadas em dias diferentes, criando um contraste ainda maior entre um gênero e outro.
- Convide os estudantes a pensarem em narrativas, peças, performances, filmes e séries que sejam cômicas ou trágicas. Peça-lhes que descrevam as características que mais chamam a atenção deles e as diferenças entre elas.
- A própria palavra **tragédia** ajuda a compreender essa relação do teatro com a festa. As palavras gregas antigas que deram origem a esse termo são **tragos** (que significa “bode”) e **ode** (que significa “canto”). O termo **tragédia** significa “canto ao bode”. Em um dos mitos que contam o nascimento da tragédia, Dionísio presenteou o herói Icário, ensinando-o a cultivar vinhas. Porém, um dia, as videiras de Icário foram comidas por um bode. Como punição por ter destruído o presente divino, o herói sacrificou o animal em honra ao deus e, sobre seu couro, deu uma enorme festa. Desde então, na Grécia, o culto a Dionísio passou a ser associado a esse animal e às festividades repletas de cantos e danças.

• O teatro na Grécia antiga era uma ferramenta pedagógica, pois abordava temas polêmicos de cunho moral e social, além de questões políticas. Também era utilizado como ferramenta para a propagação das histórias dos deuses mitológicos, promover reflexões acerca das escolhas diante de perdas, luto, decisões difíceis e dolorosas em face do destino humano e para mostrar como o mundo se organizava com base na mitologia.

• Os resquícios de um dos teatros gregos mais antigos estão na cidade de Atenas, no local onde estava situado um templo ao deus Dionísio. Ele foi construído na face de uma colina, favorecendo a reverberação sonora. O local abrigava festivais dedicados ao deus com peças, jantares e procissões que ocorriam durante a temporada de navegações e atraíam pessoas de toda a Grécia. A área circular reservada para o público chegava a comportar milhares de pessoas e no centro da arena ficavam os locais destinados ao coro e ao palco. As ruínas arqueológicas do teatro mostram muitas transformações sofridas pelo uso do espaço ao longo dos séculos. O lugar era palco para reuniões políticas, usado para votar leis e depois foi transformado em arena de jogos. Durante a Idade Média, o teatro foi esquecido, as ruínas de sua estrutura de pedra foram reencontradas no século XVIII e depois seus detalhes foram restaurados. Os elementos restaurados desse teatro, assim como as peças clássicas e suas reverberações ao longo dos séculos documentam as origens do teatro grego.

Os antigos gregos também passaram a construir locais especialmente concebidos para encenar peças teatrais. Eram teatros ao ar livre, com grandes arquibancadas.

Conheça mais sobre isso a seguir.

Imagens sem proporção entre si

O teatro na Grécia antiga



Ilustração elaborada com base em: BERTHOLD, Margot. *História mundial do teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

78

Saberes integrados

Ao abordar a estrutura física do teatro grego, é possível integrar o componente de **Arte** ao de **Geografia**, chamando a atenção dos estudantes para o modo como o conhecimento acerca do espaço geográfico da região em que moravam possibilitou aos gregos aproveitarem as características montanhosas do local para que pudessem construir seus teatros da forma como o conhecemos.

Também promova uma integração com **História** para trabalhar o tema contemporâneo transversal **Diversidade cultural**, ressaltando como o estudo de fontes históricas diversas, como textos, construções, artefatos e ruínas, permite conhecer as características de civilizações passadas, valorizando e se apropriando de seus saberes.



O círculo central do teatro era chamado de orquestra. Nesse espaço, atuava o coro, um grupo de atores que podia cantar, dançar e falar em conjunto. O coro ajudava a contar a história, comentava os acontecimentos e conversava com as personagens.



Atrás da orquestra, havia a *skene*, uma construção que representava locais públicos, como templos e palácios. Nela, atuavam as personagens principais da peça, mas também podiam aparecer personagens secundárias.



Os teatros gregos eram construídos próximos a colinas, onde ficavam as arquibancadas. Essa disposição ajudava na propagação do som. Além disso, as apresentações ocorriam a céu aberto, aproveitando a luz do dia.

- Explique aos estudantes que os espaços dos teatros gregos costumavam ser construídos em encostas de montanhas onde era possível aproveitar a estrutura em declínio para as arquibancadas, montando o palco no nível mais baixo.
- Pergunte aos estudantes se eles já estiveram em algum teatro em que o palco fica no nível mais baixo da arquibancada e explique que ainda hoje teatros e conchas acústicas, em espaços abertos, costumam ser montados aproveitando para que a própria estrutura amplie o som do palco.
- Verifique se na cidade onde você e os estudantes vivem há algum teatro ou concha acústica em praça pública e organize junto à direção da escola uma visita da turma a esse espaço. Se for possível realizar o passeio, sugira aos estudantes que, ao chegarem ao espaço, sentem-se nas arquibancadas e, um de cada vez, vá ao palco falar uma frase (que você pode escolher previamente) para que eles tenham a experiência de verem, serem vistos, ouvirem e serem ouvidos em um palco ao ar livre.

2. Você já viu alguma construção semelhante à de um teatro grego?

Que construção era essa e qual é a finalidade dela? 2. Resposta pessoal. O objetivo desta questão é levar os estudantes a refletirem sobre a influência do teatro grego, não só nos gêneros dramáticos, mas também na configuração dos anfiteatros, que foram construídos ao longo do tempo nos mais diversos lugares do mundo.

Destaques BNCC

- Ao promover um debate sobre a peça teatral de Fátima Ortiz, desenvolvem-se as **Competências específicas de Arte 1 e 4**.

- A criação de um trabalho colaborativo para a construção de processos narrativos dialoga com as habilidades **EF15AR18**, **EF15AR20** e **EF15AR21**.

- Para a realização das atividades **1 e 2**, sugira inicialmente a leitura individual do texto da peça *Roda dos sonhos*, de Fátima Ortiz. Em seguida, realize uma leitura coletiva do mesmo texto com voluntários. Sugira uma ordem de leitura com os estudantes voluntários para que eles saibam exatamente que frase será lida em voz alta por cada um.

- Faça perguntas sobre o texto e incentive os estudantes a comentarem suas compreensões sobre as ações das personagens e as situações apresentadas na cena. Ao apresentar cada personagem, você pode fazer um jogo de desenhar na lousa cada uma delas com base nas características sugeridas pelos estudantes.

ATIVIDADES

Faça as atividades no caderno.

1. Muitas peças teatrais da Grécia antiga eram encenadas com base em textos escritos. Até hoje, na maioria das vezes, o teatro utiliza textos que são ensaiados e interpretados por atores e atrizes. Leia a seguir um texto teatral escrito por Fátima Ortiz (1953-).

[...]

RHAVI – Nossa. Que cheiro fresquinho. E que ar levinho! O vento passou por aqui e deixou um cheiro de chuva no ar. Está sentindo, mãe?

(A VOZ DA MÃE É A DA AMIGA QUE INTERAGE NA BRINCADEIRA, SEM DEIXAR O SEU ESPAÇO)

MÃE – Está chovendo em algum lugar.

RHAVI – Claro! Mãe, o mundo é tão grande, é claro que deve estar chovendo em algum lugar.

MÃE – Mas acho que está chovendo em algum lugar aqui por perto.

RHAVI – Eba! Então, logo a chuva vai chegar aqui! (TROVOADAS)

MÃE – Sinta o cheiro de chuva, filhote. Sinta o calor do vento. Ih! Lá vem temporal.

(O MENINO BRINCA COM SEUS MOVIMENTOS)

RHAVI – Vento, ventinho, ventão! Traga o raio e o trovão! Olhe, mãe. As cortinas estão rodopiando de alegria. E os passarinhos já voltaram para os ninhos. E o nosso cachorro já se escondeu debaixo da cama. E as formigas no quintal estão correndo maluquinhas de volta para o formigueiro. Nossa, mãe! Que cheirinho bom é este?

MÃE – (APARECE UMA TIGELA CHEIA DE PIPOCA) É da pipoca quentinha.

RHAVI – (PEGA A TIGELA) Sabia, mãe, que a chuva e a pipoca foram inventadas no mesmo dia?

MÃE – Sabia sim, filhote. E os livros também. (APARECE UM LIVRO BEM FELIZ) Os livros adoram os dias de chuva, sabia?

(OUVE-SE UM SUPERTROVÃO)

RHAVI – (ABRINDO O LIVRO) E o avô? O avô também foi inventado num dia de chuva?

[...]

AVÔ – Sou amigo do Sol... Mas gosto muitíssimo da chuva também. Cada pinga de chuva é uma gota de alegria. E quando a chuva vira temporal, eu fico alegríssimo, empolgadíssimo e faceiríssimo!

RHAVI – Vovô, conta uma história para mim?

MÃE – Preciso sair para trabalhar. Ih! Cadê minha sombrinha?

RHAVI – Isso. A história de uma sombrinha perdida. Você sabe, vovô?

MÃE – Vocês viram a minha sombrinha florida por aí?

RHAVI – Ela nunca acha a sombrinha.

AVÔ – Não acredito. Você perdeu a sombrinha de novo, minha filha? Onde? Quando? Por quê?

MÃE – Porque estava chovendo e, de repente, saiu um sol tão bonito! E eu larguei minha sombrinha florida sabe-se lá onde. Ai, ai, ai. Eu vou me atrasar.

RHAVI – Mãe, leva a sua capa de chuva. Assim você não se atrasa.

MÃE – Isso mesmo. Boa ideia. Valeu, filhote. E vocês dois, juízo, hein? Fechem as janelas! Um beijo para cada um. Tchau, eu volto logo!

RHAVI – Manhêee! Você sabia que as casas também foram inventadas num dia de chuva?

MÃE – É mesmo, filhote?

RHAVI – É sim, né, vovô?

(RELÂMPAGOS E TROVÕES. O AVÔ ABRE O LIVRO)

AVÔ – É, sim. As casas foram inventadas num dia "chovidíssimo". Veja aqui no livro as ocas de uma pequena aldeia. Ocas são casas antiquíssimas, sabia?

E olhe só quantas flores! Lindíssimas, não acha?

[...]

ORTIZ, Fátima. Na roda dos sonhos: teatro para crianças. *Scripta Uniandrade*, Curitiba, v. 18, n. 3, 7 dez. 2020. p. 425-452.

2. Forme grupos com três integrantes e releiam o texto de Fátima

Ortiz em voz alta, cada um representando uma personagem. Para dramatizar a leitura, criem entonações de voz e gestos corporais para cada fala. Depois que as falas estiverem bem ensaiadas, apresentem para a turma.

1 e 2. Respostas pessoais. Estas atividades levam os estudantes a realizarem as ações educativas comportamentais de teatro de **dramatizar, emitir sons e ler**.

81

- Depois de organizar a turma em trios, instigue a atenção dos estudantes para a postura corporal, as entonações de voz e o modo de organizar o diálogo espacialmente durante a leitura. Enfatize a importância da ocupação do espaço cênico, proponha uma delimitação de um espaço na sala de aula onde os grupos vão se apresentar e envolva os estudantes na escolha e preparação desse lugar, retomando as características do teatro de Atenas.

- Explique aos estudantes que a atividade propõe a dramatização da leitura, o que significa que eles não precisam decorar o texto. Eles devem decidir quem vai ler as falas de cada personagem e depois ensaiar juntos para que a leitura se torne fluida, como uma conversa.

- Comente com os estudantes que, para dramatizar essa leitura, eles podem experimentar possibilidades para descobrir que tipo de voz tem cada personagem. Sugira que eles se perguntem: "Como será a intensidade da voz dessa personagem?"; "Ela tem uma voz grave ou aguda?"; "Essa personagem parece estar contente com a situação?"; "Como é possível demonstrar isso ao realizar a leitura?".

- Reserve um tempo para que os estudantes possam fazer essas experimentações e ensaiar a leitura em grupo. Para isso, é importante que os grupos não fiquem tão próximos uns dos outros.

- Após as apresentações, convide os estudantes para uma roda de conversa para dialogarem e avaliarem os processos de criação experimentados neste tópico. Encoraje a turma a colocar dúvidas e dificuldades, demonstrando a importância da escuta e do diálogo para os processos de aprendizagem coletivos.

Objetivos

- Identificar o ato de animar algo inanimado como o que caracteriza o teatro de animação.
- Reconhecer diferentes exemplos de teatro de animação.
- Observar diferentes manifestações da teatralidade.

Destaques BNCC

- Conhecer e apreciar modalidades de teatro de animação de diferentes regiões do mundo possibilita aos estudantes o desenvolvimento da **Competência geral 3** e da habilidade **EF15AR18**.

Atividade preparatória

- Explique aos estudantes que animar, no teatro, significa mover e dar aparência de vida a algo inanimado. Para tornar esse conceito mais compreensível para os estudantes, proponha que eles coletem bonecos que eventualmente tenham em casa e os levem para a sala de aula. No dia combinado, oriente-os a manipular esses bonecos de modo a dar a impressão de que eles estão realizando movimentos e ações específicas, como andar, sentar, levantar, olhar para os lados etc. Após a experiência, apresente vídeos de teatro de animação para que eles possam identificar semelhanças com as ações que acabaram de realizar.

- Antes de iniciar a leitura da página, percorra as imagens das páginas **82** e **83** com os estudantes e peça-lhes que descrevam os elementos que elas têm em comum. Pergunte se eles imaginam qual será o conteúdo trabalhado neste tópico.
- Após a leitura do texto principal e dos boxes, pergunte aos estudantes se eles já assistiram a algum espetáculo teatral do gênero animação e, caso alguém diga que sim, peça que conte como foi a experiência.

O TEATRO DE ANIMAÇÃO

Como vimos anteriormente, as máscaras podem ganhar vida com o trabalho do ator. No teatro, é comum que outros elementos inanimados também sejam transformados em personagens, como bonecos, objetos e até sombras! Esse tipo de teatro: é o teatro de animação.

Esse gênero teatral tem origens muito antigas. Na Índia, por exemplo, o teatro de sombras já era praticado há mais de 2 mil anos. Mas o teatro de animação faz parte, até hoje, de muitas outras culturas pelo mundo. Confira algumas dessas manifestações a seguir.

Teatro de sombras

O teatro de sombras está dentro do gênero teatro de animação, pois consiste em projetar sombras representando personagens e objetos. Alguns países asiáticos, como a China, têm longa tradição nesse tipo de teatro.



■ Apresentação de teatro de sombras chinês em Dingxi, na China, em 2020.

Bunraku

Outra forma muito conhecida de teatro de animação é feita com bonecos. Eles podem ser de tipos variados. O *Bunraku*, por exemplo, é um boneco de origem japonesa de manipulação direta, ou seja, feito para ser manipulado pelas mãos do artista.

■ Apresentação de *Bunraku*, teatro de bonecos japonês, em Quioto, no Japão, em 2023.



- Explique que o teatro de sombras chinês é um dos mais antigos de que se tem registros e os bonecos são ricos em detalhes.
- Na imagem mostrando uma cena do teatro japonês *bunraku*, é possível ver os atores manipuladores com roupas pretas ao fundo e ao lado do boneco. Essas vestimentas servem para que o foco dos espectadores fique nos bonecos, que de forma contrastante com os atores são muito coloridos. Explique que as peças de *bunraku* costumam retratar lendas e histórias épicas japonesas, representando tempos passados.

Marionetes

Os bonecos também podem ser manipulados de maneira indireta, por meio de cordas ou varetas. No caso das marionetes, comuns em países europeus, a manipulação é feita utilizando cordas.

A **titereira** turca Ezgi Nalbantoglu manipulando uma marionete em Bursa, na Turquia, em 2024.



SALHA NUR KOKSAL/ANADOLU/GETTY IMAGES

Titereira: artista que dá vida a títeres, ou seja, bonecos manipulados com as mãos, cordas ou varetas.

Roi nuoc

Como exemplo de bonecos manipulados por varetas, há o *roi nuoc*, uma tradição de teatro de bonecos do Vietnã que é apresentada na água. Nas apresentações, os titereiros ficam ocultos atrás de uma cortina enquanto manipulam os bonecos, que atuam sobre a água.

Apresentação de *roi nuoc* em Hanói, no Vietnã, em 2018.



NHAC NGUYEN/AF/PI/GETTY IMAGES

Wayang golek

Bonecos também podem combinar diferentes formas de manipulação. Um exemplo é a tradição dos *wayang golek*, da Indonésia, bonecos de madeira ricamente adornados. Para manipular os *wayang golek*, os titereiros seguram os bonecos com uma mão, escondendo-a dentro do figurino da personagem, enquanto usam a outra mão para manipular varetas finas que movimentam os ombros e os braços.



AFRIANDI/MOMENT/GETTY IMAGES

Artesão indonésio manipulando bonecos de *wayang golek* em Bogor, na Indonésia, em 2021.

- A respeito do teatro de animação, leia o trecho a seguir.

[...]

O teatro de animação inclui máscaras, bonecos, objetos. Cada um em separado pertence a um gênero teatral e, quando heterogeneamente misturados, adquirem características próprias e constituem o teatro de formas animadas.

Forma é um termo genérico usado aqui para expressar a materialização de uma ideia. Forma enquanto volume ou enquanto imagem linear. As formas podem ser bonecos e máscaras, como podem ser objetos naturais ou construídos pelo homem e com determinadas funções de movimento. O movimento é a base da animação, pois é preciso ter-se sempre a ilusão de uma ação executada durante o ato da apresentação, sem o que não existe o ato teatral.

As máscaras representam entidades ou tipos. Os seus movimentos, ligados ao corpo do ator, são limitados; nela importa mais seu conteúdo visual do que a ação que executam, mas os seus movimentos lentos e sutis, intencionais e nunca aleatórios, são fundamentais para que se tornem objetos dramáticos.

Os bonecos, esses já são mais complexos e têm possibilidades enormes de ação. Representam, por isso, melhor o homem ou o animal, podendo refletir também o reino vegetal e mineral.

Máscaras e bonecos são rostos perdidos em busca de um corpo ou são seres em busca de alma. Expressam ideias.

Os objetos contêm energias e são símbolos. O objeto no teatro é alquimia. Dramatizar com objetos é a arte de transformá-los, implica criar personagens, aparentemente vivos, através de suas transformações e movimentos.

[...]

AMARAL, Ana Maria. *Teatro de formas animadas*. São Paulo: Edusp, 1991. p. 18-19. (Coleção Texto & Arte).

Destaques BNCC

- Conhecer, apreciar e experimentar diferentes gêneros de teatro de animação permite o desenvolvimento da habilidade **EF15AR18**.

- Ao entrarem em contato com diferentes práticas teatrais por meio da fruição das diversas formas de teatro de objetos, como a mostrada pela Cia. Truks, os estudantes desenvolvem a **Competência geral 3**.

- Ao conhecerem formas tradicionais de criação teatral, com diferentes tempos e espaços como fenômenos culturais, os estudantes desenvolvem a **Competência específica de Arte 1**.

- Para despertar a curiosidade dos estudantes pelo tema destas páginas, organize uma apresentação de pequenos vídeos que abordem apresentações de teatro de animação. É importante explorar os temas de forma gradual, de acordo com sua ocorrência nas páginas. Durante as aulas, explore a imaginação dos estudantes, incentivando a oralidade e a composição de histórias e personagens.

- Na peça *Zoo-ilógico*, da Cia. Truks, são apresentadas criaturas feitas com materiais de uso cotidiano, como um gato de peneira, e outras personagens inusitadas. Instigue os estudantes a responderem às perguntas **1** e **2**. Acolha todas as respostas e incentive a escuta mútua.

- Explique aos estudantes que essa peça pertence a uma modalidade de teatro de animação conhecida como teatro de objetos. Ao explorá-la, explique aos estudantes que, além de bonecos e máscaras feitos especialmente para apresentações teatrais, objetos cotidianos podem ser animados de maneira cênica.

Objetos que falam

A teatralidade pode se manifestar de várias formas. No teatro de animação, existem muitas companhias que se especializaram em transformar objetos comuns em personagens **inusitadas**. Observe a imagem.

Inusitadas: fora do comum, inesperados.



Cena do espetáculo *Zoo-ilógico*, da Cia. Truks Teatro de Bonecos, no auditório da Biblioteca Municipal Monteiro Lobato, na cidade de São Paulo, em 2009.

1. Que objetos foram utilizados para formar essas personagens?
1. Resposta: Vasilhas e copos plásticos.
2. Como você imagina que seja a personalidade dessas personagens criadas com objetos?
2. Resposta pessoal. Incentive os estudantes a soltarem a imaginação e a manifestarem suas opiniões.

Uma peça de teatro que transforma objetos cotidianos em personagens e histórias faz parte do que chamamos teatro de objetos. Por sua vez, como vimos, o teatro de objetos faz parte de uma linguagem mais ampla: o teatro de animação.

Quando vasilhas e copos viram monstrinhos tagarelas, quando uma escova de dentes vira um príncipe ou quando um espanador vira uma fada, entendemos melhor o que faz o teatro de animação: ele anima coisas inanimadas, ou seja, dá vida àquilo que antes não tinha vida!

ATIVIDADES

Faça as atividades no caderno.

1. Nas unidades anteriores, você criou histórias e personagens. Agora, que tal fazer isso com objetos?

1. a) Resposta: Alguns objetos utilizados foram: chaleira, bule e tecido.



Cena do espetáculo *Uma canção dorme em todas as coisas*, de Karin Bayerle e Peter Ketturkat, em Viena, na Áustria, em 2017.

- a) Aprecie a imagem e depois responda: que objetos foram utilizados para compor essas personagens?
- b) Chegou a sua vez! Em casa, procure objetos que não são mais utilizados para criar uma personagem.
- c) Construa sua personagem com os objetos que você coletou. As partes de diferentes objetos podem ser coladas ou amarradas para dar a forma que você deseja.
- d) Ao definir as formas da personagem, pense nas seguintes questões: o que ela é? Ela tem rosto, olhos e cabelos? Como se movimenta? Como se comunica? Ela faz algo que não é comum?
- e) Não se esqueça de escolher um nome para ela.

Depois, forme um círculo com o restante da turma e apresente sua personagem, mostrando suas características, seus gestos e seus sons.

2. Que tal interagir com as personagens dos colegas? Que histórias vocês podem criar com base nisso? Formem grupos e façam suas personagens interagirem entre si. Vocês podem experimentar fazê-las dialogar, cumprir tarefas, resolver problemas, entre outros. Depois, repitam os momentos da interação de que vocês mais gostaram e criem uma cena envolvendo as personagens que vocês desenvolveram. 1 e 2. Respostas pessoais. Confira como conduzir estas atividades nas **orientações ao professor**.

85

Destaques BNCC

- A experiência inventiva sobre o teatro de animação, proposta por meio do trabalho com a seção **Atividades**, promove a percepção dos estudantes sobre objetos e criação, contribuindo para desenvolver as habilidades **EF15AR04**, **EF15AR19**, **EF15AR20**, **EF15AR21** e **EF15AR22**.

- Utilizar a imaginação e a criatividade para elaborar formas expressivas contribui para a constituição de um universo lúdico por meio da apropriação de diferentes linguagens, conforme a **Competência geral 4** e a **Competência específica de Arte 4**.

- Antes de iniciar a atividade, é importante retomar com os estudantes o que é uma personagem e como podemos compô-la. Em seguida, oriente-os no desafio proposto na seção. Para criar as personagens com objetos, oriente os estudantes a trazerem somente objetos autorizados pelos familiares ou responsáveis, que não ofereçam riscos à integridade física e não tenham valor material ou emocional. Peça-lhes que façam as escolhas pensando em objetos do cotidiano que possam ser devolvidos assim que a atividade for encerrada. Proponha também uma conversa com os familiares para justificar a ação e a escolha dos objetos.

- Diga aos estudantes que eles podem usar utensílios de

(Continua)

(Continuação)

cozinha feitos de plástico, escova de dentes, escova de cabelos, pente, régua, borracha, lápis, sapato, caderno, roupas etc.

- Oriente os estudantes a fazerem anotações sobre o processo para posteriormente redigirem um texto descritivo sobre a personagem que criaram. Como base para essas anotações, podem ser usadas as perguntas propostas no item **d**.

- Na atividade **2**, oriente os estudantes a se organizarem em grupos de até cinco

pessoas. Depois, proponha um tema para que montem uma apresentação simples sobre ele. O tema deve estar alinhado ao universo infantil para facilitar a realização da atividade. Alguns exemplos de temática são festa de aniversário, brincadeiras ou passeio no parque. Oriente-os também a pensar em elementos como espaço (onde a cena acontece), tempo (quando e em quanto tempo se passa) e objetivo das personagens (o que cada uma quer

ou precisa). Explique aos estudantes que, para contar a história, podem ser usadas falas curtas, sons, narração ou apenas o movimento dos objetos. Acompanhe os ensaios, incentivando os estudantes a experimentarem variações e escutar as sugestões uns dos outros. Por fim, organize as apresentações para a turma e conduza uma conversa sobre os resultados.

Objetivos

- Compreender o significado de “mestre” no contexto das tradições culturais.
- Identificar o mamulengo e o teatro lambe-lambe como manifestações tradicionais brasileiras que fazem parte do gênero teatro de animação.
- Valorizar a diversidade de manifestações culturais brasileiras.

Destaques BNCC

- Ao abordar diferentes manifestações da teatralidade na cultura popular brasileira, com atenção especial ao trabalho dos mestres, a seção possibilita a exploração dos temas contemporâneos transversais **Vida familiar e social** e **Diversidade cultural**. Aprofunde a questão do respeito à cultura popular e aos mestres que transmitem e garantem que essas tradições permaneçam vivas. Conduza os estudantes a reconhecerem diferentes tipos de manifestações da cultura popular brasileira que têm os mestres como mantenedores das tradições.
- Outros tipos de tradições da cultura popular têm seus mestres: é o caso da capoeira e do maracatu. Busque outras referências que tenham a figura do mestre e apresente-as aos estudantes, questionando-os sobre aquilo que já sabem.
- Esta seção possibilita o trabalho com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4, ao demonstrar a importância dos mestres populares e propiciar um conhecimento que leve os estudantes a valorizarem a diversidade cultural.



O MUNDO QUE QUEREMOS

Com vocês: os mestres!

Em filmes, histórias em quadrinhos ou desenhos animados, você já deve ter se deparado com a palavra **mestre**. Mas você sabe o que é um mestre?

Questão inicial. Resposta pessoal. Incentive os estudantes a refletirem sobre a importância dos mestres para a cultura popular brasileira.

Um mestre é uma pessoa que tem muitos conhecimentos em determinada área e que tem ligação com alguma tradição cultural. O papel do mestre é colocar em prática esse conhecimento e transmiti-lo aos demais. Por isso, ele é importante para que as tradições continuem vivas.

Questão inicial. O que pode acontecer com as tradições culturais se ninguém quiser aprender com os mestres que as dominam?

Na cultura popular brasileira, existem diversos mestres que preservam suas tradições. Uma delas tem relação com o teatro de animação: o mamulengo. Observe a seguir o trabalho do mestre mamulengueiro Valdeck de Garanhuns (1952-).



■ Mestre Valdeck de Garanhuns com seus mamulengos, em Guararema, em São Paulo, em 2018.

Mestres mamulengueiros como Valdeck confeccionam todos os elementos de seus bonecos. Além disso, sabem divertir crianças e adultos com suas histórias, geralmente trabalhando com improvisos.

De acordo com os pesquisadores, a tradição do mamulengo já tem mais de duzentos anos. Imagine a responsabilidade desses mestres de preservar uma tradição tão antiga!

Mas, além do mamulengo, existem outros tipos de teatro de animação criados no Brasil. Um deles é bem mais recente: o teatro lambe-lambe, que tem pouco mais de trinta anos.

Essa linguagem nasceu em 1989, quando as atrizes Denise Di Santos (1951-) e Ismine Lima (1950-2022) transformaram uma simples caixa em um pequeno espaço de teatro. Para assistir a um teatro lambe-lambe, o espectador olha através de um visor na caixa. Do outro lado, o artista manipula bonecos e objetos, contando histórias com a ajuda de iluminação, cenário e trilha sonora.



■ Apresentação de teatro lambe-lambe do artista Sérgio Biff em Teresópolis, no Rio de Janeiro, em 2016.

Agora, reflita sobre as questões a seguir.

1 e 2. Respostas nas **orientações ao professor**.

1. Converse com seus familiares, colegas e o professor sobre que pessoas de sua comunidade e convivência poderiam ser consideradas mestres em algum saber e organize uma entrevista com essas pessoas.
2. Crie uma exposição na escola com as pessoas entrevistadas da sua comunidade. A exposição poderá ter vídeos, fotos, textos e notícias. Sigam as orientações do professor para decidir como coletar e expor esses materiais.

• O mamulengo faz parte das tradições do teatro popular, suas origens são pouco documentadas, mas remontam ao período colonial. É uma linguagem que teve maior desenvolvimento na Região Nordeste do Brasil. Os mestres bonequeiros são atores, artesãos e improvisadores e geralmente as apresentações envolvem interação com o público. Mestre Valdeck de Garanhuns também é pedagogo, cantor, contador de histórias e mestre.

• Leia com os estudantes o texto da página 87, comente a diferença entre uma experiência teatral assistida por um público numeroso e por uma única pessoa. O teatro lambe-lambe consiste em uma caixa cênica em miniatura, que pode ser fixa ou itinerante, na qual ocorrem apresentações de curta duração, com bonecos, assistidas por uma ou duas pessoas por sessão. O termo **lambe-lambe** surgiu em função das máquinas fotográficas do início do século XX. Questione os estudantes se eles sabem o que é lambe-lambe e peça-lhes que procurem a explicação. Em seguida, desenvolva as informações perguntando a eles sobre termos cênicos que conheçam e outros aspectos ligados à teatralidade, ao teatro de animação e ao teatro lambe-lambe.

Respostas

1. Resposta pessoal. Oriente os estudantes a refletirem sobre quem pode ser considerado mestre em um saber. Pode ser alguém que toca um instrumento, cozinha algo especial, trabalha com artesanato, etc. Uma vez escolhidos os entrevistados, auxilie os estudantes na elaboração de perguntas, como: "Como você aprendeu esse saber?", "Por que ele é importante para você e para a comunidade?", "Que conselhos você daria para alguém que

quer aprendê-lo?". Oriente sobre a forma de registro (anotações, áudio, vídeo ou fotografia), lembrando que, mais tarde, esses materiais integrarão uma exposição.

2. Resposta pessoal. Diga aos estudantes que, mais do que apenas juntar os materiais das entrevistas, a exposição pode criar um ambiente para mostrar os mestres da comunidade. Incentive-os a refletir: "Que aspectos das entrevistas serão destacados?", "Qual é a ideia central a ser transmitida aos visitantes?". Auxi-

lie-os a pensar na organização do espaço expositivo. Pergunte: "Como o público circulará pela exposição?", "Que ordem de apresentação faz mais sentido?", "O que deve ficar em destaque?". Sugira aos estudantes que façam esboços para visualizarem como os visitantes entrarão em contato com os registros. Auxilie-os também na produção, incentivando-os a pensar nos materiais necessários para a realização da mostra.

Destaques BNCC

• Por meio da experiência de criação de objetos cênicos, da encenação teatral e da narrativa, os estudantes exercem a criatividade e a expressão, de acordo com as habilidades **EF15AR04**, **EF15AR19**, **EF15AR20**, **EF15AR21** e **EF15AR22**.

• A utilização de linguagens diversas na criação artística para a construção narrativa permite que os estudantes exerçam a percepção sobre o cotidiano e as histórias que pertencem a seu repertório cultural, desenvolvendo assim a **Competência geral 4** e a **Competência específica de Arte 4**.

• A proposta das atividades **1** e **2** consiste em construir um teatro lambe-lambe e fazer uma apresentação para os colegas. Antes de iniciar a produção, faça uma atividade de observação da imagem com os estudantes. Pergunte o que veem, o que mudariam e o motivo. Depois, pergunte que histórias, na opinião deles, podem ser contadas nesse cenário. Peça-lhes que anotem as ideias.

• Organize a sala de aula para começar a atividade. Aconselhe os estudantes a usarem roupas antigas que possam sujar. Caso a escola não tenha uma sala específica para aulas de Arte, oriente os estudantes a forrarem as carteiras com toalha ou jornal.

• Oriente-os a passar duas camadas de tinta preta para que não sobrem falhas. Enquanto fazem essa etapa, conduza-os a pensar no que colocarão dentro e qual história vão contar.

• Oriente-os a tomar cuidado com o manuseio da tesoura para não se machucarem.

• Disponibilize materiais diferenciados para serem utilizados nos cenários do lambe-lambe ou proponha uma coleta nos espaços da escola.

ATIVIDADES

Faça as atividades no caderno.

1. Observe a seguir o interior de uma caixa de teatro lambe-lambe.

ACERVO CIA. MALA CAIXETA DE TEATRO SURPRESA



1 e 2. Respostas pessoais. Confira como conduzir estas atividades nas **orientações ao professor**.

1 Cena da peça *A selva (o pequeno grande teatro)*, da Cia. Mala Caixeta de Teatro Surpresa, na cidade de São Paulo, em 2013.

a) Agora, vamos experimentar fazer um teatro lambe-lambe.

MATERIAIS

- uma caixa de papelão
- tesoura com pontas arredondadas
- tinta guache preta
- pincel
- objetos variados

b) Com o pincel, pinte o interior da caixa com tinta guache preta.

c) Depois que a tinta secar, recorte quatro círculos na caixa: um na frente, para que o espectador possa assistir; um em cada lateral, para que você possa colocar as mãos e manipular os objetos; e um na tampa, para que você possa enxergar o que está fazendo.

d) Escreva no caderno que cenário você pode criar nessa caixa, que personagens podem viver nesse lugar e que história você pode contar com elas. Com base nessas ideias, recolha materiais para criar aquilo que você planejou. Podem ser tampas de garrafa, pedaços de papelão, retalhos de tecido etc. Use a imaginação e crie uma cena curta.

2. Depois que as personagens, a história e o cenário estiverem prontos, faça a apresentação para os colegas.

88

• Após a montagem do cenário e a criação dos personagens, peça aos estudantes que escrevam a história que será contada. A cena deve ser curta e apresentada para todos os estudantes. Discuta com eles possibilidades de temas para a história, baseando-se nas obras teatrais que apreciaram anteriormente na unidade e com base nas personagens e nos cenários que criaram.

• Promova um debate sobre o processo criativo e a experiência de assistir a uma cena no teatro lambe-lambe criado por eles. Peça-lhes que conversem sobre as especificidades dos processos de criação e fruição nas linguagens trabalhadas, retomando as experiências do tópico anterior.

Sombras vivas

Observe a imagem a seguir.



■ Apresentação de teatro de sombras, em Jacarta, na Indonésia, em 2023.

Essa fotografia mostra um tipo muito antigo de teatro de animação: o teatro de sombras. Na imagem, vemos um artista manipulando um boneco diante de uma tela de tecido branco e um fecho de luz que projeta a sombra do boneco no tecido. Atrás desse tecido fica a plateia, que observa apenas as sombras das personagens se movendo na tela e narrando histórias fantásticas.

O teatro de sombras é tão antigo que sua origem é desconhecida. No entanto, foi uma arte bastante popular em lugares como a China, a Índia, a Tailândia e a Indonésia.

Atualmente, existem companhias de teatro que continuam essa tradição. Elas fazem pesquisas e apresentam espetáculos que criam novas possibilidades para o teatro de sombras. No Brasil, existem algumas companhias, como Lumbra, Lumiato e Quase Cinema, entre outras.

No teatro de sombras, os artistas manipulam objetos, cenários e bonecos próximos a uma fonte de luz. A luz projeta as sombras desses elementos em uma superfície plana, que pode ser uma parede ou uma tela, onde o espectador assiste à peça. Muitas vezes, os artistas também criam formas e personagens fazendo movimentos e posições com as mãos.

89

(Continuação)

giosidade. Ao longo do tempo, a animação de bonecos foi adquirindo a função de divertimento, ganhando espaço como expressão teatral. Assim, outros elementos foram adicionados a esses espetáculos e a apresentação foi deixando de ser centralizada na figura do boneco, passando a assimilar objetos cotidianos e até mesmo o próprio corpo humano. Dessa forma, a terminologia **teatro de bonecos** passou a ser vista como reducionista. A fim de expandir a compreensão das características dessa linguagem, adotou-se o termo **teatro de animação**.

- Essa relação com a espiritualidade pode ser bastante identificada no teatro de sombras, que comumente é associado a temas relacionados ao sobrenatural e ao mundo dos espíritos. Na China, por exemplo, há uma lenda do século II de que esse tipo de teatro teria surgido quando o imperador Wu pagou a um suposto feiticeiro para que retornasse uma dançarina à vida, e esse feiticeiro fez uma réplica da silhueta dela e a mostrou ao imperador na forma de teatro de sombras, como se fosse o espírito dela dançando.

Destaques BNCC

- Conhecer e apreciar espetáculos do gênero de teatro de sombras permitem o desenvolvimento da habilidade **EF15AR18**.

- Peça aos estudantes que observem a imagem e respondam que tipo de manifestação artística está representada e o que eles conhecem dela. Relembre-os de que o teatro de sombras é uma das vertentes do “teatro de animação”, um gênero que inclui o teatro de bonecos, o teatro de máscaras, o teatro de objetos, o teatro de sombras, o teatro de imagens e o teatro de formas.

- Pergunte aos estudantes o que eles entendem por animação relacionada a teatro e filmes. Existem vários filmes que exploram a animação de objetos, como *A fuga das galinhas*, feito em massa de modelar e animado pela técnica de *stop-motion*. No teatro, a ideia fundamental por trás das técnicas é a mesma: coloca-se vida em bonecos e outros objetos inanimados.

- Retomar o teatro de bonecos também é uma forma interessante de contextualizar o teatro de animação. Mostre aos estudantes o site a seguir: GRUPO Girino. Disponível em: <https://grupogirino.com/>. Acesso em: 8 set. 2025.

- Para vários povos do passado e do presente, os bonecos tinham e têm relação com a reli-

(Continua)

Destaques BNCC

• Ao levar os estudantes a elaborarem e experimentarem dramatizações com base no gênero de teatro em análise, identificando e pesquisando as diversas possibilidades de aplicação dos elementos teatrais e da ressignificação de objetos em trabalhos coletivos, contemplam-se as habilidades **EF15AR04**, **EF15AR19**, **EF15AR20**, **EF15AR21** e **EF15AR22**.

• Por meio da criação de um teatro de sombras, o que envolve diferentes processos artísticos, os estudantes exercem a expressão, a imaginação e a criatividade, conforme a **Competência geral 4** e a **Competência específica de Arte 4**.

• A atividade da seção contribui para que os estudantes consolidem seus conhecimentos sobre o teatro de sombras, abordado na página anterior. Incentive-os a ser criativos e propositivos em suas criações e a seguirem as etapas apresentadas.

ATIVIDADES

Faça as atividades no caderno.

1. Agora, vamos formar grupos para produzir um teatro de sombras.

a) Primeiro, vamos criar a história, as personagens e os elementos cênicos.

Formem um grupo para escolher ou criar uma história. Verifiquem quantos cenários, personagens e outros elementos serão necessários para a encenação. Anotem tudo para não se esquecerem.

MATERIAIS

- cartolina preta
- tesoura com pontas arredondadas
- lápis branco
- varetas de madeira
- fita adesiva

Cuidado: Tome cuidado ao manusear a tesoura. Se precisar, peça ajuda ao professor e lembre-se de guardá-la assim que finalizar a etapa **B**.



A. Na cartolina preta, façam os desenhos das personagens e dos elementos do cenário, como árvores, nuvens e estrelas.



B. Com a tesoura com pontas arredondadas, recortem os elementos desenhados na cartolina.



C. Com a fita adesiva, fixem os elementos nas varetas de madeira.

90

1. Resposta pessoal. Esta atividade leva os estudantes a realizarem as ações educativas de artes visuais de **desenhar**, **recortar** e **colar**.

Saberes integrados

Uma maneira de tirar melhor proveito da atividade é pedindo aos estudantes que primeiro escrevam suas histórias, a fim de identificarem o que poderia ser o cenário e as personagens. Ao final, instigue-os a apresentar o teatro de sombras para os colegas. Lembre os estudantes de que a história precisa estar de acordo com a linguagem da encenação e incentive a imaginação deles dentro dessas possibilidades. Auxilie a turma a elaborar o roteiro, promovendo o desenvolvimento de vocabulário e explorando os elementos trabalhados neste e no tópico anterior. É possível

que os estudantes também precisem de suporte para medir e recortar as personagens.

É possível uma articulação com o componente curricular de **Língua Portuguesa** na redação do roteiro ou na adaptação de livros ou canções. Organize os estudantes em grupos. Como referência para a criação das personagens e dos elementos cênicos, apresente a Cia. Lumiatto, em trechos do *making of* do espetáculo *Iara: o encanto das águas*, encontrado no link a seguir.

• CIA. LUMIATO. Disponível em: <https://www.cialumiato.com/iara>. Acesso em: 10 mar. 2025.

b) Chegou a hora de construir o palco.

Para isso, vamos preparar a caixa na qual será apresentado o teatro de sombras.

MATERIAIS

- caixa de papelão sem tampa
- folha de papel vegetal, papel de seda ou papel-manteiga
- cola branca escolar
- tesoura com pontas arredondadas
- régua
- lápis grafite

Cuidado:

Tome cuidado ao manusear a tesoura. Se precisar, peça ajuda ao professor e lembre-se de guardá-la assim que finalizar a etapa **B**.



- A.** Desenhem um retângulo na caixa usando a régua e o lápis, conforme a imagem.



- B.** Recortem o retângulo desenhado na caixa.



- C.** Colem, bem esticada, a folha de papel vegetal, papel de seda ou papel-manteiga no lugar em que foi recortado o retângulo.

FOTOS: JOSÉ VITOR ELORZA/ASC MAGENS

• Oriente os estudantes a se organizar em grupos para a apresentação do teatro de sombras. Com os materiais separados, auxilie-os com a abertura do retângulo na caixa e peça-lhes que executem as etapas conforme as instruções apresentadas na página. Ao concluírem todas as etapas, é chegado o momento das apresentações.

• Auxilie os estudantes no manuseio da tesoura com pontas arredondadas na hora de recortar o retângulo da caixa, orientando-os a ter cuidado para não se machucarem. Caso verifique que, por conta da espessura da caixa de papelão escolhida, seja necessário utilizar estilete, faça você essa etapa da atividade.

Amplie seus conhecimentos

• **DRAMATURGIAS** da sombra: capítulo 1: A sombra e o teatro de sombras. *Clube da Sombra Teatro Lumbra*. 20 nov. 2020.

A Cia. Teatro Lumbra apresenta videoaulas em cinco capítulos que explicam a dramaturgia do teatro de sombras, sua técnica e linguagem desde o início de sua produção e bastidores até a concretização da poética visual em cena. Procure em uma plataforma de vídeos de sua preferência para acessar o primeiro capítulo das videoaulas.

- Depois das apresentações, proponha uma roda de conversa avaliando os momentos desse processo de criação e acolha as dúvidas e dificuldades relatadas pela turma, chamando a atenção para as soluções encontradas pelos próprios estudantes para as questões que tiveram durante o processo.

Acompanhando a aprendizagem

Objetivo

- Avaliar a compreensão dos estudantes em relação aos conteúdos trabalhados, tanto ao criarem cenas de teatro de sombras quanto ao debaterem as criações dos colegas.

Como proceder

- Proponha que os estudantes façam uma apresentação para a turma e promova uma discussão sobre pontos positivos e detalhes que precisam de ajustes, como o roteiro, as personagens, as vozes ou os elementos cênicos.
- Saliente a importância dos ensaios para alcançar precisão nas apresentações teatrais. Tanto no teatro de sombras como em outras modalidades cênicas, o aperfeiçoamento técnico só é alcançado por meio de muito treino e ensaio, de modo a ampliar a consciência corporal; e com atenção cuidadosa a cada detalhe que será apreciado pelo espectador.
- Durante o debate, verifique se os estudantes conseguem tecer comentários críticos e respeitosos em relação ao trabalho dos colegas, avaliando o modo como se apropriaram de questões relativas à construção da narrativa no teatro.

2. Agora é a hora do espetáculo! Leia as orientações a seguir.

- Depois que os recortes e o palco estiverem prontos, ensaiem a encenação. Pensem na entrada e na saída de personagens e em vozes e sons que poderão enriquecer a apresentação. Além disso, memorizem as falas e as entonações que serão usadas.
- O grupo precisará de uma fonte de luz (lanterna ou luminária), que deverá ser posicionada atrás da tela, onde você e os colegas ficarão para manipular os bonecos.



Ilumine a caixa com uma lanterna e manipule os elementos com as varetas de madeira. Os elementos devem ser posicionados entre a lanterna e a caixa.



FOTOS: JOSÉ VITOR ELORZA/ASC IMAGENS

2. Resposta pessoal. Esta atividade leva os estudantes a realizarem as ações educativas comportamentais para teatro de **dramatizar, criar e emitir sons**. Confira nas **orientações ao professor** sugestões de uso desta atividade como instrumento de avaliação.

- Aproveitem para treinar alguns efeitos, por exemplo: quanto mais perto da tela o boneco ficar, mais nítida será sua imagem e seu tamanho será igual ao desenhado; quanto mais afastado da tela, menos nítida a imagem ficará e o tamanho dela tende a aumentar. Depois de todo o ensaio, que comece o espetáculo!

92

Mais atividades

- Para ampliar a proposta, sugira uma atividade com base na intervenção artística *Sombras urbanas*, do Grupo Girino, que consiste na apresentação de cenas curtas projetadas em fachadas de prédios. Você pode observá-la por meio do [link](https://grupogirino.com/sombrasurbanas/) a seguir.
 - SOMBRAS urbanas. Disponível em: <https://grupogirino.com/sombrasurbanas/>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- É necessário um local escuro com uma parede de cor clara, como uma sala, uma luz forte e direcionada, roteiro e personagens. Para a encenação, solicite que estudantes voluntários se ofereçam para fazer o papel de narradores, manipuladores

de personagens e sonoplastas. Esta atividade pode vir a ser um projeto apresentado para a comunidade escolar no período do contraturno. No tópico **O trabalho com projetos interdisciplinares** da parte geral deste **Suplemento do professor** há mais informações sobre o desenvolvimento de um projeto como esse.

- Outra possibilidade é a montagem de um espetáculo com bonecos. Os estudantes poderão pesquisar e desenvolver projetos técnicos de construção de bonecos para, em seguida, confeccioná-los e experimentarem as possibilidades expressivas dos bonecos por meio de exercícios de manipulação.

Máscaras e materiais

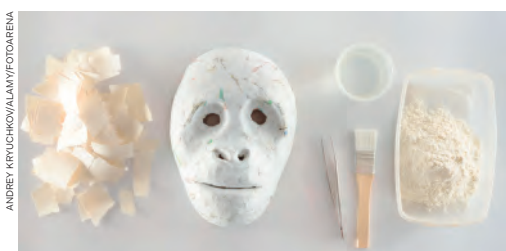
Agora você já sabe como, no teatro de animação, objetos inanimados ganham vida por meio do trabalho dos artistas. O mesmo acontece com as máscaras!

As máscaras são consideradas parte do teatro de animação porque também podem ser animadas. No teatro, elas não são meros acessórios para se colocar no rosto. Quando atores ou atrizes vestem máscaras, eles devem animá-las, dar aparência de vida a elas, agindo como se fossem o próprio rosto vivo da personagem que estão interpretando.

Existem muitos tipos de máscaras, além de diferentes técnicas e materiais para confeccioná-las. Conheça alguns exemplos a seguir.



Processo de confecção de máscaras com um molde de gesso.



Máscara sendo feita em papel machê.



Confecção de uma máscara de madeira.

- Retome com os estudantes as experiências com máscaras realizadas no tópico anterior, **Criando e vivenciando histórias**, incentivando-os a estabelecer relações com as outras modalidades de teatro de animação trabalhadas até o momento. Espera-se que eles percebam que as máscaras fazem parte do teatro de animação porque, ao atuarem com elas, os atores buscam animá-las, ou seja, dar a elas aparência de vida.

- Conduza o conteúdo da página perguntando aos estudantes se eles conhecem os materiais apresentados e, caso perceba dificuldades, leve-os para a sala de aula ou apresente-os por meio de imagens.

- Explique aos estudantes que as máscaras de gesso costumam ser feitas com gaze embebida em gesso. Depois, as máscaras são aplicadas em camadas sobre um molde (que pode ser o rosto protegido com vaselina, um balão etc.). Depois de endurecer, a máscara é retirada, seca e recebe acabamentos.

- Já as máscaras de papel machê são produzidas com tiras de papel mergulhadas em cola ou em uma mistura de água e farinha. Depois, elas são sobrepostas em um molde e, uma vez secas, podem ser cortadas, pintadas e envernizadas.

- As máscaras de madeira, por sua vez, são esculpidas em um bloco de madeira, utilizando ferramentas para

(Continuação)

cavar o formato do rosto e os detalhes da máscara.

- Explique aos estudantes que essas são algumas possibilidades, mas não são as únicas. Além disso, para um melhor aproveitamento da aprendizagem, você pode solicitar uma pesquisa prévia tanto sobre máscaras utilizadas no teatro (como as da *Commedia dell'arte*, do teatro nô, além de máscaras neutras, expressivas etc.), quanto sobre suas técnicas de produção. Narizes de palhaço, considerados as menores máscaras do mundo, também podem ser incluídos.

(Continua)

Destaques BNCC

• A atividade de produção de máscaras leva os estudantes a experimentarem a criação em artes visuais de maneira individual, realizando o diálogo posterior sobre todas as produções. Dessa forma, são desenvolvidas as habilidades **EF15AR05** e **EF15AR06**.

• Para produzir as máscaras, solicite aos estudantes que façam um esboço da expressão que pretendem fazer na máscara. Se necessário, auxilie-os na dobra e no corte de alguns detalhes. Oriente-os a prender a máscara na face, fazendo dois pequenos furos nas laterais das máscaras e prendendo-as com elásticos. Para o momento de experimentar a máscara em ação, eles devem explorar a criatividade, a imaginação e a expressão corporal na criação da cena. Reserve um tempo de ensaio para que os estudantes possam organizar coletivamente a apresentação das cenas.

• Explique aos estudantes que há também outra arte tradicional japonesa que utiliza o papel como material: o *origami*. Ao contrário do *kirigami*, no *origami* as formas são obtidas por meio de dobras no papel, sem cortá-lo.

• Durante a elaboração da cena, incentive os estudantes a pensarem em uma personagem para a máscara, compondo suas características físicas e psicológicas.

1 e 2. Respostas pessoais. Estas atividades levam os estudantes a realizarem a ação educativa conceitual de **inventar**; a ação educativa atitudinal de **compartilhar**; e as ações educativas comportamentais de artes visuais de **dobrar**, **desenhar**, **recortar** e **colorir**.

ATIVIDADES

Faça as atividades no caderno.

1. Agora é a sua vez de fazer uma máscara e praticar uma técnica nova. Para isso, vamos utilizar o *kirigami*, uma arte tradicional japonesa de composição de imagens por meio do recorte do papel. A palavra vem de *kiri*, que significa "cortar", e *gami*, que significa "papel".

Observe o passo a passo para confeccionar a sua máscara. Depois de cortada, faça a composição que preferir!

MATERIAIS

- folha de papel sulfite
- tesoura com pontas arredondadas
- lápis de cor
- caneta hidrocor

Cuidado: Tome cuidado ao manusear a tesoura. Se precisar, peça ajuda ao professor e lembre-se de guardá-la assim que finalizar a etapa **C**.

A.



B.



C.



D.



FOTOS: JOSÉ VITOR
ELORZ/IMAGENS

- A. Dobre a folha de papel sulfite ao meio.
- B. Em um dos lados da dobra, desenhe metade do contorno da máscara, a boca, o nariz e o olhos. Faça os desenhos em alturas adequadas ao seu rosto.
- C. Utilizando a tesoura com pontas arredondadas, recorte as áreas em que você desenhou a boca e os olhos.
- D. Desdobre a folha e, em seguida, pinte-a do modo que quiser.

2. Invente uma pequena cena para ser feita com a utilização da máscara que você criou e descreva-a no caderno. Depois, compartilhe com os colegas.

O QUE VOCÊ ESTUDOU?

Faça as atividades no caderno.

1. Com letra cursiva, copie no caderno a alternativa correta em relação ao termo **teatralidade**.
1. Resposta: Está presente nos folguedos que fazem parte da cultura popular brasileira.

Está presente apenas nas peças de teatro realizadas em salas de espetáculos.

Está presente nos folguedos que fazem parte da cultura popular brasileira.

Não pode ser considerada um elemento da linguagem teatral, pois também envolve elementos da cultura popular.

2. Resposta nas **orientações ao professor**.

2. O que são folguedos? Explique por escrito e cite exemplos no caderno.
3. Explique para você mesmo e escreva no caderno por que a imagem a seguir pode ser enquadrada na categoria de teatro de animação.

AUTOEXPLICAÇÃO

3. Sugestão de resposta: A imagem faz parte do teatro de animação porque a apresentação é feita por meio do ato de manipular e animar objetos inanimados, no caso, as marionetes que aparecem na imagem e que são movimentadas por cordas.

Titireira fazendo apresentação de marionetes em Bogotá, na Colômbia, em 2022.



JEFFREY GREENBERG/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES

95

1. Objetivos

- Perceber a teatralidade presente nos folguedos populares.
- Auxiliar no processo de alfabetização dos estudantes.

Como proceder

- Os estudantes devem identificar que a teatralidade está presente nas mais diversas manifestações da cultura popular brasileira, e em particular nos folguedos.
- Oriente os estudantes a lerem novamente as páginas **66** e **71** para sanarem dúvidas.
- Depois, oriente-os na escrita com letra cursiva, auxiliando-os nas dificuldades individuais relacionadas à pega no lápis. Lembre-os de que a escrita em letra cursiva envolve o uso de letras em maiúsculas e minúsculas e verifique se compreenderam quando devem aplicar cada uma delas.

2. Objetivo

- Expressar o conhecimento desenvolvido sobre os folguedos e sua presença na cultura popular brasileira.

Como proceder

- Espera-se que os estudantes consigam expressar textualmente que os folguedos são manifestações populares brasileiras nas quais as linguagens artísticas se misturam gerando um momento de encenação, em que personagens mascaradas atuam e contam histórias.

(Continua)

(Continuação)

- Oriente os estudantes a relerem a página **71** para sanarem suas dúvidas. Como complemento e aprofundamento da leitura, você pode apresentar vídeos que mostrem essas manifestações artísticas.

3. Objetivo

- Relacionar a imagem do teatro de bonecos ao que vivenciou nas aulas com os conteúdos da linguagem teatral.

Como proceder

- Os estudantes devem relacionar e justificar suas escolhas especificando a mediação dos

bonecos e a ação de manipulação do ator no teatro de animação.

- Para isso, devem utilizar a estratégia **Autoexplicação** para retomarem os conhecimentos adquiridos sobre essa prática e aplicá-los na leitura da imagem.

- Para retomarem o conteúdo, é importante que os estudantes confirmem como isso ocorre na prática. Selecione vídeos curtos abordando algumas formas de teatro de animação. Comente algumas características dessa linguagem, como as diferentes formas de manipulação e de ação do ator em cena.

A unidade trabalha as linguagens artísticas da música e da dança, abordando aspectos contextuais da formação da música brasileira, desdobrando-se em atividades de criação que permitem desenvolver e avaliar, nos estudantes, a rima e o canto.

O primeiro tópico, **As muitas músicas brasileiras**, concentra-se na sonoridade e nos modos de cantar de diferentes manifestações populares brasileiras, como embolada, partido-alto e batalhas de rima. Explora também alguns gêneros musicais, como samba, choro, moda de viola e baião, e seus instrumentos musicais.

O tópico seguinte, **Diferentes jeitos de dançar**, apresenta a dança e algumas de suas especificidades, aprofundando o debate sobre as possibilidades narrativas em arte a partir de suas linguagens.

Objetivos

- Conhecer e compreender aspectos da cultura popular brasileira e suas tradições.
- Conhecer canções tradicionais da cultura popular e os gêneros da música popular brasileira.
- Desenvolver atividades práticas voltadas para o conhecimento da música.
- Explorar o canto por meio do exercício com rimas.
- Identificar os grupos de instrumentos musicais.
- Conhecer e trabalhar a consciência dos movimentos corporais em dança.
- Perceber como é possível se comunicar e se expressar por meio de movimentos corporais com a linguagem da dança.
- Identificar as influências indígenas e afro-brasileiras nas danças presentes nas manifestações populares.
- Elaborar coreografias coletivas, explorando diferentes elementos do movimento dançado.



NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI ESTUDAR:

- música nas festas populares brasileiras;
- brincadeiras versadas;
- danças dramáticas;
- projetos sociais e dança.

Apresentação do Grupo Congada Verde de Atibaia na cidade de São Paulo, em 2024.

96

Destaques BNCC

- Durante o primeiro tópico, **As muitas músicas brasileiras**, o contato com produções musicais de diversas matrizes culturais brasileiras possibilita valorizar e reconhecer a cultura nacional, conforme as habilidades **EF15AR03**, **EF15AR07** e **EF15AR25**, a **Competência geral 3** e as **Competências específicas de Arte 1, 3 e 9**.



CEZAR DINIZ/PULSAR IMAGENS

Conectando ideias

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes digam que observam pessoas tocando instrumentos musicais, dançando e vestindo figurinos e acessórios em uma manifestação popular. Questione-os sobre que manifestações da cultura brasileira eles conhecem e qual é o papel da música e da dança nessas manifestações.

2. Espera-se que os estudantes compreendam que se trata de uma festividade popular. Para essa compreensão, é necessário que observem as vestimentas, os adereços e a gestualidade das pessoas, além do lugar onde a manifestação está acontecendo.

3. Espera-se que os estudantes percebam a relação entre os instrumentos e a música; os movimentos e gestos dos participantes com a dança e o teatro; e os adereços às artes visuais. Durante esse processo de identificação, explore com eles as diversas linguagens artísticas que se misturam nas manifestações populares.

- Apresente aos estudantes a imagem da abertura, conduzindo uma leitura visual. Pergunte: "O que vocês observam?"; "Vocês conhecem os tipos de instrumentos apresentados na imagem?"; "Já viu alguma festividade parecida em seu município?".

- Caso no município haja grupos de tradições populares, verifique a possibilidade de convidá-los para ir à escola e conversarem com os

(Continua)

As festas contam muito sobre nossa cultura. Você já reparou que diferentes jeitos de dançar, cantar e brincar fazem parte das tradições e dos costumes do nosso povo? As músicas que tocamos, os instrumentos que usamos, os ritmos, as letras das canções, tudo isso que está em uma boa festa também é parte da nossa cultura!

CONECTANDO IDEIAS

- 1.** Quais são os principais elementos que você percebe nessa imagem?
- 2.** Esse tipo de imagem remete a alguma festividade? Qual e por quê?
- 3.** A que formas de artes você associa o que está retratado na imagem?

1 a 3. Respostas nas **orientações ao professor**.

97

(Continuação)

estudantes, apresentando essa manifestação popular, seus valores e saberes. Verifique também a possibilidade de promover uma visita guiada a um centro cultural local onde sejam praticadas essas tradições, além de levar os estudantes para assistirem a um ensaio ou a uma apresentação dessa manifestação.

Amplie seus conhecimentos

- INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 29 ago. 2025.

No site oficial do Iphan, é possível conferir informações diversas sobre várias manifestações populares brasileiras consideradas Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro. Consulte esse site para coletar dados, imagens, áudios e vídeos sobre as manifestações brasileiras trabalhadas na unidade e outras que julgar serem importantes para o conteúdo.

Objetivos

- Ampliar os conhecimentos sobre música, articulando-os às expressões populares da cultura brasileira.
- Desenvolver atividades que explorem a expressão vocal voltada para o canto.
- Apresentar gêneros musicais brasileiros, bem como seus instrumentos comuns.

Destaques BNCC

- Ao apresentar a Folia de Reis como exemplo de manifestação popular, levando os estudantes a aprofundarem seus conhecimentos acerca das festividades da tradição da cultura popular brasileira, promove-se o desenvolvimento das **Competências específicas de Arte 3 e 9**. Ao levar os estudantes a reconhecerem também as matrizes estéticas desse folguedo, identificáveis, por exemplo, na caracterização visual dos participantes mostrados na imagem, trabalha-se também a habilidade **EF15AR03**.

Atividade preparatória

- Questione os estudantes sobre as festas populares de que gostam e os motivos que os fazem gostar delas. É por causa da música, das danças, do ritmo? Incentive-os a compartilhar seus gostos e suas preferências.
- Depois, para despertar o interesse dos estudantes pelo tema, organize uma apresentação de pequenos vídeos que abordem as tradições musicais expostas. Para o bom andamento das aulas centradas na linguagem musical, é importante desenvolver a escuta ativa dos estudantes, explorando áudios e vídeos e trabalhando a oralidade por meio dos versos. Para isso, no início deste tópico, reserve um momento de escuta de canções relacionadas às manifestações populares abordadas.

AS MUITAS MÚSICAS BRASILEIRAS

Observe a imagem a seguir.



ANDRÉ CAMARGO LOFES/ARQUIVO DO FOTÓGRAFO

1. Resposta: Estão participando de uma tradição popular conhecida como Folia de Reis. O objetivo desta questão

é levar os estudantes a identificarem os elementos da tradição, como a caracterização e os instrumentos musicais.

Folia de Reis com o grupo Mensageiros da Paz, com Mestre Garbosi (de vermelho) e Contramestre Cláudio Azarias (de azul), em Londrina, no Paraná, em 2007.

1. O que as pessoas retratadas nessa imagem estão fazendo? É possível reconhecer elementos de tradições populares do Brasil? Quais?

A música ocupa grande parte do nosso cotidiano. E isso é algo bem antigo, que acontece desde muito antes da chegada do rádio, da televisão ou da internet.

No Brasil, temos músicas que são transmitidas de geração em geração por meio da convivência, das festas e dos conhecimentos compartilhados pelas pessoas. Desse modo, as músicas tradicionais se perpetuam ao longo do tempo, retratando o imaginário do povo.

A imagem anterior mostra uma dessas tradições populares: a festa da Folia de Reis. Ela celebra a saga dos três reis magos. Nessa festividade, os foliões vão de casa em casa cantando e dançando, pedindo comida e bebida como presentes. Com forte influência das culturas indígenas, africanas e portuguesa, as canções da Folia de Reis expressam muitas crenças da religião católica.

2. Qual é sua festa ou tradição popular preferida? O que a torna tão especial?

98

2. Resposta pessoal. O objetivo desta questão é incentivar os estudantes a dividirem seus conhecimentos sobre as festas populares que apreciam e conhecem.

- Converse com os estudantes sobre o que são tradições populares. A página apresenta a festividade da Folia de Reis, que ocorre no período de 24 de dezembro (véspera de Natal) a 6 de janeiro (Dia de Reis). Trata-se de uma celebração do ciclo natalino que se inspira em uma passagem bíblica cuja narrativa é a jornada de três reis do Oriente. Introduzida no Brasil pelos portugueses, essa tradição tem uma forte presença em muitas regiões do Brasil.

ATIVIDADES

Faça as atividades no caderno.

1. Muitas músicas da Folia de Reis chegaram a ser gravadas, mas também há as que se preservaram por meio da convivência entre as pessoas. Geralmente, essas músicas são compostas de modo coletivo e acabam se tornando parte da cultura popular.

Vamos conhecer um trecho da letra de uma canção de Folia de Reis. Leia com atenção os versos a seguir e, depois, faça as atividades no caderno.

Ô de casa, ô de fora
 Ô de casa, ô de fora
 Maria, vai ver quem é
 Maria, vai ver quem é

São os cantadores de reis
 São os cantadores de reis
 Quem mandou foi São José
 Quem mandou foi São José

Cantar reis não é pecado
 Cantar reis não é pecado
 São José também cantou
 São José também cantou

[...] 1. a) Resposta: A música narra a chegada dos cantadores de reis à casa de um morador.

REISADO a São José. Intérpretes: Fábio Paes e Décio Marques. In: *Folias do Brasil*. Independente/DMCD 009, 2000. Faixa 11.

- a) Que acontecimento a letra da canção está narrando?
- b) Que acontecimento você gostaria de transformar em canção?
 Com a orientação do professor, experimente escrever versos para uma letra de música baseada nesse acontecimento.

1. b) Resposta pessoal. Confira mais possibilidades nas **orientações ao professor**.
2. Compartilhe sua canção com os colegas.

2. Resposta pessoal. Confira como conduzir esta atividade nas **orientações ao professor**.

99

(Continuação)

todos cantem como coro e como embaixadores e percebam as diferenças sonoras nos cantos das passagens cantadas por timbres de vozes diferentes.

- Essa organização de canto corresponde ao tipo de toada característico dessas folias, cujo canto se inicia com a descrição da narrativa ou de apresentação, que pode ser cantada em solo ou em dupla de vozes. A passagem para o segundo verso ocorre por transição de uma voz aguda para o canto em coro.

- No item **b** da atividade **1**, releia com a turma a letra da canção de Folia de Reis. Explore a sonoridade proporcionada pelas rimas. Incentive os estudantes a lerem a canção presente na página e oriente-os a notar a estrutura do texto para uma criação própria. Comente o fato de que cada frase se repete duas vezes e questione se eles perceberam as palavras que rimam. Depois de analisar os detalhes dessa estrutura, auxilie os estudantes na escrita dos próprios versos.

- Na atividade **2**, você pode incentivar que os estudantes ensinem a letra da música para os outros colegas. Nesse momento de compartilhamento, incentive-os a se basear nos áudios que você mostrou anteriormente e a experimentarem cantar as canções que criaram. Nesse momento, não é necessário que eles cheguem a uma melodia fixa, mas experimentem diferentes alturas e durações para entoarem a letra que escreveram.

Destaques BNCC

- A proposta permite o reconhecimento dos elementos constitutivos da música e incentiva a experimentação coletiva e individual na criação de ritmos próprios, favorecendo, assim, as habilidades **EF15AR14** e **EF15AR15**.

- Faça a leitura da canção com os estudantes. Pesquise áudios dessa música para que eles possam conhecer a melodia. Você pode encontrá-la na voz de diferentes cantores pesquisando pelo nome "Reisado a São José" em um buscador de conteúdos de sua preferência na internet. Chame a atenção dos estudantes para elementos da música, como as diferentes alturas e durações presentes na melodia.

- Depois da leitura da letra e escuta da melodia, proponha que todos experimentem cantá-la juntos.

- Em várias tradições populares, é comum a presença de uma voz que guia o coro, na forma de canto responsorial. Ou seja, um canto em que primeiro um líder canta uma parte da música e, depois, os demais respondem cantando em coro outra parte da música. Na Folia de Reis, quem guia é chamado **embaixador**. Depois de cantarem uma vez juntos, experimente cantá-la na forma de um canto responsorial. Organize a turma em dois grupos, um deles fazendo o papel de embaixador e o outro o de coro. Depois, inverta as vozes para que

(Continua)

• Inicie a condução da página questionando os estudantes sobre a relação deles com a música: se eles gostam de música; se costumam ouvir música com frequência; quais são os gêneros musicais preferidos de cada um; como conheceram esses gêneros; e em que momentos eles e os familiares escutam música.

• Quanto ao tipo de consumo, pergunte aos estudantes se alguma vez eles viram músicos atuando presencialmente e que instrumentos musicais chamaram mais a atenção deles.

• Ao trabalhar as questões 1 e 2, pergunte aos estudantes se eles já ouviram falar da embolada. Explique-lhes que consiste em um processo musical e poético que ocorre nas estrofes de cocos - uma dança tradicional no Nordeste do Brasil - e desafios, com textos declamados rapidamente sobre notas musicais repetidas. Comente que os desafios da embolada são verdadeiras competições de rimas e ritmo.

• Após a leitura da página, peça aos estudantes que comentem qual das ilustrações representa um desafio de embolada e qual representa um grupo de partideiros de samba.

• Mostre aos estudantes vídeos de músicos tocando os instrumentos apresentados na primeira imagem da página para que possam apreciar e identificar qual é o som de cada um deles. Após a primeira audição, peça-lhes que fechem os olhos, coloquem para tocar a gravação de cada instrumento e pergunte: Que instrumento é esse?

• Se julgar necessário, comente que os instrumentos apresentados na página fazem parte do grupo de instrumentos de percussão (pandeiro e atabaque) e dos instrumentos de cordas (violão e cavaquinho).

Brincadeiras de versar

Observe a imagem.

1. Em que espaço esses artistas estão cantando?
2. Que instrumento musical eles estão tocando?

Na cultura popular brasileira, muitas canções são feitas na hora, com versos rimados de improviso. Um dos gêneros musicais em que isso ocorre é a embolada e quem a canta é chamado de embolador.

Na maioria das vezes, os emboladores se apresentam em espaços públicos, ao ar livre. É comum que eles se apresentem em duplas ou até em grupos, participando do que chamam de **desafio de embolada**. Nessa brincadeira, os emboladores escolhem um tema para os versos e tentam superar um ao outro nas rimas improvisadas, tudo isso sem perder o ritmo.

Além dos emboladores, existem outros artistas que disputam entre si fazendo versos de improviso. É o caso dos partideiros e dos MCs (sigla para "mestres de cerimônia").

Os partideiros são sambistas que improvisam versos no estilo do partido-alto, uma variedade do samba criada nos morros da cidade do Rio de Janeiro e que hoje está em diversas regiões do país. Participam das disputas entre partideiros, no mínimo, dois versadores, acompanhados de outros músicos que tocam instrumentos de percussão e cordas. Geralmente, a música tem um refrão que é cantado por todos, e, no intervalo entre um refrão e outro, os improvisadores fazem seus versos.



VICTOR LEMOS/ARQUIVO DA EDITORA



KLEBER MAURICIO COELHO/ARQUIVO DA EDITORA

100

• Explique aos estudantes que esses instrumentos musicais estão presentes no samba e que a cena retrata o gênero partido-alto. Trata-se de uma forma de canto coletivo, em que versadores improvisam os versos e se desafiam na mesa, enquanto instrumentistas e outros participantes, muitas vezes, atuam como coro sobre refrãos improvisados.

Já os MCs são os rimadores que criam versos sobre uma música tocada pelo DJ, no gênero *rap*. As batalhas de rima feitas por MCs também são desafios de improviso entre dois ou mais artistas e funcionam como campeonatos em que vários participantes competem. Depois que os rimadores se enfrentam, é a plateia que escolhe o vencedor, fazendo barulho para quem ela julga ter feito as melhores rimas. Geralmente, as batalhas acontecem em lugares públicos e se tornam, desse modo, uma ocasião para as pessoas se encontrarem e se divertirem.

ÁUDIO BEATBOX

Confira a faixa de áudio **Beatbox** para conhecer um elemento que pode ser utilizado nas batalhas de rima.



KLEBER MAURICIO COELHO/ARQUIVO DA EDITORA

PELO BRASIL

O município de Barueri, no estado de São Paulo, é reconhecido por seu desenvolvimento de práticas sustentáveis, seu cuidado com as árvores e seu investimento em tecnologia e inovação. Na área cultural, também é reconhecido por sediar a Batalha da Aldeia, que é considerada a maior batalha de rima do Brasil.

A Batalha da Aldeia teve origem em uma roda de rima que era realizada na Praça dos Estudantes, em 2016. Esse evento cresceu e hoje é organizado pelo maior coletivo cultural de batalhas de rima da América Latina, além de ter vídeos na internet que passam de um milhão de visualizações. Nas batalhas, os MCs podem rimar sobre suas vivências e transformá-las em arte.



Vista aérea da cidade de Barueri, em São Paulo, em 2023.

CASADA PHOTO/SHUTTERSTOCK

• A ilustração da página aborda uma batalha de rimas, um duelo entre versadores de *rap* que se desafiam em uma batalha de rimas/improviso. As duplas vão sendo reorganizadas com aqueles que vencem o desafio, de modo que ao final sobrem apenas dois competidores.

• Elucide que DJ significa *Disc Jockey*, que pode ser traduzido como “tocador de discos”. Durante uma batalha de rima, os DJs podem tocar as batidas em aparelhos eletrônicos, com ou sem discos de vinil, mas também existem batalhas em que a batida é feita na hora por pessoas que criam *beatbox*.

• Explique que MC é uma abreviação para “mestre de cerimônias” e nas batalhas o termo refere-se às pessoas que disputam pela melhor rima.

• Se houver tempo hábil, faça uma atividade prática para que os estudantes compreendam a dinâmica de uma batalha de rimas. Após escutarem a faixa de áudio **Beatbox**, tente reproduzir o som com os estudantes e proponha criar uma batalha de rimas na turma. Para isso, siga as instruções do boxe **Mais atividades**.

101

Mais atividades

- Convide os estudantes a montarem uma batalha de rimas com a turma toda. Explique que para a realização da batalha eles vão se organizar em grupos de quatro estudantes e cada batalha será formada por um estudante que fará o *beatbox* e o outro improvisará as rimas. Diga aos estudantes que cada dupla competirá com a outra.
- Apesar do contexto de competição característico das batalhas de rima, oriente os estudantes a assumirem uma postura respeitosa com a dupla adversária, sem utilizarem qualquer espécie de ofensa ou insulto. Intervenha ime-

diatamente caso perceba qualquer animosidade entre os estudantes.

- Sorteie temas a cada dupla e deixe que os estudantes escolham quem fez as rimas mais divertidas. Você pode colocar temáticas referentes aos conteúdos estudados em diferentes componentes curriculares.
- Explique que é dessa maneira que funcionam as batalhas e que elas podem ter várias modalidades, como a “batalha de conhecimento”, em que vence quem fizer as melhores rimas utilizando conhecimentos específicos sobre a temática proposta.

Destaques BNCC

• Ao conhecerem uma canção popular como “Balão de ouro” e depois experimentarem cantá-la, inclusive usando-a como base para comporem uma canção nova, os estudantes desenvolvem as habilidades **EF15AR13**, **EF15AR14** e **EF15AR17**, bem como as **Competências gerais 3 e 4** e a **Competência específica de Arte 4**.

• Inicie a seção **Atividades** realizando a leitura do texto apresentado na atividade **1** sem sugerir as palavras que o completam. Depois de terminar a leitura do texto, peça aos estudantes que preencham as lacunas escolhendo, em cada caso, uma das palavras entre parênteses. No momento da correção, releia o texto completando-o com todas as palavras sugeridas no livro para que os estudantes tenham a chance de perceberem a rima em associação com as outras palavras. Reproduza-o na lousa em letra cursiva para os estudantes.

• Informe que os cantos responsoriais, que têm estrutura de pergunta e resposta, estão presentes em diversas manifestações populares brasileiras. Essa estrutura costuma ter uma pessoa que canta o primeiro verso de uma música, como se fizesse uma pergunta, e um grupo de pessoas que repete o mesmo verso, como se estivesse respondendo. Comente que na atividade **2** vocês vão utilizar essa estrutura para cantar a música “Balão de ouro”.

• No item **a** da atividade **2**, realize a leitura da letra da cantiga com os estudantes. Em seguida, ouça com a turma a cantiga e ensaie cantar no ritmo da música. Proponha uma escuta atenta e ativa, tirando dúvidas e instigando os estudantes a experimentarem o ritmo da música movendo o corpo.

ATIVIDADES

Faça as atividades no caderno.

1. Copie o texto a seguir no caderno, substituindo os símbolos por uma das palavras entre parênteses para completar rimas. Depois, leia e experimente cantar os versos desse desafio como um embolador.

Vou cantar em um desafio

E brincar esta embolada

Para fazer uma canção

Com uma rima ■ **(fácil, engraçada, estranha)**. organize a turma em duplas para se desafiarem amistosamente na improvisação de versos.

Caro amigo violeiro

Os seus versos são furados

Toca e canta o dia inteiro

Versos mal ■ **(elaborados, viola, feitos)**.

Texto elaborado especialmente para esta coleção.

2. Que tal inventar e cantar rimas? Para isso, vamos usar como base a música “Balão de ouro”, que você conhecerá a seguir.

- a) Primeiro, leia a letra da canção. Depois, escute o áudio para acompanhá-la no ritmo da música.

Eu tenho meu balão de ouro
que eu ganhei no Piauí

Eu tenho meu balão de ouro
que eu ganhei no Piauí

Não deixa, mamãe, não deixa, papai
não deixa meu balão subir

Não deixa, mamãe, não deixa, papai
não deixa meu balão subir

Origem popular.

ÁUDIO BALÃO DE OURO

Confira a faixa de áudio **Balão de ouro** para aprender a cantá-la.

102

Amplie seus conhecimentos

• PALAVRA (en)cantada. Direção de Helena Solberg. Brasil, 2009 (86 min).

O documentário conta a história do cancionário brasileiro, apresentando a relação entre música e poesia. Faz um passeio pela poesia, pelo rap, pelo Carnaval e pela bossa nova, trazendo depoimentos de grandes nomes da música brasileira.

- b)** Após treinar a música, verifique com o professor qual é o melhor lugar e organização para continuar a atividade. Junte-se aos colegas e formem dois grupos, grupo 1 e grupo 2, com a mesma quantidade de pessoas.
- c)** Agora, o grupo 1 vai começar cantando. Em seguida, o grupo 2 vai repetir o que o grupo 1 cantar, como no esquema a seguir. Depois, a ordem deve ser invertida.

Grupo 1: Eu tenho meu balão de ouro
que eu ganhei no Piauí

Grupo 2: Eu tenho meu balão de ouro
que eu ganhei no Piauí

- d)** Que tal cada grupo criar a própria versão da canção? Pensem em um tema e escrevam uma letra seguindo a mesma estrutura da música “Balão de ouro”. Após produzirem a canção, cantem-na para os colegas do outro grupo, compartilhando suas criações com toda a turma. Confiram um exemplo a seguir.

Eu tenho meu balão de ouro
que eu ganhei no Piauí

Eu tenho meu ■ de ■
■■■

Não deixa, mamãe, não deixa, papai
não deixa, meu balão subir

Não deixa ■, não deixa, ■
Não deixa ■■■

Confira um exemplo.

Eu tenho meu **chapéu** de **couro**
enfeitado com caqui

Não deixa, **Lulu**, não deixa, **Lala**
não deixa o **chapéu cair**

2. Respostas e comentários nas orientações ao professor. Esta atividade possibilita levar os estudantes a realizarem as ações educativas conceituais de **conhecer** e **inventar**; as ações educativas atitudinais de **praticar**, **cooperar**, **criar** e **socializar**; e as ações educativas comportamentais para música de **jogar**, **cantar**, **compor** e **executar ritmos**.

• Caso não haja sala específica para atividades de música, você pode levar os estudantes a um espaço como a quadra ou o pátio da escola. Caso isso não seja possível, realize-a na própria sala de aula, pedindo aos estudantes que afastem as cadeiras. Avise os demais professores e a direção da escola que você vai ministrar atividades de música e que alguns sons podem vazar para as salas próximas.

• Após trabalhar o item **c** da atividade **2**, inverta a ordem dos grupos para que os dois grupos experimentem cantar as duas partes da cantiga.

• No item **d**, instigue a turma a compor rimas. Convide os estudantes a manterem os grupos da etapa anterior e conversarem sobre como criar versos que tenham relação com suas vivências cotidianas e inspirações próprias para fazer as rimas. Por fim, sugira que cada grupo leia sua versão da canção para o outro grupo, incentivando a escuta ativa e respeitosa de todos os colegas.

• Comente com os estudantes que a música “Balão de ouro” provém da festa do Baião de Princesas, uma manifestação cultural e religiosa difundida por terreiros de Tambor de Mina (vertente religiosa afro-indígena característica do estado do Maranhão). A Casa Fanti Ashanti é um centro cultural e um dos mais conhecidos terreiros de Tambor de Mina de São Luís do Maranhão.

(Continua)

103

(Continuação)

Euclides Menezes Ferreira (1937-2015), também conhecido como pai Euclides Talabian, foi o fundador da Casa Fanti Ashanti em 1954, onde são realizadas, entre outras manifestações culturais e religiosas, as festas do Baião de Princesas, celebrado no dia 13 de dezembro, Dia de Santa Luzia. A festa conta com muita dança, canto e música.

Amplie seus conhecimentos

• **MÃE Kabeca:** Casa Fanti Ashanti: Projeto Sonora Brasil. Produzido pelo Sesc Maranhão, 2022 (19 min).

Acesse o curta-documentário produzido pelo Sesc Maranhão em uma plataforma de vídeos de sua preferência e mostre aos estudantes as sonoridades afrobrasileiras que a casa Fanti Ashanti mantém vivas.

• **FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha.** *Tambor de Mina, cura e baião na Casa Fanti Ashanti/MA*. Secma, 1991.

A pesquisadora Mundicarmo Ferretti dedicou anos de sua vida pesquisando as manifestações de matriz africana no Maranhão. Ela publicou, entre outros trabalhos, alguns textos no encarte do LP *Casa Fanti Ashanti: Tambor de Mina, cura e baião*, registro organizado pelo Governo do Estado do Maranhão, em 1991. O trabalho está disponível de forma gratuita e *on-line*. Para acessá-lo, basta procurar pelo nome citado em um buscador de sua preferência.

Destaques BNCC

• Ao entrar em contato com diferentes gêneros de expressões musicais brasileiras, os estudantes reconhecem o uso e as funções musicais por meio dos mais diversos contextos regionais, promovendo o desenvolvimento da habilidade **EF15AR13**.

• Os textos das páginas **104** e **105** apresentam a noção de gêneros musicais e a diversidade de gêneros brasileiros, criados por meio do encontro de povos de diferentes culturas e distintos modos de vida. Realize a leitura coletiva dos textos, se possível, associada à audição de músicas dos respectivos gêneros mencionados nas páginas.

• Proponha que cada estudante, com a supervisão de um responsável, faça uma *playlist* em alguma plataforma de sua preferência, com músicas apresentadas pelos colegas de turma. Lembre-se de dedicar um momento para realizar uma escuta coletiva da lista de músicas levantada pelos estudantes. Durante esse processo, convide os estudantes a acrescentarem as próprias referências às músicas escutadas. Pergunte que músicas, dos gêneros apresentados, eles podem indicar para a escuta coletiva. Instigue-os a comentar as músicas que eles acreditam fazer parte dos gêneros citados.

• Na condução da página, retome o questionamento sobre que gêneros musicais os estudantes conhecem e quais costumam ouvir. Verifique os conhecimentos prévios deles sobre os gêneros apresentados.

• Como forma de se aprofundar no universo cultural dos estudantes, promova uma seção de escuta musical com os mais diversos gêneros. Caso necessário, reproduza a sugestão do boxe **Mais atividades** em sala de aula.

Gêneros musicais brasileiros

Você já deve ter percebido como a música brasileira tem ritmos e sonoridades diferentes. Isso acontece porque ela reflete a diversidade da nossa cultura.

No Brasil, a influência de diversas tradições deu origem a diferentes gêneros musicais que fazem parte da nossa cultura. Usamos o termo **gênero musical** para classificar os tipos de música de acordo com suas características, como o ritmo e o jeito de cantar, tocar os instrumentos e criar letras. Confira alguns exemplos a seguir.

Samba

É um dos gêneros musicais mais populares do Brasil. Ele teve origem nos ritmos e nas sonoridades trazidas pelos diversos povos africanos que foram escravizados no país. Essas sonoridades se misturaram a manifestações europeias, dando origem a outros gêneros. Foi nesse ambiente de troca e mistura que o samba nasceu, tornando-se o gênero que conhecemos hoje.

Choro

Também conhecido como chorinho, esse gênero teve origem na cidade do Rio de Janeiro, no século 19. Foi criado pela mistura de gêneros como a polca, uma dança de salão europeia, e o lundu, uma manifestação de música e dança de origem africana. No choro, instrumentos como o cavaquinho, o bandolim, a flauta, o clarinete, o pandeiro e o violão de sete cordas são muito utilizados.

Jacob do Bandolim (1918-1969), célebre compositor de choros e outros gêneros musicais, no século 20.



ARQUIVO DO INSTITUTO JACOB BANDOLIM

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

Moda de viola

Esse gênero se formou pela combinação de tradições musicais de Portugal com manifestações latino-americanas. A moda de viola é um gênero musical ligado ao interior do Brasil, principalmente às regiões Sudeste e Centro-Oeste. As modas de viola geralmente têm letras narrativas que contam histórias e causos.

ÁUDIO SAMBA, CHORO E MODA DE VIOLA

Confira a faixa de áudio **Samba, choro e moda de viola** para ouvir exemplos dos gêneros musicais que estudamos anteriormente.

104

Mais atividades

- Proponha um jogo de adivinhar qual é a música com os estudantes. Para isso, organize previamente sua própria *playlist* com as músicas citadas pelos estudantes e por outras de sua preferência, que sejam adequadas à faixa etária da turma.
- Para que o jogo seja proveitoso e divertido, explique as regras antes de iniciar a atividade. Explique aos estudantes que eles deverão formar uma fila única para que todos participem. Comente que, após organizarem a fila, uma

música (escolhida de maneira aleatória por você) vai começar a tocar e a pessoa que estiver em primeiro lugar na fila deve tentar adivinhar o nome da música, bem como quem está cantando.

- Após responder, acertando ou não as questões propostas no jogo, o estudante vai para o final da fila e será a vez de colocar outra música para que o próximo da fila tente adivinhar. Repita esse procedimento até que todos os estudantes tenham participado.



CONHECENDO O ARTISTA

O cantor e compositor pernambucano **Luiz Gonzaga** (1912-1989) foi um importante artista da música popular brasileira. Gonzaga foi o grande responsável pela popularização em todo o Brasil de alguns estilos nordestinos, como o xote, o xaxado e o baião, o que lhe garantiu o título de Rei do Baião.

Em suas canções, Luiz Gonzaga retratava elementos da cultura e do cotidiano de muitas pessoas da Região Nordeste. Além disso, em muitas de suas músicas está presente não apenas o tema da seca extrema que castiga partes do Sertão, obrigando alguns sertanejos a migrarem para outras regiões, mas também o amor e a alegria pela festa.

- A página retoma o trabalho do artista Luiz Gonzaga, o Rei do Baião. Seu trabalho retratava o Nordeste, seu povo e seus costumes. Coloque algumas músicas para os estudantes ouvirem. Suas composições são ricas em elementos regionais, tanto em expressões como em imagens.

- Mostre no mapa onde fica o Nordeste brasileiro, demonstrando que ele é composto de diferentes estados e diversas manifestações culturais. Aproveite e aponte para o estado de Pernambuco, onde se encontra o município de Exu, local de nascimento de Luiz Gonzaga, trabalhado no boxe **Pelo Brasil**. Comente que o chamado Sertão faz parte da Região Nordeste, porém não o contempla por inteiro. Se possível, mostre imagens de diferentes cidades nordestinas para que os estudantes possam apreciar a diversidade cultural dessa região do país.

- Apesar de o tema da seca estar presente em algumas canções, como “Asa branca” e “Volta da asa branca” de Luiz Gonzaga, suas composições também ressaltam muitos aspectos positivos dessa região do país. Pensando nisso, ao trabalhar o boxe **Conhecendo o artista**, apresente algumas canções compostas ou cantadas por Luiz Gonzaga que explorem aspectos positivos do Sertão nordestino. Alguns exemplos são:

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.



PELO BRASIL

O baião é um gênero musical brasileiro com ritmo animado e dançante, marcado por instrumentos musicais como a sanfona, a zabumba e o triângulo.

O gênero é muito ligado ao Nordeste, sobretudo ao estado de Pernambuco. É nesse estado que fica a cidade de Exu, muitas vezes chamada de capital do baião por ter sido o local onde nasceu Luiz Gonzaga.

Exu fica no Sertão do Araripe, uma região que inspirou muitas canções de Gonzaga. A cidade abriga o Parque Asa Branca, onde ficam um museu e a casa onde Luiz Gonzaga viveu. Além disso, a cidade promove muitos encontros de sanfoneiros, celebrando o baião.



Pórtico na entrada do município de Exu, em Pernambuco, em 2023.

105

(Continuação)

- “Forró das crianças”: canção cuja letra narra uma festa da região, com a presença de vários gêneros musicais;
- “Respeita Januário”: canção em que é citada a sanfona de oito baixos, instrumento musical tradicional do Sertão nordestino;
- “Onde o Nordeste garoa”: dedicada ao município de Garanhuns, em Pernambuco.

Saberes integrados

Ao conduzir a leitura do boxe **Conhecendo o artista**, é possível incorporar conhecimentos referentes ao componente curricular de **Geografia** e explicar que a região citada no texto, o Sertão nordestino, tem uma biodiversidade muito resiliente e adaptável, ou seja, as plantas e os animais conseguem se adaptar à falta de água, criando espécies únicas que são possíveis apenas nessa região do país.

(Continua)

• Na atividade **1**, retome o conceito de gêneros musicais, se necessário demonstrando exemplos. Acolha os comentários dos estudantes e peça-lhes que comentem a pergunta proposta no item **a**, de modo que você possa auxiliá-los na compreensão de que o texto pode partir de suas impressões pessoais para adentrar em conhecimentos específicos, embasados na retomada do conteúdo apresentado ou em uma pesquisa aprofundada sobre o gênero musical escolhido. Explique aos estudantes a importância de pesquisarem assuntos que lhes interessem. Peça-lhes que façam uma pesquisa em diferentes referenciais, facilitando a apresentação (escrita ou falada) de um tema, além de propiciar que eles descubram novas inclinações ou aprofundem as que já têm.

• A estratégia de estudo **Resumo** contribui para o desenvolvimento de habilidades de interpretação de textos, síntese e escrita. Comente com os estudantes que anotar e procurar o significado de palavras que eles acham difíceis no texto facilita a compreensão da mensagem a ser absorvida e auxilia na produção de uma reescrita mais compreensível. Para que possam embasar a escrita na atividade **1**, leve os estudantes à biblioteca e ao laboratório de informática da escola para, com a sua supervisão, pesquisarem as informações necessárias sobre o gênero escolhido. Oriente-os a buscar referências em livros, revistas, sites e vídeos confiáveis. Peça-lhes que anotem toda informação relevante sobre o gênero escolhido. Voltem à sala de aula e reserve um tempo para que eles montem o resumo a partir dessas anotações.

Atitude legal

Antes de começar as apresentações, peça aos estudantes que comentem onde encontraram as informações presentes no resumo e converse sobre a importância de ler e escrever sobre os gêneros musicais brasileiros, de forma que eles compreendam que os elementos do cotidiano podem compor saberes e conhecimentos específicos, desde que haja a intenção de pesquisá-los e aprofundá-los.

ATIVIDADES

1. a) a c) Respostas pessoais. Leve os estudantes a falarem sobre os gêneros que conhecem e auxilie-os a explicarem suas definições.

Faça as atividades no caderno.

 RESUMO

1. Agora é com você! Pesquise sobre algum outro gênero musical brasileiro que você conhece e, no caderno, faça um resumo sobre ele, respondendo às perguntas a seguir. Depois, mostre seu resumo aos colegas.

- a)** O que chama sua atenção nesse gênero?
- b)** Quais são os instrumentos musicais presentes nele?
- c)** Quais são os temas mais comuns nas letras desse gênero?



Após compartilhar seu trabalho com a turma, converse com os colegas sobre a importância de valorizar os gêneros da música brasileira e a diversidade cultural do país.

2. No caderno, associe cada uma das frases a seguir ao gênero musical brasileiro estudado neste tópico.

- | | |
|--|----------------------|
| A. Gênero que combina ritmos portugueses com influências musicais latino-americanas. 2. a) Resposta: Moda de viola. | Samba |
| B. Música surgida na cidade do Rio de Janeiro, no século 19. 2. b) Resposta: Choro. | Choro |
| C. Sua origem remete aos ritmos e às sonoridades trazidos pelos africanos que foram escravizados no país. 2. c) Resposta: Samba. | Baião |
| D. Luiz Gonzaga foi um de seus maiores representantes, retratando elementos culturais da Região Nordeste. 2. d) Resposta: Baião. | Moda de viola |

3. Agora é hora de pesquisar. Entreviste pessoas mais velhas com quem você convive e anote trechos de samba, choro, baião e moda de viola que eles conhecem. Após registrar os nomes das canções e de seus compositores e intérpretes, complemente a pesquisa com as seguintes informações:

- O que eles sabem sobre essas canções?
- Como as conheceram?
- Quais são seus artistas preferidos?

Anote no caderno todas as informações e apresente à turma os resultados de sua pesquisa.

3. Resposta pessoal. Comentários nas orientações ao professor.

106

- A entrevista proposta na atividade **3** é importante para que os estudantes entendam a própria identidade musical. Pergunte: “Por que vocês ouvem determinados gêneros?”.
- Oriente os estudantes a anotarem as respostas da entrevista. Sugira que passem suas anotações a limpo, com o auxílio dos entrevistados.
- Explique que compositor é a pessoa que cria a música, escrevendo a letra e/ou as notas musicais que fazem parte dela. Já intérprete é a pessoa que apresenta a música, cantando-a e/ou tocando-a.

Instrumentos musicais da música brasileira

Muitas vezes, é possível diferenciar os gêneros musicais brasileiros por meio dos instrumentos que eles utilizam. A seguir, vamos conhecer alguns dos mais utilizados.

Acordeão

É um instrumento usado em diversos gêneros da música brasileira e chegou aqui por meio de imigrantes europeus no século 19. Também conhecido em algumas regiões como gaita ou sanfona, tem um teclado, um painel de botões (os baixos) e um fole. É um instrumento típico do gênero musical baião, mas também aparece com frequência na música caipira do Sudeste e na música tradicional gaúcha.



■ Musicista tocando acordeão.

Viola

Essencial em muitos gêneros de nossa música, principalmente na moda de viola, esse instrumento foi inventado no Brasil, adaptado de instrumentos trazidos pelos portugueses durante a colonização. Seu corpo é feito de madeira em forma de oito e tem cordas duplas. O modelo mais popular no Brasil, a viola caipira, tem um conjunto de dez cordas.



■ Musicista tocando viola.

Pandeiro

De provável origem árabe, o pandeiro também chegou ao Brasil com os portugueses. No início, era bastante utilizado em festas religiosas, mas com o tempo foi se tornando parte de diversos gêneros populares.

Muito presentes nas rodas de samba, os toques do pandeiro são executados em uma membrana ("pele") esticada sobre um aro de madeira ou plástico. Nesse aro, há chapinhas de metal chamadas platinelas, que enriquecem os timbres do instrumento.



■ Musicista tocando pandeiro.

ÁUDIO PANDEIRO

Confira a faixa de áudio **Pandeiro** para conhecer melhor esse instrumento.

107

• Ao levar os estudantes a conhecerem diversos instrumentos e relacioná-los às suas origens distintas, ampliando o repertório e valorizando o patrimônio cultural, trabalha-se a habilidade **EF15AR25**. Ao reconhecer características de alguns instrumentos musicais presentes na cultura brasileira, os estudantes também desenvolvem aspectos da habilidade **EF15AR15**.

• Verifique se a turma tem estudantes que tocam algum instrumento. Em caso afirmativo, organize uma apresentação. Também é possível solicitar um vídeo que pode ser feito e enviado pelos familiares para que os demais estudantes escutem o colega tocando.

• Incentive os estudantes a falarem de seus conhecimentos prévios acerca dos instrumentos e dos gêneros musicais. Pergunte: "Quais são os instrumentos de que vocês mais gostam?"; "Como é o som produzido por eles?"; "Vocês conseguem identificar essas características nos instrumentos de que gostam e conhecem?".

Mais atividades

- Converse com os estudantes sobre a sonoridade dos objetos. Questione se eles se lembram de quais elementos são capazes de alterar o timbre do som. Verifique se eles citam o formato, o material e o tamanho da fonte sonora. Caso sintam dificuldades, retome com eles o que é timbre, bem como as demais propriedades do som.
- Em seguida, explique que todo instrumento ou objeto sonoro tem um timbre

que pode sofrer alterações de acordo com as características de composição. Pensando nisso, proponha aos estudantes experimentações de instrumentos e de objetos sonoros. Verifique se a escola possui alguns instrumentos musicais para utilizar nessa vivência. É importante possibilitar aos estudantes contato com os materiais, incentivando-os a pensar na sonoridade com base no manuseio dos próprios instrumentos.

- Caso não haja instrumentos convencionais, oriente os estudantes a explo-

rarem outros objetos presentes na sala de aula como fontes sonoras. Oriente-os a procurar objetos que eles possam usar para produzir sons, percutindo, raspando, soprando ou agitando.

• Questione os estudantes sobre os sons produzidos: são metálicos ou aveludados? Incentive os estudantes a descreverem os sons que perceberam durante a atividade. O objetivo da atividade é lembrá-los de que fontes sonoras diferentes produzem sons com timbres diferentes.

- Inicie a condução da página por meio da leitura das imagens, questionando os estudantes sobre os conhecimentos que eles têm de cada instrumento mostrado.

- O cavaquinho é um instrumento comum em rodas de samba, choro e pagode. Comente com os estudantes essa informação para que eles possam lhe apresentar músicas nesse estilo e, caso seja possível escutarem as músicas todos juntos, faça exercícios de identificação para que os estudantes procurem o som do cavaquinho nas músicas. Você também pode comentar que o cavaquinho tem um companheiro comum nos gêneros citados, que é o bandolim. Pergunte se os estudantes conhecem esse instrumento que também faz parte do grupo de instrumentos de corda.

- Explique aos estudantes que existem diversos tipos de flautas e a que aparece na imagem do livro é uma flauta transversal, que recebe esse nome porque é tocada na horizontal. Ela é diferente da flauta doce, por exemplo, que é bastante comum, inclusive em ambientes escolares, e é tocada na vertical.

- O atabaque é um instrumento de percussão, considerado um instrumento sagrado em algumas religiões de matriz africana, costuma ser tocado com as mãos e pode ter diferentes tamanhos.

Cavaquinho

Esse é um instrumento essencial bastante comum em rodas de samba e choro, mas pode ser usado em diferentes gêneros musicais. O cavaquinho é um instrumento com quatro cordas, e sua sonoridade é mais aguda do que a do violão e a da viola.

Musicista tocando cavaquinho.



MIKE CALVO/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES

Flauta

É um instrumento de sopro muito antigo, com origens pré-históricas. Mas o instrumento evoluiu muito ao longo dos séculos e hoje existem diferentes tipos de flautas. Algumas delas são mais comuns em determinados gêneros musicais. No Brasil, a flauta transversal aparece muito no choro e também pode ser encontrada em manifestações indígenas.

Musicista tocando flauta transversal.



PATRICIO MANUELHUAL/ISTOCK/GETTY IMAGES

Atabaque

Instrumento de origem africana, o atabaque é um tambor de madeira muito usado em cerimônias religiosas de matriz africana, marcando o ritmo dos cantos e das danças. O atabaque também é utilizado em gêneros musicais como o samba e em manifestações culturais como a capoeira.

ÁUDIO ATABAQUE OU CONGA

Ouça a faixa **Atabaque ou conga** para conhecer melhor esse instrumento.

Musicistas tocando atabaque.



FRED PINHEIRO/ALAMY/FOTORENA

108


Amplie seus conhecimentos

- **TRIBUTO a Altamiro Carrilho:** deixa o breque pra mim (Altamiro Carrilho). *Clementina Produções*, 17 maio 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kaufOz2bG3A>. Acesso em: 28 ago. 2025.

O vídeo sugerido traz uma apresentação de choro em que estão presentes o acordeão, a viola, o pandeiro, o cavaquinho e a flauta. Se possível, exiba o vídeo para que os estudantes possam ver e ouvir os instrumentos citados.

Rabeca

Muito parecida com o violino, a rabeca é um instrumento de cordas que são tocadas com a ajuda de um arco. Ela é usada em diferentes manifestações culturais do Nordeste, como no folguedo do Cavalo-Marinho e no maracatu rural.

Musicista tocando rabeca. 




LUCAS LACAZ RUZ/FOTODARENA

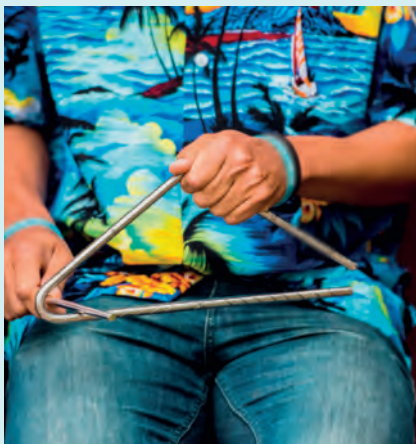
Triângulo

Muito usado nas festas de São João e nas bandas de baião, o triângulo é um instrumento metálico tocado com uma baqueta de ferro. Embora pequeno, seu som é bem agudo, participando com a zabumba e com a sanfona das tradicionais formações de baião.

ÁUDIO TRIÂNGULO

Ouç a faixa **Triângulo** para conhecer melhor esse instrumento.


Musicista tocando triângulo. 



ALEX BOGATREY/SHUTTERSTOCK

Zabumba

É um instrumento de percussão tradicional do Nordeste. É um tambor de corpo largo, com duas peles, uma de cada lado, e tocado com duas baquetas diferentes: uma acolchoada, que marca os graves, e outra mais fina, que produz toques agudos e secos. Ela é responsável pela base rítmica dos estilos que fazem parte do forró, como o baião, o xote e o xaxado.

Musicista tocando zabumba. 



SINGLE MUSIC PHOTOS/SHUTTERSTOCK

- A rabeca está presente em diversas regiões do Brasil e em celebrações como Fandango, Folia de Reis, Cavalo-Marinho, Bumba Meu Boi, Marujada e várias outras. Você pode propor aos estudantes uma pesquisa sobre esse instrumento em relação à história e à fisicalidade próxima do violino, porém com algumas diferenças. A rabeca é, ainda hoje, um instrumento que costuma ser feito de maneira artesanal pelos próprios tocadores.
- Junto à sanfona, o triângulo e a zabumba são dois instrumentos bem comuns no forró. Apesar de serem muito diferentes, ambos são instrumentos de percussão.

Amplie seus conhecimentos

- MESTRE Ambrósio. Banda Mestre Ambrósio. Selo Rec Beat Discos, 1996.

Para conhecer o som da rabeca, procure pelo álbum sugerido em uma plataforma de músicas ou vídeos de sua preferência e acesse músicas como “Pé da calçada” e “Baile catिंगoso”, em que o som do instrumento é perceptível logo no início. Se possível, coloque para os estudantes escutarem as músicas.

Destaques BNCC

• Ao levar os estudantes a construir o próprio instrumento e depois explorarem sua sonoridade, a atividade possibilita o desenvolvimento da habilidade **EF15AR15**.

• Os estudantes já obtiveram informações sobre alguns instrumentos e seus grupos. Antes de iniciar a atividade, retome esses conceitos e peça-lhes que sigam as etapas apresentadas. Incentive-os a utilizar a criatividade na confecção do instrumento. Ao final, oriente-os a experimentar o cordofone e a falar sobre a experiência.

• Cite alguns gêneros, estilos e ritmos musicais (samba, rock, música erudita, maracatu, pop etc.) e pergunte que grupos de instrumentos eles associam a cada um dos exemplos.

• Peça aos estudantes que citem alguma banda, grupo musical ou artista solo que conheçam. Em seguida, pergunte quais instrumentos estão presentes nas músicas do artista ou da banda citada e a que grupo de instrumentos pertencem. Descubra se há algum grupo de instrumentos que é mais familiar a eles e algum que conheçam menos.

• Converse com os estudantes sobre as partes do corpo utilizadas para tocar os instrumentos dos grupos apresentados. Peça-lhes que sejam específicos e imaginem a totalidade do movimento realizado para tocar cada instrumento. Em relação aos aerofones (instrumentos que produzem som pela vibração do ar), instigue-os novamente a ser específicos e se lembrar dos lábios, da língua, dos pulmões, do diafragma etc.

• Explique aos estudantes que há grupos de instrumentos que são melódicos e outros que são harmônicos. Procure explicar que os instrumentos harmônicos são aqueles capazes de executar

várias notas musicais de uma única vez, por exemplo, o piano, o teclado, o violão, a viola, o baixo e a sanfona. Já os instrumentos melódicos conseguem soar apenas uma nota musical de cada vez, como a flauta, o saxofone e o violino. É importante sinalizar que instrumentos harmônicos podem tocar melodias, mas instrumentos melódicos, como não podem tocar mais de um som ao mesmo tempo, não conseguem tocar harmonias.

• Retome com os estudantes que as experiências rítmicas que desenvolveram são uma experiência de andamento musical, que mantém o tempo e a

dimensão rítmica da música. A bateria, o baixo e os instrumentos percussivos têm essa natureza.

• Ressalte aos estudantes o fato de que, ao separar uma caixa de sapatos para a atividade **A**, o tamanho e o formato escolhido influenciarão no timbre do instrumento que estão criando.

• Durante a realização da etapa **B** e a proposta na seção **Atividades**, fique atento ao uso da tesoura pelos estudantes e esteja disponível para oferecer auxílio individualizado, caso necessário.

ATIVIDADES

Faça as atividades no caderno.

1. Agora que você já conheceu vários instrumentos, que tal experimentar montar um instrumento de cordas? Siga as orientações.

1. Respostas e comentários nas **orientações ao professor**. Esta atividade leva os estudantes a realizarem a ação educativa

conceitual de **conhecer**; as ações educativas atitudinais de **praticar e experimentar**; e as ações educativas comportamentais para artes visuais de **colar, colorir, desenhar, montar e recortar**.

MATERIAIS

- caixa de sapato
- elásticos
- tesoura com pontas arredondadas
- pincel
- tinta guache
- cola escolar

- A.** Separe a caixa de sapato, semelhante à da imagem, podendo também ser maior ou menor do que ela.



- B.** Usando a tesoura, retire a tampa da caixa, conforme a imagem.



CUIDADO: Tome cuidado ao manusear a tesoura. Se precisar, peça ajuda ao professor e lembre-se de guardá-la assim que terminar a etapa **B**.

110

C. Decore a caixa utilizando a tinta guache e aguarde secar.



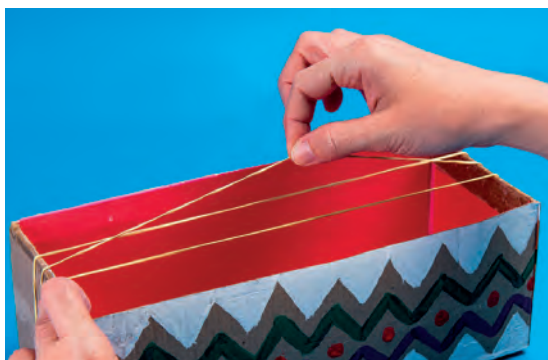
FOTOS: JOSÉ VITOR ELOREIA/ASC IMAGENS

D. Estique os elásticos, mantendo espaços iguais entre eles. Os elásticos serão as cordas de seu **cordofone**. Agora, é só tocar os elásticos para produzir o som que você deseja.

Cordofone: qualquer instrumento de cordas, isto é, que produz sons por meio da vibração de cordas esticadas.



E. Depois que o cordofone estiver pronto, explore a sonoridade do instrumento. Com a ajuda do professor, tente usá-lo para acompanhar algumas das músicas que já estudamos.



111

(Continuação)

• O trecho a seguir aborda a importância da musicalização para o desenvolvimento da criança.

[...]

Devemos ter em mente que o fim principal da musicalização é desenvolver a musicalidade que há na criança, pois a música faz parte da cultura humana e, por isso, todas as pessoas têm direito de acesso a ela.

[...]

OLIVEIRA, Débora Alves de. Musicalização na Educação Infantil. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 3, n. 1, p. 99, dez. 2001.

Mais estratégias

• Na seção **Atividades**, explore os elementos táteis do instrumento a ser criado para promover a diversidade, de modo que todos os estudantes possam experimentar a atividade de acordo com suas possibilidades sensoriais. Caso seja necessário, disponibilize diferentes elementos táteis para colagem na realização da etapa **C** e oriente os estudantes na percepção da vibração dos elásticos durante as etapas **D** e **E** da atividade.

• Na etapa **C**, explique aos estudantes que as imagens mostradas no livro são apenas exemplos de decoração, pois para a atividade em sala de aula eles podem decorar o instrumento da maneira que preferirem, utilizando a criatividade e demonstrando aspectos de suas personalidades. Se achar necessário, mostre imagens de instrumentos que costumam ter decorações, como violas, violão, tambores variados, entre outros.

• Ao esticarem os elásticos, passe nas mesas observando se os estudantes compreenderam e executaram as indicações presentes na etapa **D**. Auxilie-os a deixar espaços iguais entre um elástico e outro.

• Durante a etapa **E** da atividade, deixe que os estudantes testem seus instrumentos e criem sonoridades a partir deles. Explique que nesse momento o essencial é que eles encontrem formas de experimentar o som de seus instrumentos, criando sequências e acompanhando sequências criadas pelos colegas. Oriente-os a experimentar dedilhar as cordas do instrumento, ora uma corda de cada vez, ora várias cordas ao mesmo tempo.

• Pergunte aos estudantes se eles identificam um som mais grave ou mais agudo no cordofone construído e, caso seja necessário, retome com eles o significado de sons graves e agudos.

(Continua)

• Para a realização da atividade **2**, organize previamente os materiais para apresentar o vídeo e a letra da canção “Asa Branca” aos estudantes. Desse modo, exiba o seguinte vídeo de uma apresentação de Luiz Gonzaga: LUIZ Gonzaga - Asa Branca ft. Fagner, Sivuca, Guadalupe. *Luiz-gonzaga*VEVO, 16 jul. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zsFSHg2hxbc>. Acesso em: 8 set. 2025. Nesse mesmo link, é possível acessar a letra da canção, presente na descrição do vídeo. Aproveite esse momento para trabalhar a percepção dos estudantes, perguntando quais dos instrumentos abordados anteriormente aparecem sendo tocados durante a apresentação de “Asa branca”.

Respostas

2. a) Resposta pessoal. Utilize essa etapa da atividade como um momento frutivo da letra da canção.

2. b) Em “Asa branca”, as palavras que rimam são “João”, “judiação”, “prantação”, “Sertão”, “coração”, “solidão”, “Sertão” (repetido no décimo sexto verso), “prantação” (repetido no vigésimo verso) e “coração” (repetido no último verso). Chame a atenção para o fato de que, na estrutura dessa canção, as palavras que rimam aparecem quase sempre no segundo e no quarto versos de cada estrofe (à exceção da última, em que o verso rimado é o quinto).

Aprofunde a leitura da letra da canção demonstrando as rimas para que, ao realizarem o item **b**, os estudantes já tenham alguma noção das rimas que aparecem na música. Para melhor aproveitamento da atividade, peça aos estudantes que grifem as palavras cujo sentido não conhecem e faça uma roda para que compreendam o significado das palavras antes de passarem ao item **c**.

2. As canções populares geralmente têm versos rimados. Um exemplo famoso é a canção “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Ela retrata a vida no Sertão nordestino e o sofrimento causado pela seca nessa região.

2. Respostas e comentários nas orientações ao professor.

a) Com o auxílio e a orientação do professor, pesquise a letra da música e, em seguida, copie no caderno os dois trechos de que mais gostou.

b) Depois, destaque as palavras que rimam nesses trechos.

c) Por fim, escreva com suas palavras o acontecimento retratado na letra. **3. Resposta: A letra conta que a personagem foi embora do Sertão por causa da seca, mas voltou à sua terra depois que choveu.**

3. Outra canção de Luiz Gonzaga é “A volta da Asa Branca”, que continua a história da personagem apresentado na música anterior. Com auxílio do professor, pesquise a letra dessa canção e, se possível, ouça-a. Depois, com letra cursiva, copie no caderno a frase correta.

A. A letra conta a história de uma personagem com saudades da cidade.

B. A letra descreve uma paisagem de vasta vegetação.

C. A letra conta que a personagem foi embora do Sertão por causa da seca, mas voltou à sua terra depois que choveu.

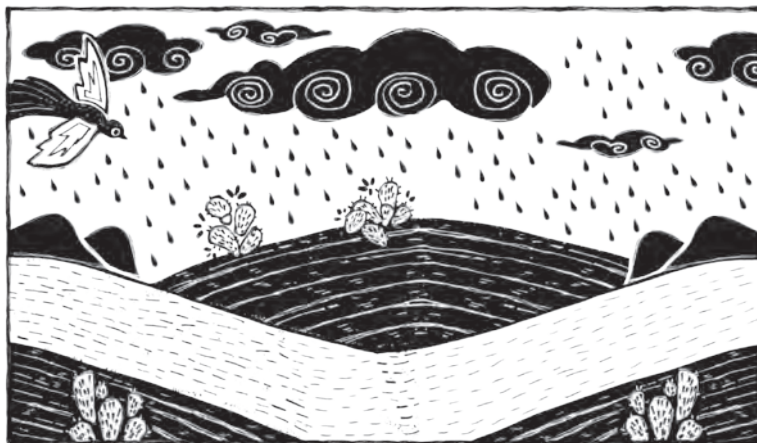


Ilustração representando o tema da canção “A volta da Asa Branca”.

112

2. c) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes apontem que a canção expressa, em primeira pessoa, os sentimentos de um migrante que precisa deixar a terra onde vivia no Sertão por conta da seca. Contudo, ressalta também sua esperança de retornar ao Sertão, quando a chuva voltar. Essa segunda parte da canção é complementada pela letra “A volta da asa branca”, tema da atividade **3**.

• Na atividade **3**, a canção proposta “A volta da asa branca” pode ser acessada no link: A VOLTA da asa branca. *Luiz Lua Gonzaga*. Disponível em: <https://luizluagonzaga.com.br/a-volta-da-asa-branca/>. Acesso em: 8 set. 2025.

DIFERENTES JEITOS DE DANÇAR

A dança é uma forma de arte que nos permite conhecer melhor o nosso corpo e como ele se move. Ela aumenta nossa energia e nossa concentração, além de possibilitar que expressemos como estamos nos sentindo.

Quando dançamos sozinhos, chamamos isso de dança solo e, quando dançamos com outras pessoas, falamos que é uma dança coletiva.

Existem muitas formas de dançar e de se expressar por meio de movimentos. Algumas danças contam histórias. Esse é o caso do **balé** clássico *O lago dos cisnes*. Ele narra a história de amor do príncipe Siegfried e da bela Odette, que sofreu um feitiço e se transformou em um cisne.

Vamos conhecer algumas características desse espetáculo!

Balé: gênero de dança de origem europeia que, muitas vezes, é feito para apresentações cênicas.

Coreografia

Um espetáculo de balé tem cenas e uma narrativa com começo, meio e fim, parecendo uma peça teatral. Em sua coreografia, porém, não há falas, tudo é comunicado por expressões corporais.

Para fazer isso, no balé e em outros gêneros de dança, é necessário elaborar e ensaiar uma coreografia, que é uma sequência de movimentos a serem executados durante a apresentação. A coreografia pode ser elaborada coletivamente pelo grupo de dançarinos ou por um artista especializado chamado **coreógrafo**.

Cena de *O lago dos cisnes*, executado pela International Classical Ballet Company (Companhia Internacional de Balé Clássico), em Málaga, na Espanha, em 2024.



SOPA IMAGES LIMITED/ALAMY/FOOTARENA

113

(Continuação)

possível expressar sentimentos, sensações, ideias e demais questões humanas por meio da dança.

- Para despertar o interesse dos estudantes pelo tema destas páginas, organize uma apresentação de pequenos vídeos que abordem as peças de dança exemplificadas neste tópico. Nas páginas **126 a 133** quando são abordadas as contribuições das matrizes africanas e indígenas para a cultura popular brasileira, selecione vídeos que abordem

os temas trabalhados no texto e faça a leitura desses materiais com base nos referenciais visuais apresentados. Para a produção da coreografia do Boitatá, explore áudios musicais, narrativas da lenda e vídeos adequados à faixa etária para aprofundar o tema a ser composto em coreografia.

Mais estratégias

- No decorrer das atividades práticas deste tópico, fique atento para sempre adaptar as propostas às condições físicas da turma, especialmente se houver estudantes com deficiências físicas, visuais ou auditivas. Durante as atividades, incentive-os a elaborar e executar movimentos com base nas áreas do corpo que têm mobilidade, buscando reconhecerem as diferentes possibilidades criativas que elas proporcionam.

Objetivos

- Conhecer o universo da dança a partir de diversas manifestações, tanto internacionais como nacionais.
- Explorar o movimento dançado em atividades práticas.
- Explorar a consciência corporal por meio de atividades práticas.
- Compreender a ligação da dança com diversas manifestações culturais brasileiras.

Destaques BNCC

- Ao levar os estudantes a reconhecerem e experimentarem formas distintas de manifestações na dança, é contemplada a habilidade **EF15AR08**. Ao levá-los a pesquisarem as distintas matrizes estéticas e explorarem as produções artísticas do entorno social, são desenvolvidas as **Competências específicas de Arte 1 e 3**.

Atividade preparatória

- Inicie perguntando aos estudantes quais foram as experiências que eles já tiveram com a linguagem da dança, tanto no 1º e 2º anos como na Educação Infantil. Caso alguns estudantes se recordem de uma coreografia ou de um passo que tenham experimentado anteriormente, oriente-os a mostrar e ensinar aos colegas. Com base nas experiências prévias citadas pelos estudantes, incentive-os a conversar sobre como é

(Continua)

• Depois da leitura da página, é importante mencionar que *O lago dos cisnes* foi uma obra encomendada pelo balé do Teatro Bolshoi para Tchaikovski. A música é uma grande aliada na narrativa; a melodia varia para cada personagem, o que ajuda na apreensão do enredo.

• Esse foi o primeiro balé do compositor, seguido de *Bela Adormecida* e *O quebranozes*. *O lago dos cisnes* foi encenado pela primeira vez em Moscou, em 1877, coreografado por Václav Reisinger (1828-1893), mas a versão apresentada em 1895 em São Petersburgo, coreografada por Marius Petipa (1818-1910) e Lev Ivanov (1834-1901) foi mais reconhecida, tornando-se fonte para inúmeras reinterpretações e versões posteriores, já que desde então a obra segue sendo refeita e remontada. Uma dança pode ser modificada a cada vez que é apresentada, adquirindo novas características e novos movimentos, alterando o modo de narrar o enredo da obra.

• A história se desenrola em quatro atos. O primeiro apresenta as personagens, de modo que o espectador conhece o príncipe Siegfried, que está prestes a comemorar seu aniversário com uma grande festa, quando é atraído para um lago onde um bando de cisnes acaba de pousar. Nesse lago, onde se passa o segundo ato, o príncipe conhece Odette, uma jovem que foi enfeitiçada pelo bruxo Rothbarth. O feitiço fazia com que ela se transformasse num cisne durante o dia e voltasse à forma humana somente à noite. Siegfried e Odette se apaixonam, mas Rothbarth os separa. O terceiro ato narra a chegada de Rothbarth à festa de aniversário do príncipe, ocasião em que a rainha obrigaria o herdeiro a escolher uma pretendente

Personagens

Siegfried e Odette são os protagonistas e, muitas vezes, estão no centro das cenas. Na dança, as personagens são caracterizadas por seus figurinos, maquiagem e adereços, bem como pelos seus movimentos.

Cena de *O lago dos cisnes*, pelo Balé Nacional Tcheco, em Barcelona, na Espanha, em 2021. Na cena, os dançarinos interpretam Siegfried e Odette.



JORDI VIDAL/BETTY IMAGES

Música

O lago dos cisnes é um dos balés mais famosos do mundo e foi criado há mais de 100 anos com base em lendas e histórias populares da Rússia. As músicas desse balé foram criadas por um compositor russo chamado Piotr Ilitch Tchaikovski (1840-1893). Nesse espetáculo, a música adquiriu uma importante função dramática, criando climas e expressando emoções. Assim, pela primeira vez, a música deixou de ser apenas um apoio para a dança, tornando-se parte importante na narrativa da história.



PELO BRASIL

Cidade da Dança, é assim que é chamada a cidade de Joinville, no estado de Santa Catarina. Isso porque, todos os anos, ela recebe um dos maiores festivais de dança do mundo: o Festival de Dança de Joinville.

No início, o principal foco do festival era o balé clássico. Porém, atualmente, também celebra diferentes gêneros de dança.

Em Joinville também fica a sede da Escola do Teatro Bolshoi no Brasil. De origem russa, é uma das mais importantes escolas de balé do mundo.



Fachada da Escola do Teatro Bolshoi, em Joinville, em Santa Catarina, em 2017.

ROGERIO REIS/PULSAR IMAGENS

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

para se casar. O bruxo leva à ocasião sua filha Odille, que se passa por Odette para convencer Siegfried da farsa. O príncipe não percebe que Odette tenta avisá-lo do plano cruel de Rothbarth. Quando o príncipe anuncia seu plano de se casar com a convidada misteriosa, o vilão revela a verdadeira identidade de Odille, fazendo Siegfried perceber que foi enganado. No último ato, o enredo conta o pedido de perdão do príncipe a Odette, que o perdoa. O amor dos dois quebra o feitiço e destrói o vilão.

• Depois de compartilhar a história do balé com a turma, reforce para eles a forte presença do balé no município de Joinville, abordado no boxe **Pelo Brasil**. Reitere a tradição presente no local, que conta, inclusive, com a presença da Escola do Teatro Bolshoi e com o Festival de Dança de Joinville.

• Se possível, apresente um vídeo do espetáculo *O lago dos cisnes* para os estudantes. Lembre a todos de que o balé é um modo estilizado de trabalhar os movimentos corporais. É muito usado para contar histórias narrativas, mas existem muitos outros modos de dançar e contar histórias.

ATIVIDADE

Faça as atividades no caderno.

1. Confira nas **orientações ao professor** sugestões de uso desta atividade como instrumento de avaliação.

1. Que tal começar uma dança coletiva? Leia as etapas a seguir.

- Com a turma, caminhem pelo espaço da sala de aula. Quando o professor falar alto o número “um”, vocês devem parar no lugar onde estiverem e fazer um movimento incomum.
- Memorizem bem o movimento que vocês fizeram e o local da sala de aula onde o realizaram. Voltem a caminhar. A qualquer momento, o professor vai falar “um” novamente e, então, cada um de vocês vai voltar para o mesmo local e fazer o mesmo movimento.
- O professor dará mais alguns comandos: quando ele disser “dois”, vocês deverão fazer o segundo movimento em um novo local; quando disser “três”, o terceiro; e quando disser “quatro”, vocês devem fazer o quarto movimento. Repitam o exercício até todos memorizarem os quatro movimentos e seus respectivos lugares.
- Agora, escolham uma música e façam os movimentos no ritmo dela. O desafio é que eles sejam dançados na ordem e nos locais onde foram criados. Divirtam-se!

Cuidado: Ao se deslocar pela sala de aula, evite movimentos que possam causar acidentes.



115

(Continuação)

os estudantes consigam elaborar e memorizar uma sequência de movimentos repetível. Ao final, explique a eles que uma sequência como a gerada por essa atividade pode servir como base para a criação de coreografias mais elaboradas com o decorrer dos ensaios.

Acompanhando a aprendizagem

Objetivo

- Avaliar a percepção espacial dos estudantes.

Como proceder

- Orientar os estudantes a delimitarem um espaço com fita ou giz. Isso pode ser feito tanto em sala de aula como em uma área externa, como o pátio ou a quadra.
- Faça um exercício de exploração e familiarização do espaço demarcado. Peça aos estudantes que caminhem e se movam livremente pela área. Dê comandos para que parem e observem o espaço ocupado. Verifique se eles percebem se ocuparam o espaço todo ou se há áreas vazias ou com muitas pessoas. Oriente-os a retomar a

Destaques da BNCC

- Nesta atividade, ao explorarem se locomover pelo espaço de forma a criarem movimentos que sirvam de base para a elaboração de sequências coreográficas, os estudantes desenvolvem as habilidades **EF15AR10** e **EF15AR11**. Ao explorarem os movimentos do próprio corpo, de modo a se conhecerem e criarem artisticamente, os estudantes também desenvolvem as **Competências gerais 4, 8 e 10** e as **Competências específicas de Arte 4 e 8**.

Respostas

1. Respostas pessoais. A atividade parte da exploração do espaço físico e da possibilidade de movimentos corporais. Ela também trabalha com a capacidade de memorização e repetição dos movimentos criados. Saliente aos estudantes que, na dança e no teatro, a repetição dos movimentos criados é importante para a elaboração dos trabalhos, tanto no sentido de ajudar a memorizá-los como de detalhá-los e aprimorá-los.

Depois que tiverem criado os movimentos para os quatro pontos do espaço indicados, eles devem reproduzi-los em sequência. Os movimentos feitos para passar de um espaço a outro devem ser improvisados com base nos ritmos das músicas que você reproduzir. Repita esse processo várias vezes até que

(Continua)

dinâmica, buscando manter o espaço o mais equilibrado possível.

- Organize grupos e faça a exploração com um grupo de cada vez. Os grupos que estiverem fora do espaço devem observar o grupo de dentro. Verifique de que forma cada grupo ocupa o espaço. Dê comandos como “Movimentem os braços”; “Agora, movimentem as pernas”; “Movimentem o corpo todo”. Verifique se os estudantes conseguem se distribuir pelo espaço, explorando diferentes níveis e direções, sem obstruir o movimento dos colegas.

Destaques BNCC

• Ao apreciarem manifestações de danças oriundas de diferentes partes do mundo – como Ásia, África e América Latina –, reconhecendo como cada uma delas tem os próprios códigos e formas de expressão, valorizando os saberes e conhecimentos contidos em cada uma delas, os estudantes desenvolvem as **Competências gerais 1 e 3**, as **Competências específicas de Arte 1, 3 e 9** e a habilidade **EF15AR08**.

Saberes integrados

A leitura das páginas **116 a 118** traz aspectos de danças oriundas de culturas diversas, o que permite trabalhar o tema contemporâneo transversal **Diversidade cultural** em interdisciplinaridade com **História**. Convide os estudantes a apreciarem e a descreverem em detalhes as imagens dessas páginas, observando os figurinos, ambientes e gestos corporais.

Ressalte aos estudantes que cada cultura possibilita a criação de maneiras diferentes de dançar e comente que os gestos são feitos de modos distintos e envolvem efeitos específicos. É importante enfatizar que a abordagem dessas diferentes danças é um convite para a curiosidade dos estudantes e que conhecer e falar de outras culturas exige cuidado e respeito.

• Dançar é uma arte que envolve diversos aspectos da vida, é uma prática viva e situada em processos culturais mais amplos. A tradição da dança *odissi*, por exemplo, remonta a práticas religiosas do século XVI que foram transformadas ao longo do tempo e só chegou a ser formalizada da maneira como é conhecida atualmente na década de 1950.

• Acrescente para os estudantes que, entre os que participaram do esforço

Dançando histórias pelo mundo

Há muito tempo a dança é usada para contar histórias, e isso ocorre em várias culturas pelo mundo. Pensando nisso, vamos embarcar em uma aventura e conhecer alguns exemplos de diferentes continentes!

Odissi, na Índia

Um exemplo antigo de dança que conta histórias é a *odissi*, uma dança indiana que surgiu há mais de dois mil anos. A *odissi* conta histórias sagradas das divindades do hinduísmo, a principal religião da Índia.

Nessa dança, os dançarinos costumam se vestir com roupas tradicionais, cheias de cores e enfeites, e usam os movimento das mãos e dos pés, assim como as expressões do rosto para se expressar. Cada gesto tem um significado específico.

Quando a Índia foi colonizada pelos europeus, a dança *odissi* quase desapareceu. Mas, no século 20, com a ajuda de vários artistas, ela ressurgiu.



■ Apresentação de *odissi* em Bhubaneswar, na Índia, em 2024.

116

coletivo para que a *odissi* não desaparecesse, resgatando e revitalizando a dança, estava Pankaj Charan Das (1919-2003). Ele foi um reconhecido dançarino clássico indiano. Quando a dança *odissi* estava perto de ser extinta, ele foi uma das muitas pessoas que assumiram a responsabilidade de reviver essa forma de arte. Nos anos 1950, ele se tornou um dos principais mestres do Jayantika, um grupo de dançarinos que se organizou com esse propósito. Outra personalidade importante para a recuperação da *odissi* foi a dançarina Sanjukta Panigrahi, que a difundia internacionalmente, inclusive por meio

de sua participação nas sessões da ISTA (Escola Internacional de Antropologia Teatral), instituição dedicada à pesquisa de formas de teatro e dança de diversos locais do mundo.

Amplie seus conhecimentos

• **DANÇA *odissi***: a conquista de si mesmo. Direção de Padma e Moinho de Inventos. Brasil, 2016 (8 min).

O curta sugerido apresenta conceitos relacionados à dança *odissi*, além de imagens de dançarinas de *odissi* no Brasil.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

Zaouli, na Costa do Marfim

Vamos conhecer também uma dança de máscaras chamada *zaouli*. Essa é uma dança tradicional do povo Guro, da Costa do Marfim, e costuma ser apresentada em funerais ou momentos festivos.

Os dançarinos de *zaouli* são muito importantes em suas comunidades, pois o povo Guro acredita que a dança tem o poder de aumentar a produção de alimentos e unir os moradores locais.

Os movimentos dessa dança são ritmados por um grupo de percussionistas e, em alguns momentos, se tornam tão rápidos que parecem fazer os dançarinos de *zaouli* flutuar pelo espaço!

Dançarino de *zaouli* se apresentando em Daloa, na Costa do Marfim, em 2022.



A máscara que dá nome a essa dança foi inspirada na história de uma menina muito inteligente chamada Zaouli, do povo Guro. Essas histórias contam que, quando Zaouli morreu, ela se transformou em um espírito protetor do povo Guro. Para manter viva sua presença na comunidade, os artesãos criaram a máscara com o seu rosto.

Na dança *zaouli*, os movimentos dos pés feitos pelos dançarinos também produzem sons. Isso acontece porque eles usam um tipo de chocalho nos calcanhares.

1. De acordo com o texto, por que os dançarinos de *zaouli* são importantes em suas comunidades? **1. Resposta:** Porque o povo Guro acredita que a dança tem o poder de aumentar a produção de alimentos e unir os moradores locais.
2. Que movimentos os dançarinos poderiam fazer para produzir sons com esses chocalhos? **2. Resposta pessoal.** Incentive os estudantes a exporem suas hipóteses e, se possível, reproduzirem os movimentos imaginados.

117

• Muitas comunidades da Costa do Marfim realizam a dança *zaouli*, considerada uma arte que engaja não apenas os dançarinos, mas também músicos, percussionistas e flautistas, escultores e artesãos que confeccionam as indumentárias para a dança. As máscaras usadas durante as *performances* incorporam aspectos da vida das comunidades ancestrais e têm muitos significados. As *performances* não possuem um roteiro fixo, podem reunir diversos dançarinos mascarados que mostram toda a sua habilidade em interagir com o público e com os músicos com passos ágeis e demonstrações de virtuosismo. Entre as danças dos mascarados, um dançarino sem máscara dança e tem o papel de ser uma espécie de guardião, mediando os momentos entre uma dança mascarada e outra. A *zaouli* é uma manifestação cultural considerada um Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Unesco.

• Verifique a possibilidade de exibir vídeos da dança *zaouli* para que os estudantes possam ver os movimentos rápidos feitos pelos dançarinos. Os vídeos dessa dança são facilmente encontrados em plataformas de vídeo gratuitas.

Amplie seus conhecimentos

• VIDEO: *zaouli*, popular music and dance of the Guro communities in Côte d'Ivoire. Unesco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b48CRlII54c>. Acesso em: 27 jun. 2025.

É possível obter mais informações nesse breve documentário produzido pela Unesco sobre essa dança que é considerada uma herança cultural imaterial da humanidade. O documentário também apresenta imagens dessa dança sendo executada. Assim, os estudantes poderão apreciá-la em movimento, bem como conhecerem a musicalidade que a acompanha.

- Proponha a leitura coletiva do texto e das questões da página, engajando os estudantes a elencarem manifestações populares que conheçam ou de que participem. É importante incentivar a postura ao mesmo tempo crítica e aberta ao diálogo dos estudantes, sempre questionando atitudes ou afirmações superficiais e preconceituosas diante da diversidade cultural apresentada.

- *El Güegüense* é um drama satírico em forma de cortejo que há séculos ocupa as ruas da cidade de Diriamba, na Nicarágua, no Dia de São Sebastião. Criado originalmente no idioma indígena *nahuatl*, *El Güegüense* é também uma forma de protesto que narra o encontro entre colonizadores e povos indígenas, usando a dança para encenar as táticas de resistência locais diante da colonização europeia.

- A trama conta com várias personagens. O protagonista, conhecido como *El Güegüense*, é uma figura ambígua. Sua conduta aparenta respeitar as autoridades coloniais enquanto age sigilosamente para enfraquecê-las.

1. Resposta pessoal. O objetivo desta questão é trabalhar a percepção dos estudantes.

Leve-os a reparar nos chapéus, nas vestimentas e nos instrumentos carregados pelos atores/dançarinos e peça-lhes que detalhem esses elementos.

El Güegüense, na Nicarágua

El Güegüense é uma tradição cultural da Nicarágua que envolve dança e encenação de histórias. Ela é uma comédia dançada que mistura teatro, dança e música em uma grande apresentação de rua.

Essa manifestação conta uma história que se passa no contexto de disputa entre os povos originários e os espanhóis, que colonizaram a Nicarágua entre os séculos 16 e 19. O nome da dança faz referência à sua personagem principal, o *Güegüense*, um homem esperto, que engana os espanhóis para proteger o seu povo.



Participantes de *El Güegüense* em Granada, na Nicarágua, em 2017.

No *El Güegüense*, os artistas utilizam figurinos coloridos e máscaras de madeira. Os colonizadores são representados por máscaras de homens com bigodes loiros e olhos azuis, e os indígenas por máscaras de bigodes pretos e olhos castanhos. Além dessas, existem várias outras personagens, cada uma com máscaras e formas de dançar diferentes.

1. Preste atenção na imagem e descreva para a turma os elementos que você observa.

2. Cite alguma manifestação popular brasileira que lembre o *El Güegüense*.

118 2. Resposta pessoal. O objetivo desta questão é levar os estudantes a retomarem o que lembram sobre os folguedos e as festas populares nacionais, podendo relacioná-los ao *El Güegüense*.

Amplie seus conhecimentos

• POR trás do violino e do tambor. Direção de Diana Saballos. Brasil, 2013 (32 min).

O documentário, produzido pela nicaraguense Daiana Saballos adentra na manifestação popular *El Güegüense* de modo a ser uma rica experiência audiovisual e auxiliar na condução do conteúdo. A produção conta com muitas entrevistas, todas contendo legenda em português.

• GALICH, Manuel. *El Güegüense*: primer personaje del teatro latinoamericano. *Anuário de Estudios Centroamericanos*, p. 4, 187-198, 1978.

A pesquisa de Manuel Galich apresenta uma perspectiva que coloca *El Güegüense* no centro de discussões sobre manifestações culturais da América Latina, trazendo um panorama histórico sobre o surgimento da personagem principal de *El Güegüense*, bem como da própria festividade.

ATIVIDADE

Faça as atividades no caderno.

1. Nesta atividade, vamos contar uma história por meio da dança. Ela terá como protagonista a Mãe da Mata, uma personagem do imaginário cultural brasileiro, principalmente dos estados de Pernambuco e Paraíba. Mãe da Mata é conhecida por ser protetora das florestas e dos animais. Leia a história a seguir.

Certa vez, três homens entraram na floresta para apanhar frutas. De repente, pulando de trás de uma árvore, surgiu a Mãe da Mata. Para fazer amizade com ela, os três homens ofereceram-lhe mingau. A Mãe da Mata aceitou e, feliz, disse que elas poderiam levar da mata apenas o que fossem comer.

Alguns dias depois, os homens voltaram com machados para derrubar árvores. Vendo aquilo, Mãe da Mata deu um assobio tão forte que os três ficaram apavorados e fugiram sem levar nada da floresta.

VINÍCIUS COSTA/ARQUIVO DA EDITORA

Elaborado especialmente para esta obra.

- a) Formem grupos com quatro integrantes. Agora, imaginem: como vocês podem contar essa história sem usar palavras? Que movimentos de dança vocês poderiam fazer para comunicar cada uma das ações? Que movimentos poderiam expressar as emoções de cada personagem?
- b) Com base no que imaginaram, ensaiem os movimentos. Lembrem-se: o objetivo dessa dança é contar uma história.
- c) Ensaie juntos até que todos estejam seguros para apresentar a coreografia à turma. **1. Respostas nas orientações ao professor.**

119

Destaques BNCC

- Ao criarem coletivamente coreografias para apresentarem à turma, os estudantes desenvolvem a habilidade **EF15AR11**. Ao discutirem suas criações, percebendo como cada grupo conseguiu expressar a história por meio de movimentos, os estudantes também desenvolvem a habilidade **EF15AR12**.

Respostas

1. Respostas pessoais. Esta atividade leva os estudantes a realizarem as ações educativas comportamentais de dança **performar e criar, experimentar e improvisar movimentos**.

- Avise os estudantes com antecedência sobre a proposta da atividade e planeje um dia para realizá-la, de modo que possam se programar para vestir roupas leves e confortáveis que propiciem a livre movimentação para dança.
- Verifique se todos os estudantes foram incluídos em um grupo e, caso necessário, intervenha convidando-o a participar de algum já formado. Perceba, durante a realização da etapa **a**, se os estudantes estão levando em consideração as perguntas que fundamentam a etapa.
- Inicie a condução da atividade pela leitura da história proposta e apresente aos estudantes a personagem Mãe da Mata. Pergunte se eles já conheciam essa

(Continua)

(Continuação)

história ou se conhecem outra versão. Eles podem querer contar as histórias que já ouviram sobre a personagem, portanto acolha todos os comentários redigindo na lousa as características apontadas referentes à Mãe da Mata.

- Realize a leitura do enunciado da atividade **1** e depois peça aos estudantes que se organizem em grupos para seguirem as instruções **a**, **b** e **c** propostas na sequência. Relembre-os da importância da repetição dos movimentos nos ensaios para a elaboração da coreografia. Uma

forma de fazê-los atentarem a isso é retomar o procedimento das sequências aprendido na atividade anterior e utilizá-lo como base para criar a coreografia dessa atividade. Incentive-os a perceber quais movimentos e sequências novas surgem ou são transformados nesse processo de repetição e ressignificação.

- Durante o ensaio dos grupos, é importante avaliar se os estudantes estão trabalhando coletivamente e acolhendo as propostas de todos os integrantes.

- Reserve um momento e um espaço para que os estudantes possam apresentar suas criações e depois comentarem com respeito a experiência.
- Após as apresentações, incentive os estudantes a discutirem como foi o processo de ensaios e como foi improvisar, criar e ressignificar diferentes sequências de movimento para contar a história de Mãe da Mata.

Destaques BNCC

• Ao conhecerem e aprecia-rem espetáculos de dança e refletirem sobre as possibilidades do corpo, os estudantes desenvolvem a habilidade **EF15AR08** e, ao atentarem às partes do corpo de cada dançarino utilizadas para a criação coletiva da coreografia, a habilidade **EF15AR09** também é contemplada. Posteriormente, ao utilizarem essas percepções para elaborar improvisações e movimentos coletivos, os estudantes desenvolvem as habilidades **EF15AR10** e **EF15AR11**.

• Solicite aos estudantes que observem atentamente as imagens do livro. Questione-os acerca do que perceberam na imagem: “O que essas pessoas estão fazendo?”; “É um tipo de dança?”; “Alguém já viu ou dançou algo parecido?”; “Que movimentos os dançarinos estão fazendo?”; “Esses movimentos são comuns no dia a dia?”; “Como são as roupas que estão vestindo e como é o lugar onde estão?”; “Há um tipo específico de música para a montagem de uma coreografia?”.

• Essas e outras respostas que surgirem dos questionamentos da página são pessoais. No entanto, você poderá esclarecer as dúvidas que forem surgindo.

• Proponha aos estudantes que realizem movimentos com base nos movimentos visualizados. Concluída a experiência, verifique as dificuldades que encontraram e o que acham necessário para conseguir executá-los.

Dança e ilusão

Além de contar histórias, muitas danças exploram formas visuais, ritmos e sensações.

As imagens a seguir são cenas do ensaio para o espetáculo *Samwaad – Rua do Encontro*, criado pelo coreógrafo Ivaldo Bertazzo (1949-) e apresentado em 2004. Esse espetáculo reuniu mais de 50 dançarinos não profissionais que participavam do projeto Dança Comunidade, que Bertazzo realizava na periferia da cidade de São Paulo.

Na coreografia de *Samwaad*, esses dançarinos se apresentavam dançando músicas que misturam ritmos indianos com o samba e o choro.



Estudantes do projeto Dança Comunidade ensaiando o espetáculo *Samwaad – Rua do Encontro*, na cidade de São Paulo, em 2003.

1. Em sua opinião, o que o movimento dos dançarinos lembra?
2. Que partes do corpo estão mais envolvidas nesses movimentos?
3. Descreva a posição dos braços, cabeças, troncos e pernas dos dançarinos em cada foto. 1 a 3. Respostas nas orientações ao professor.

120

Respostas

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes comentem elementos considerados sinuosos e compridos, como cobra, centopeia, ondas, entre outros.
2. É possível que os estudantes mencionem os braços, a cabeça e as pernas dos dançarinos. Leve-os a compreender que o tronco também está envolvido nos movimentos de ambas as imagens.
3. Incentive os estudantes a perceberem que na primeira imagem a cabeça dos dançarinos está

levemente abaixada; os braços estão flexionados e afastados, tocando os cotovelos do dançarino à frente; o tronco está levemente dobrado para o lado e as pernas estão abertas e levemente flexionadas. Já na segunda imagem a cabeça dos dançarinos está inclinada para trás; os braços estão flexionados e próximos, tocando as orelhas do dançarino à frente; o tronco está seguindo o movimento da cabeça, levemente inclinado para trás; e as pernas estão próximas e pouco flexionadas.

No espetáculo coreografado por Bertazzo, os corpos em movimento conseguem formar desenhos sinuosos, que serpenteiam no espaço, ou seja, criam a ilusão de uma grande serpente. A coreografia segue o ritmo dos instrumentos de percussão.



ERON SILVA/ARQUIVO DO FOTÓGRAFO

Estudantes do projeto Dança Comunidade em ensaio para o espetáculo *Samwaad* – *Rua do Encontro*, na cidade de São Paulo, em 2003.

1 e 2. Respostas pessoais. Leve os estudantes a perceberem as características das linhas criadas no espaço ao se locomoverem em fila. Esta atividade possibilita levá-los a realizarem as ações educativas conceituais de **identificar** e **imaginar**.

ATIVIDADES

Faça as atividades no caderno.

1. Junte-se aos colegas para formarem uma fila como a mostrada nas imagens de *Samwaad*. Depois, seguindo as orientações do professor, experimentem se locomover pela sala de aula, reproduzindo com a fila os tipos de linha a seguir.



2. Desenhe, no caderno, o tipo de linha que você mais gostou de fazer com os colegas ao se locomover pelo espaço.

121

(Continuação)

demais a reproduzirem os mesmos movimentos propostos por ele, de forma sincronizada. Busque alternar o estudante que está guiando a fila, de modo que todos tenham a oportunidade de cumprir esse papel. Dessa forma, instigue a sensibilidade dos estudantes para modos coletivos de realizar uma ação. Essa experimentação pode servir como forma de preparação da atividade proposta na seção **Para fazer juntos** deste tópico.

- O título do espetáculo de dança apresentado na página, a palavra **samwaad**, significa “harmonia” no idioma hindu. Nessa obra, Bertazzo promove uma confluência cultural ao associar a tradição indiana ao conhecimento e à experiência da cultura brasileira, oportunizando que jovens tenham acesso à criação artística, principalmente voltada para dança.

- Protagonizado por 55 jovens atendidos por ONGs paulistanas, que se movimentam em linhas retas e curvas, serpenteando e formando círculos, em desenhos que se formam e apagam no palco, como se formassem um só corpo, a coreografia do espetáculo *Samwaad* é chamada dança-coral e acontece ao som da melodia de músicas indianas, com participação especial de tambores e pandeiros.

- A dança-coral é um modo de compor coletivamente levando em consideração o coletivo como um todo. Utilize as atividades **1 e 2** para, com base na apreciação das imagens, levar os estudantes a experimentarem esse tipo de dança de modo coletivo. Oriente-os a fazer uma fila atrás de um estudante que deverá guiar o movimento. Desse modo, oriente-os a se locomover pela sala de aula, formando linhas retas, sinuosas espiraladas, entre outras. Incentive o estudante que está guiando o movimento a explorar também diferentes níveis, planos e ritmos durante esse deslocamento, e os

(Continua)

Objetivos

- Criar um figurino de Boitatá.
- Montar uma coreografia coletiva baseada em uma história presente na cultura popular brasileira.

Destaques BNCC

• Identificar e utilizar referências da cultura popular brasileira no desenvolvimento de atividades que permitem a integração das diferentes linguagens artísticas favorece o desenvolvimento da habilidade **EF15AR23**. Explorar diferentes movimentos para elaborar uma coreografia baseada nessa história leva os estudantes a desenvolverem a **Competência geral 4**, as **Competências específicas de Arte 4 e 8** e as habilidades **EF15AR10** e **EF15AR11**. Ao trabalharem coletivamente, com autonomia, cooperação e respeito, os estudantes desenvolvem as **Competências gerais 9 e 10**.

• Retome as experiências realizadas com base na obra de Ivaldo Bertazzo para usá-las como base para pensar nessa atividade de composição coletiva.

• Os primeiros registros sobre o Boitatá foram feitos pelo padre jesuíta José de Anchieta, no século XVI. Desde então, essa história sofreu muitas modificações e, por isso, apresenta diversas versões. Isso se reflete no próprio nome da personagem, que pode variar de região para região e ser, por exemplo: Baitatá, Biatatá, Bitatá e Batatão.

• Para dar início à atividade, pergunte aos estudantes se eles conhecem a história do Boitatá. Se possível, mostre uma imagem dessa personagem e peça-lhes que a comentem, fazendo relações com o que sabem a seu respeito.

• Se possível, faça a leitura da história com os estudantes.



PARA FAZER JUNTOS

A história do Boitatá

Como você e seus colegas estudaram, existem danças que contam histórias e, para isso, utilizam os movimentos corporais.

No espetáculo *Samwaad*, que conhecemos nas páginas anteriores, os movimentos dos bailarinos lembram os de uma serpente. Imaginem se vocês usassem movimentos parecidos para, dessa vez, contar uma história do Boitatá?

É possível contar a história do Boitatá apresentando uma coreografia simples, com três ações:

- Boitatá está dormindo.
- Há invasores na floresta.
- A grande serpente acorda para expulsá-los.

Para colocar em cena uma dança representando o Boitatá, é necessário, primeiro, produzir um figurino. Confira algumas etapas que vocês podem seguir para criá-lo. **Para fazer juntos. Confira mais informações sobre a atividade nas orientações ao professor.** Esta atividade possibilita levar os estudantes a realizarem as ações educacionais conceituais de **conhecer e inventar**; as ações educacionais atitudinais de **praticar, cooperar, participar, criar e valorizar**; e as ações educacionais comportamentais para dança de **criar, experimentar ritmos, experimentar e improvisar movimentos e explorar espaço**.

MATERIAIS

- tecido comprido
- caixa de papelão
- tintas coloridas e pincéis
- papéis coloridos
- cola escolar e cola quente
- tesoura com pontas arredondadas



1 Separe um tecido grande, com tamanho suficiente para cobrir todo o grupo que vai interpretar o Boitatá. Nesse tecido, vocês podem fazer desenhos imitando a pele de uma cobra.



RAISSA BULLHÖES/ARQUIVO DA EDITORA

Disponibilize livros sobre a personagem para que os estudantes conheçam melhor essa história popular brasileira. Se considerar pertinente, solicite que elaborem um desenho do Boitatá, apresentando suas formas, texturas e cores, assim como a expressão do seu rosto e o movimento do corpo. Sugira aos estudantes que registrem o processo de criação. Eles podem fazer um pequeno roteiro do que vai ser apresentado por meio de desenhos e textos.

• Oriente os estudantes na elaboração da indumentária, informando que eles podem usar

o desenho que criaram como referência para construir o Boitatá. Se possível, retome conteúdos sobre grafismos indígenas, mostrando imagens para que os estudantes possam utilizar esses conhecimentos como referência para representar a pele do animal.

• Antes de iniciar a elaboração do figurino de Boitatá, explique aos estudantes que a turma será dividida para que uma parte componha o corpo da cobra de fogo e a outra parte os invasores da floresta. Explique que as personagens da história são importantes para que ela seja contada.

2

Recortem uma lateral da caixa de papelão e, para formar a boca do Boitatá, façam uma abertura na lateral oposta. Depois, pintem a caixa e desenhem a cabeça. Para fazer os olhos, os dentes e a língua, usem os papéis coloridos.



Cuidado: Tome cuidado ao manusear a tesoura. Se precisar, peça ajuda ao professor e lembre-se de guardá-la assim que terminar a etapa 2.

3

Peçam a ajuda do professor para fixar, com cola quente, o tecido na caixa que será a cabeça do Boitatá.



Cuidado: Somente o professor deve manusear a cola quente.

AGORA É COM VOCÊS

Depois de confeccionar o figurino de Boitatá, vocês podem criar a coreografia seguindo as orientações do professor.

Para coordenar os movimentos do Boitatá, façam uma fila indiana. Estendam os braços e coloquem as mãos nos ombros de quem está à sua frente, como na brincadeira de trenzinho. O dançarino que ficar em primeiro da fila deve segurar a cabeça do Boitatá e guiar o caminho por onde ele vai passar.

Experimentem diversos percursos e movimentos, fazendo o Boitatá dançar conforme o ritmo da música. Ensaie as três cenas, criando os movimentos das outras personagens e, por fim, organizem uma apresentação da dança completa!



ILUSTRAÇÕES: RAÍSSA BULLHÖES/ARQUIVO DA EDITORA

• A cabeça do Boitatá será feita em papelão, entretanto, dentro das possibilidades de trabalho na escola, é possível desenvolvê-la em papel machê. Para isso, oriente os estudantes a acompanharem as instruções a seguir.

- O papel machê é uma massa modelável de papel picado, água e cola escolar.
- Para fazer, rasgue um jornal em pequenos pedaços e coloque-os em um recipiente.
- Despeje um pouco de água morna dentro do recipiente contendo o papel. Reserve por 12 horas para amolecer.
- Feita a massa, coloque-a em um pano e esprema-a para retirar toda a água.
- Aos poucos, adicione cola escolar para que a massa ganhe liga e fique pronta para ser modelada.
- Modele as peças de sua preferência e espere secar por, aproximadamente, dois dias.
- Após a secagem da peça, organize os estudantes em uma fila única para fazer a medição dos tecidos.
- Utilize cola quente para unir todos os tecidos e formar o corpo do Boitatá. Faça isso longe dos estudantes, para evitar acidentes.
- Com o Boitatá finalizado, incentive a turma a pensar nos elementos que compõem os invasores da floresta. Pergunte: "Como será o figurino deles?"; "Eles utilizarão acessórios?";

(Continua)

(Continuação)

"Como eles se movem?"; "Qual é a reação deles ao ver o Boitatá?".

- Depois, dê aos estudantes algum tempo para elaborarem movimentos e passos inspirados na história. Nesse momento, auxilie-os a refletir sobre o tema: o ambiente onde o Boitatá habita, que animais vivem nesse local, o desmatamento e a reação do Boitatá diante dos invasores da floresta.
- Sugira aos estudantes que pensem também nos diferentes tipos de árvores

da floresta, nas frutas etc. Proponha que elaborem os movimentos das personagens e outros elementos que poderão compor o cenário.

- Para ajudar a elaborar a coreografia, pesquise e coloque a canção "Boitatá", do cantor e compositor brasileiro Alceu Valença. Explique aos estudantes que, em algumas versões da história, como a presente na letra dessa canção, o Boitatá tem apenas um olho e uma cabeça que lembra a de um boi.

• Acompanhe o ensaio e ofereça suporte nas primeiras experimentações dos estudantes com o figurino. Lembre-se de que o tecido cobrirá o rosto dos estudantes, fazendo com que eles percam o referencial de visão, logo, será importante instruí-los a sempre seguirem o primeiro estudante da fila, caminhando lentamente com um passo de cada vez.

- Ao final, marque uma data para a apresentação e reserve um espaço para que ela aconteça.

Objetivos

- Apresentar o significado de consciência corporal aos estudantes.
- Trabalhar a importância da consciência corporal em dança e no cotidiano.
- Desenvolver uma atividade relacionando consciência corporal e alongamentos.

Destaques BNCC

- Ao abordar o papel da consciência corporal para o autoconhecimento e o cuidado de si, os estudantes desenvolvem a **Competência geral 8**, bem como o tema contemporâneo transversal **Saúde**. A seção também possibilita trabalhar o tema contemporâneo transversal **Direitos da criança e do adolescente**, ao utilizar o projeto Dança Comunidade para levar os estudantes a refletirem sobre a importância do acesso a práticas corporais, principalmente por parte de crianças e adolescentes. Explique aos estudantes que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) garante que crianças e adolescentes devem poder brincar, expressar-se, divertir-se e participar da vida familiar e comunitária.
- Ao explorar a criação de vídeos para a investigação de diferentes exercícios de consciência corporal, os estudantes desenvolvem as **Competências gerais 2 e 5**, as **Competências específicas de Arte 2 e 5** e a habilidade **EF15AR26**.

Saberes integrados

Nesta seção, o tema contemporâneo transversal **Saúde** pode ser abordado de forma integrada com o componente curricular **Educação Física**, de modo a estabelecer ligações com o componente de **Arte** por meio da compreensão da dança como prática corporal e dos conhecimentos práticos sobre alongamentos.



O MUNDO QUE QUEREMOS

Dance, comunidade, dance!

Vamos falar agora de um elemento bastante importante para a dança: a consciência corporal. Ela se refere à percepção que temos sobre o próprio corpo, ou seja, como ele se mexe e está no espaço, e como funciona cada parte dele para fazer os movimentos necessários.

Desenvolver a consciência corporal é importante porque com ela aprendemos, por exemplo, a andar sem esbarrar nos outros, a nos movimentar com mais desenvoltura e até mesmo a respirar melhor.

Essa consciência pode ser desenvolvida de muitas formas: em práticas de danças tradicionais indígenas e afro-brasileiras, em brincadeiras populares que envolvem movimentos corporais e em projetos educativos. Na cidade de São Paulo, por exemplo, o coreógrafo Ivaldo Bertazzo criou o projeto Dança Comunidade, que buscava ensinar consciência corporal a adolescentes da periferia por meio da dança.



Estudantes do projeto Dança Comunidade durante ensaio na cidade de São Paulo, em 2003.

ERON SILVA/ARQUIVO DO FOTOGRAFO

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

124

- Ao ler a seção **O mundo que queremos**, apresente algumas informações sobre Bertazzo. Dançarino e coreógrafo brasileiro que trabalha desde os anos 1970 com a educação e a consciência dos movimentos corporais como expressão da individualidade, viajou o mundo incorporando ao seu trabalho os movimentos e a cultura gestual de diversos lugares, que culminou no método Bertazzo de reeducação do movimento.
- A seção oportuniza um momento para trabalhar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável **3**

e **4**. Para isso, é possível relacionar o aprendizado sobre consciência corporal a uma educação que zela pela saúde e pelo bem-estar dos estudantes.

- Ao longo de sua trajetória, Bertazzo elaborou mais de trinta espetáculos e desenvolveu o conceito de cidadão dançante, ao compreender o palco como espaço para discutir a sociedade e democratizar a dança. Bertazzo leva ao palco pessoas comuns, de diferentes idades, condições físicas e origens sociais.

Questão inicial. Resposta pessoal. Incentive os estudantes a elaborarem hipóteses, chamando atenção para os benefícios individuais e coletivos advindos do desenvolvimento da consciência corporal.

Questão inicial. Como a consciência corporal pode ajudar as pessoas a viverem melhor?

No projeto Dança Comunidade, os estudantes sempre praticavam alongamento antes e depois das coreografias, faziam exercícios de fisioterapia, além de terem aulas de anatomia, música, crítica de arte, literatura, entre outros assuntos. Para Ivaldo, todos esses conhecimentos ajudavam os estudantes a entender melhor o próprio movimento, evitando o desgaste dos músculos e dos ossos. Mas não só isso: as aulas também eram importantes para eles entenderem a si mesmos, tanto na dança quanto no dia a dia, mantendo a saúde mental e corporal.



Ivaldo Bertazzo ensaiando com estudantes na cidade de São Paulo, em 2003.

1. Como a consciência corporal por meio de danças e brincadeiras pode ajudar as pessoas a conviverem melhor entre si no dia a dia?
2. Com o auxílio do professor, conheça e experimente alguns exercícios de alongamento e consciência corporal. Perceba seus movimentos e sua postura enquanto faz esses exercícios e compartilhe com os colegas as suas impressões.
3. Com os colegas e com o auxílio do professor, produzam vídeos fazendo esses exercícios e abordando a necessidade de cuidado com a consciência corporal e com a saúde para uma boa qualidade de vida. Compartilhem as produções de vocês com as outras turmas da escola.

1 a 3. Respostas pessoais. Comentários nas **orientações ao professor**.

125

(Continuação)

que o alongamento permite maiores possibilidades expressivas com diferentes partes do corpo. Alguns exercícios que você pode apresentar aos estudantes são:

- Deitar-se e tentar perceber que partes do corpo estão mais tensas, mais relaxadas ou estão sustentando mais peso.
- Espreguiçar-se de maneira contínua e fluída, explorando diferentes direções, de modo a alongar, comprimir ou torcer diferentes partes do corpo, atentando a quais estão mais tensas ou relaxadas.
- Esticar e alongar diferentes partes do corpo. Por exemplo, tentando tocar a ponta dos pés com as mãos, mantendo as pernas

esticadas.

- Busque sempre adaptar e adequar os exercícios selecionados às condições físicas dos estudantes.

3. Para esta atividade, escolha com os estudantes alguns dos exercícios trabalhados para que eles façam os vídeos demonstrando. Como referência, é possível procurar pelos vídeos da série *Qualidade de Vida*, de Ivaldo Bertazzo. Peça aos estudantes que gravem o vídeo em dupla, para que um estudante faça a apresentação oral do alongamento enquanto o outro demonstra.

• A leitura conjunta da página pode facilitar a compreensão do texto, de forma a desenvolver o vocabulário dos estudantes comentando algumas palavras e expressões que aparecem, como **alongamento, fisioterapia, anatomia, crítica de arte, literatura e desgaste**. Durante a leitura, faça pequenas pausas para perguntar aos estudantes se eles sabem o significado desses termos. Em caso afirmativo, peça-lhes que expliquem aos colegas e, caso não sabiam, comente o significado e depois retome a mesma frase para que compreendam o sentido no contexto.

• Explique aos estudantes que o projeto Dança Comunidade, citado na seção, começou em 2003 e terminou em 2007, porém Ivaldo Bertazzo continuou realizando outros projetos. Um conceito concebido por Bertazzo e que guia sua atuação política e social é o de cidadão dançante, o de pessoas que não são necessariamente dançarinos profissionais, mas encontram na dança uma melhor qualidade de vida.

Respostas

- 1.** Sugestões de respostas: A consciência corporal é importante, pois permite um melhor entendimento do próprio corpo em movimento, evitando problemas como desgaste de músculos e ossos. Também ajuda a promover o conhecimento de si mesmo, com benefícios para a saúde mental. Incentive os estudantes a buscarem a resposta no próprio texto.
- 2.** Explique aos estudantes

(Continua)

Amplie seus conhecimentos

• SOTER, Silvia. *Cidadãos dançantes*: a experiência de Ivaldo Bertazzo com o Corpo de Dança da Maré. Curitiba: Univer Cidade, 2007.

Nesse livro, você pode se informar sobre como o conceito de cidadão dançante foi aplicado nos espetáculos de Bertazzo.

Destaques BNCC

• Ao entrarem em contato com diferentes práticas artísticas, ampliando seu repertório estético cultural e valorizando-as enquanto patrimônio, os estudantes reconhecem a arte como um fenômeno cultural que ocorre em diferentes contextos e que constitui a identidade brasileira, desenvolvendo assim as **Competências gerais 1 e 3**, as **Competências específicas de Arte 1, 3 e 9** e a habilidade **EF15AR25**.

• Questione os estudantes sobre seus conhecimentos acerca de diferentes estilos de dança apresentados no início desta página.

• Para responderem às atividades, incentive os estudantes a pensarem nos vários estilos de dança que conhecem. Incentive-os a expressar oralmente os conhecimentos prévios, suas referências e questões. Pergunte se conhecem as danças populares e tradicionais. Pesquise e mostre vídeos com diferentes estilos de dança.

• Retome o conteúdo de cultura popular e a influência da cultura indígena nas manifestações artísticas contemporâneas. Questione os estudantes sobre o que sabem da cultura indígena. Destaque que existe uma diversidade muito grande, comente que são mais de duzentos povos indígenas no Brasil e que cada etnia indígena tem suas especificidades, seus modos de dançar, cantar e fazer música.

• Enfatize a importância de buscar fontes adequadas para estudar as danças e músicas indígenas, de preferência com pesquisadores locais e indígenas.

A diversidade na dança

Neste tópico, estudamos que a arte da dança é muito variada e que existem muitos gêneros de dança. Eles são como grandes famílias e, dentro de cada gênero, existem muitos estilos. O balé, por exemplo, é um gênero com vários estilos, como o romântico, o russo e o neoclássico. Já na cultura das danças urbanas, há diferentes estilos, como o *breakdance*, o *house* e o *passinho*, que é um estilo brasileiro.

Assim como nas outras linguagens artísticas, a variedade de danças reflete a diversidade cultural. Vamos conhecer alguns exemplos dessa diversidade que estão presentes no Brasil.

1. Que gêneros ou estilos de dança você conhece?

2. Como eles são dançados?

1 e 2. Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes remetam às experiências de dança que vivenciaram como prática ou como fruição.

A dança nas tradições indígenas brasileiras

Nas tradições indígenas, as danças estão integradas ao modo de vida das comunidades.

Existem mais de 200 povos indígenas no Brasil e cada um deles tem identidade cultural e formas próprias de viver. Apesar das diferenças entre os povos indígenas, um traço em comum é que a arte que produzem está muito vinculada à vida cotidiana.

A dança, por exemplo, está diretamente relacionada a práticas rituais com objetivos variados. Ela pode servir para festejar a chegada de uma estação do ano ou para celebrar a passagem de jovens para a idade adulta.

Entre os povos indígenas do Alto Xingu, uma celebração repleta de danças é o *Kuarup*. Nessa festividade, cada povo pratica as próprias danças culturais. Além disso, há a tradicional dança circular em torno de troncos decorados que simbolizam os antepassados.



Indígenas waurás durante o *Kuarup*, na aldeia Piyulaga, no Mato Grosso, em 2024.

126

Amplie seus conhecimentos

• FUNAI. Gov. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2018/kuarup-o-ritual-funebre-que-expressa-a-riqueza-cultural-do-xingu>. Acesso em: 27 ago. 2025.

No site da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), é possível conhecer um pouco mais a fundo o ritual *Kuarup*. Se possível, visite o site com os estudantes, chamando a atenção deles para os aspectos desse ritual e promovendo entre a turma atitudes cidadãs por meio da valorização das matrizes culturais brasileiras de origem indígena.

• ORGANIZAÇÃO INDÍGENA DO XINGU. *Kuarup*, 1996. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/OPD00039.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2025.

A festa sagrada do *Kuarup* é uma das ocasiões mais importantes da vida xinguana, reunindo diferentes povos habitantes do Xingu. Ela é realizada em homenagem a lideranças e pessoas importantes recentemente falecidas. Na festa, que dura dias, acontecem diferentes rituais. Uma descrição detalhada da celebração pode ser lida no documento produzido pela Organização Indígena do Xingu.

O cantar e o dançar nas tradições afro-brasileiras

Leia a letra de canção a seguir.

Quem vem lá, sou eu
Quem vem lá, sou eu
Berimbau bateu
Capoeira sou eu
Quem vem lá, sou eu
Quem vem lá, sou eu
Berimbau mais eu
Capoeira sou eu

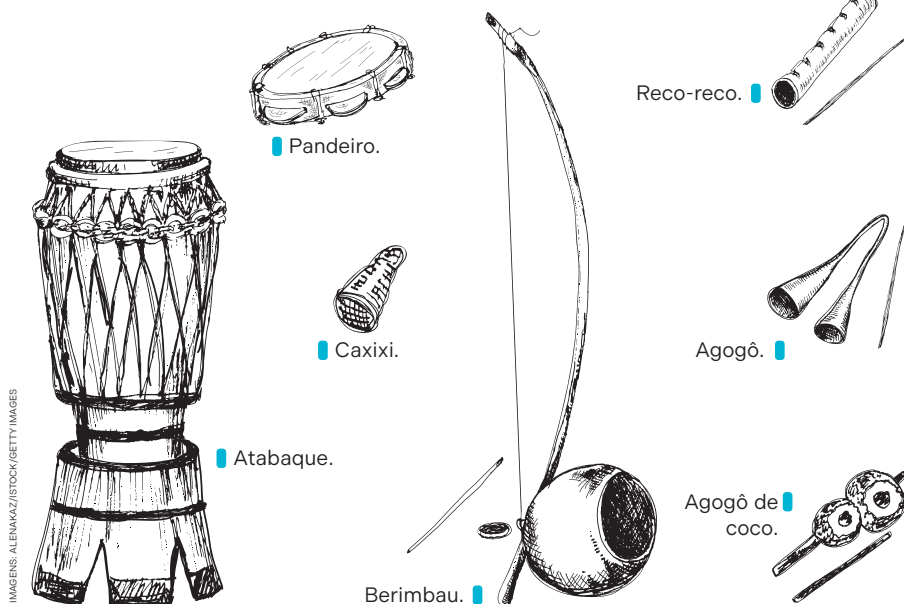
VINÍCIUS COSTA/ARQUIVO DA EDITORA

INFOGRÁFICO CLICÁVEL
INSTRUMENTOS MUSICAIS
AFRICANOS

Origem popular.

Essa canção é uma das tantas que embalam a capoeira, uma das expressões mais conhecidas entre as tradições afro-brasileiras. Conheça alguns instrumentos utilizados nessa manifestação cultural.

Imagens sem
proporção
entre si.



127

(Continuação)

- As músicas se alteram de acordo com o ritmo do berimbau, sendo assim, a música tem um papel importante no que acontece na roda de capoeira. O berimbau é um instrumento que se originou do arco musical da Pré-História, apresentando estrutura semelhante. É o principal instrumento da roda de capoeira, mas também são tocados pandeiro, atabaque, agogô, caxixi, entre outros instrumentos de percussão.
- A capoeira é de origem africana e chegou ao Brasil pelas pessoas trazidas como escravizadas. A modalidade, que fica no limiar entre a dança, o jogo e a luta, teve a música incorporada em sua

prática para fazer os escravizadores acreditarem que se tratava de uma dança, e não de uma luta. Enquanto joga a capoeira, o capoeirista dança, mas também treina autodefesa e ataque.

- No início, a capoeira era praticada nas praias, às escondidas, pois a polícia a repreendia severamente. Descriminalizada, a capoeira ocupou as ruas e, com o passar do tempo, foi elevada a patrimônio cultural, sendo uma das artes mais representativas do Brasil. Nesse contexto, a rua é o principal palco para a disseminação dessas culturas diversas, entre elas, a arte da capoeira.

Destaques BNCC

• As páginas 127, 128 e 129, ao trabalharem a valorização da capoeira como manifestação artística e seu contexto histórico e social, desenvolvem as **Competências específicas de Arte 1, 3, 7 e 9**. As habilidades **EF15AR08** e **EF15AR09** são trabalhadas ao apresentar a capoeira como dança e propor uma análise dos movimentos, assim como sua composição física. Já a habilidade **EF15AR13** é desenvolvida na apresentação da ladainha presente nas rodas de capoeira.

- Solicite aos estudantes que façam a leitura individual da letra da canção. Questione-os se a conhecem. Faça a leitura conjunta e instigue o compartilhamento de interpretações.
- Pergunte aos estudantes se conhecem e se já assistiram a uma apresentação ou roda de capoeira.
- Experimente cantar a ladainha apresentada para que os estudantes possam sentir o ritmo enquanto cantam.
- A música é um elemento essencial na capoeira, responsável por ditar o ritmo e o estilo do jogo da roda. O jogo pode ser mais acelerado ou mais lento, e a música é o componente que determina isso. Compostas de letras e acompanhadas de instrumentos, as músicas de capoeira apresentam assuntos variados e são cantadas na forma de pequenas estrofes com refrão ou narrativas longas, chamadas **ladainhas**.

(Continua)

Saberes integrados

Os conteúdos sobre a capoeira podem ser desenvolvidos junto ao componente curricular de **História**, aprofundando o papel das matrizes africanas para o desenvolvimento de manifestações culturais brasileiras. Saliente que, além da capoeira, várias outras manifestações de origem africana foram perseguidas em sua origem, mas depois se tornaram pilares da cultura brasileira, como o samba, o maracatu, o coco e o jongo.

- Leia coletivamente o texto da página e analise a imagem com os estudantes. Instigue a turma a expressar suas referências acerca da prática da capoeira. Explique aos estudantes que a escravização força pessoas a trabalharem sem condições dignas e que ela foi praticada no Brasil durante muitos anos. Diga que depois de sua proibição, em 1888, não houve reparações por parte dos escravizadores nem por parte dos governos aos danos causados aos escravizados. Pelo contrário, as manifestações culturais praticadas por afrodescendentes que moravam no Brasil continuaram sofrendo perseguições e por isso a capoeira foi proibida até 1937. Graças a praticantes como mestre Bimba e mestre Pastinha, a capoeira continuou sendo praticada mesmo enquanto era proibida e hoje é valorizada internacionalmente.

A capoeira é uma manifestação cultural que integra elementos de dança, luta, música e jogo. Criada por africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes, ela envolve movimentos de ataque e defesa, mas também ritmo, celebração e expressão artística.

No período colonial, a prática da capoeira foi reprimida pelos colonizadores. Já no fim do século 19, ela chegou a ser oficialmente proibida.

Mas muitos capoeiristas a praticavam em segredo, mantendo essa arte viva. Até que, no século 20, diversos mestres capoeiristas começaram a trabalhar pela valorização e popularização da prática. Hoje em dia, a capoeira não só é permitida e praticada no Brasil inteiro como foi tombada pela **Unesco** como **Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade**.

Observe a imagem a seguir.



Jovens jogando capoeira no município de Valença, no Rio de Janeiro, em 2021.

Unesco: organização que reúne países do mundo todo para promover a educação, a cultura, a ciência e a comunicação.

Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade: expressão cultural considerada muito importante para a identidade de um povo, devendo ser preservada.

1. Quantas pessoas estão representadas na cena? O que elas estão fazendo? Descreva.
 2. Descreva os movimentos das pessoas que estão jogando capoeira.
- 1 e 2. Respostas nas **orientações ao professor**.

128

Resposta

1. A imagem mostra quatro pessoas. Duas delas tocam berimbau enquanto outras duas jogam capoeira ao centro.
2. Uma das pessoas jogando capoeira está suspensa em meio a um salto realizando um movimento de chute, enquanto a outra verga a coluna para trás em um movimento de esquiva. Ressalte que muitos movimentos da capoeira são baseados em dinâmicas de ataque e defesa. Contudo, o objetivo não é necessariamente acertar e vencer o adversário, como em outras artes marciais, mas realizar juntos um jogo de ação e reação.

Amplie seus conhecimentos

• RODA/CCCB: Festival Capoeira Baiana 2013: Capoeira Regional Baiana. CCCB *Capoeira Regional Baiana*, 1º jun. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q8IWP-RUQwQ>. Acesso em: 29 ago. 2025.

Apresente aos estudantes o vídeo da prática da capoeira com a Turma de Veteranos do Centro Cultural Capoeira Baiana (CCCB), na Praça Mestre Bimba, Fundação Pierre Verger em Salvador, Bahia. Incentive-os a procurar outros vídeos e referências relativos a distintos estilos de capoeira e, se possível, compartilhar entre si.

Observe a imagem para conhecer um pouco sobre como a capoeira é executada.

Imagens sem proporção entre si.



Ilustração representando pessoas jogando capoeira.

A capoeira tem movimentos bastante fluidos, repletos de giros, agachamentos e balanços.

Ela é praticada em roda. No centro, ficam as pessoas dançando, enquanto as demais cantam, batem palmas e tocam os instrumentos. As pessoas se revezam entre quem canta e toca instrumentos, e quem dança, joga e luta.

3. Na linguagem da dança, existem três níveis em que os movimentos são feitos em relação à altura. Leia sobre eles para responder às perguntas.

- Nível alto: ocorre quando a pessoa está em pé ou saltando.
- Nível médio: ocorre quando a pessoa está agachada.
- Nível baixo: ocorre quando a pessoa está deitada, rolando ou se arrastando pelo chão.

a) Em qual dos níveis os capoeiristas da ilustração estão fazendo seus movimentos? **3. a) Resposta: Nível médio.**

b) E os capoeiristas mostrados na foto da página anterior, estão se movimentando em que nível? **3. b) Resposta: Nível alto.**

• Peça aos estudantes que comentem a imagem apresentada na página e a descrevam, analisando o que as pessoas estão fazendo e que elementos eles identificam.

• Se necessário, retome as questões **1** e **2** da página anterior, aplicando-as à ilustração, de modo que os estudantes analisem os elementos representados.

• A posição de cada parte do corpo das pessoas representadas em primeiro plano jogando capoeira também pode ser um ponto a ser analisado com os estudantes. Peça-lhes que comentem as posições de braços, mãos, cabeça, tronco, pernas e pés dos capoeiristas, que partes tocam o chão e quais partes não tocam, se eles se tocam entre si etc. Essas percepções podem facilitar as respostas à atividade.

• O boxe **Conhecendo o artista** apresenta mestre Pastinha, um importante mestre de capoeira na história do Brasil. Ele foi um dos responsáveis pela elaboração do ensino e aprendizagem da capoeira como modalidade de luta e trabalhou a vida toda para que a capoeira fosse reconhecida como esporte e manifestação cultural. Ele também é um dos responsáveis pelo fortalecimento da capoeira Angola, caracterizada pelo jogo rasteiro que posiciona o corpo nos níveis médio e baixo, cadenciado com ritmos de andamento mais lentos se comparados à capoeira regional. A capoeira Angola valoriza a interação entre os capoeiristas e o estilo de movimentação de cada jogador.



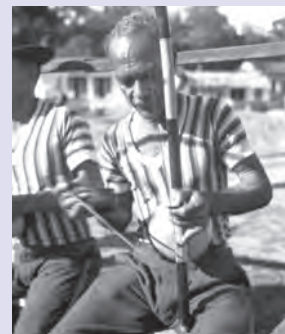
CONHECENDO O ARTISTA

Vicente Ferreira Pastinha (1889-1981) foi um mestre da cultura popular brasileira. Conhecido como Mestre Pastinha, ele nasceu na cidade de Salvador, na Bahia, um ano após a abolição da escravidão no Brasil. Pastinha foi o difusor da capoeira Angola, um tipo de capoeira que é considerado mais parecido com aquele praticado pelos antigos africanos escravizados.

Ele começou a praticar capoeira aos 10 anos de idade e se tornou um dos maiores nomes dessa arte. Pastinha viveu parte de sua vida em uma época na qual a capoeira era proibida e, por isso, acabou se afastando das rodas.

Ele só voltou a praticar capoeira em público no ano de 1934, quando os capoeiristas deixaram de ser perseguidos. Em 1941, Pastinha juntou-se a Raimundo Aberê e fundou a Academia de Capoeira Angola, a primeira do Brasil, que hoje se chama Centro Esportivo de Capoeira Angola (Ceca).

Mestre Pastinha tocando berimbau, em Salvador, na Bahia, no final da década de 1940.



PIERRE VERGER © FUNDAÇÃO PIERRE VERGER, SALVADOR, BAHIA



GOLETO/E+/GETTY IMAGES

Grupo jogando capoeira Angola, em Salvador, na Bahia, em 2018.

INFOGRÁFICO CLICÁVEL
A CAPOEIRA DE MESTRE PASTINHA

130

Amplie seus conhecimentos

• PASTINHA, Mestre. *Capoeira Angola*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

Mestre Pastinha registrou por escrito os princípios da capoeira e dos golpes fundamentais em seu primeiro e único livro. Diferentes edições do livro são encontradas gratuitamente em formato PDF, em bibliotecas *on-line*. Procure pelo livro para conhecer um pouco mais da trajetória de mestre Pastinha, bem como a história da capoeira Angola no Brasil.

ATIVIDADES

Faça as atividades no caderno.

1 e 2. Respostas pessoais. Estas atividades levam os estudantes a realizarem as ações educativas comportamentais de dança de **explorar níveis, sacudir, deslizar, girar e torcer**.

1. Para fazer os movimentos da capoeira corretamente, é necessário muito treino. Nesta atividade, você e os colegas não vão tentar fazer movimentos da capoeira, mas se inspirar nela para fazer seus próprios movimentos. Para isso, sigam as orientações.

- Afastem as carteiras para abrir espaço na sala de aula. Depois, formem uma grande roda.
- Façam um aquecimento a fim de preparar o corpo para a atividade.
 - Iniciem com um movimento simples: o de sacudir o corpo.
 - Depois, continuem sacudindo o corpo, mas com os braços para cima e na ponta dos pés. Em seguida, tentem sacudir o corpo agachados, com os braços e as mãos para baixo.
 - Agora, vocês vão fazer outro movimento simples: girar o tronco para um lado e para o outro. Repitam o movimento nos três níveis: o baixo, o médio e o alto.
- Por último, uma pessoa da roda deverá sugerir um movimento simples inspirado na capoeira e todos deverão copiar, tentando fazê-lo nos três níveis.

Algumas sugestões de movimentos que vocês podem fazer:

- dar um pulo;
- girar o corpo;
- deslizar os pés no chão;
- torcer o tronco.

2. A capoeira funciona como um jogo no qual quem está no centro da roda age e reage em relação ao movimento da outra pessoa. Pensando nisso, passem a se revezar, entrando duas pessoas no centro da roda de cada vez. Tentem reagir aos movimentos um do outro.



131

(Continuação)

vimentos sejam feitos em planos diferentes, ou seja, baixo: deitados no chão; médio: agachados ou com as pernas flexionadas; e alto: de pé.

• Ao iniciar a etapa **C**, peça aos estudantes que façam movimentos simples e lentos para que todos possam acompanhar. Caso algum estudante faça um movimento muito confuso ou muito rápido, peça-lhe que o repita até que todos tenham compreendido para poder seguir com a atividade. Comente as sugestões presentes no livro.

• Ao iniciar a atividade **2**, alerte os estudantes a manterem uma certa distância uns dos outros, o suficiente para que possam interagir sem se tocar. Nesse momento, as duplas vão entrar na roda e realizar alguns movimentos. Por exemplo, enquanto um se abaixa, o outro levanta uma das pernas. Para essa atividade, é possível utilizar as mesmas sugestões da atividade anterior. Indique um número de movimentos a ser realizado por quem estiver dentro da roda e explique que os movimentos devem ser feitos um de cada vez.

• Antes de começar as atividades **1 e 2**, prepare a sala de aula para que todos possam se mover com segurança. O objetivo da atividade é fortalecer a consciência corporal dos estudantes, respeitando os limites de cada um, e incentivá-los a se inspirarem na capoeira para criar movimentos.

• Comente com os estudantes que a proposta da seção **Atividades** é inspirada em alguns elementos da capoeira já apresentados nas páginas anteriores e que agora poderão ser experimentados. Explique também que existem muitos grupos que praticam e dão aulas de capoeira. Se houver na turma algum estudante que queira praticar os movimentos próprios dessa arte, incentive-o a procurar previamente um ambiente adequado para esse estudo.

• Abram espaço para a realização da atividade, afastando carteiras e demais móveis. Caso o espaço na sala de aula seja insuficiente para a realização da atividade, leve os estudantes a um local da escola mais amplo, como a quadra ou o pátio.

• Para o momento de aquecimento corporal, realize os movimentos recomendados e peça aos estudantes que façam cada um deles. Enquanto estiverem executando os movimentos, comente o que será feito em seguida para que eles possam acompanhar suas instruções. Lembre-se de propor que os mesmos mo-

(Continua)

Destaques BNCC

• A seção possibilita a exploração dos temas contemporâneos transversais **Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras** e **Diversidade cultural**. Aprofunde com os estudantes a questão da dança presente na cultura brasileira e como as influências podem ser observadas.

• Depois da leitura coletiva do texto sobre o jongo, instigue os estudantes a refletirem e comentarem as expressões culturais conhecidas por eles que tenham raízes na cultura afrobrasileira, incentivando-os a retomar os conhecimentos sobre a capoeira, por exemplo. Acolha todas as manifestações dos estudantes e, caso citem manifestações que não remetam a matrizes afrobrasileiras, leve-os a pesquisar o assunto para que compreendam suas origens.

• Os povos chamados bantos são um conjunto de diferentes povos agrupados por afinidades linguísticas e foram os primeiros a chegarem ao Brasil na condição de escravizados. A influência de suas culturas na formação do Brasil é enorme e abrange diversas práticas sociais e culturais, além do vocabulário.

• O jongo, assim como outras práticas culturais e religiosas com influência dos povos bantos, traz a reverência aos ancestrais e à herança espiritual que conecta o presente, o passado e o futuro como uma característica importante. Os tambores do jongo são esculpidos em troncos escavados, o timbre da pele do tambor é tensionado usando o calor do fogo e os tambores são aquecidos antes de as rodas de jongo começarem. As músicas e danças do

A ÁFRICA QUE DANÇA NO BRASIL

Além da capoeira, outras danças brasileiras têm influência dos povos africanos que foram trazidos para cá na condição de escravizados. Todos esses povos tinham suas tradições, músicas e danças próprias, que acabaram formando as danças típicas do nosso país. Vamos conhecer dois exemplos!

Jongo

Essa dança de roda tem origem entre povos africanos das regiões que hoje correspondem a Angola, Congo e Moçambique. No Brasil, o jongo ganhou força nas fazendas de café do Vale do Paraíba. Essa dança é acompanhada por instrumentos de percussão e cantos.



Batauque, de Johann Moritz Rugendas. Litogravura. Cerca de 1822. Nela, são representados africanos escravizados dançando jongo.

ÁUDIO JONGO

Confira a faixa de áudio **Jongo** para conhecer melhor a dança e a música de influência africana.

132

jongo reverenciam os ancestrais e sua prática mantém forte a conexão do presente com quem veio antes. O jongo é dançado nos estados da Região Sudeste e adquire variações em cada região em que é realizado.

Saberes integrados

Uma condução da página que integra o componente curricular de **História** será fundamental ao abordar a obra *Batauque*. Para isso, comente com os estudantes que Johann Moritz Rugendas (1802-1858) foi um pintor

alemão que viajou por vários países da América Latina para retratar o cotidiano local durante o período de colonização, incluindo o Brasil. Suas obras retratam principalmente indígenas, africanos e afrodescendentes em contextos comunitários. Ao explorar com os estudantes a imagem apresentada na página, é necessário ressaltar, contudo, as problemáticas de uma representação com base em um olhar estrangeiro que reproduz estereótipos sobre os povos não brancos.

Samba de roda

Surgido na Bahia, no século 19, ele é dançado em roda ao som de música acompanhada por palmas e cantos. No samba de roda, são usados instrumentos de percussão, como chocalho, pandeiro e atabaque, e de cordas, como o violão. Esse ritmo é uma das expressões mais antigas do nosso samba.



SERGIO PEDREIRA/PULSAR IMAGENS

Grupo Samba de Roda Raízes do Acupe dançando samba de roda, no município de Santo Amaro, na Bahia, em 2025. **1. Resposta pessoal.** Se possível, organize com a direção da escola uma visita guiada a um centro cultural próximo. Para isso, providencie as autorizações dos responsáveis pelos estudantes. Utilize a experiência para incentivá-los a relacionarem sua vivência cotidiana com o conteúdo estudado.

ÁUDIO SAMBA DE RODA E SAMBA CHULA

Confira a faixa de áudio **Samba de roda e samba chula** para conhecer melhor a música do Recôncavo Baiano.

1. Se houver um centro cultural no seu município, verifiquem com o professor a possibilidade de fazer uma visita guiada ao local e assistir a alguma prática de dança tradicional. Depois da visita, respondam: que práticas vocês encontraram no centro cultural? Vocês já tinham visto alguma delas aqui no livro?

133

(Continuação)

domblé. Essa religião de origem afro-brasileira tem na dança o papel fundamental para a celebração dos orixás, inquices e voduns, divindades que são forças da natureza. Suas danças são estruturadas por meio de coreografias em que cada movimento está diretamente relacionado às letras das canções e às características dos orixás.

- A atividade da página é uma boa ocasião para retomar o que foi aprendido neste tópico. Incentive os estudantes a tecerem conexões entre os conteúdos trabalhados com referências cotidianas culturais experimentadas por eles, familiares e amigos.

- O samba de roda também é considerado uma prática cultural de forte influência banto e, assim como o jongo, conta com pessoas dançando em roda. Apesar de as variações entre as duas manifestações culturais serem ricas, tanto no jongo como no samba de roda, aqueles que dançam no centro da roda se reverenciam com uma umbigada. Geralmente, a estrutura de um samba de roda conta com versos cantados por um solista que são respondidos por outros versos cantados em conjunto. Enquanto um grupo dança em roda, uma pessoa samba ao centro e convida outra para substituí-la por meio do gesto da umbigada. Os sambas, as ladainhas da capoeira e os pontos do jongo são maneiras de narrar histórias, aprender e ensinar questões e passar ensinamentos entre gerações.

- O samba de roda foi um dos primeiros tipos de samba a surgir no Brasil, no interior da Bahia, região que produzia tabaco e açúcar. Chame a atenção dos estudantes para a história do samba e convide-os a pensar em músicas, grupos ou sambistas conhecidos por eles. Depois de ouvirem a faixa do samba de roda e do samba-chulado, pergunte aos estudantes as semelhanças e diferenças do que foi escutado com outros sambas conhecidos por eles.

- Explique aos estudantes que outro exemplo da contribuição dos africanos e seus descendentes à formação cultural brasileira é o can-

(Continua)

1. Objetivo

• Manifestar conhecimentos sobre a cultura musical brasileira.

Como proceder

• Os estudantes devem identificar que, no Brasil, a música tradicional se disseminou através de tradições populares por meio da oralidade.

• Oriente-os a reler as páginas sobre tradições populares para sanar dúvidas. É importante que esse momento de contato cultural seja mediado por uma roda de conversa, se possível, com algum mestre da cultura musical local. Outra possibilidade é apresentar vídeos de mestres de tradições populares.

2. Objetivo

• Identificar gêneros musicais brasileiros e suas formas de propagação.

Como proceder

• Espera-se que os estudantes consigam relacionar as palavras aos temas trabalhados, situando-as em seus lugares nas orações, relacionando a expressão **gênero musical** a um universo de características que se popularizaram por meio dos veículos de comunicação.

• Oriente os estudantes a retomarem os gêneros musicais trabalhados (como samba, choro, moda de viola e baião) para sanar dúvidas. Complemente com momentos de escuta musical de vídeos ou entrevistas com alguns dos músicos citados no texto.

3. Objetivo

• Expressar conhecimentos sobre os elementos básicos da dança.

Como proceder

• Espera-se que os estudantes definam como elementos da dança a gestualidade, os níveis e o movimento corporal.

• Para retomar esse conteúdo, explore com os estudantes alguns vídeos de dança em que se possa exempli-

1. Resposta: O conhecimento musical dos músicos tradicionais é transmitido de geração em geração por meio das festas e da oralidade.

O QUE VOCÊ ESTUDOU?

Faça as atividades no caderno.

1. Com letra cursiva, copie no caderno a alternativa correta em relação à música tradicional brasileira e justifique sua resposta.

A. O conhecimento musical dos músicos tradicionais é transmitido de geração em geração por meio das festas e da oralidade.

B. A música tradicional se disseminou em todo o Brasil apenas após a chegada da internet.

2. Reproduza o texto a seguir no caderno e complete-o com as palavras em destaque.

2. Resposta: Gênero **musical** é um termo usado para classificar os tipos de música de acordo com suas características. No Brasil, alguns gêneros musicais definem nossa **identidade** musical. Entre eles estão o **samba**, o choro, o baião e a moda de viola. Os gêneros podem ser diferenciados por meio de suas características, como o jeito de cantar e de tocar, bem como os **instrumentos** utilizados.

Gênero ■ é um termo usado para classificar os tipos de música de acordo com suas características. No Brasil, alguns gêneros musicais definem nossa ■ musical. Entre eles estão o ■, o choro, o baião e a moda de viola. Os gêneros podem ser diferenciados por meio de suas características, como o jeito de cantar e de tocar, bem como os ■ utilizados.

3. Reescreva no caderno as opções que se relacionam com a expressão por meio da dança.

3. Resposta: Espera-se que os estudantes reescrevam as opções **gestos**, **níveis** e **movimento corporal**.

gestos

níveis

movimento corporal

pinturas

4. Copie no seu caderno a afirmação correta sobre a relação da dança com a cultura popular.

A. A grande variedade de danças que compõem a cultura brasileira é uma demonstração da nossa diversidade cultural.

B. Por ser uma forma de manifestação artística, o povo não pode se expressar por meio da dança.

4. Resposta: A grande variedade de danças que compõem a cultura brasileira é uma demonstração da nossa diversidade cultural.

134

ficar o que são os três elementos expressos na atividade.

4. Objetivo

• Relacionar a dança à diversidade cultural brasileira.

Como proceder

• Oriente os estudantes a relacionar a grande variedade de danças que compõem a cultura brasileira às demonstrações de nossa diversidade cultural, percebendo que parte dessa diversidade se deve à contribuição dos africanos trazidos ao Brasil na condição de escravizados.

5. Vamos revisar e avaliar os conteúdos estudados. Para isso, junte-se a um colega e sigam as etapas.

- a) Com base no que estudaram no decorrer da unidade, cada um de vocês vai escolher um grupo de temas a seguir e, depois, escrever um resumo sobre eles no caderno.



KLEBER MAURICIO COELHO/ARQUIVO DA EDITORA

Grupo 1

- embolada
- partido-alto
- batalhas de rima
- gêneros musicais



RAEISA BULHÕES/ARQUIVO DA EDITORA

Grupo 2

- coreografia
- consciência corporal
- danças de tradições indígenas
- capoeira



- b) Troquem seus resumos entre si. Cada um de vocês deve reler as páginas da unidade em que os temas abordados pelo colega foram explicados. Com base nelas, um deve avaliar o resumo escrito pelo outro. Caso vocês percebam algum equívoco no resumo, expliquem ao colega o porquê de a afirmação estar incorreta. Depois, entreguem ao professor os resumos corrigidos.

5. a) e b) Respostas pessoais. Comentários nas **orientações ao professor**.

135

5. Objetivo

- Desenvolver a capacidade de síntese dos estudantes ao retomar os conteúdos trabalhados durante a unidade.

Como proceder

- Em seus resumos, espera-se que os estudantes responsáveis pelo Grupo 1 deixem explícito que a embolada é um gênero musical baseado no improviso de rimas. O mesmo ocorre com os participantes de partido-alto e os MCs em batalhas de rima. Espera-se que eles citem que gêneros musicais são classificações de músicas conforme seu ritmo e jeito de cantar, de tocar instrumentos e de criar letras.
- Em relação ao Grupo 2, espera-se que os estudantes responsáveis por esse grupo deixem explícito que coreografia é uma sequência de movimentos a ser executada durante a dança; que consciência corporal diz respeito à percepção que temos sobre o próprio corpo; que as danças das tradições indígenas, muitas vezes, estão relacionadas a rituais presentes no cotidiano desses povos; e que a capoeira é uma forma de dança, jogo e luta afro-brasileira, que foi inicialmente proibida e perseguida, mas posteriormente tornou-se Patrimônio Imaterial da Humanidade.
- Retome o primeiro tópico da unidade com os estudantes que estiverem no Grupo 1 e o segundo tópico da unidade com os estudantes que estiverem no Grupo 2.

(Continua)

(Continuação)

- A estratégia de estudo **Resumo** contribui para o desenvolvimento de habilidades de interpretação de textos, síntese e escrita. Comente com os estudantes que o hábito de anotar e procurar o significado de palavras que consideram difíceis no texto facilita a compreensão da mensagem a ser absorvida e auxilia na produção de uma reescrita mais compreensível.
- No momento de corrigir o resumo do colega, oriente os estudantes a cotejarem o trabalho recebido com as informações disponibilizadas no livro. Oriente-os a respeitar o trabalho do colega, buscando fazer seus apontamentos com atenção e gentileza.

- A estratégia de estudo **Explicar a um colega** contribui para o desenvolvimento de habilidades de síntese, elaboração de raciocínio, relação entre conteúdos, comunicação e socialização. Oriente os estudantes a refletirem sobre o assunto trabalhado. Em seguida, eles podem se organizar em duplas e cada um deve ter seu momento de explicar ao outro o que entendeu. Após as duas explicações, eles podem dialogar, expondo dúvidas e refletindo juntos sobre o tema. Caso restem dúvidas ao final das conversas, eles podem debater de maneira mais ampla com a turma.

Nesta unidade, os conteúdos e as linguagens são trabalhados de modo integrado, tendo como elemento condutor o projeto Festa Junina.

Para dimensionar o tema, abordam-se contextualizações artísticas e culturais que possibilitam aos estudantes compreenderem o trânsito cultural a respeito dessa tradição.

A natureza integrada desta unidade aborda aspectos contextuais de tradições musicais e festivas brasileiras, desdobrando-se em atividades que permitem averiguar, nos estudantes, a ação da leitura, do canto, da criação, da produção colaborativa e da dança.

Objetivos

- Conhecer a origem das festas juninas e suas diferenças regionais.
- Pesquisar, analisar e vivenciar elementos visuais, musicais e performáticos dos festejos juninos.
- Identificar as particularidades de gêneros musicais de regiões distintas do Brasil.
- Experimentar e utilizar elementos da dança na produção de uma quadrilha de festa junina.
- Desenvolver a consciência coletiva e colaborativa no fazer artístico.



FESTANÇA: UM OLHAR PARA O INTERIOR

NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI ESTUDAR:

- música caipira;
- o caipira nas artes visuais e no cinema;
- festas juninas;
- quadrilha.


Bandeirinhas coloridas decorando festa popular brasileira em Goiânia, em Goiás, em 2025.

136

Destaques BNCC

- A apreciação de aspectos artísticos da festa junina permite aos estudantes ampliarem o repertório cultural, utilizando tais elementos nas próprias criações, trabalhando a **Competência específica de Arte 3**. Para que isso ocorra de maneira efetiva nestas páginas de abertura, utilize as questões da seção **Conectando ideias** para

auxiliar os estudantes na leitura da imagem. Aproveite o momento para avaliar os conhecimentos prévios deles sobre essa e outras festas populares no Brasil. Tenha em mente que, por conta da diversidade cultural no país, as respostas podem variar bastante, principalmente se na turma houver estudantes que cresceram em cidades, estados e regiões diferentes. Acolha todas as respostas, buscando valorizar a diversidade e a pluralidade.



Brincar de bola na lata, ver bandeiras coloridas, ganhar prendas na pescaria, dançar quadrilha, subir no pau de sebo... Essas são algumas das atrações tradicionais de uma das principais festas populares do Brasil!

CONECTANDO IDEIAS

1. Qual é a festa representada nesta imagem? Como você descobriu a resposta? **1 e 2. Respostas nas orientações ao professor.**
2. O que você sabe sobre essa festa?

137

Conectando ideias

1. Festa junina. Apesar de algumas especificidades locais, alguns símbolos das festas juninas são comuns em várias regiões do território brasileiro e, por isso, é provável que os estudantes reconheçam que as bandeirinhas as representam.

2. Resposta pessoal. A resposta pode variar de acordo com a região do país. O importante é que os estudantes percebam as regionalidades que caracterizam cada localidade. Espera-se que percebam os aspectos de coletividade, de grupos amplos que constituem uma identidade coletiva.

- De acordo com historiadores, a festa junina foi trazida para o Brasil pelos portugueses, ainda durante o período colonial. No entanto, ela se constituiu em um amálgama de culturas distintas: da França veio a dança marcada, a *quadrille*, com características típicas de dança da nobreza e que influenciou a quadrilha; a tradição de soltar fogos de artifício tem sua origem na China; já as comidas típicas têm como base grãos e raízes cultivados pelos indígenas, como milho, amendoim, batata-doce e mandioca.

Destaques BNCC

- Ao levar os estudantes a conhecerem instrumentos musicais, sua relação com práticas tradicionais da cultura brasileira e sua importância para determinados gêneros musicais, é favorecido o trabalho com as habilidades **EF15AR13** e **EF15AR25**.
- Ao reconhecer nos instrumentos musicais uma história que se liga a características culturais, é possível abordar o tema contemporâneo transversal **Diversidade cultural**.
- A experimentação de sons por meio da construção de objetos sonoros possibilita a escuta ativa, contribuindo para desenvolver a habilidade **EF15AR14**.

Atividade preparatória

- Para despertar o interesse dos estudantes pelo tema destas páginas, organize uma apresentação de pequenos vídeos que abordem as tradições musicais apresentadas nas páginas do capítulo. Para o bom andamento das aulas centradas na linguagem musical, é importante desenvolver a escuta ativa dos estudantes, explorando áudios e vídeos e trabalhando a oralidade com os versos. Para isso, disponibilize durante as aulas momentos de escuta dos tópicos abordados.

- Explique aos estudantes que a artista carioca Helena Coelho é um dos expoentes brasileiros em estilo de arte conhecido como *naïf*. Significando "ingênuo" em francês, esse estilo é caracterizado por geralmente ser feito por artistas autodidatas, fora do ambiente da formação acadêmica, que desenvolvem um estilo próprio e espontâneo. No Brasil, é comum uma aproximação desses artistas com temas e paisagens cotidianas e populares, como a festa retratada por Helena Coelho na imagem.

2. Resposta: Elas estão tocando instrumentos de cordas parecidos com violões e violas. Aproveite esse momento de discussão para abordar as diferenças e similaridades entre esses instrumentos. Essas características serão aprofundadas no decorrer da unidade. Esta atividade possibilita aos estudantes que desenvolvam as ações educativas conceituais de **conhecer**, **apreciar** e **identificar**.

TRADIÇÕES RURAIS

Que instrumentos musicais você costuma ver e ouvir na música brasileira? A identidade de um povo também pode ser reconhecida por meio de seus instrumentos musicais. No Brasil, por exemplo, o violão e a viola estão presentes em grande parte do nosso **cancioneiro**.

Em nosso país, há manifestações populares de origem urbana, como o samba e o choro, e de origem rural, por exemplo, o xote e o baião. O violão e a viola podem ser encontrados em ambas, mas a viola está presente, principalmente, nas manifestações de origem rural, como cururu e catira (também chamada de cateretê), que são típicas das regiões Sudeste e Centro-Oeste.

Observe a pintura a seguir, de autoria da artista Helena Coelho (1949-).

1. Resposta: Na cena representada na pintura, algumas personagens estão

tocando instrumentos e cantando em cima de um palco, enquanto outras assistem a elas ao redor do palco. Também há personagens trabalhando em barracões e outras que estão consumindo seus produtos.

■ **Catira**, de Helena Coelho. Óleo sobre tela, 50 cm x 70 cm. 2003. Coleção particular.



■ **Cancioneiro**: neste caso, o conjunto de canções populares que pertencem a uma cultura.

ÁUDIO CATIRA

Escute a faixa de áudio **Catira** para conhecer melhor essa tradição rural do Brasil.

1. Descreva a cena representada na pintura de Helena Coelho.
 2. Que instrumentos as personagens da pintura estão tocando?
 3. Você já tocou algum instrumento parecido com os representados na pintura? Conte aos colegas.
3. Resposta pessoal. Incentive os estudantes a compartilharem suas experiências caso já tenham tocado instrumentos parecidos com violão, viola ou outro instrumento de cordas.

138

- Para o planejamento das aulas deste tópico, é importante o uso de recursos audiovisuais ou de áudio para apresentar aos estudantes as sonoridades dos gêneros musicais descritos. Para isso, organize os estudantes de forma a se concentrarem no que estão escutando. Imprima trechos das letras das canções a serem usadas e distribua a eles. Explore nessa experiência a identificação e a capacidade interpretativa deles. Como recursos para a aula, serão necessários uma mídia com as canções e um aparelho de som ou televisão com entradas USB.

Mais estratégias

- Para garantir a inclusão de estudantes surdos, pesquise materiais audiovisuais que disponham de Libras ou legendas. Não havendo esses recursos, busque imprimir as letras das canções para os estudantes.

Os instrumentos retratados na pintura de Helena Coelho também são usados na moda de viola, um gênero musical brasileiro tipicamente **caipira**, muito importante para a cultura do interior do país. Ela nasceu da mistura de ritmos portugueses, indígenas e africanos.

A moda de viola é um gênero musical muito ligado às pessoas do campo. Suas canções contam histórias de amor, aventuras de boiadeiros e o dia a dia dos trabalhadores rurais. Na linguagem popular, essas histórias são chamadas de “causos”.

A moda de viola ficou famosa no começo do século 20. Ela era muito ouvida em festas rurais e em circos que viajavam pelo interior. Mais tarde, com a popularização do rádio e o sucesso de artistas como Tonico e Tinoco, esse gênero difundiu-se por todo o Brasil.

Nos anos 1980, a moda de viola recebeu influências de músicas urbanas e da música *country* dos Estados Unidos, dando origem ao que hoje conhecemos como sertanejo. Mas a moda de viola tradicional continua viva!

Caipira: termo de origem tupi que se refere aos moradores das zonas rurais.



Pessoa tocando viola na cidade de Caeté, em Minas Gerais, em 2015.



Os jeitos de falar e as expressões regionais são parte da diversidade do povo brasileiro. Devemos sempre respeitar essa diversidade!

139

- A palavra **moda** significa “canto”, “melodia” ou “música”. De origem portuguesa, acredita-se que surgiu no século XVIII e logo se popularizou. Passou a significar um tipo de canção rural, cuja temática tem três aspectos básicos: a saga dos boiadeiros e lavradores, o anedotário caipira e as histórias trágicas de amor e morte. Como forma de exemplificar esse contexto, sugerimos a pesquisa da moda de viola “Tristeza do Jeca”, de Angelino de Oliveira (1888-1964). Apresente-a aos estudantes e converse com eles sobre a temática da canção e a forma de construir os versos e as estrofes.

- A moda de viola, em geral, é feita em ritmo recitativo, em que o cantador conta uma história. Com melodia solta, semelhante a uma poesia declamada com o acompanhamento musical, geralmente é cantada em duas vozes acompanhadas pela viola. Nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, as modas de viola são previamente escritas e decoradas. Já no Nordeste, é comum que os cantadores improvisem seus versos.

- Explique aos estudantes que a moda de viola é uma vertente da música caipira. O termo **caipira** tem origem tupi e era utilizado pelos povos indígenas para denominar os bandeirantes. Contudo, aos poucos foi ressignificado e passou a ser usado para denominar de forma pejorativa habitantes das áreas rurais de estados

(Continua)

(Continuação)

do Sudeste e Centro-Oeste. Apesar do caráter pejorativo que adquiriu na primeira metade do século XX, o termo também passou a ser usado para designar uma série de práticas culturais brasileiras, como a moda de viola e as festas juninas, e posteriormente passou a ser reconhecido de maneira positiva, de modo a valorizar a diversidade dessas manifestações.

- Com a chegada da música rural ao mundo das gravações, as modas de viola foram incorporando novas temáticas, retratando mais o cotidiano das grandes cidades. As primeiras modas gravadas são dos anos 1930.



Atitude legal

Para mostrar aos estudantes a diversidade cultural e linguística brasileira, selecione canções relacionadas à cultura caipira, oriundas de diferentes regiões do país e mostre-as à turma.

Além de canções como “Tristeza do Jeca”, pesquise e selecione outras para exemplificar a diversidade de regionalismos na música brasileira. Por meio de debates, reforce com os estudantes a necessidade de valorizar e respeitar a diversidade cultural do país.

Destaques BNCC

• Aborda-se a habilidade **EF15AR13** ao analisar as diferenças e as semelhanças de estilos musicais das várias regiões do Brasil.

• Por meio das atividades da página **143**, os estudantes realizarão uma pesquisa direcionada sobre música popular brasileira, a montagem dos cartazes (como linguagem comunicacional) e sua exposição, o que possibilita o desenvolvimento das **Competências gerais 2, 3, 4, 5, 7, 9 e 10**, bem como das **Competências específicas de Arte 1, 5, 8 e 9**.

• Ao abordar o conteúdo da página, explique aos estudantes o papel da música na construção da diversidade cultural brasileira e de suas identidades culturais regionais. Apresente músicas ou trechos musicais que remetam aos gêneros trabalhados. Explore esse momento para descobrir se os grupos familiares dos estudantes têm alguma relação com a música, seja como ouvintes, seja como produtores. Questione-os se conhecem as canções ou as melodias e procure explorar a origem desse conhecimento.

• O carimbó é uma dança e um gênero musical tradicional da Região Norte do Brasil, especialmente do estado do Pará, que mistura influências indígenas, africanas e europeias. O carimbó é caracterizado como uma manifestação alegre e marcante.

• Ionete da Silveira Gama, conhecida artisticamente como Dona Onete, nasceu em 1938 na Ilha do Marajó, Pará, e iniciou sua trajetória na música aos 60 anos. Antes disso, atuou como professora e secretária de Cultura, sempre envolvida com a valorização de manifestações culturais locais. Sua produção musical reúne elementos do carimbó, do

bolero e de outros ritmos regionais, explorando temas relacionados ao cotidiano paraense e à tradição oral. O trabalho de Dona Onete contribuiu para o reconhecimento do carimbó em diferentes contextos, destacando aspectos históricos, sociais e culturais ligados à Região Norte do Brasil.

• O baião é um gênero musical tradicional do Nordeste brasileiro, caracterizado pelo compasso marcado e repetitivo, geralmente acompanhado por instrumentos como sanfona, triângulo e zabumba. Surgiu em meados do século XX, foi popularizado nas décadas seguintes e reflete elementos da cultura nordestina.

Que comece a cantoria!

É comum ouvir moda de viola nas festas juninas pelo interior do Brasil. Mas os gêneros musicais presentes nessas festas podem variar de acordo com a região do país.

Por exemplo, o carimbó, típico do estado do Pará, é um gênero musical muito popular nas festas juninas do Norte. Misturando influências indígenas, africanas e europeias, usa tambores para criar um ritmo rápido e contagiante. Atualmente, também pode ser tocado com guitarra,

contrabaixo e instrumentos de sopro. Uma importante cantora de carimbó é a paraense Dona Onete (1939-).



ÁUDIO CARIMBÓ

Escute a faixa de áudio **Carimbó** para conhecer melhor esse gênero paraense.

No Nordeste, é comum que as festas juninas sejam comemoradas com bailes de forró. O principal estilo de forró tocado nesses bailes é o baião, que foi popularizado na década de 1940 por Luiz Gonzaga, conhecido como o Rei do Baião. Mais tarde, já nos anos 1970, esse estilo foi retomado por artistas como Dominginhos (1941-2013), Gonzaguinha (1945-1991), filho de Luiz Gonzaga, Elba Ramalho (1951-) e Gilberto Gil (1942-).

Apresentação de
Gilberto Gil, na cidade
de São Paulo, em 2019.



140

Além do baião, outros estilos de forró muito populares nas festas juninas do Nordeste são o xote e o xaxado. Também é comum ouvir



o coco, gênero musical e dança marcados por instrumentos de percussão e batidas de pés no chão.

■ Apresentação do Grupo Trio Gouveia, no Pátio do Forró, em Caruaru, em Pernambuco, em 2025.

- O xote é um estilo de forró dançante e marcado por um compasso mais lento, que chegou ao Brasil por influência de danças europeias e foi incorporado especialmente no Nordeste, onde ganhou nova vida. Geralmente tocado com sanfona, zabumba e triângulo, o xote caracteriza-se por passos simples, dançados em pares, e está sempre presente em festas juninas e celebrações populares.

- O xaxado nasceu no Sertão pernambucano no início do século XX, inicialmente como uma dança de celebração dos cangaceiros após as vitórias em batalha. Marcado pelo sapateado forte e ritmado dos dançarinos, que arrastam os pés pelo chão ao som da zabumba e do pandeiro, tornou-se símbolo de resistência cultural e identidade nordestina, preservando a história do cangaço por meio da dança e da música.

- O coco é uma expressão cultural típica das regiões Nordeste e Norte do Brasil que mistura canto, dança e percussão. Com origens afro-indígenas, é tradicionalmente dançado em roda, com o ritmo marcado por palmas, batidas de tambores e do ganzá. As letras, muitas vezes improvisadas, contam histórias do cotidiano, desafios e brincadeiras, fazendo do coco uma manifestação popular.

- Apresente aos estudantes o trabalho de Anastácia, abordada no box **Conhecendo a artista**. Ressalte que muitas canções que ficaram famosas na voz de outros artistas são composições dela. Com uma produção vasta de músicas profundamente difundidas pelo Brasil, como “Eu só quero um xodó” e “Tenho sede”, ela recebeu a alcunha Rainha do Forró. Selecione áudios dessas músicas, principalmente na voz da própria Anastácia, para mostrar aos estudantes.



CONHECENDO A ARTISTA

Uma grande compositora e cantora bastante presente nas festas juninas pelo Brasil afora, mas principalmente na Região Nordeste, é **Anastácia** (1940-). Ela nasceu em Recife, Pernambuco, e começou a cantar e compor ainda criança.

Considerada Rainha do Forró, Anastácia compôs aproximadamente 800 músicas. Várias delas se tornaram grandes sucessos, como “Eu só quero um xodó” e “Tenho sede”, ambas compostas em parceria com Dominginhos. Além disso, artistas como Gal Costa, Gilberto Gil e Luiz Gonzaga gravaram músicas de Anastácia.

Em 2020, para comemorar os seus 80 anos, ela lançou um álbum chamado *Anastácia 80: lado A*, que conta com grandes nomes da música popular brasileira.

Capa do álbum *Anastácia 80: lado A*, de Anastácia, lançado em 2020.



REPRODUÇÃO/ONERPM

- Nesta página, a proposta é contextualizar historicamente a presença da moda de viola nas festas juninas, destacando como ela atravessa gerações e dialoga com transformações culturais. Comente que grupos como Murilo Alvarenga e Diésis dos Anjos (Ranchinho); José Ramiro Sobrinho (Pena Branca) e Ranulfo Ramiro (Xavantinho); João Salvador Perez (Tonico) e José Perez (Tinoco); e Mary Galvão e Marilene Galvão (Irmãs Galvão) foram fundamentais para consolidar esse gênero.

- Apresente aos estudantes uma seleção de modas de viola adequadas à faixa etária deles. Incentive a escuta atenta das letras, que geralmente contam histórias do campo, do cotidiano ou têm caráter poético e narrativo. Incentive-os a perceberem as diferenças de ritmo, temática e estilo entre o sertanejo de raiz e as produções atuais, promovendo reflexões sobre as permanências e as mudanças culturais ao longo do tempo.

- As Irmãs Galvão, dupla formada pelas irmãs Mary e Marilene Galvão, construíram uma carreira longa e pioneira na música sertaneja, desafiando a predominância masculina no gênero musical sertanejo, criando desde a década de 1950 um repertório que mesclava modas de viola, guarânias, polcas paraguaias e influências da música mexicana. Apresentaram-se em rádios do interior e circos e, com o tempo, conquistaram prêmios importantes, consolidando-se pelo compromisso em valorizar a tradição sertaneja.

- Aproveite e questione os estudantes se eles conhecem outras mulheres cantoras sertanejas, convidando-os a refletirem sobre aquelas que

É no Sudeste e no Centro-Oeste que a moda de viola se faz mais presente nas festas juninas. Normalmente tocadas e cantadas em duplas, muitas modas ficaram famosas nas vozes de Alvarenga (1912-1978) e Ranchinho (1913-1991), Pena Branca (1939-2010) e Xavantinho (1942-1999), Tonico (1917-1994) e Tinoco (1920-2012) e Irmãs Galvão, dupla formada pelas irmãs Mary Galvão (1940-) e Marilene Galvão (1942-2022). Mas, hoje em dia, também é comum encontrarmos nas festas juninas a música sertaneja mais recente, como os chamados sertanejo romântico e o sertanejo universitário. Às vezes, para se diferenciar

desses gêneros mais novos, a música caipira tradicional é chamada de música sertaneja de raiz.

CARLOS MOURA/CB/DA PRESS



■ Apresentação das Irmãs Galvão, em Brasília, no Distrito Federal, em 2011.

JUCA MARTINS/OLHAR IMAGEM



■ Apresentação de Tonico e Tinoco, no estado de São Paulo, em 1985.

142

costumam escutar ou que seus familiares escutam. Incentive-os a se lembrarem de nomes que conhecem, sejam artistas mais antigas, sejam mais atuais. Essa conversa pode ampliar o repertório cultural da turma, valorizar a diversidade de vozes femininas no sertanejo e despertar o interesse por conhecer diferentes gerações e estilos dentro desse gênero.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

No Sul, principalmente no estado do Rio Grande do Sul, as festas juninas podem ser animadas por gêneros musicais como o vanerão, o chamamé e a milonga. O vanerão tem um ritmo animado, que surgiu de gêneros europeus como a valsa e a polca. Já o chamamé tem origem indígena, principalmente guarani, e é um gênero muito expressivo. A milonga, por sua vez, nasceu na Argentina e no Uruguai, mas foi adotada e transformada pelos gaúchos. Ela tem versos reflexivos, que falam de amor, da natureza e da vida no campo.



■ Musicista tocando acordeão, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 2012.

3. Confira comentários nas **orientações ao professor**.

O que é comum entre todos esses gêneros musicais do Sul é o uso da gaita, nome que os gaúchos dão ao acordeão. **1. Resposta pessoal. Incentive os estudantes a compartilharem com os colegas o que conhecem sobre os gêneros.**

1. Quais desses gêneros musicais você já escutou? Conte aos colegas.

2. Chegou a hora de ouvir música! Faça uma pesquisa sobre artistas que explorem um dos gêneros musicais tocados nas festas juninas pelo Brasil.

2. Confira como conduzir esta pesquisa nas **orientações ao professor**.

3. Compartilhe os resultados de sua pesquisa com a turma e avalie se o artista pesquisado faz parte dos gêneros musicais que você já conhecia ou se é um conhecimento novo. **1 a 3. Estas atividades promovem as ações**

educativas conceituais de **conhecer, apreciar, identificar**; e as ações educativas atitudinais de **compartilhar, valorizar e autoavaliar-se**.

143

- O vanerão é um gênero musical típico da Região Sul do Brasil, especialmente presente nas tradições do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. Com um ritmo marcado, rápido e animado, é um gênero muito presente em bailes e festas tradicionais gaúchas.

- O chamamé é um ritmo de origem argentina que se consolidou também no Brasil, especialmente no Mato Grosso do Sul e no Paraná, regiões de influência fronteiriça. É caracterizado por uma batida suave, geralmente executada com acordeão, violão e contrabaixo.

- A milonga é um gênero musical e de dança fortemente ligado à cultura gaúcha, estando presente no Brasil, no Uruguai e na Argentina. Com ritmo lento e cadenciado, aborda temas como a vida no campo, as tradições e as memórias do gaúcho.

- Utilize a atividade **1** para identificar quais são os gêneros musicais conhecidos pela turma, incentivando a apreciação musical desses gêneros e o desenvolvimento da pesquisa proposta na atividade **2**.

- Na atividade **2**, leve os estudantes ao laboratório de informática ou à biblioteca da escola para que possam pesquisar. Após todos terem coletado as informações necessárias, proponha a elaboração de cartazes para os estudantes sistematizarem as informações que descobrirem. Diga que eles devem

(Continuação)

selecionar as informações necessárias com base nos critérios da pesquisa feita anteriormente. As imagens a serem utilizadas no cartaz podem ser fotocópias, desenhos ou colagens.

- Oriente os estudantes a fazerem esboços dos cartazes. Após a conclusão desses esboços, entregue a cartolina para cada grupo e oriente-os a organizarem nela o que desenvolveram no caderno, transferindo as informações para o novo suporte. Verifique as correções na escrita antes do acabamento do material.

- Explique aos estudantes que, antes de iniciarem a escrita na cartolina, eles devem fazer esboços no caderno, definindo o tipo e tamanho de letra para o título do cartaz e para o texto.

- Após a montagem dos cartazes, organize uma exposição do material, conforme as orientações da atividade **3**. Converse com a coordenação pedagógica e a direção da escola para criarem um cronograma de visitação dos cartazes, oportunizando aos autores que falem da pesquisa e do processo de confecção do material. Durante a

exposição, seja interna entre a turma, seja aberta à comunidade escolar, observe no material e nas falas dos estudantes a forma como estabeleceram coerência entre os recursos textuais, imagéticos e orais na abordagem do tema. Pondere se o material produzido cumpre a função de transmitir a mensagem daquilo que foi pesquisado.

(Continua)

Destaques BNCC

• A história da viola caipira e seus diferentes tipos de afinação dialogam com a habilidade **EF15AR13**, pois permitem que os estudantes conheçam e apreciem manifestações musicais regionais, reconhecendo elementos específicos dessa linguagem. A habilidade **EF15AR15** é contemplada ao explorar como cada afinação altera o som e a expressividade da viola, incentivando uma escuta mais atenta e reflexiva sobre as qualidades sonoras dos instrumentos.

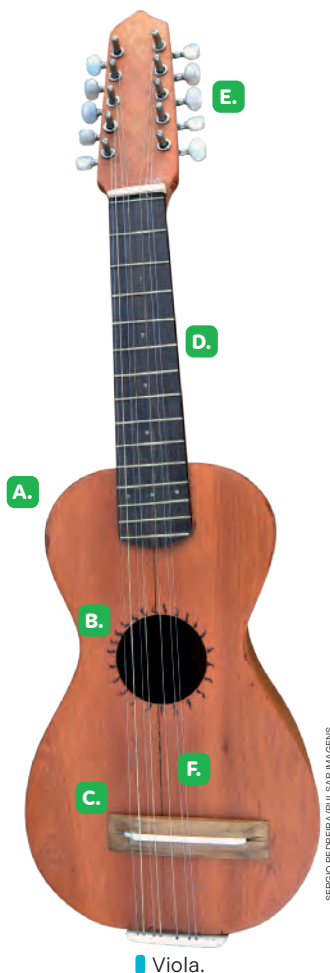
• Para conduzir a exploração desta página com a turma, comece apresentando a viola caipira como um cordofone muito presente na cultura brasileira, destacando que ela faz parte do dia a dia, das festas e da tradição oral do país. Incentive os estudantes a escutarem atentamente a faixa de áudio disponível, observando os diferentes modos de tocar e as variações de som conforme a afinação. Converse sobre os vários nomes que a viola recebe em diferentes regiões e sobre como cada comunidade imprime seu jeito próprio de tocar, relacionando essas diferenças à diversidade cultural do Brasil. Por fim, destaque que, mesmo sendo um instrumento antigo, a viola continua atual e significativa, ocupando espaços como escolas, universidades e grandes palcos, reforçando seu valor como patrimônio cultural.

• Na viola caipira, as cordas são dispostas em cinco ordens (ou pares) e podem ser afinadas de diferentes maneiras, o que cria timbres variados e características próprias para cada estilo musical. Entre os tipos de afinação mais conhecidos está o cebolão, muito presente na música sertaneja tradicional, que se destaca por oferecer um som que costuma acompanhar

A viola caipira

Como estudamos, a viola caipira é um dos principais instrumentos da música rural brasileira. Ela é um **cordofone**, ou seja, um instrumento de cordas, no qual o som é produzido pela vibração das cordas esticadas quando elas são tocadas. Além da viola caipira, há vários outros cordofones, como o violino, a harpa e a guitarra.

Características da viola caipira



Observe na imagem as seguir as partes que formam uma viola caipira.

- | | |
|--------------------------------|---------------------------|
| A. Corpo. | D. Braço. |
| B. Boca. | E. Mão e tarraxas. |
| C. Cavalete e rastilho. | F. Cordas. |

O violão também é um cordofone e é formado pelas mesmas partes que uma viola caipira. A principal diferença é que a viola caipira tem 10 cordas (e 10 tarraxas) e o violão apenas 6.

INFOGRÁFICO CLICÁVEL O VIOLÃO

ÁUDIO VIOLAS DO BRASIL

Escute a faixa de áudio **Violas do Brasil** para conhecer um pouco mais a história e os diferentes modos de tocar esse instrumento.

144

modas de viola e ponteios. Outra forma bastante usada é o rio abaixo, típica de Minas Gerais, que produz um som mais suave e delicado, ideal para canções mais calmas. Já a afinação boiadeira gera um tom mais grave e encorpado, combinando bem com modas de viola mais lentas e sentimentais. Cada tipo de afinação transforma a maneira de tocar e valoriza diferentes aspectos da tradição da viola, mostrando a riqueza desse instrumento tão ligado à cultura popular brasileira.

Amplie seus conhecimentos

• IPHAN. *Modo de fazer viola-de-cocho*. Brasília, DF: Iphan, 2009. (Dossiê Iphan, 8).

Existem algumas variações do instrumento musical viola de acordo com a região ou com o gênero musical tocado. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) elaborou um dossiê do modo de produção da viola de cocho, típica da região do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul, que pode auxiliar na condução do conteúdo sobre viola caipira.

A viola caipira pelo Brasil

No Brasil, a viola caipira tem muitos nomes e estilos diferentes, dependendo da região. Em alguns lugares, é chamada de viola cabocla; em outros, de viola sertaneja. Mas todas têm algo em comum: fazem parte da vida do povo e contam histórias de amor, da natureza e da vida no campo.

A viola geralmente é utilizada em ocasiões diferentes em cada região do Brasil. Em Minas Gerais, por exemplo, é muito usada em festas religiosas; no interior de São Paulo, aparece nas modas de viola; já em Pernambuco, ela é muito utilizada em desafios de cantadores.

A viola caipira tem origens antigas, mas continua viva como um símbolo da cultura brasileira e da criatividade do nosso povo.



CONHECENDO O ARTISTA

Tião Carreiro (1934-1993), nome artístico de José Dias Nunes, é considerado um importante violeiro da história da música brasileira. Ele nasceu em dezembro de 1934, em Monte Azul, no norte do estado de Minas Gerais. Começou na música aos 16 anos e, ao longo de sua carreira, teve vários parceiros musicais. O primeiro foi seu primo Valdomiro, com quem se apresentava no circo. No entanto, o principal deles foi Pardinho e com ele Tião gravou quase 50 álbuns.

No fim dos anos 1950, Tião Carreiro inventou um novo estilo: o pagode de viola, um estilo de música caipira que usa duas violas caipiras e tem batidas diferentes no instrumento. Além disso, ao longo de sua vida, gravou vários estilos de música caipira, como o cururu, o cateretê e o valseado.

Capa do disco *É isto que o povo quer: Tião Carreiro em solos de viola caipira*, lançado em 1976.



REPRODUÇÃO/GRÁFICAS ELÉTRICAS S.A.

- Ao abordar a seção **Conhecendo o artista**, comente algumas informações sobre Tião Carreiro com os estudantes. Diga-lhes que ele foi um ícone da música de viola brasileira. Sua habilidade era perceptível tanto em suas composições solo como nos acompanhamentos.

- O artista foi um dos nomes da música popular brasileira a elevar a viola ao virtuosismo e foi em suas mãos que se originou o pagode de viola, com ritmo agitado e acelerado. Ele inovou a execução da viola ao explorar técnicas e abordagens instrumentais, criando sonoridades e influenciando muitos violeiros.

- Desde os 8 anos, quando já auxiliava a família na lavoura, tentava extrair notas musicais do cabo da enxada e de um elástico fixado em um pedaço de madeira. Alfabetizou-se e tornou-se músico sozinho, explorando por conta própria os acordes e as notas que conseguia produzir.

- A viola, geralmente, tem dez cordas tocadas aos pares, é menor do que o violão e tem timbre agudo, quase metálico. O violão apresenta timbre mais grave e tem seis cordas que são tocadas individualmente. Os pares de corda da viola são tocados juntos, como se fossem únicos, e isso proporciona um som característico. A viola foi trazida ao Brasil pelos portugueses, apesar de sua origem árabe inspirada nos alaúdes. Suas cordas de aço são tocadas com o uso de palhetas ou dedeiras.

- Aproveite o conteúdo do boxe **Espaços da arte** para incentivar os estudantes a visitarem espaços de arte e de memória, como o Museu do Caipira, citado na página. Essas visitas, presenciais ou virtuais, contribuem para ampliar o repertório cultural dos estudantes.

- Para conduzir a abordagem desta página, apresente aos estudantes Minas Gerais como um estado que valoriza e preserva tradições culturais, com destaque especial para a viola caipira. Explique que o Festival de Viola de Piacatuba e Gastronomia é um importante encontro anual que reúne músicos de várias partes do Brasil, promovendo apresentações, oficinas e momentos de troca entre gerações de violeiros. Ressalte que o festival vai além da música, pois também celebra a culinária mineira e outros costumes locais, reforçando a riqueza e a diversidade cultural do estado. Aproveite para conversar com a turma sobre a localização de Minas Gerais no mapa e sobre como festivais como esse ajudam a manter viva a tradição e a identidade cultural de uma região.

- Incentive os estudantes a pesquisarem se na região onde vivem existem festivais, feiras ou encontros que celebrem manifestações artísticas locais, como música, dança, artesanato ou gastronomia. Oriente-os a conversarem com familiares e pessoas mais velhas da comunidade para descobrir histórias, tradições ou eventos culturais que talvez nem todos conheçam. Em seguida, proponha que compartilhem essas descobertas com a turma, ampliando o repertório coletivo e valorizando a diversidade cultural presente no lugar onde vivem, destacando também quais são os gêneros musicais presentes nesses festivais e se há a presença do sertanejo neles.



ESPAÇOS DA ARTE

Imagine um lugar onde podemos conhecer tudo sobre a história e o universo caipira? Esse lugar existe. É o **Museu do Caipira**, localizado na cidade de Brotas, no interior de São Paulo. Nele, estão expostos dezenas de objetos que fazem parte do cotidiano e da tradição do caipira e que foram resgatados de fazendas da região. A exposição é montada em uma antiga tulha de madeira, onde o café era armazenado, além de expor itens como pilão, peneira, ferro de passar à brasa, entre outros.



PELO BRASIL

O estado de Minas Gerais é bastante conhecido por suas tradições, e uma delas é a viola caipira, muito utilizada nas músicas religiosas e, claro, na música caipira. Um dos maiores festivais nacionais de viola acontece justamente nesse estado, no distrito de Piacatuba, localizado no município de Leopoldina. O Festival de Viola de Piacatuba e Gastronomia é realizado anualmente e reúne violeiros e violeiras de todo o Brasil em um encontro que celebra a música de viola, a culinária local e outras tradições mineiras.

Minas Gerais fica na Região Sudeste do Brasil e tem uma vasta diversidade natural, cultural e artística.



■ Vista da cidade de Leopoldina, onde acontece o Festival de Viola de Piacatuba e Gastronomia, em Minas Gerais, em 2018.

CHICO FERREIRA / PULSAR IMAGENS

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

146

Amplie seus conhecimentos

- FESTIVAL de Piacatuba. Disponível em: <https://festivaldepiacatuba.com.br/>. Acesso em: 29 ago. 2025.

Acesse o site do Festival de Viola de Piacatuba e Gastronomia para saber como acontece o festival, conhecer artistas que já participaram e ver fotos do evento.

ATIVIDADES

Faça as atividades no caderno.

- Dois dos instrumentos a seguir são utilizados em gêneros típicos da música brasileira. Identifique que instrumentos são esses e copie os nomes deles no caderno.

1. Resposta: Espera-se que os estudantes identifiquem o **acordeão** e a **zabumba**.



Saxofone.



Lira.



Acordeão.



Zabumba.

Imagens sem proporção entre si.

2. Resposta pessoal. Confira mais informações sobre a atividade nas **orientações ao professor**.

- Para continuar aprendendo sobre a música sertaneja de raiz e o universo cultural ao qual ela está relacionada, escolha entre as duas opções a seguir: você pode fazer uma entrevista ou uma pesquisa. Depois, escreva um resumo destacando os pontos importantes que você descobriu.

RESUMO

- Faça uma entrevista com uma pessoa mais velha que você conheça e que goste de música sertaneja de raiz. Pergunte quais são seus artistas favoritos, de que forma os escuta e se já frequentou espaços ou eventos destinados a esse gênero musical.
- Se você não conhece ninguém que goste desse gênero, faça uma pesquisa e procure informações sobre quando e onde surgiu a música sertaneja de raiz e quem foram seus primeiros artistas. Pesquise também artistas atuais que mantêm esse gênero vivo.

147

(Continuação)

com o auxílio dos familiares, transcreverem as respostas no caderno.

- Para os estudantes que optarem pela pesquisa, oriente-os a integrarem, se possível, os familiares nessa atividade também, de forma que a pesquisa seja realizada em casa, bem como o resumo proposto.
- Reserve um momento para a apresentação das entrevistas e pesquisas, de modo que seja possível avaliar os conhecimentos adquiridos pelos estudantes durante a atividade.
- Ao apresentarem como foram as entrevistas e seus resultados, explique aos estudantes que

eles não precisam necessariamente ler todas as respostas, mas sim comentar com suas palavras os aprendizados obtidos durante a entrevista, quem foi a pessoa entrevistada, qual é sua ligação com essa pessoa e se costumam ouvir música com ela, por exemplo.

- Explique aos estudantes que, ao apresentarem os resultados de sua pesquisa, eles podem levar imagens e outros elementos que auxiliem na explanação da temática, caso julgarem necessário. Reforce o comentário de que a leitura do resumo também não é necessária.

- Ao conduzir a proposta dos itens **a** e **b** da atividade **2**, explique aos estudantes que podemos aprender muito por meio da exploração do conhecimento que existe ao nosso redor. As entrevistas são ótimas ferramentas para gerar esse tipo de conhecimento pautado no mundo concreto. Entrevistar um membro da família, de preferência uma pessoa idosa, possibilitará a eles o desenvolvimento da curiosidade científica e a empatia com o conhecimento intergeracional, com desenvolvimento da atenção para as narrativas de vivências de outras épocas. Explique que as perguntas ajudam a direcionar a conversa para o objetivo do trabalho, que é conhecer hábitos culturais relacionados ao lazer e à cultura musical do entrevistado.

- Orientar os estudantes a realizarem as entrevistas acompanhados de um adulto responsável.

- A realização de uma entrevista com um familiar mais velho, a ação de ouvi-lo e conhecer suas histórias e preferências possibilita que os estudantes estabeleçam sentido em relação ao conteúdo trabalhado, aprendam a ter respeito pelos mais velhos e compreendam a importância da memória cultural, o que os auxilia em seu processo de alfabetização. Uma maneira de fazer isso com o auxílio de tecnologias digitais é orientar os estudantes a gravarem o áudio das entrevistas e,

(Continua)

• O conteúdo possibilita que os estudantes conheçam e identifiquem uma temática semelhante em diferentes manifestações artísticas. A pessoa que vive no campo, comumente chamada **caipira**, é mostrada com base na visão de diferentes artistas. Assim, o tópico incentiva o imaginário com base na leitura das imagens, permitindo a identificação dos elementos que compõem essas manifestações artísticas, desenvolvendo a habilidade **EF15AR01** e as **Competências específicas de Arte 1, 7 e 8**.

• Ao problematizarem como diferentes obras acabaram solidificando imagens estereotipadas acerca dessa população, os estudantes desenvolvem a **Competência específica de Arte 6**.

• Investigue o grau de familiaridade dos estudantes com o tema, questionando se eles têm contato com o espaço rural ou com pessoas que vivem ou trabalham no campo. Para aqueles que nunca foram a um lugar parecido, oriente-os a usarem a imaginação para representarem como pensam ser a vida no campo. Pergunte: “Que histórias vocês poderiam criar?”; “Como poderia ser uma pintura, uma música ou um filme retratando a vida no campo?”.

• Após essa observação diagnóstica da turma, conduza o conteúdo questionando se os estudantes conhecem as personagens retratadas nas páginas **148** e **149**. Antes da leitura do texto, pergunte se conseguem identificar quem são as personagens e, mesmo que não saibam nomeá-las, instigue-os a perceberem as características em comum do morador do campo. É bom localizar a figura típica do caipira em determinada época: a primeira metade

O caipira além da música

A música brasileira de tradição rural traz muitas histórias sobre a vida caipira. Mas não é apenas na música que a figura do caipira está presente. Ele também foi retratado em outras formas de arte, como a pintura.

O brasileiro José Ferraz de Almeida Júnior (1850-1899) foi um dos pintores que retratou os moradores da zona rural do estado de São Paulo. Suas pinturas mostravam não só o jeito de se vestir, mas também os sentimentos e o dia a dia dessas pessoas. Essa valorização do modo de vida no interior ajudou a formar a imagem que temos hoje do caipira.

Estudo para cabeça de caipira, de Almeida Júnior. Óleo sobre tela, 47 cm x 58 cm. 1893.



PMACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Observe uma tela de Almeida Júnior que representa uma cena da vida rural no interior paulista.



PMACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO

O violeiro, de Almeida Júnior. Óleo sobre tela, 141 cm x 172 cm. 1899.

148

do século passado, em que ocorreu um intenso fluxo migratório do campo para as cidades.

• Proponha à gestão escolar uma visita guiada a um museu da cidade ou da região que tenha um acervo relacionado à cultura popular ou rural. Antes da visita, converse com os estudantes sobre a importância de preservar objetos antigos, fotos, instrumentos musicais e registros que ajudam a contar a história de uma comunidade. Durante a visita, peça-lhes que anotem ou fotografem (se permitido) objetos, instrumentos musicais, utensílios domésticos ou ferramentas que acharem

mais interessantes. Oriente-os a observarem o espaço do museu, como a arquitetura e a organização das exposições. Ao retornarem à escola, em sala de aula, proponha que cada estudante compartilhe suas impressões e faça um breve texto ou desenho sobre o que mais chamou a atenção deles, tentando relacionar isso com os conteúdos estudados sobre a música ou o modo de vida sertanejo. Se possível, finalize montando um mural coletivo com registros, fotos e textos produzidos pela turma sobre a experiência.

Muitos outros artistas, das mais diversas áreas, retrataram as pessoas da roça. O quadrinista Mauricio de Sousa, por exemplo, criou na década de 1960 a personagem Chico Bento, um garoto que vive na Vila Abobrinha, lugar fictício localizado na zona rural do interior do estado de São Paulo.

Em suas histórias, Chico Bento mostra muitos costumes da área rural onde mora e também vive aventuras com diversas personagens do imaginário popular, como a Mula Sem Cabeça, o Curupira e o Lobisomem, além de muitas que envolvem a conservação da natureza.

Chico Bento, de
Mauricio de Sousa.



© MAURICIO DE SOUSA EDITORA LTDA.

No cinema, a figura do caipira foi imortalizada pelo cineasta e ator Amácio Mazzaropi (1912-1981). No filme *Jeca Tatu*, de 1959, ele fez uma adaptação para o cinema da personagem criada pelo escritor Monteiro Lobato (1882-1948), a qual é uma **caricatura** do homem da roça.

Caricatura: tipo de representação humorística que exagera as características de uma pessoa.

Cena do filme *Jeca Tatu*, em 1959.



ACERVO MUSEU MAZZAROPPI - INSTITUTO MAZZAROPPI

A figura do caipira criada por Mazzaropi era cômica, mas também humana e cheia de valores. Seus filmes mostravam a sabedoria popular, a simplicidade do interior e o contraste com a vida nas cidades grandes.

Hoje, Mazzaropi é lembrado como parte importante da história do cinema brasileiro e da valorização da cultura caipira.



A figura do caipira nem sempre foi tratada de forma respeitosa. Porém, hoje sabemos que a cultura caipira é muito rica em músicas, festas, culinárias e outras tradições. Quando respeitamos a figura do caipira, estamos valorizando a diversidade cultural do Brasil!

149



Atitude legal

Explique aos estudantes que a figura do caipira é socialmente construída e que, a depender do contexto, ela é representada de maneira diferente. Aproveite os três exemplos apresentados – as pinturas de Almeida Júnior feitas no século XIX; o cinema de Mazzaropi feito a partir da década de 1930; e os quadrinhos de Chico Bento, criados por Mauricio de Sousa na década de 1960 e veiculados até a atualidade – para ressaltar essa questão, mostrando como cada um deles retrata o caipira de

maneira diferente. Por exemplo, a personagem Jeca Tatu foi elaborada primeiro pelo escritor Monteiro Lobato como forma de divulgar uma série de estereótipos classistas e racistas acerca do caipira. Contudo, posteriormente, Mazzaropi se apropriou dessa mesma personagem de um novo ponto de vista. Ainda que de forma cômica, ele ressignificou a imagem de Jeca Tatu, retratando o caipira de forma mais humanizada, destacando e valorizando seus saberes.

Já Chico Bento, quando surgiu, também expressava vários estereótipos relacio-

nados à figura do caipira. Contudo, com o tempo, suas histórias passaram a cada vez mais valorizar a vida nas áreas rurais e abordar temáticas relacionadas ao cuidado com o meio ambiente. Com isso em mente, leve os estudantes a identificarem e a desconstruírem estereótipos veiculados em diferentes mídias e obras de arte sobre o caipira. Incentive-os a valorizar obras que representem essa população, enaltecendo seus saberes e respeitando seus costumes.

• Inicie a condução retomando com a turma como a figura do caipira aparece em diferentes formas de arte além da música, como na pintura, no cinema, na literatura e nas histórias em quadrinhos. Comente que Almeida Júnior, por exemplo, ajudou a construir essa imagem ao pintar cenas do cotidiano rural, valorizando os sentimentos e detalhes da vida no campo, como vemos na pintura *O violeiro*, apresentada na página anterior.

• Em seguida, oriente os estudantes a observarem atentamente a obra, identificando elementos como roupas, objetos, expressões e ambiente retratado. Incentive-os a pensarem no que essas escolhas artísticas comunicam sobre a vida caipira e como contribuem para formar nossa percepção desse modo de vida.

• Por fim, conduza uma conversa aberta perguntando se eles se lembram de outras personagens do campo, ribeirinhas e sertanejas da televisão, do cinema ou de HQs, incentivando-os a compartilhar lembranças pessoais e a perceberem a presença dessa figura na cultura popular de diferentes épocas.

• Incentive os estudantes a pesquisarem outras produções brasileiras que dialoguem com temas do campo ou da cultura popular e que sejam adequadas à faixa etária da turma para que possam ampliar repertório e perceber diferentes formas de representação das tradições rurais.

- O ator, cineasta e roteirista Amácio Mazzaropi (1912-1981), abordado na seção **Conhecendo o artista**, adaptou para o cinema a personagem Jeca Tatu, um caipira criado com base na visão literária de Monteiro Lobato. Desde a infância, teve contato com a vida cultural caipira, pois acompanhava o avô em eventos pelo interior de São Paulo. Iniciou a carreira artística no circo, na caravana Circo La Paz, contando piadas e histórias ou causos. Em 1932, estreou no teatro e, em 1935, convenceu os pais a viajarem com ele e atuarem em uma turnê de teatro. A Troupe Mazzaropi se manteve até 1945.

- Destaque que Mazzaropi fez uma leitura do caipira paulista, uma personagem que foi tema de pintores como Almeida Júnior (1850-1899), de escritores como Monteiro Lobato (1882-1948) e do quadrinista Mauricio de Sousa (1935-), mas é importante ressaltar que cada um desses autores e artistas têm uma leitura distinta desse indivíduo. Isso ocorreu tanto por meio de narrativas que pretendiam ser de denúncia quanto por meio dos estereótipos criados por esses mesmos artistas. É importante problematizar o tema trazendo imagens de pinturas, HQs e textos que abordem o caipira e outros sertanejos presentes no imaginário brasileiro. Monte grupos e distribua o material, orientando os estudantes a anotarem os pontos relevantes da leitura. Ao final, peça-lhes que apresentem suas conclusões à turma.

- Para aumentar a fidelidade estética de seus filmes, que se passavam em vilarejos de fazendas e em pequenos municípios do interior do estado de São Paulo, Mazzaropi comprou uma fazenda e a transformou em estúdio.

- Seus filmes tratam da temática do caipira paulista de forma bem-humorada



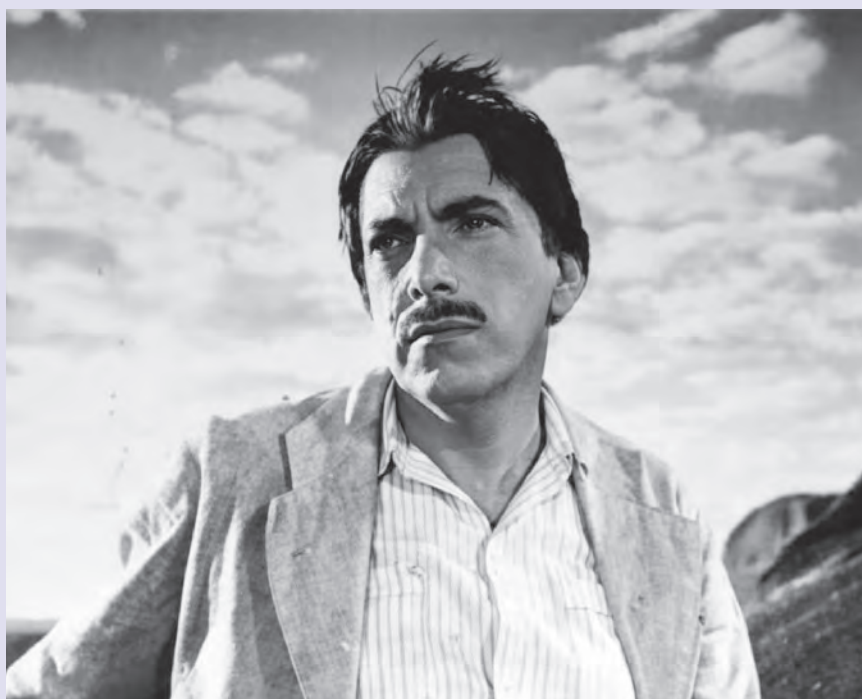
CONHECENDO O ARTISTA

Amácio Mazzaropi nasceu em 1912, na cidade de São Paulo. Começou a vida artística cedo, aos 15 anos de idade. Em 1935, criou sua companhia teatral, a Companhia Teatro de Emergência. Durante suas viagens pelo interior do país, Mazzaropi teve a inspiração para interpretar a figura do caipira, criando a personagem Jeca Tatu.

Para produzir seus filmes, ele vendeu sua casa e fundou a PAM Filmes. Logo depois, para criar um ambiente mais fiel às personagens, comprou uma fazenda e lá construiu o estúdio de gravação.

Além de ator, Mazzaropi era roteirista e produtor. Ao todo, produziu 32 filmes, que retratavam de modo crítico, mas com bom humor, temas como preconceito, religião, política e até ecologia, que não era um assunto muito comum na época. Faleceu em São Paulo, em 1981.

ACERVO MUSEU MAZZAROPPI - INSTITUTO MAZZAROPPI



Amácio Mazzaropi em cena no filme *As aventuras de Pedro Malasartes*, em 1960.

150

ao retratar seus hábitos com um olhar caricatural. Também é possível notar que as qualidades questionadoras e a astúcia das pessoas do campo aparecem por meio de um olhar crítico.

- Comente com os estudantes que, apesar de retratar o caipira de modo positivo, o Jeca Tatu popularizado por Mazzaropi traz ainda elementos estereotipados, o que pode ser observado inclusive em seu figurino. Diga a eles que é preciso refletir como imagens como a do Jeca Tatu de Mazzaropi podem reforçar estereótipos sobre as pessoas do campo.

Amplie seus conhecimentos

- MUSEU MAZZAROPPI. Disponível em: <https://www.museumazzaropi.org.br/>. Acesso em: 30 ago. 2025.

Acesse o site oficial do Museu Mazzaropi e conheça mais sobre a obra desse artista. Lá você também poderá encontrar *links* para assistir a trechos dos filmes de Mazzaropi postados nos canais oficiais da instituição nas redes sociais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

Faça as atividades no caderno.

1. Leia o trecho de um depoimento de Mazzaropi e, em seguida, escreva o texto no caderno, completando-o com as palavras a seguir.

caipira • tradições • cultura

1. Resposta: O que eu entendo por **cultura popular**? As raízes do povo brasileiro. Assim, negar o **caipira** brasileiro é negar a própria raiz. Acho que cultura é justamente não esquecer o passado, não esquecer nossas **tradições**.

O que eu entendo por **popular**? As raízes do povo brasileiro. Assim, negar o **popular** brasileiro é negar a própria raiz. Acho que cultura é justamente não esquecer o passado, não esquecer nossas **tradições**. [...]

MAZZAROPI, Amácio. "O povo está preparadíssimo". Entrevista cedida a José Wolf. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 2 jul. 1978. Folhetim, p. 2-4. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=6629&anchor=4245106&pd=18df988b50588355b0b8f44cf397b35a>. Acesso em: 12 fev. 2025.

2. Copie em seu caderno a afirmação que corresponde à visão de Mazzaropi sobre a figura do caipira.

2. Resposta: Mazzaropi acredita que o caipira faz parte das raízes do povo brasileiro.

- Para o artista, o caipira não faz parte da nossa cultura popular.
- Mazzaropi acredita que o caipira faz parte das raízes do povo brasileiro.
- O artista afirma que as tradições do caipira deveriam ser esquecidas.



151

- Na leitura proposta na atividade 1, retome com os estudantes os conteúdos sobre a produção artística de Mazzaropi. Se possível, pesquise e apresente a eles uma produção do artista, como a música "Jeca Tatu", para perceberem como ele costuma retratar a figura do caipira. Em seguida, informe que eles vão ler uma entrevista na qual Mazzaropi explica seu ponto de vista sobre o assunto.

- Ao ler o texto, incentive os estudantes a localizarem no quadro as palavras que o completam. Para isso, eles precisarão verificar a coesão e a coerência de cada oração, fazendo inferências diretas para encontrarem qual é a combinação correta. Eles também precisarão ter em mente o posicionamento do artista diante do tema retratado.

- Após completar e ler o texto na ordem correta, passe para a atividade 2. Use-a para debater a importância de desconstruir estereótipos em torno da figura do caipira. Para isso, resalte como Mazzaropi o representa como uma pessoa inteligente, porém desprovida de acesso à educação formal.

- Aproveite para conversar com os estudantes sobre a importância da empatia, promovendo a reflexão sobre o respeito às pessoas e a valorização das diferenças.

• A atividade 1 consiste em uma interpretação de texto na qual os estudantes buscam identificar o conteúdo da letra, analisando e apontando o local de onde fala o autor (a cidade, o lugar onde o sujeito da canção está no tempo presente) e a projeção do lugar que se manifesta como saudade (o campo, onde o sujeito da canção viveu no passado). Para aprofundar a leitura, retome aspectos da música caipira trabalhados até o momento, como temas e personagens. Com isso, proponha aos estudantes que identifiquem o conteúdo das passagens da letra com base no estudo do vocabulário e da contextualização.

• Sobre o gênero, explique que, a partir da década de 1950, a música caipira se difundiu no Brasil com o trabalho de artistas importantes durante a era do rádio. É possível citar nomes de alguns artistas, como a dupla Vieira e Vieirinha, que popularizou a catira no rádio; Inezita Barroso (1925-2015), atriz, pesquisadora, cantora e que por muito tempo foi apresentadora do programa da TV Cultura *Viola, Minha Viola*, exibido por mais de trinta anos; e Pedro Bento e Zé da Estrada, responsáveis por misturarem a música e a indumentária mexicanas à nossa música caipira.

• Com o advento da televisão, esses e muitos outros artistas também apresentaram suas músicas para o grande público na extinta TV Tupi (1950-1980). O gênero tornou-se tão representativo que a dupla Tonico e Tinoco participou da inauguração da emissora, também na década de 1950. Além disso, essa dupla expandiu sua poética para o cinema, sendo responsável pela produção de seis filmes, nos quais também atuou.

• Outro meio difusor da cultura caipira foi a *Revista Sertaneja*, publicada pela editora Prelúdio, entre 1958 e 1959. Foram publicados vinte volumes dessa primeira revista sobre o estilo caipira.


Saudades do sertão!

Leia um trecho da canção “Luar do sertão”.

Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão

Oh! Que saudade do luar da minha terra
Lá na serra branquejando folhas secas pelo chão
Este luar cá da cidade, tão escuro
Não tem aquela saudade do luar lá do sertão
[...]


CATULO
DA PAIXÃO
CEARENSE.
Luar do sertão.
Intérprete: Luiz
Gonzaga. In: *A
festa*. Rio de
Janeiro: RCA,
1981. Faixa 1.

 1. Onde essa personagem está morando? Do que ela tem saudade? Escreva no caderno a resposta correta. **1. Resposta: Está morando na cidade e tem saudade do sertão.**

- Está morando na serra e tem saudade da cidade.
- Está morando no sertão e tem saudade da serra.
- Está morando na cidade e tem saudade do sertão.

A música “Luar do sertão”, composta pelo violonista João Pernambuco (1883-1947), tem letra do poeta e compositor Catulo da Paixão Cearense (1863-1946). Nessa letra, escrita em 1913, uma pessoa que está morando na cidade expressa sua saudade da vida no campo. Isso fazia bastante sentido para a época, pois Catulo escreveu a canção quando, no Brasil, boa parte da população rural estava se mudando para as cidades.

“Luar do sertão” se tornou muito popular e foi gravada por diversos artistas importantes da música brasileira. Ela ajudou a popularizar o sertão como um tema artístico. Apesar de não ser uma música sertaneja de raiz, em razão de sua temática ficou conhecida como uma espécie de hino sertanejo e foi interpretada por inúmeros artistas da música caipira, tornando-se uma das canções brasileiras mais gravadas da história. Até hoje, mesmo 100 anos depois de sua composição, “Luar do sertão” continua emocionando e sendo cantada por artistas que valorizam a cultura popular do Brasil.

Capa do álbum *Luar do sertão*, de  Paulo Tapajós, lançado em 1943.



152

Mais atividades

- Com base no que descobriram no decorrer deste tópico, incentive os estudantes a criarem uma produção visual por meio do desenho, buscando desconstruir os estereótipos ligados à figura do caipira e valorizarem seus saberes, suas culturas e seus aspectos positivos.
- Para isso, peça-lhes que retomem os trabalhos dos artistas abordados até então e oriente-os a listarem as características positivas do caipira que eles querem ressaltar. Oriente-os também a

listarem que preconceitos e estereótipos precisam ser desconstruídos sobre ele. Incentive-os a compartilhar suas listas entre si e a discutirem as possibilidades de como representar de maneira positiva o caipira.

- Oriente os estudantes a iniciarem suas produções com base nessas discussões. Após a finalização dos desenhos, promova uma conversa sobre os resultados, discutindo como cada um desconstruiu os estereótipos.

ACORDA, SÃO JOÃO!

Observe a imagem.

1. Que elementos da festa junina você consegue reconhecer?
2. Há alguma brincadeira representada na imagem? Qual? **Resposta: A brincadeira representada é a Pescaria.** A festa junina é uma celebração bem brasileira, mas não surgiu no Brasil. Ela foi trazida da Europa pelos portugueses. E você sabia que suas origens são muito mais antigas?

Há mais de dois mil anos, alguns povos europeus se reuniam no mês de junho e acendiam grandes fogueiras para comemorar o início das colheitas.

Depois, as festas incluíram aspectos da religião católica, como as homenagens a Santo Antônio, São João e São Pedro.

No Brasil, elementos das culturas indígenas e africanas também passaram a fazer parte da festa. Algumas comidas típicas, como o milho e a mandioca, têm origem indígena. Outras, como a cocada e o pé de moleque, têm raízes africanas. Além disso, no Brasil também foram incorporadas brincadeiras como a pescaria, o jogo das argolas e o tiro ao alvo.

Em nosso país, a festa junina se espalhou principalmente pelas regiões rurais, tornando-se um símbolo da cultura caipira. Nos “arraiaís” e nas quermesses, não podem faltar a fogueira, as bandeirinhas, a cena de casamento na roça, muita música, dança, comidas e diversas brincadeiras.



Menino brincando em festa junina, em Presidente Prudente, em São Paulo, em 2019.

Destaques BNCC

- No decorrer deste tópico, ao analisarem a dança da quadrilha, contextualizando e relacionando as práticas corporais à formação cultural de cada região, os estudantes desenvolvem a habilidade **EF15AR08**. Além disso, ao dançarem coletivamente coreografias tradicionais da cultura brasileira, eles são incentivados a experimentar diferentes formas de orientação no espaço e ritmos de movimento, destacando-se a habilidade **EF15AR10**. Também podem conhecer os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos da dança, conforme previsto na habilidade **EF15AR11**.
- A produção de uma festa junina, proposta ao final deste tópico, permite aos estudantes vivenciarem as relações processuais entre diferentes linguagens artísticas, além de experimentarem brinquedos, jogos, danças, canções e histórias da cultura brasileira, desenvolvendo as habilidades **EF15AR23** e **EF15AR24**.

153

Atividade preparatória

- Para despertar o interesse dos estudantes pelo tema, organize uma apresentação de vídeos que abordem as tradições juninas nas mais diversas regiões do país. Elabore questionários para entrevistas, verificando o conhecimento e a relação das famílias com essa tradição. Para o bom andamento das aulas centradas na execução da dança da quadrilha, organize ensaios com a turma explorando a coreografia.

- Incentive os estudantes a observarem com atenção os detalhes visuais, como roupas, acessórios, adornos, cores e objetos presentes na imagem. Explique que esses elementos ajudam a caracterizar a cena como uma festa típica e despertam memórias e referências culturais. Valorize as diferentes percepções do grupo, destacando que não há uma única resposta correta, pois cada estudante pode identificar aspectos distintos na imagem.

- Proponha aos estudantes que identifiquem a brincadeira representada, explicando que ela se chama Pescaria e costuma estar presente em festas juninas. Reforce a importância de observar a ação que acontece na imagem, relacionando a experiências que os estudantes já vivenciaram ou conhecem para que reconheçam o sentido cultural dessa brincadeira na festa.

Destaques BNCC

- As atividades apresentadas aos estudantes permitem refletir sobre a origem das festas juninas e conhecer um pouco de suas tradições e de suas personagens, levando-os a refletir e a escrever sobre o assunto. Dessa forma, as atividades atuam no desenvolvimento da habilidade **EF15AR03**.

- Ao realizarem a atividade **1**, os estudantes são convidados a elaborarem textos explicativos sobre elementos das festas juninas, ampliando sua capacidade de leitura crítica, organização de ideias e expressão por meio da linguagem escrita.

- Solicite aos estudantes que leiam o texto de Sávaia Dummont e, depois, questione-os sobre o tema e oriente-os a fazer anotações. Incentive todos a oralizarem o que entenderam da história e o que já sabem do assunto.

Outra coisa que não pode faltar nas festas juninas é a quadrilha, que se originou de uma dança de salão francesa chamada **quadrille**. Ela se popularizou no Brasil e foi ganhando elementos da nossa cultura, como a música que acompanha a dança, as vestimentas e a encenação do casamento caipira.

Mas o marcador, que faz a narração e dá os comandos para os dançarinos, utiliza palavras que estão presentes na quadrilha há muito tempo. Alguns comandos usados na quadrilha são palavras francesas abrigadas. Observe a seguir alguns exemplos.

- **Saruê**: comando para todos se juntarem no meio do salão. Vem de **soirée**, que significa “reunião social noturna”.
- **Anavã**: vem de **en avant** e significa “para frente”.
- **Balancê**: vem de **balancer** e quer dizer “balançar”.



■ Crianças dançando quadrilha em festa junina na cidade de Bueno Brandão, em Minas Gerais, em 2023.

JOÃO PRUDENTE/PULSAR IMAGENS
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

ATIVIDADES

Faça as atividades no caderno.

1. Leia o texto a seguir.

[...] Os homens ficam de um lado e as mulheres do outro. Eles se cumprimentam, passeiam em fila, de braço dado, e de repente o puxador grita: "Olha a cobra!"; e todo mundo vira correndo para o outro lado. Mas logo ele confessa: "É mentira!"; e a gente se volta para a direção em que passeava antes. "A ponte caiu!": nessa hora, os homens carregam as mulheres no colo. "É mentira!": aí eles podem pôr as mulheres no chão.

VINÍCIUS COSTA/ARQUIVO DA EDITORA

DUMMONT, Sávila. *O Brasil em festa*. Ilustrações de Demóstenes. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000. p. 6.

- a) Escreva no caderno, com letra cursiva, explicando o que você sabe sobre a quadrilha. **1. a) Resposta nas orientações ao professor.**
- b) O texto da página anterior aborda a origem da quadrilha, uma dança típica da festa junina. Com seus colegas, leiam as frases a seguir e, depois, escrevam no caderno quais delas fazem afirmações corretas sobre essa festa.

As danças, músicas e alimentos da festa junina devem-se às influências asiáticas em nossa cultura.

As festas juninas são de origem europeia e têm influência católica, homenageando Santo Antônio, São Pedro e São João.

A quadrilha dançada nas festas juninas tem origem em uma dança de salão francesa.

- c) Observe a foto da página anterior. Depois, copie no caderno apenas as palavras que se referem aos elementos presentes nela.
- 1. c) Resposta: festa junina; chapéu de palha; quadrilha; bandeirinhas.**

festa junina • barracas • sanfona • chapéu de palha
quadrilha • fogueira • bandeirinhas • pescaria

155

Resposta

a) Quadrilha. Oriente os estudantes a retomarem o que sabem sobre essa dança e, se necessário, peça-lhes que retomem a leitura do texto de Sávila Dummont identificando os passos de quadrilha que são mencionados.

- No item **b**, organize a turma de maneira que todos oralizem seus conhecimentos. Pergunte aos estudantes o que eles já sabiam e o que aprenderam na atividade, respondendo sobre a origem das festas juninas.
- O item **c** demanda identificar elementos que fazem parte de uma festa junina. Oriente os estudantes a relerem a imagem mais uma vez, se necessário.

Amplie seus conhecimentos

• ARAÚJO, Alceu Maynard. *Cultura popular brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

Utilize esse livro para aprofundar seus conhecimentos sobre as tradições populares brasileiras, relacionando os conteúdos da aula a exemplos reais de festas, danças e ritmos. A obra também pode servir de apoio para projetos de pesquisa sobre manifestações folclóricas regionais.

• REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE. *Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular*. Disponível em: http://antigo.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=63. Acesso em: 2 jul. 2025.

O acervo da *Revista Brasileira de Folclore* poderá ampliar os conhecimentos sobre cultura popular, trazendo artigos e registros históricos como fonte documental. Além disso, o material pode inspirar debates sobre a preservação e a valorização da cultura popular brasileira.

• A atividade **2** tem por objetivo incentivar os estudantes a coletarem informações sobre as festas juninas com os familiares e compartilharem as informações com os colegas.

• O item **a** deve ser realizado em casa, pois os estudantes devem coletar informações sobre a festa junina com os familiares. Oriente-os a perceberem como as festas juninas mudaram com o passar do tempo; por isso, é importante que os entrevistados tenham idades diferentes. Há três perguntas prontas, mas se os estudantes encontrarem outras informações pertinentes, devem anotar para compartilhá-las. O item **b** trata do compartilhamento das informações. Esse diálogo pode ser realizado em uma roda de conversa organizada por sorteio, ordem ou inscrição. A atividade proporciona aos estudantes a aprendizagem ativa e o desenvolvimento da participação familiar por meio da realização das entrevistas.

2. As festas juninas estão entre as mais celebradas no Brasil. Mas você sabe como elas são organizadas ou que barracas de comida e brinquedos costumam fazer parte dessas festas? Descubra realizando as atividades a seguir.

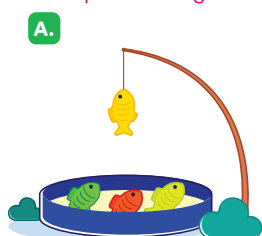
a) Agora, é o momento de pesquisar. Converse com adultos de seu convívio sobre o que eles sabem a respeito das festas juninas. Preste atenção no que eles falam e anote as principais informações no caderno. Confira, a seguir, algumas perguntas que você pode fazer.

- Como eram as festas juninas na sua cidade quando você era criança? **2. a) Resposta pessoal. As respostas podem variar conforme a região e a vivência do entrevistado. Comentários nas orientações ao professor.**
- Quais eram as comidas típicas dessas festas?
- Havia músicas, danças e brincadeiras? Você poderia descrevê-las?

b) Compartilhe com a turma o que você descobriu. Depois, converse com os colegas sobre as diferenças entre as festas juninas feitas na época da infância de seus familiares e aquelas das quais vocês participam hoje.

3. Observe as imagens a seguir. Depois, desenhe no caderno aquelas que representam elementos que fazem parte das festas juninas.

3. Resposta: Imagens A e C.



■ Pescaria.



■ Skate.



■ Música e dança.

4. Desvende o código a seguir para descobrir o nome de uma dança típica das festas juninas. Para isso, escreva no caderno a primeira letra de cada imagem. Depois, pesquise para saber do que se trata e compartilhe com os colegas o que descobriu.

4. Resposta: Os estudantes devem formar a expressão pau de fita.



2. b) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes compartilhem entre si os conhecimentos adquiridos no decorrer da atividade, construindo coletivamente seu processo de aprendizagem. Comentários nas orientações ao professor.

Entre mastros e bandeiras



ADRIANO RIBEIRO/PULSAR IMAGENS

■ Apresentação de quadrilha, em Presidente Prudente, em São Paulo, em 2023.

A quadrilha é uma dança típica das festas juninas. Ela é dançada por grupos de pares e tem uma coreografia própria, conduzida por um marcador ou animador. Na quadrilha, o marcador vai dizendo aos dançarinos que passos eles devem fazer.

Como estudamos anteriormente, a quadrilha teve origem em uma dança de salão francesa. Por isso, algumas palavras de comando anunciadas pelo marcador têm origem no francês, como *balancê*, que veio de *balancer*, ou seja, balançar.

1. Na sua região, que outras danças são realizadas durante as festas juninas? **1. Resposta pessoal. Incentive os estudantes a socializarem suas respostas.**
2. Diga os nomes de outras danças típicas brasileiras que você conhece. Depois, pesquise com seus colegas imagens dessas danças e elaborem cartazes para apresentar à turma. **2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes cite danças como samba, maracatu, frevo, ciranda, catira, fandango, maculelê, carimbó, entre outras.**

157

(Continuação)

geração em uma comunidade. O patrimônio cultural implica um vínculo compartilhado, o pertencimento a uma comunidade. Representa a história e a identidade de um povo, seu vínculo com o passado, seu presente e seu futuro.

Amplie seus conhecimentos

• WORLD Heritage List. *Unesco*. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), fundada em 1954, adotou convenções internacionais sobre a proteção do patrimônio cultural. No Brasil, temos o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Para saber mais, visite o *site* da Unesco, que apresenta os patrimônios mundiais da humanidade. Embora esteja em inglês, é possível acessar um mapa, clicar nele e conhecer, inclusive, os patrimônios em risco.

- Chame a atenção dos estudantes para alguns momentos que fazem parte da dança da quadrilha, como o cumprimento, o grande passeio e as demais partes da coreografia. Pergunte se eles já participaram de uma quadrilha e, caso respondam positivamente, verifique se eles se lembram dessas e de outras partes da coreografia. Comente que eles poderão vivenciar a dança posteriormente, ao final da unidade.
- Comente com os estudantes que cada gesto faz parte de uma tradição coletiva que reforça valores de respeito, colaboração e alegria. Retome com eles a origem e a história dessa dança típica das festas juninas, relacionando ao conteúdo trabalhado anteriormente sobre cultura popular. Por fim, incentive a turma a registrar suas impressões.
- Nas atividades **1** e **2**, presentes na página, você pode identificar os conhecimentos dos estudantes sobre festas juninas e sobre a cultura popular local com base nos contextos de vivência da turma. Aproveite para explicar que as festas juninas são consideradas patrimônio cultural imaterial brasileiro, ou seja, elementos intangíveis que fazem parte da cultura de um povo, como festas, tradições, história oral, artes cênicas, práticas sociais, modos de fazer algum artesanato tradicional ou uma comida, rituais, conhecimentos e habilidades transmitidos de geração em

(Continua)

Destaques BNCC

- Conhecer e apreciar os ciclos festivos possibilita a valorização das manifestações artísticas e culturais, como previsto na **Competência geral 3**. Também proporciona aos estudantes utilizarem esse conhecimento na reelaboração de suas criações em arte, trabalhando a **Competência específica de Arte 3**.
- O conhecimento das festas brasileiras promove a valorização do patrimônio artístico e cultural, com suas histórias e visões de mundo, como previsto na **Competência específica de Arte 9**.

• Ao trabalhar o boxe **Pelo Brasil** com os estudantes, comente que outra cidade em que as festas juninas têm bastante importância é Caruaru, em Pernambuco. Dada a importância que as festas juninas têm na região, em 2022, as quadrilhas juninas tornaram-se patrimônio imaterial da cidade. Na prática, essa classificação transfere para o poder público a corresponsabilidade pela manutenção da tradição. Assim, valoriza-se essa festividade típica da Região Nordeste, que todos os anos mobiliza milhares de pessoas em sua realização.



PELO BRASIL

Quando chega o mês de junho, a cidade de Campina Grande, na Paraíba, se transforma para celebrar São João.

É uma das maiores festas juninas do país. Por um mês, muitos shows e o ritmo do forró embalam milhares de pessoas todos os dias de sua celebração.

Em Campina Grande, o Quadrilhão é considerado a maior quadrilha junina do mundo. Ele é composto de quase 900 pares de dançarinos. Outra atração da cidade paraibana é a Locomotiva do Forró, em que há bandas tocando e gente dançando em um trem em movimento.



■ Quadrilha realizada em Campina Grande, na Paraíba, em 2025.

LEO CALDAS/PULSAR IMAGENS

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

1. A canção a seguir faz parte da cultura das festas juninas. Aprenda a letra e, depois, siga as orientações.



REGIANE FERRAZ/SHUTTERSTOCK

Capelinha de melão

Capelinha de melão

É de São João.

É de cravo, é de rosa,

É de manjerição...

São João está dormindo,

Não acorda, não.

Acordai, acordai,

Acordai, João.

Origem popular.

1. Resposta pessoal. Esta atividade leva os estudantes a realizarem as ações educativas conceituais de **conhecer, apreciar e identificar**; as ações educativas atitudinais de **participar, cooperar e valorizar**; e as ações educativas comportamentais para música de **jogar, cantar e executar ritmos**.

VINÍCIUS COSTA/ARQUIVO DA EDITORA

- a) Metade da turma deve cantar as partes em destaque, e a outra metade, o restante da letra.
- b) Da segunda vez, quem está cantando a parte destacada deve cantar mais forte.
- c) Por fim, troquem de papéis: a metade que estava cantando a parte em destaque canta a outra, e vice-versa, seguindo as orientações anteriores.

2. Que canções de festa junina são características da sua região? Converse com seus familiares e aprenda uma delas. Depois, anote a letra da canção no caderno para ensiná-la à turma.

2. Resposta pessoal. Confira mais informações sobre a atividade nas orientações ao professor.

159

- Na atividade 1, recite uma vez a letra da canção e peça aos estudantes que a repitam. Ainda sem organizá-los em grupos, peça-lhes que cantem forte as partes da letra que estão em destaque, e de forma mais fraca as partes da letra que não estão em destaque.

- Na atividade 2, oriente os estudantes a realizarem a atividade de pesquisa como tarefa de casa com os familiares. Oriente-os a perguntarem, por exemplo, que cantigas seus familiares ou avós cantavam quando eram crianças. Se julgar pertinente, peça-lhes que troquem entre si as informações coletadas.

- Ao realizarem a entrevista com um familiar, a ação de ouvi-lo e conhecer suas histórias possibilita aos estudantes estabelecerem sentido com o conteúdo trabalhado e compreenderem a importância da memória cultural. Isso também os auxilia em seu processo de alfabetização por meio da escrita. Se considerar pertinente, incentive-os a gravarem os membros da família cantando juntos. Solicite que anotem a letra das canções e tentem aprender as melodias.

- Promova uma roda para que os estudantes mostrem o que coletaram. Finalize a atividade propondo a criação de um desenho que possa ser compartilhado com os familiares.

- A leitura do texto, a interpretação, a oralidade, a recitação da letra de uma canção, o canto, a organização de uma dança e o dançar, e a criação de um roteiro possibilitam o desenvolvimento das dimensões física, emocional, moral, social, cognitiva e linguística. Por isso, as práticas multissensoriais são de grande importância no processo de alfabetização.

• Aproveite as atividades 3 e 4 desta página para revisar o conteúdo e verificar o que os estudantes compreenderam sobre a tradição da festa junina até o momento.

• Informe que muitos dos símbolos das festas juninas aparecem em obras de diversos artistas brasileiros. Alfredo Volpi (1896-1988), por exemplo, utilizou a bandeirinha sistematicamente em seus trabalhos. No seu caso, elas compõem um projeto de abstração geométrica. Sua série "Bandeiras e mastros" representou uma grande contribuição para a arte brasileira moderna. Volpi não foi, no entanto, o único artista a representar as festas juninas. Além dele, podemos citar Djanira da Motta e Silva (1914-1979), Alberto da Veiga Guignard (1896-1962), Anita Malfatti (1889-1964), Di Cavalcanti (1897-1976) e Candido Portinari (1903-1962), cada um deles enfatizando um elemento distinto da festa. Nesse sentido, pesquise com os estudantes obras desses artistas que retrataram essas festividades.

• Discorra sobre essas imagens e proponha aos estudantes que criem as próprias composições visuais a respeito do tema. Para isso, permita que explorem a pintura para experimentarem a diversidade de cores da festa. Se for propor uma releitura, lembre-se de que, nessa atividade, não se trata de uma cópia do original, e sim de uma apropriação de elementos do tema, da técnica ou da composição.

3. Festa junina é bom demais! Leia as frases a seguir e escreva no caderno a afirmativa correta sobre as festas juninas.

- A festa junina tem influência apenas das tradições europeias.
- A festa junina é rica em comidas típicas e brincadeiras, sem músicas ou danças.
- A festa junina se tornou um símbolo da cultura caipira do Brasil.

3. Resposta: A festa junina se tornou um símbolo da cultura caipira do Brasil.

4. Para aprender mais sobre as festas juninas, observe a obra *Fogueira de São João*, da artista Lourdes de Deus (1959-).



■ *Fogueira de São João*, de Lourdes de Deus. Acrílica sobre tela, 62 cm x 74 cm. 2018.

Agora, observe alguns detalhes da pintura *Fogueira de São João*. Depois, no caderno, copie as frases relacionado a cada um dos detalhes destacados.



FOTOS: LUCIA DINIZ - COLEÇÃO PARTICULAR

Dança junina tradicional, dançada por pares.

Eles acompanham as danças tocando a sanfona.

Celebração da união dos noivos e de suas famílias diante da sociedade.

Objetos feitos de papéis coloridos e pendurados em cordas.

Local onde são vendidos os quitutes, que simbolizam a fartura nas colheitas.

Aquece e une as pessoas ao seu redor.

4. Resposta: As frases devem ser organizadas na seguinte ordem: B, D, F, E, C, A.
5. Existe alguma característica própria das festas juninas na região onde você vive? Para descobrir, faça uma pesquisa com os colegas. Depois, registre-a no caderno e apresente-a para a turma.

5. Resposta pessoal. Comentários nas **orientações ao professor**.

161

- Para auxiliar os estudantes na atividade 5, leve-os ao laboratório de informática ou à biblioteca da escola para pesquisar. Caso no município ou no estado onde vivem haja uma Secretaria de Cultura, oriente os estudantes a consultarem o site da instituição para buscarem informações. Você pode contatar também mestres, produtores e centros culturais da região ligados a essa tradição para recolher materiais que auxiliem na pesquisa dos estudantes.
- Após a conclusão da pesquisa, peça aos estudantes que criem um desenho para representar uma cena de uma festa junina no bairro, levantando os questionamentos a seguir.

- Em que lugar de seu bairro haveria espaço para organizar uma festa junina como vimos nas imagens apresentadas?
- Como seria a decoração da festa junina em seu bairro?
- Que brincadeiras haveria nessa festa?
- Como seria a coreografia da dança da quadrilha?
- Você pode inserir outros questionamentos, mas é importante que os estudantes consigam estabelecer relações entre o tema e seu contexto. Esse tipo de produção e observação é significativa para analisar as representações que os estudantes têm de seu território, além do capital social e cultural que trazem consigo.

(Continua)

(Continuação)

- Após concluírem os trabalhos, promova uma exposição com a turma, permitindo que os autores falem de suas obras e sejam questionados sobre elas.

Mais atividades

- Para aprofundar a abordagem da página, distribua os estudantes em **grupos** e proponha que criem um roteiro para a organização de uma

festa junina na escola, cujas orientações estão apresentadas mais adiante, como condução da seção **Para fazer juntos**. Solicite que, com base na leitura da imagem, apontem alguns elementos que devem estar presentes na festa.

- Após produzirem esse roteiro, solicite que justifiquem suas escolhas de modo que todos os grupos possam debater e chegar a um consenso sobre o evento.

Objetivo

- Explorar a quadrilha como forma de dança coletiva.

Destaques BNCC

• Ao incentivar os estudantes a praticarem os passos da quadrilha, experimentando o espaço, as possibilidades do próprio corpo na construção e na improvisação dos movimentos dançados; e ao levá-los a representarem acontecimentos cênicos, experimentando-se no lugar de outro, são desenvolvidas as habilidades **EF15AR09** e **EF15AR21**. Além disso, é possível vivenciar as relações entre as linguagens da arte por meio da articulação entre os movimentos, dos ritmos, da encenação e da visualidade presentes na quadrilha, conforme previsto na habilidade **EF15AR23**.

Saberes integrados

O ensino da dança nas escolas pode ser considerado, por um lado, como uma prática artística integrada ao componente curricular de **Arte**, e por outro, uma prática corporal integrada ao componente curricular de **Educação Física**. Trata-se, portanto, de um conhecimento que contempla os fatores físicos, mas vai além deles, pois envolve contextos, culturas, criação e liberdade de expressão. Nesse sentido, nesta atividade, possibilita-se trabalhar de forma interdisciplinar ambos os componentes, abordando o tema contemporâneo transversal **Diversidade cultural**, por compreender a quadrilha como manifestação cultural praticada em diversas partes do Brasil.

• Para iniciar a abordagem da seção, comente com os estudantes que a quadrilha, típica das festas juninas brasileiras, tem sua origem na *quadrille*, dança de salão que surgiu em Paris, no século XVIII. Trazida pelos portugueses por volta de 1830, foi adotada no ambiente aristocrático e acabou se popularizando no Brasil,

fundindo-se a outras manifestações brasileiras. Ao longo dos anos, outros elementos foram incorporados, como o casamento caipira e as músicas, que se modificaram conforme a região do Brasil. No entanto, resquícios da influência francesa ainda podem ser percebidos, como o uso das palavras usadas pelo marcador da quadrilha: *sarué*, que vem de *soirée* (reunião dos dançantes no centro da quadrilha), *anariê* (em *arrière* – o grupo volta-se para trás) e *anavan* (em *avant* – para a frente). • Oriente a turma a praticar coletivamente os movimentos do *changê* de dama e de cavalheiro e do caracol, destacando como essa troca de pares e as mãos dadas de forma coletiva em espiral valorizam a convivência e a colaboratividade da

quadrilha. Explique a importância de cada participante prestar atenção ao ritmo, aos colegas e ao espaço, garantindo que todos dançam juntos de forma harmoniosa. Por fim, incentive a turma a refletir sobre como essas danças coletivas reforçam vínculos, resgatam tradições e tornam a festa junina mais participativa e significativa. • Além de ensinar os passos, destaque aos estudantes como cada movimento da quadrilha carrega um simbolismo ligado ao cotidiano rural, como a união da comunidade. Incentive-os a compartilhar vivências e memórias de festas juninas, enriquecendo o aprendizado com experiências pessoais que reforcem a dimensão cultural, afetiva e coletiva dessa tradição.

PARA FAZER JUNTOS

Dançando quadrilha

Você e seus colegas já dançaram quadrilha? Chegou a hora de aprender uma coreografia dessa dança!

- 1 Cumprimentos:** as damas esperam os cavalheiros, que flexionam um dos joelhos e tiram o chapéu. Depois, elas vão até eles e flexionam os joelhos segurando o vestido.



- 2 Grande passeio:** de braços dados, os pares caminham formando um círculo.



- 3 Changê de dama e de cavalheiro:** trocando de pares, os cavalheiros dão um passo à frente e dançam com a próxima dama até que todos tenham dançado juntos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

ILUSTRAÇÕES: FÁBIO EUGENIO/ARQUIVO DA EDITORA

- 4** **Caracol:** as damas e os cavalheiros devem estar de mãos dadas em fila única. O primeiro da fila começa a enrolar a fileira, formando um caracol.



- 5** **A grande roda:** todos de mãos dadas formam uma roda e caminham para a direita.

- 6** **Duas rodas:** alguns pares vão para o meio e formam uma roda menor dentro da roda maior.



- Incentive a turma a experimentar as duas formações (grande roda e duas rodas) na prática, destacando a importância da coordenação e do respeito ao espaço do outro. Por fim, proponha aos estudantes que comentem como se sentem ao participarem dessas formas coreográficas e o que elas representam na tradição da quadrilha.
- Peça aos estudantes que observem as diferenças entre as formações e reflitam como cada figura contribui para a narrativa da quadrilha, seja marcando momentos de maior animação, seja criando pausas que destacam outros movimentos. Explique que essas mudanças de forma tornam a dança mais dinâmica, ajudando a contar pequenas histórias dentro da coreografia.
- Oriente os estudantes a pensarem na música que acompanha essas partes da dança, comentando como o ritmo e o compasso influenciam nos passos e na troca de pares. Sugira que experimentem ensaiar ao som de diferentes músicas típicas, percebendo como cada canção pode mudar ritmos diferentes na dança.

- Oriente os estudantes a praticarem cada movimento devagar primeiro, para entenderem como devem posicionar os braços, caminhar em conjunto e respeitar o tempo da música. Comente que os comandos, como "Olha a cobra!" ou "A ponte quebrou!", são exemplos de como a oralidade faz parte da dança, criando momentos de humor que aproximam os membros do grupo. Incentive os estudantes a pensarem em outras expressões que poderiam ser incluídas para deixarem a dança ainda mais divertida.
- Por fim, proponha uma conversa com a turma sobre como essas figuras ajudam a valorizar a cultura popular, mostrando que a quadrilha é muito mais do que uma coreografia: é uma tradição viva que mistura música, fala, movimento e brincadeira e atravessa gerações.

7

Coroação de damas e cavalheiros: primeiro, os cavalheiros de mãos dadas passam os braços sobre as cabeças das damas, e a roda continua a girar. Depois, as damas passam os braços por cima das cabeças dos cavalheiros.

8

Túnel e grande galope: os cavalheiros ficam de frente para as damas, todos de braços levantados e mãos dadas. Quando começa o galope, um par passa por baixo dos braços de mãos dadas.



9

Comandos "Olha a cobra! É mentira!", "A ponte quebrou! Já consertou!" e "Olha a chuva! Já passou!": a cada um desses comandos, todos dão meia-volta e continuam a caminhar.



Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

ILUSTRAÇÕES: PABLO EUGENIO/ARQUIVO DA EDITORA

10

Baile geral: todos dançam em duplas.

Para fazer juntos. Esta atividade leva os estudantes a realizarem a ação educativa conceitual de **conhecer**; as ações educativas atitudinais de **praticar**, **cooperar**, **participar** e **experimentar**; e as ações

11

Despedida: os pares saem acenando, educativas comportamentais para a dança de **experimentar gestos e movimentos** e **explorar espaços**. Confira como conduzir esta atividade nas **orientações ao professor**.



ILUSTRAÇÃO: FÁBIO EUGENIO/ARQUIVO DA EDITORA

Alguns passos podem ser pedidos a qualquer momento durante a dança:

- **Balancê:** dançar, balançar sem sair do lugar;
- **Anavan:** caminhar para frente dançando e acenando os braços;
- **Returnê:** dar meia-volta.

Agora é com vocês! Resposta pessoal. Esta atividade leva os estudantes a realizarem a ação educativa conceitual de **conhecer**; as ações educativas atitudinais de **cooperar**, **participar**, **socializar** e **valorizar**; e as ações educativas comportamentais para as artes visuais de **compor**, **recortar** e **montar**.

AGORA É COM VOCÊS

Depois de conhecer os passos de quadrilha, junte-se aos colegas e ensaiem uma apresentação dessa dança para mostrá-la a outras turmas da escola.

- Para o figurino, usem vestidos rodados, camisas xadrez e chapéus de palha. Além disso, tranças no cabelo, bigodes e bochechas rosadas ajudam a finalizar a caracterização.
- Pendurem bandeirinhas e decorem o ambiente. Vocês também podem criar balões de papel e fogueiras de papelão para o espaço ficar ainda mais decorado.
- Organizem a quadrilha e ensaiem.
- Convidem seus amigos e familiares e apresentem a dança!

165

• Após os passos da quadrilha estarem explicados, proponha aos estudantes a realização de uma festa junina. Primeiro, alinhe com a direção da escola uma data e um local adequado para que a festa aconteça e organize-a de modo que toda a comunidade escolar possa ser envolvida na forma de um projeto interdisciplinar. No tópico **O trabalho com projetos interdisciplinares** da parte geral deste **Suplemento do professor**, há mais informações sobre como desenvolver um projeto assim. Além disso, confira algumas dicas a seguir.

- Com os estudantes, decore o ambiente com bandeirinhas, balões de papel e fogueira de papelão, entre outros itens de decoração junina.
- Organize os estudantes em grupos para que montem barracas de brincadeiras e comidas típicas. Defina com eles quem cuidará de cada barraca.
- Organize a quadrilha e oriente os estudantes nos ensaios.
- Ao sugerir a vivência da festa junina para toda a escola, a proposta permite organizar uma grande celebração coletiva, envolvendo diferentes turmas e professores em cada etapa do planejamento. Proponha que cada turma fique responsável por pesquisar e preparar um aspecto específico da festa, como danças regionais, brincadeiras tradicionais, decoração

(Continua)

(Continuação)

e comidas típicas. Esses elementos podem ser articulados com diferentes componentes curriculares e seus conteúdos. Isso não apenas distribui tarefas de forma colaborativa, como permite que os estudantes conheçam melhor as tradições de diversas regiões do Brasil.

- Ao sugerir a criação de barracas temáticas espalhadas pelo pátio ou outro espaço aberto da escola, incentive que cada grupo apresente

o resultado de suas pesquisas por meio de jogos, painéis informativos, apresentações musicais ou danças. Convide membros da comunidade que dominem alguma arte ou um saber tradicional, como tocar sanfona ou confeccionar adereços.

- Defina uma equipe para planejar a montagem das bandeirinhas, que devem compor o cenário da festa, garantindo um ambiente alegre e colorido.

1. Objetivo

- Reconhecer instrumentos musicais ligados às festas juninas.

Como proceder

- Espera-se que os estudantes relacionem o instrumento musical ao contexto cultural presente no texto, que pode ser a moda de viola, o cururu, o cateretê, a guarânia, o pagode de viola, além da toada e do arrasta-pé.
- Oriente os estudantes a lerem novamente as páginas **138** a **145** para sanarem dúvidas. Prepare o material audiovisual para que a turma associe o instrumento à tradição musical e, desse modo, possa visualizar os regionalismos na fala, na dança e na expressividade musical. É importante que esse momento de contato cultural seja mediado em uma roda de conversa.

2. Objetivo

- Reconhecer algumas características dos instrumentos musicais em relação ao modo como produzem sons.

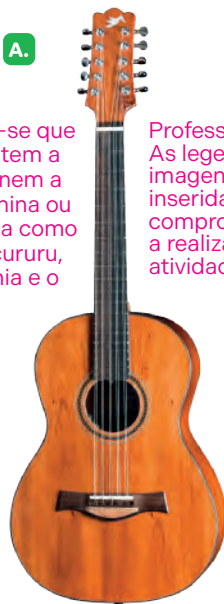
Como proceder

- Oriente os estudantes a lerem atentamente as alternativas da atividade, comparando cada uma à viola caipira. É importante que eles recordem como o som é produzido com esses instrumentos: dedilhando e fazendo vibrar suas cordas sobre uma caixa de ressonância. Como apontado pela opção correta, essa característica faz da viola caipira um cordofone, que é um tipo de classificação de instrumento. Outras classificações são membranofones, que produzem sons ao se percutir uma membrana esticada como em tambores; e aerofones, que produzem sons por meio da passagem de ar em seu interior.

O QUE VOCÊ ESTUDOU?

Faça as atividades no caderno.

1. No caderno, aponte qual das duas imagens a seguir representa um instrumento musical que faz parte de uma tradição do cancioneiro popular brasileiro.



1. Resposta: Espera-se que os estudantes apontem a imagem **A** e relacionem a viola com a festa junina ou com tipos de música como a moda de viola, o cururu, o cateretê, a guarânia e o pagode de viola.

Professor, professora: As legendas das imagens não foram inseridas para não comprometerem a realização da atividade.



Imagens sem proporção entre si.

2. De que tipo é o instrumento que você apontou? Copie a opção correta no caderno.

Cordofones: instrumentos cujo som é produzido pela vibração das cordas.

Membranofones: instrumentos cujo som é produzido por pancadas sobre uma membrana esticada.

Aerofones: instrumentos cujo som é produzido pela vibração do ar que passa dentro de seu corpo.

166

2. Resposta: Cordofones: instrumentos cujo som é produzido pela vibração das cordas.

5. b) e c) Respostas pessoais. Estas atividades levam os estudantes a realizarem as ações educativas comportamentais de artes visuais de **criar, desenhar e colorir**.

3. Copie no caderno a alternativa correta sobre a música popular brasileira.

A. Na música popular brasileira, há gêneros musicais urbanos e rurais.

B. Somente as músicas produzidas nas cidades podem ser consideradas como música popular.

3. Resposta: Na música popular brasileira, há gêneros musicais urbanos e rurais.

4. Copie no caderno a opção correta em relação às origens das festas juninas. 4. Resposta: As festas juninas têm origem europeia e foram trazidas ao Brasil pelos portugueses.

• As festas juninas têm origem europeia e foram trazidas ao Brasil pelos portugueses.

• No Brasil, as festas juninas foram proibidas pela Igreja Católica.

5. Releia os detalhes destacados da obra *Fogueira de São João*, de Lourdes de Deus. Depois, faça o que se pede no caderno.

a) Liste alguns elementos das festas juninas que foram

representados por Lourdes de Deus. 5. a) Sugestão de resposta: Dança de casais, musicistas, casamento na roça, bandeirinhas, barracas de quitutes e fogueira.

b) Agora, liste elementos das festas juninas que você estudou nesta unidade e que gostaria de representar em um desenho.

c) Crie um desenho colorido representando os elementos que você listou na etapa b.

d) Junte-se aos colegas e sigam as orientações do professor para organizar a sala de aula para uma exposição dos desenhos elaborados pela turma. Depois de apreciarem os trabalhos dos colegas, respondam, juntos, às questões a seguir.

- Que elementos das festas juninas foram mais representados nos desenhos da turma?
- Que elementos foram menos representados?
- Houve algum elemento estudado na unidade que ninguém representou nos desenhos? Qual?
- O que vocês se lembram de ter estudado sobre os elementos mencionados?

5. d) Respostas pessoais. Esta atividade leva os estudantes a realizarem as ações educativas conceituais de **apreciar e identificar**, e as ações educativas atitudinais de **admirar e autoavaliar-se**.



3. Objetivo

- Valorizar a importância dos gêneros oriundos da região rural para a música popular brasileira.

Como proceder

- Relembre aos estudantes alguns gêneros musicais abordados na unidade relacionados à chamada música caipira, como a moda de viola. Para retomar esse conteúdo, peça aos estudantes que leiam os textos das páginas **138 a 145** para sanarem possíveis dúvidas.

4. Objetivo

- Avaliar os conhecimentos relativos à origem da festa junina.

Como proceder

- Inicie conversando com os estudantes sobre o tema e perceba se eles se recordam do que foi abordado. Se necessário, retome os conteúdos com a turma.

5. Objetivo

- Identificar elementos da festa junina em uma pintura.

Como proceder

- Retome a imagem da página **160** e permita que os estudantes comentem o que percebem. A prática da **Releendo** permite retomar os conhecimentos aprendidos anteriormente, de modo a consolidá-los. Oriente-os a aplicarem essa estratégia regularmente no decorrer dos estudos.
- Depois de organizarem a exposição na sala de aula, utilize as questões presentes no item **d** da atividade para levar os estudantes a avaliarem os conhecimentos adquiridos no decorrer da unidade.

1. Objetivo

• Avaliar se os estudantes re-conhecem os elementos e a organização de uma história em quadrinhos.

Como proceder

• Ao cotejar as respostas, incentive os estudantes a compartilhar o que escreveram com os colegas, buscando exemplificar com histórias em quadrinhos que já tenham lido, sejam aquelas que apreciaram no decorrer do volume, sejam as que leram fora da escola. Nesse momento, é importante que compreendam que, nas histórias em quadrinhos, há elementos verbais e visuais.

2. Objetivo

• Verificar se os estudantes identificam características das histórias em quadrinhos.

Como proceder

• Incentive-os a ler as alternativas com atenção, buscando associá-las às histórias em quadrinhos que já tenham lido, identificando qual não está de acordo. É importante que lembrem que histórias em quadrinhos aliam elementos verbais e imagéticos, de modo que possam perceber que a alternativa **b** – que trata da ausência de escrita nesse gênero – é a incorreta.

• Apesar de elementos verbais serem importantes para essas histórias, lembre-os de que há também exemplos de quadrinhos sem falas ou narração. Apesar de a alternativa **b** estar incorreta, uma vez que descarta completamente os textos escritos, a ausência desse elemento não descaracteriza uma história em quadrinhos.

3. Objetivo

• Promover a valorização do papel dos griôs como transmissores dos saberes e da cultura de seus povos.

1. a) Resposta: Organiza-se por meio de quadrinhos, que contam a história utilizando imagens e textos escritos em recordatórios e balões de fala.

O QUE VOCÊ JÁ APRENDEU?

Faça as atividades no caderno.

1. Retome seus conhecimentos sobre histórias em quadrinhos. Depois, escreva no caderno o que se pede a seguir.

a) Como se organiza esse tipo de história?

b) Liste ao menos três elementos presentes nas histórias em quadrinhos. 1. b) Possíveis respostas: Quadrinhos, imagens, personagens, balões de fala, calhas e onomatopeias.

2. Uma tirinha é um tipo de história em quadrinhos. Identifique a opção incorreta sobre esse tipo de narrativa e a corrija no caderno.

a) As histórias em quadrinhos são narradas por imagens e textos, em que as cenas se desenvolvem em quadrinhos.

b) São narrativas em que não há a presença da escrita em nenhum momento.

c) Os desenhos exploram a gestualidade das personagens para evidenciar a comunicação entre elas.

3. Observe a imagem e responda no caderno ao que se pede.

2. Resposta: Espera-se que os estudantes assinalem a alternativa **b**. Uma possível forma de corrigi-la é: São narrativas em que há a presença de escrita por meio de balões de fala, comentários de um narrador e onomatopeias.



■ Griô tocando *korá* no Mali, em 2007.

a) A imagem retrata o trabalho de um griô. Qual é o papel dos griôs para o seu povo? 3. a) Os griôs contam histórias e transmitem saberes da história de seu povo por meio da oralidade e também com o uso de instrumentos musicais.

b) Que linguagens artísticas estão presentes no trabalho dos griôs?

3. b) Espera-se que os estudantes apontem o teatro, presente na exploração da oralidade no ato de contar histórias, e a música, presente na sonoridade dos instrumentos musicais utilizados, como a *korá*.

168

Como proceder

• Relembre o trabalho com os griôs, o modo como eles transmitem saberes e histórias por meio da oralidade, bem como o manejo que fazem de instrumentos musicais, como a *korá*. Nesse processo, incentive-os a identificar esses elementos na imagem reproduzida na página, de modo a reconhecê-los em um griô em ação. Se algum estudante não se lembrar da *korá*, releia o texto da página 55 com a turma.

• Incentive os estudantes a discorrerem sobre suas experiências com contação de histórias, tanto ao contar quanto ao ouvir. Incentive-os também a associar essas experiências ao trabalho do griô, de modo a valorizar o papel dele na transmissão dos saberes e da cultura de seu povo. Convide-os também a perceber os elementos artísticos presentes nesse tipo de ação, como a exploração da teatralidade ao usar diferentes entonações vocais e gestos para contar uma história e a musicalidade quando há instrumentos musicais.

4. Nas imagens a seguir, há três instrumentos diferentes, mas todos são comuns na música popular brasileira. Você sabe os nomes desses instrumentos?

4. A. Resposta: Pandeiro.

A.



BURDUN L IYAS/SHUTTERSTOCK

Instrumento de percussão.

4. B. Resposta: Violão.

B.



IVAN SIKUK/SHUTTERSTOCK

Instrumento de cordas.

4. C. Resposta: Flauta.

C.



IGRA DESIGN/SHUTTERSTOCK

Instrumento de sopro.

5. Comédia: Espera-se que os estudantes consigam relacionar a comédia ao humor, à sátira etc., seja por meio da leitura do texto da unidade 2, seja pela associação do conteúdo estudado à experiência vivida.

5. Do teatro grego, nasceram dois grandes gêneros teatrais: a tragédia e a comédia. Escreva em uma folha à parte as principais características de cada um deles.

5. Tragédia: Espera-se que os estudantes consigam relacionar a tragédia ao mito do herói, a temas de batalhas etc., seja por meio da leitura do texto da unidade 2, seja pela associação do conteúdo estudado à experiência vivida.

comédia

tragédia

4. Objetivo

- Verificar se os estudantes identificam instrumentos utilizados nos gêneros musicais brasileiros.

Como proceder

- Oriente-os a relembrar o que são instrumentos de percussão, cordas e sopro, associando-os às imagens presentes na página. Incentive-os a lembrar como cada um desses tipos de instrumentos produzem sons. Em seguida, leve-os a recordar quais instrumentos de percussão, cordas e sopro estão presentes na música brasileira, buscando identificar quais deles são representados nas imagens.
- Após o cotejo das respostas, reproduza alguns vídeos ou áudios em que esses instrumentos sejam tocados, para que possam relembrar suas sonoridades.

5. Objetivo

- Caracterizar a tragédia e a comédia.

Como proceder

- Para chegarem à resposta correta, oriente os estudantes a retomarem os conteúdos desenvolvidos na unidade 2, entre as páginas 76 a 79. Incentive-os também a recordar peças de teatro, filmes, animações ou programas televisivos a que já tenham assistido e que contenham características semelhantes às desses dois gêneros. Assim, poderão melhor associar os conteúdos estudados às próprias vivências.

1. Objetivo

- Avaliar se os estudantes reconhecem o que são pinturas rupestres.

Como proceder

- É importante que associem as alternativas ao conteúdo estudado na unidade 1, de modo que percebam que as opções **A**, **B** e **D** estão erradas, pois tratam de formas de expressão que surgiram em período histórico posterior ao mencionado no enunciado.

2. Objetivo

- Caracterizar as onomatopeias.

Como proceder

- Para melhor identificar a alternativa correta, incentive-os a compará-las às histórias em quadrinhos que já tenham lido nas quais haja presença de onomatopeias. Oriente-os a lembrar também outras produções literárias e artísticas em que esse recurso seja utilizado. Com base nesses conhecimentos, oriente-os a eliminar as alternativas incorretas e identificar a alternativa **B** como correta.

3. Objetivo

- Avaliar se os estudantes identificam o teatro de animação como aquele embasado no ato de animar objetos inanimados.

Como proceder

- Ao lerem o enunciado da atividade, é importante que busquem reconhecer o que o teatro de bonecos, objetos e sombras – apresentados como exemplo – têm em comum. Nesse processo, é importante que se lembrem de que são caracterizados pelo ato de dar a impressão de vida – ou seja, de animar – algo inanimado. Essa característica está expressa no próprio nome desse gênero teatral, teatro de animação, indicado pela alternativa **A**. Além desses exemplos, lembre-os de que as más-

HORA DO TESTE

Faça as atividades no caderno.

QUESTÃO 1 Questão 1. Resposta: Alternativa **C**. Habilidades da BNCC: EF15AR01 e EF15AR07.

Como são chamadas as imagens feitas em paredões rochosos por grupos humanos pré-históricos?

- A.** Colagem. **B.** Fotografia. **C.** Pintura rupestre. **D.** Arte urbana.

QUESTÃO 2 Questão 2. Resposta: Alternativa **B**. Habilidade da BNCC: EF15AR01.

O que são as onomatopeias, que aparecem nas histórias em quadrinhos?

- A.** São a mesma coisa que os balões de fala.
B. São as palavras que representam sons, como um latido ou uma buzina de carro.
C. São as personagens das histórias em quadrinhos.
D. São as pessoas que escrevem as histórias.

QUESTÃO 3 Questão 3. Resposta: Alternativa **A**. Habilidades da BNCC: EF15AR18 e EF15AR25.

De acordo com o que você estudou, qual é o nome do gênero teatral presente em diferentes culturas e que transforma bonecos, objetos e sombras em personagens?

- A.** Teatro de animação. **B.** Teatro de festa. **C.** Histórias em quadrinhos. **D.** Folguedos.

QUESTÃO 4 Questão 4. Resposta: Alternativa **C**. Habilidades da BNCC: EF15AR08, EF15AR09, EF15AR24 e EF15AR25.

Qual das alternativas a seguir está correta sobre a capoeira?

- A.** Ela é sempre praticada individualmente.
B. Ela é praticada em roda, com pessoas tocando instrumentos de sopro.
C. Ela explora movimentos de ataque e defesa que ocorrem em diferentes níveis espaciais, com diversas partes do corpo.
D. Ela tem origem em tradições dos povos indígenas brasileiros.

QUESTÃO 5 Questão 5. Resposta: Alternativa **D**. Habilidade da BNCC: EF15AR13.

Que alternativa apresenta apenas gêneros musicais característicos das festas juninas?

- A.** Carimbó, xote e samba. **C.** Samba, rock e carimbó.
B. Xaxado, rock e sertanejo. **D.** Baião, sertanejo e vanerão.

170

caras também são classificadas como parte do teatro de animação.

4. Objetivo

- Avaliar se os estudantes reconhecem alguns dos elementos e das matrizes culturais presentes na capoeira.

Como proceder

- Incentive-os a recordar imagens que já tenham visto sobre capoeira, lembrando que ela geralmente é praticada em dupla, em uma roda com pessoas batendo palmas, cantando e tocando instrumentos de percussão. É importante que

associem também que ela tem origem em matrizes africanas. Conhecer esses elementos possibilita eliminar as alternativas **A**, **B** e **D**.

5. Objetivo

- Verificar se os estudantes identificam gêneros musicais característicos das festas juninas.

Como proceder

- Oriente-os a buscar eliminar as alternativas incorretas. Como samba e rock não são tradicionalmente associados às festas juninas, devem considerar como incorretas as alternativas **A**, **B** e **C** e identificar a **D** como correta.

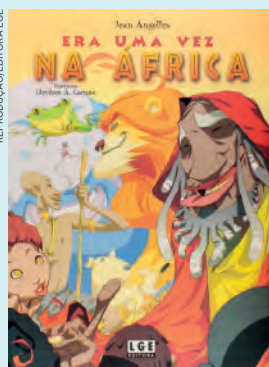


PARA SABER MAIS

Com esse livro, que dá dicas para escrever e desenhar enredos, crie suas histórias em quadrinhos e divirta-se com suas personagens.



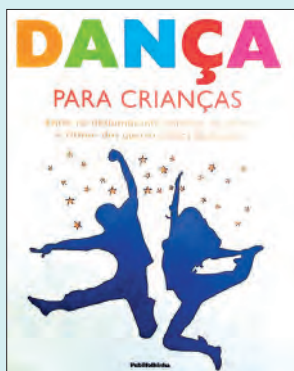
ZIRALDO. *Lúcio e os livros*.
São Paulo: Globinho, 2017.
(Série Almanaque Maluquinho).



Com fábulas curtas e divertidas, esse livro leva você a viajar e se aventurar pelo colorido continente africano, onde animais incríveis falam, deuses surgem de forma inesperada e pequenas criaturas nos encham de lições simples e valiosas.

ANGELLES, Jean. *Era uma vez na África*.
Brasília: LGE, 2012.

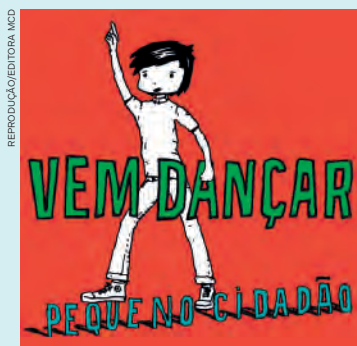
Feito especialmente para aqueles que adoram dançar, esse livro conta a história da dança pelo mundo, desde ritmos, passos e músicas até figurinos. Conheça os mais diferentes estilos, as características dos movimentos e os principais espetáculos.



MACK, Lorrie. *Dança para crianças*. São Paulo: Publifolha, 2013.

• Os livros, os sites e os filmes apresentados na seção podem ser incorporados às aulas ao propiciar o diálogo sobre o universo da arte e da infância, por meio de brincadeiras, explorando as experiências vividas pelas crianças no contexto escolar. A apropriação dessas obras literárias e audiovisuais pode ser feita de modo compartilhado, com pausas para conversas e apreensões dos estudantes, de maneira que a pergunta não se perca ao final. Além disso, as histórias podem servir como referência para propostas pedagógicas, jogos, dramatizações, músicas e outras linguagens.

• A leitura possibilita a ampliação do repertório cultural dos estudantes, promovendo o contato com diferentes manifestações artísticas, tradições populares e outras formas de expressão, recontando a história com as próprias palavras, produzindo ilustrações ou encenando trechos dos livros, o que favorece o trabalho em grupo, a expressão e a síntese das ideias.



Não deixe de conferir a banda de rock dançante Pequeno Cidadão. O álbum *Vem dançar* faz parte de um projeto formado pelos músicos Edgard Scandurra, Taciana Barros, Antonio Pinto e um grupo de crianças.

PEQUENO Cidadão. *Vem dançar*. MCD, 2016.

Contada por dois violeiros, a história da festa de São João ganha versos para ilustrar suas brincadeiras, cores e sabores.



SOMBRA, Fábio; PENNA, Sérgio. *Mês de junho tem São João*. Rio de Janeiro: Zit, 2012.



Conheça nesse livro obras de grandes personalidades que representaram as festas mais tradicionais do país, acompanhadas de textos e belas pirogravuras.

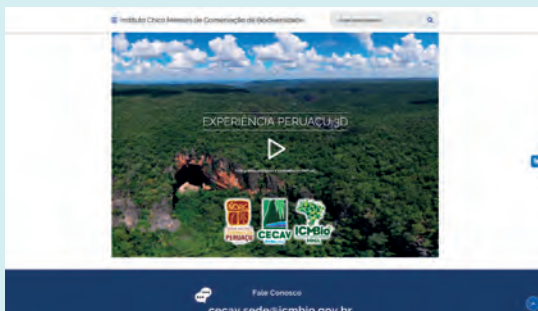
MIGUEZ, Fátima. *Brasil-folião*. São Paulo: DCL, 2014.



No clima do alegre e colorido mês de junho, esse livro conta quais são os significados dos elementos que compõem as festas juninas de todo o Brasil, apresentando as danças, as músicas, os folguedos e a culinária.

OBEID, César. *Rimas juninas*. São Paulo: Moderna, 2012.

Nesse site, você pode participar de uma visita guiada ao Parque Peruaçu. Clicando em “Lapa dos desenhos”, é possível adentrar um espaço virtual para visualizar imagens reais de pinturas rupestres brasileiras.



EXPERIÊNCIA Peruaçu 3D. Gov.br. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/centros-de-pesquisa/cavernas/vivencias3d/vivencias3d>. Acesso em: 16 jul. 2025.



A série apresenta quatro curtas-metragens de animação que contam as histórias da cultura popular brasileira.

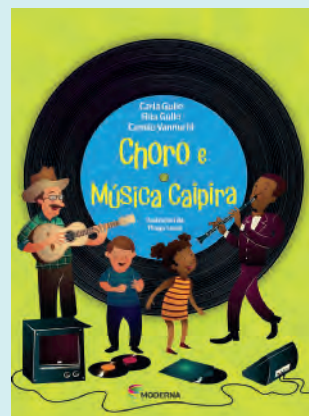
JURO que vi. MultiRio. Disponível em: <https://multi.rio/index.php/serie/2536-juro-que-vi>. Acesso em: 6 set. 2025.

• Para realizar a sugestão da visita virtual ao Parque Nacional do Peruaçu, é possível levar os estudantes ao laboratório de informática da escola, organizando uma aula integrada entre **Arte** e **História**, explicando a eles como diferentes povos deixaram marcas, registros e artefatos que nos possibilitam aprender sobre suas culturas. Outro caminho viável é a integração do conteúdo com **Ciências** e **Geografia**, ao abordar as características ambientais e geográficas do parque e a importância dele para a biodiversidade. Esse trabalho integrado pode ser realizado em qualquer aula desses componentes em que tais temas forem trabalhados.

• Utilize as sugestões desta página tanto para fazer correlações com os conteúdos trabalhados no decorrer do volume quanto para incentivar o contato com a literatura. Caso essas ou outras obras relacionadas ao conteúdo deste volume integrem o acervo de livros da escola, incentive os estudantes a fazerem a leitura deles e compartilhar suas impressões com os colegas. Em uma ação integrada com **Língua Portuguesa**, é interessante levá-los regularmente para a biblioteca, convidando-os a selecionar algumas obras, lê-las em casa e depois produzir resumos sobre elas ou recontá-las para os colegas.

Nessa leitura, você vai poder aprofundar seus conhecimentos sobre música e descobrir compositores, intérpretes e músicas que fizeram sucesso nestes dois gêneros musicais brasileiros: o choro e a música caipira.

GULLO, Carla; GULLO, Rita; VANNUCHI, Camilo. *Choro e música caipira*. São Paulo: Moderna, 2015.



Um menino curioso e observador percebe que o tempo desenhou no rosto de seu avô, deixando marcas e rugas cheias de narrativas próprias. Cada linha na face desse avô tem uma história pessoal que ele divide com seu neto.

GROSSMAN, David.
Toda ruga tem uma história. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2024.

O livro apresenta sugestões divertidas de como interagir com os espaços da cidade por meio de jogos e brincadeiras. Além disso, você vai descobrir o significado de direito à cidade e de patrimônio cultural.

ANTUNES, Bianca; SAYEGH, Simone.
Casacadabra: cidades para brincar. São Paulo: Pistache Editorial, 2018.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira (org.). *Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2012.

Com o objetivo de estabelecer uma aprendizagem significativa com relação à imagem, a obra apresenta a proposta triangular pautada em contextualização, apreciação e produção, além de propor um pensamento crítico sobre a imagem e seus usos.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Versão final. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal.pdf. Acesso em: 28 jul. 2025.

Documento regulamentador que aponta quais são as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas escolas brasileiras públicas e particulares de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília: MEC: SEB: Dicei, 2013.

Esse documento normativo traz princípios a serem seguidos em todas as etapas da Educação Básica, passando pelo Ensino Fundamental I – Anos Iniciais até o Ensino Médio.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

O livro, sob a forma de verbetes classificados por ordem alfabética, expõe os mais diversos temas da cultura popular brasileira.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

Um debate sobre educação musical baseado na compreensão de hábitos e condutas que regem a sociedade nos mais diversos períodos e contextos.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

O autor apresenta uma reflexão sobre a relação entre educadores e educandos, elaborando propostas de práticas pedagógicas orientadas por uma ética a fim de desenvolver autonomia, capacidade crítica e valorização da cultura e dos conhecimentos presentes na relação educacional.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Um livro resultante do debate sobre o ensino da cultura visual e o papel da Arte na educação. Os debates gerados pelo autor buscam compreender a cultura visual de nossa época.

JAPIASSU, Ricardo. *Metodologia do ensino de teatro*. Campinas: Papirus, 2009.

Esse livro é dividido em duas partes: na primeira, o autor aborda o teatro como trabalho pedagógico na Educação Infantil; na segunda, sua análise desloca-se para o teatro no Ensino Fundamental.

MARQUES, Isabel A. *Ensino de dança hoje: textos e contextos*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

Escrito no contexto da consolidação do ensino de Arte como componente curricular obrigatório pela LDB nº 9394/96, a autora propõe uma reflexão sobre o ensino de dança na educação brasileira.

SÁ, Ivo Ribeiro de; GODOY, Kathya Maria Ayres de. *Oficinas de dança e expressão corporal para o ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2009.

O livro propõe a aplicação de atividades práticas da linguagem da dança que podem ser desenvolvidas em âmbito escolar mediante quatro temas: a consciência corporal, os fatores do movimento, a comunicação e a expressividade.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

Livro voltado para a prática de ensino de Teatro e sua introdução em sala de aula por meio do lúdico dos jogos teatrais.

TINHORÃO, José Ramos. *História social da música popular brasileira*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

O livro traz aspectos da formação cultural brasileira na composição de sua música popular, explorando na pesquisa fontes diversas, como crônicas, memórias, peças de teatro, folhetins, manifestos e artigos de jornais.

VIGOTSKI, Lev S. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

O livro apresenta a teoria do desenvolvimento intelectual com base na relação pensamento e linguagem, que, para o autor, corresponde ao elemento central do processo de desenvolvimento intelectual.

SUPLEMENTO DO PROFESSOR



APRESENTAÇÃO

Os conhecimentos de Arte são fundamentais para a formação de cidadãos com uma postura ativa na sociedade, que conseguem refletir de forma crítica e consciente.

Com essa visão, desenvolvemos esta coleção com o objetivo de oferecer uma ferramenta de apoio que proporcione a professores e estudantes uma abordagem ampla e integrada dos conteúdos, promovendo o protagonismo estudantil no processo de aprendizagem.

Ao longo do desenvolvimento dos conteúdos, a coleção estabelece conexões entre os temas abordados e o cotidiano dos estudantes, valorizando os saberes que eles já construíram com base em suas experiências. Dessa forma, os conteúdos são trabalhados para que os estudantes participem ativamente na construção dos conhecimentos e possam relacionar esse aprendizado ao seu papel na sociedade.

Nessa perspectiva de ensino, o papel do professor se transforma: ele deixa de ser apenas um transmissor de conhecimentos e passa a atuar como mediador, orientando os estudantes em sua trajetória de aprendizagem.

Com base nesses princípios e com a intenção de apoiar o trabalho docente em sala de aula, apresentamos as **orientações ao professor**, na primeira parte deste livro, e agora este **Suplemento do Professor**. Nele, o educador encontra informações sobre a organização da coleção, tanto do **Livro do Estudante** quanto do **Livro do Professor**, explicações sobre a estrutura da BNCC, subsídios sobre diferentes instrumentos de avaliação, fundamentos teóricos-metodológicos da coleção, plano de desenvolvimento anual, com apresentação do quadro de conteúdos, habilidades e competências, além de sugestões de cronogramas, entre outros recursos.

SUMÁRIO

Conhecendo a coleção	III
Estrutura do Livro do Estudante	III
Estrutura do Livro do Professor	IV
A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	V
Os temas contemporâneos transversais	X
Relações entre os componentes curriculares	XI
O trabalho com projetos interdisciplinares	XII
Avaliação	XIII
Avaliação diagnóstica	XIV
Avaliação formativa	XIV
Avaliação somativa	XIV
Sugestões de instrumentos de avaliação	XV
Relatório individual de acompanhamento da aprendizagem	XV

O ensino de Arte	XVI
Fundamentos teórico-metodológicos	XVI
Proposta pedagógica da coleção	XVI
A prática docente	XVII
Cultura de paz e combate ao <i>bullying</i>	XVIII
Estratégias de ensino	XVIII
Estratégias de aprendizagem	XX
Estratégias inclusivas	XX
Uso adequado de tecnologias digitais	XXI
Sequências didáticas e planejamento de rotina	XXII
Plano de desenvolvimento anual	XXIV
Quadro de conteúdos, habilidades e competências	XXIV
Sugestões de cronogramas	XXVI
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS • LIVRO DO PROFESSOR	XXVII



CONHECENDO A COLEÇÃO

Esta coleção destina-se a estudantes e professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Ela é composta por três volumes, sendo o 3º, o 4º e o 5º ano. Para o professor, é destinado um **Livro do Professor** para cada volume, com a reprodução das páginas do **Livro do Estudante** em formato reduzido, com **orientações ao professor** no entorno, e este **Suplemento do Professor**.

A coleção conta ainda com o livro digital de cada volume, tanto para o estudante quanto para o professor, que tem como objetivo atender, de forma acessível, todos os estudantes e apresentar áudios para ampliar o repertório deles, principalmente nas áreas de música e dança, e infográficos para complementarem ou ampliarem o trabalho desenvolvido no livro impresso.

Estrutura do Livro do Estudante

Os volumes desta coleção estão divididos em quatro unidades, organizadas em tópicos, seções e boxes. Essa estrutura auxilia o professor em seu planejamento diário e contribui para desenvolver a autonomia dos estudantes no processo de aprendizagem.

Os tópicos e os conteúdos são adequados à etapa de ensino e foram selecionados de acordo com as competências gerais, as competências específicas e as habilidades elencadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), assim como os temas contemporâneos transversais. A seguir, são apresentados os principais elementos que compõem a organização do **Livro do Estudante** desta coleção.

Estratégias de aprendizagem

Seção apresentada para propor aos estudantes algumas **Estratégias de estudo** e **Dicas** que poderão ser utilizadas por eles ao longo do trabalho com as unidades. As estratégias de estudo contêm orientações que podem auxiliar os estudantes a compreenderem os conteúdos e consolidarem as aprendizagens. Essas estratégias estão indicadas ao longo das unidades por meio de selos. Já as dicas dão orientações de como eles podem realizar tarefas importantes para seus estudos, estabelecendo uma rotina.

O que você já sabe?

Essa seção, presente no início de cada volume, tem como objetivo propor diferentes atividades que permitam uma avaliação diagnóstica, a fim de que o professor possa obter informações sobre os conhecimentos prévios dos estudantes referentes a determinados conceitos, vivências, noções ou conteúdos que serão trabalhados ao longo do ano letivo.

Abertura de unidade

A abertura de cada unidade traz uma imagem, e um texto introdutório escrito, além de questões no box **Conectando ideias**, que abrem espaço para o início da abordagem dos conteúdos da unidade. As questões têm como objetivo levar os estudantes a refletirem sobre a situação apresentada na imagem, explorar seus conhecimentos

prévios acerca dos conteúdos e aproximar o assunto da realidade deles.

Desenvolvimento dos conteúdos

Os conteúdos são desenvolvidos ao longo das unidades em tópicos e subtópicos. Os conceitos, geradores das vivências educacionais, são desenvolvidos de forma gradual, explorando, sempre que possível, situações contextualizadas e próximas da realidade do estudante, além de buscarem conexões com outras áreas do conhecimento e componentes curriculares.

Atividades

A seção de atividades tem ocorrência regular ao longo das unidades, aprofundando os conteúdos desenvolvidos nos temas e tópicos. São atividades variadas, que buscam desenvolver diferentes habilidades dos estudantes, como associação, identificação, análise e comparação, além do pensamento crítico, vivências, criação e argumentação. Nessa seção, busca-se também explorar os conhecimentos prévios dos estudantes, a competência leitora, a criatividade, a realidade próxima deles e os recursos tecnológicos.

Boxe Complementar

Boxe com informações complementares a respeito dos assuntos tratados no conteúdo ou referentes ao tema trabalhado.

Atitude legal

Apresenta uma atitude que os estudantes podem ter para viverem melhor em sociedade ou uma dica do que podem compartilhar com seus colegas, como uma ideia ou uma experiência vivenciada que consideram significativa.

Pelo Brasil

Esse boxe traz contextos complementares ao conteúdo desenvolvido que contemplam a diversidade brasileira, valorizando exemplos locais e regionais.

Conhecendo o artista

Boxe que apresenta aspectos da biografia e da obra de artistas em destaque na unidade, que contribuíram para a arte produzida no Brasil e no mundo.

Espaços da arte

Boxe que apresenta espaços destinados à produção, à preservação ou à exibição de arte.

O mundo que queremos

Essa seção explora os **temas contemporâneos transversais** com base em situações do cotidiano. Nela, são propostas questões que exploram uma problemática, incentivando reflexões em relação ao assunto e possíveis ações que possam instigar a conscientização da comunidade escolar ou de fora da escola sobre a situação explorada. O intuito também é apresentar possibilidades em que os estudantes exerçam protagonismo, sobretudo

envolvendo os familiares, a comunidade escolar e outras das quais façam parte.

Para fazer juntos

Seção que incentiva o protagonismo e a autonomia dos estudantes, por meio de roteiros que os orientam a realizar, passo a passo, atividades frequentemente trabalhadas na escola ou utilizarem-se de ferramentas importantes para a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade. A seção também contribui para desenvolver a empatia e a cooperação ao propor trabalhos em grupo que, geralmente, resultam em uma produção individual ou coletiva.

O que você estudou?

Seção com atividades cujo objetivo é fornecer aos estudantes uma oportunidade para fazerem uma revisão e consolidarem os conteúdos abordados em cada unidade. Isso permite ao professor realizar uma avaliação formativa da aprendizagem da turma.

Para saber mais

Seção que apresenta sugestões de livros, filmes e sites que podem ser explorados pelos estudantes. Cada sugestão é acompanhada de uma sinopse. Podem ser utilizadas em momentos oportunos com os estudantes ou sugeridas para que eles conheçam em casa, com os familiares ou responsáveis.

O que você já aprendeu?

Seção presente ao final de cada volume, permite realizar uma avaliação somativa, com atividades de estruturas diversificadas, auxiliando na obtenção de informações sobre o aprendizado dos estudantes em relação aos objetivos gerais, oferecendo a eles oportunidades para consolidar as aprendizagens construídas ao longo do ano letivo.

Hora do teste

Esta seção tem o objetivo de familiarizar os estudantes com formatos de avaliação semelhantes às de exames oficiais de larga escala, embora não substitua a avaliação formativa. Após aplicar as atividades, recomenda-se que o professor analise as respostas, identifique as dificuldades, dê devolutiva à turma e proponha atividades de retomada para superar as dificuldades diagnosticadas.

Vocabulário

Boxe que apresenta o significado de palavras em destaque no texto, de acordo com o contexto abordado.

Cuidado

Boxe que tem como objetivo chamar a atenção dos estudantes para que tenham alguns cuidados e evitem riscos na realização de algumas atividades.

Referências bibliográficas comentadas

Apresenta ao final de cada volume as principais obras utilizadas para consulta e referência na produção das unidades do **Livro do Estudante**.

Ícones

Resposta oral: indica que a atividade deve ser respondida oralmente.

Resposta no caderno: indica que a atividade deve ser respondida no caderno.

Objeto digital: indica que há um objeto educacional digital que pode ser acessado por meio do livro digital.

Faixas de áudio: indica que há uma faixa de áudio que pode ser acessada por meio do livro digital.

Texto informativo: indica informações importantes sobre imagens e demais elementos do Livro do Estudante.

Estrutura do Livro do Professor

O **Livro do Professor** é organizado em duas partes. A primeira, intitulada **Reprodução do Livro do Estudante**, é composta pelas páginas do **Livro do Estudante** em tamanho reduzido, com respostas e possíveis comentários ou orientações. Nessa parte, nas laterais e nos rodapés em torno da reprodução das páginas, são apresentadas **orientações ao professor** com sugestões para o desenvolvimento dos conteúdos, das atividades e das seções, com comentários sobre o uso de diferentes estratégias de ensino e aprendizagem, sugestões de atividades complementares, sugestões de avaliação, assim como as respostas de algumas atividades. Com o intuito de facilitar a prática docente, são apresentadas ainda as principais competências gerais e específicas, habilidades e temas contemporâneos transversais, destacando como são desenvolvidos nas abordagens e atividades do **Livro do Estudante**. Em alguns momentos, para deixar mais evidente o sentido de leitura, na lateral e no rodapé de algumas páginas ímpares, são utilizadas as seguintes indicações: (Continua) e (Continuação).

Já esta segunda parte, chamada **Suplemento do Professor**, apresenta os pressupostos teóricos e metodológicos que fundamentam a coleção, além de estratégias didáticas que facilitam o planejamento do professor e seu trabalho em sala de aula. Essa parte mostra, ainda, como o **Livro do Estudante** e o **Livro do Professor** estão estruturados, o quadro de distribuição dos conteúdos do volume evidenciando as habilidades, competências e temas contemporâneos transversais da BNCC, além de sugestões de cronogramas bimestral, trimestral e semestral.

Conheça a seguir a estrutura da primeira parte deste **Livro do Professor**, que reproduz a totalidade do **Livro do Estudante** com as **orientações ao professor**.

O que você já sabe?, O que você estudou? e O que você já aprendeu?

Nessas páginas, são apresentados os objetivos das atividades dessas avaliações e orientações para que o professor possa interpretar as respostas dos estudantes, identificar suas dificuldades e auxiliá-los na compreensão dos conceitos, consolidando e recuperando a aprendizagem para que possam avançar no próprio ritmo.

Orientações de abertura de unidade

Contém um texto introdutório, destacando os principais assuntos que serão trabalhados ao longo da unidade.

Objetivos

Apresenta os objetivos que se espera que os estudantes alcancem no trabalho com a unidade e em algumas seções.

Destaques BNCC

Apresenta competências gerais e específicas, habilidades e temas contemporâneos transversais que estão sendo desenvolvidos e as relações desses elementos da BNCC com o que é abordado no **Livro do Estudante**.

Conectando ideias

Apresenta as respostas e, quando necessário, outros encaminhamentos para as questões das páginas de abertura.

Atividade preparatória

Dá sugestões de atividades alternativas para iniciar alguns conteúdos de maneira diferente das apresentadas no **Livro do Estudante**. Esse recurso auxilia o professor a adequar o planejamento de acordo com o perfil da turma.

Respostas

As respostas estão, preferencialmente, na reprodução do **Livro do Estudante**, porém, em alguns casos, foram inseridas nas **orientações ao professor** e sinalizadas como **Respostas**.

Mais atividades

São propostas de atividades diferentes das sugeridas no **Livro do Estudante**, visando complementar, aprofundar ou reforçar determinados assuntos e conceitos, fornecendo ao professor abordagens diversificadas. Algumas dessas atividades podem requerer materiais que precisarão ser providenciados com antecedência.

Saberes integrados

Evidencia relações entre conteúdos de diferentes componentes e áreas do conhecimento, e dá orientações que favorecem o trabalho interdisciplinar.

Acompanhando a aprendizagem

Sugere estratégias para que o professor avalie a aprendizagem dos estudantes em momentos oportunos.

Atitude legal

Dá orientações e sugestões para o trabalho com o boxe **Atitude legal**, presente no **Livro do Estudante**, fornecendo ao professor complementos e fundamentos relativos às atividades e aos valores abordados.

Mais estratégias

Apresenta propostas de estratégias de ensino com foco na aprendizagem que consideram as diferentes deficiências, permitindo a participação de todos os estudantes.

Amplie seus conhecimentos

Sugestões de livros, sites, filmes, entre outras referências para ampliar seus conhecimentos acerca dos conteúdos abordados na unidade.

Para saber mais

Orientações e sugestões para o trabalho com a seção **Para saber mais**.

O mundo que queremos

Orientações para trabalhar os conteúdos da seção **O mundo que queremos** do **Livro do Estudante**, com sugestões para o professor conduzir as reflexões e as atividades práticas propostas nas questões. Os **temas contemporâneos transversais** abordados são destacados, e quando pertinente é enfatizada a relação com os **objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS)** da Agenda 2030.

Referências bibliográficas comentadas

Apresenta ao final de cada volume do **Livro do Professor** as principais obras utilizadas para consulta e referência na produção das **orientações ao professor** e do **Suplemento do Professor**. As obras listadas também podem ser utilizadas para complementar e aprofundar seus conhecimentos.



A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

A publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no ano de 1996, ampliou as discussões sobre a criação de um documento que normatizasse os processos de ensino-aprendizagem e os currículos da Educação Básica. Desde então, diversos documentos foram criados com esse propósito, como as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), de 2013. A continuidade das discussões levou à consolidação das políticas educacionais em um documento norteador que foi homologado em 2018, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A BNCC define as aprendizagens essenciais que englobam habilidades e competências que se espera que os estudantes desenvolvam em cada ano ao longo de sua trajetória escolar. No entanto, ela não impõe um currículo único para todas as instituições, pois, considerando a diversidade sociocultural brasileira, cada contexto exige um currículo adaptado à sua realidade.

A BNCC do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil.

Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos estudantes, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Versão final. Brasília, DF: MEC, 2018. p. 57-58. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 7 ago. 2025.

Com base nas aprendizagens essenciais estabelecidas, a BNCC elencou um conjunto de habilidades específicas para cada componente curricular, que estão vinculadas a diversos objetos de conhecimento, entendidos como conteúdos, conceitos e procedimentos. Assim, a formulação das habilidades leva em conta três elementos principais: os processos cognitivos envolvidos, os objetos de conhecimento utilizados e os contextos específicos em que essas habilidades devem ser desenvolvidas, levando também em consideração a faixa etária dos estudantes.

Cada volume desta coleção foi desenvolvido e organizado para atender às habilidades previstas na BNCC, sempre em articulação com os objetos de conhecimento. Essas articulações podem ser percebidas na forma como os conteúdos são apresentados, nas abordagens adotadas, nas

questões propostas ao longo das unidades, nas seções e nas atividades. Além disso, as **orientações ao professor** destacam as relações entre habilidades, conteúdos e objetos de conhecimento, com o objetivo de apoiar o planejamento docente e garantir que o uso do livro didático contribua efetivamente para o desenvolvimento das competências indicadas pela BNCC.

A BNCC também tem o compromisso com a educação integrada do estudante, que pode ser compreendida como uma educação alinhada com a realidade de cada um e que atenda às demandas da sociedade contemporânea. Para alcançar tal compromisso, a BNCC estabelece como um dos seus fundamentos pedagógicos que “os conteúdos curriculares estão a serviço do desenvolvimento de competências” (BRASIL, 2018, p. 11). Diante disso, ela adota dez competências gerais que se interligam e perpassam por todos os componentes curriculares, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades de cada componente e favorecendo o desenvolvimento de atitudes e valores essenciais para a formação cidadã.

As **orientações ao professor** desta coleção destacam as abordagens e os momentos que possibilitam desenvolver as competências gerais da BNCC. Porém, é possível desenvolvê-las utilizando diferentes estratégias e recursos, de acordo com o currículo adotado e com a realidade da turma.

A seguir, apresentamos as competências gerais da BNCC e sugestões de abordagens que auxiliam a desenvolvê-las com os estudantes.

Competências gerais e orientações

Competências gerais*	Orientações que incentivam os estudantes a:
1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.	<ul style="list-style-type: none"> • Perceberem a realidade que os cerca. • Analisarem e questionarem processos do cotidiano, inclusive os que fazem parte do meio digital. • Relacionarem fatos e fenômenos com os estudos realizados. • Expressarem opiniões e debaterem temáticas.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.	<ul style="list-style-type: none"> • Elaborarem conclusões coletivas. • Verificarem e analisarem resultados. • Levantarem problemas da comunidade e proporem soluções. • Buscarem conhecimentos de diferentes áreas para explicarem fenômenos e solucionar problemas. • Proporem soluções que utilizem os meios tecnológicos. • Perceberem a construção coletiva e contínua do conhecimento científico.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecerem e valorizarem o trabalho dos artistas. • Elaborarem trabalhos envolvendo diferentes manifestações artísticas. • Conhecerem as principais manifestações artístico-culturais da região onde residem. • Conhecerem e respeitarem as manifestações artístico-culturais de diferentes localidades, regiões e países. • Identificarem elementos presentes em diferentes manifestações artístico-culturais.

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.	<ul style="list-style-type: none"> • Lerem e interpretar em linguagem matemática, como símbolos e gráficos. • Apresentarem e registrarem informações por meio de diferentes recursos, como imagens e linguagem oral. • Apresentarem às comunidades escolar e extraescolar informações relacionadas a diferentes assuntos.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.	<ul style="list-style-type: none"> • Lerem informações provenientes de diferentes tecnologias. • Exporem o que compreendem sobre os diferentes meios tecnológicos pelos quais as informações podem ser divulgadas. • Confrontarem informações veiculadas em diferentes fontes, percebendo os diversos pontos de vista. • Compreenderem que há fontes confiáveis de pesquisa na internet. • Fazerem pesquisas usando diferentes meios tecnológicos.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecerem e valorizarem o papel de diferentes profissionais na sociedade. • Conversarem sobre a importância da postura ética na atuação profissional. • Conversarem sobre áreas de interesse profissional. • Conversarem com profissionais de diferentes áreas, buscando conhecer diferentes profissões. • Conversarem sobre a importância da igualdade de gênero nas profissões e no trabalho.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.	<ul style="list-style-type: none"> • Trocarem ideias sobre direitos humanos, saúde pessoal e coletiva, cuidados com o planeta e consciência socioambiental com base em pesquisas publicadas em fontes confiáveis. • Expressarem seus pontos de vista sobre assuntos relacionados à saúde pessoal e coletiva, aos direitos humanos, ao ambiente e aos cuidados com o planeta. • Conversarem sobre o que são fatos, o que são opiniões e os diferentes interesses que operam nos diversos segmentos da sociedade.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecerem que a saúde envolve o bem-estar físico, mental e social. • Participarem de atividades práticas voltadas à prevenção de doenças e à manutenção da saúde envolvendo as comunidades escolar e extraescolar. • Trocarem ideias sobre questões relacionadas ao saneamento básico e à manutenção da saúde do bairro onde residem. • Refletirem sobre o papel que têm na manutenção da própria saúde e da saúde coletiva. • Refletirem sobre o respeito ao próprio corpo e aos dos colegas, de modo a se compreenderem como parte da diversidade humana, valorizando as diferenças e atuando de forma crítica em relação aos padrões estabelecidos pela mídia. • Participarem de práticas envolvendo atividades físicas e discutirem sua importância.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.	<ul style="list-style-type: none"> • Participarem de conversas em grupo nas quais ocorram trocas de ideias, respeito à opinião dos colegas, bem como valorização e acolhimento da diversidade; • Envolverem-se em atividades práticas em que sejam necessários divisão de tarefas, cooperação e cumprimento de regras. • Valorizarem a cultura de diferentes grupos sociais.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.	<ul style="list-style-type: none"> • Criarem soluções para problemas com base em valores e princípios éticos, democráticos e inclusivos. • Terem autonomia e responsabilidade na realização de trabalhos dentro e fora da sala de aula.

Para que os estudantes desenvolvam as competências gerais propostas na BNCC, é necessário um trabalho pedagógico articulado, que se organize como mostrado a seguir.

- **Competências específicas (de área e do componente curricular):** a BNCC estabelece competências específicas por área de conhecimento (Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas). No entanto, para alguns componentes curriculares, como Língua Portuguesa, Arte, História e Geografia, as competências são específicas do próprio componente e se conectam diretamente com as competências gerais. São essas competências específicas (de área ou de componente) que orientam o trabalho a ser realizado em cada componente.
- **Unidades temáticas:** cada componente curricular organiza seu conteúdo em grandes blocos temáticos, que servem como ponto de partida para o planejamento pedagógico.
- **Objetos de conhecimento:** dentro de cada unidade

temática, os objetos de conhecimento se referem aos conteúdos, conceitos e processos que serão abordados.

- **Habilidades:** representam a mobilização dos objetos de conhecimento para que os estudantes sejam capazes de resolver problemas, expressar ideias e interagir com o mundo. As habilidades de cada componente curricular são, portanto, a forma concreta de desenvolver as competências específicas.

Nesta coleção, as habilidades e as competências específicas relacionadas à Arte são desenvolvidas por meio das abordagens dos conteúdos a fim de fornecer aos estudantes subsídios que possibilitem desenvolver as competências gerais propostas na BNCC. As relações entre esses elementos da BNCC são destacadas nas **orientações ao professor** e no **Quadro de conteúdos, habilidades e competências**.

Os quadros a seguir apresentam as competências específicas de Arte e as unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades de Arte do 1º ao 5º ano.

Competências específicas de Arte

1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.

3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.

4. Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.

6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.

7. Problematicar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.

8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Versão final. Brasília, DF: MEC, 2018. p. 198. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 2 jun. 2025.

Arte – 1º ao 5º ano

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades
Artes visuais	Contextos e práticas	(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

Artes visuais	Elementos da linguagem	(EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).
	Matrizes estéticas e culturais	(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
	Materialidades	(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), utilizando de forma sustentável materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
	Processos de criação	(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. (EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
	Sistemas da linguagem	(EF15AR07) Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).
Dança	Contextos e práticas	(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.
	Elementos da linguagem	(EF15AR09) Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado. (EF15AR10) Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.
	Processos de criação	(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança. (EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.
Música	Contextos e práticas	(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.
	Elementos da linguagem	(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
	Materialidades	(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
	Notação e registro musical	(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
	Processos de criação	(EF15AR17) Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.
Teatro	Contextos e práticas	(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.
	Elementos da linguagem	(EF15AR19) Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).

Teatro	Processos de criação	<p>(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.</p> <p>(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.</p> <p>(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.</p>
Artes integradas	Processos de criação	(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
	Matrizes estéticas culturais	(EF15AR24) Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.
	Patrimônio cultural	(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
	Arte e tecnologia	(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Versão final. Brasília, DF: MEC, 2018. p. 200-203. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 2 jun. 2025.

Os temas contemporâneos transversais

Os temas contemporâneos transversais (TCT) eram conhecidos desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de 1997, e as DCN, de 2013. No entanto, foi com a versão homologada da BNCC, em 2018, que esses temas passaram a ser uma exigência formal na construção dos currículos escolares. Posteriormente, em 2019, com a publicação do documento *Temas Contemporâneos Transversais na BNCC* (BRASIL, 2019), houve uma atualização na terminologia utilizada, passando-se a adotar oficialmente a expressão **temas contemporâneos transversais** (TCT). Essa alteração de nomenclatura baseia-se nas diretrizes estabelecidas pela própria BNCC, que afirmam:

[...] cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. [...]

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Versão final. Brasília, DF: MEC, 2018. p. 19. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 8 ago. 2025.

Na BNCC, os TCT foram distribuídos em seis macroáreas temáticas, conforme apresentado a seguir.

Temas Contemporâneos Transversais

Macroáreas temáticas	Temas
Ciência e tecnologia	Ciência e tecnologia
Meio ambiente	Educação ambiental Educação para o consumo
Economia	Trabalho Educação financeira Educação fiscal
Multiculturalismo	Diversidade cultural Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras
Cidadania e civismo	Vida familiar e social Educação para o trânsito Educação em direitos humanos Direitos da criança e do adolescente Processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso
Saúde	Saúde Educação alimentar e nutricional

Fonte de pesquisa: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Temas contemporâneos transversais na BNCC: contexto histórico e pressupostos pedagógicos*. Brasília, DF: MEC, 2019. p. 13. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf. Acesso em: 8 ago. 2025.

Os TCT não pertencem a uma área específica do conhecimento, tampouco a um componente curricular específico. Portanto, devem ser abordados por todas as áreas e todos os componentes, de forma integrada e transversal. Além disso, por serem temas globais que podem ser abordados em âmbito local, é interessante que o trabalho com eles aconteça de maneira contextualizada às diferentes realidades escolares.

Seguindo essa premissa e para orientá-lo no trabalho com os TCT, esta coleção aborda esses temas por meio de textos, atividades e, principalmente, pela seção **O mundo que queremos**. Nessa seção, como vimos anteriormente, nas **orientações ao professor** são destacados os TCT abordados no **Livro do Estudante**, explicitando a relação com o conteúdo. Além disso, sempre que possível, enfatizamos se a abordagem sugerida promove uma relação com algum dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) da Agenda 2030.

Mas o que são os ODS? Em 2015, na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, foi firmado um compromisso por 193 países — entre eles, o Brasil — com o objetivo de adotar ações concretas para erradicar a pobreza, conservar o meio ambiente e promover uma vida digna, com paz e prosperidade para todos. Esse compromisso ficou conhecido como Agenda 2030.

A Agenda 2030 apresenta 17 ODS, que propõem metas ambiciosas e integradas para orientar os países na construção de um futuro mais justo, equilibrado e sustentável até o ano de 2030.

- ODS 1 – ERRADICAÇÃO DA POBREZA: acabar com a pobreza em todas as formas e em todos os lugares.
- ODS 2 – FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL: erradicar a fome, alcançar a segurança alimentar, melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável.
- ODS 3 – SAÚDE E BEM-ESTAR: garantir o acesso à saúde de qualidade e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.
- ODS 4 – EDUCAÇÃO DE QUALIDADE: garantir o acesso à educação inclusiva, de qualidade e equitativa e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.
- ODS 5 – IGUALDADE DE GÊNERO: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.
- ODS 6 – ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO: garantir a disponibilidade e a gestão sustentável da água potável e do saneamento para todos.
- ODS 7 – ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL: garantir o acesso a fontes de energia confiáveis, sustentáveis e modernas para todos.
- ODS 8 – TRABALHO DECENTE E CRESCIMENTO ECONÔMICO: promover o crescimento econômico inclusivo e sustentável, com emprego pleno e produtivo e trabalho digno para todos.

- ODS 9 – INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA: construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação.
- ODS 10 – REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES: reduzir as desigualdades no interior dos países e entre países.
- ODS 11 – CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS: tornar as cidades e comunidades mais inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis.
- ODS 12 – CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS: garantir padrões de consumo e de produção sustentáveis.
- ODS 13 – AÇÃO CONTRA MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA: adotar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e os seus impactos.
- ODS 14 – VIDA NA ÁGUA: conservar e usar de forma responsável os oceanos, os mares e os recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.
- ODS 15 – VIDA TERRESTRE: proteger, restaurar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, reverter a degradação dos solos e preservar a biodiversidade.
- ODS 16 – PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES: promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.
- ODS 17 – PARCERIAS E MEIOS DE IMPLEMENTAÇÃO: reforçar os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Fonte de pesquisa: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil*. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 8 ago. 2025.

Essas metas se relacionam a alguns temas contemporâneos transversais. Embora não sejam trabalhadas diretamente nos conteúdos abordados no **Livro do Estudante**, sempre que pertinente as relações de algumas delas com os TCT são destacadas nas **orientações ao professor**, possibilitando que o professor desenvolva com os estudantes noções básicas relacionadas a alguns ODS, incentivando-os a reconhecer a importância da Agenda 2030.

RELAÇÕES ENTRE OS COMPONENTES CURRICULARES

No século XIX, com a Revolução Industrial, a escola se preocupou em formar pessoas para o mercado de trabalho, que, naquele momento, se estruturava em sistemas de produção. Nesse contexto social e nas ideologias predominantes, o ensino se tornou fragmentado, especializado e desarticulado.

No entanto, com o passar do tempo, a sociedade passou a exigir uma formação com visão universal e unificadora dos conhecimentos, características que auxiliam os estudantes a desenvolverem habilidades e capacidades para o exercício pleno da cidadania crítica e atuante. Para atender a essa nova demanda, a educação precisou se reestruturar, propondo um ensino mais integrado, com mais conexão entre as diferentes áreas de conhecimento e os diversos componentes curriculares.

[...] o saber, ao mesmo tempo em que se propõe como desvendamento dos nexos lógicos do real, tornando-se então instrumento do fazer, propõe-se também como desvendamento dos nexos políticos do social, tornando-se instrumento do poder. Por isso mesmo, o saber não pode se exercer perdendo de vista essa sua complexidade: só pode mesmo se exercer interdisciplinarmente. Ser interdisciplinar, para o saber, é uma exigência intrínseca, não uma circunstância aleatória. Com efeito, pode-se constatar que a prática interdisciplinar do saber é a face subjetiva da coletividade política dos sujeitos. Em todas as esferas de sua prática, os homens atuam como sujeitos coletivos.

Por isso mesmo, o saber, como expressão da prática simbolizadora dos homens, só será autenticamente humano e autenticamente saber quando se der interdisciplinarmente. Ainda que mediado pela ação singular e dispersa dos indivíduos, o conhecimento só tem seu pleno sentido quando inserido nesse tecido mais amplo do cultural.

[...]

SEVERINO, Antônio Joaquim. O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). *Didática e interdisciplinaridade*. 17. ed. Campinas: Papirus, 2012. p. 40. (Coleção Práxis).

Em razão de seu caráter prático, as relações interdisciplinares precisam trabalhar com o conhecimento dialogicamente. Para que essas relações efetivamente ocorram, é fundamental respeitar os conhecimentos prévios dos estudantes, buscando objetivos, habilidades e estratégias que favoreçam sua aprendizagem, como atividades que promovam o diálogo entre conhecimentos de diferentes áreas, envolvendo os professores, os estudantes e outras pessoas da comunidade escolar e da comunidade local.

Além de buscar pontos comuns, a interdisciplinaridade deve aproximar metodologias, instrumentos e análises de cada componente curricular. Em vez de uma simples troca de informações, deve ser um movimento contínuo, capaz de transformar a realidade.

A integração deve superar as barreiras criadas no passado entre os componentes curriculares, sem perda de identidade científica para nenhum deles. Para que uma aula seja interdisciplinar, é necessário considerar alguns aspectos:

- planejar de forma cuidadosa, observando as possíveis conexões entre os conteúdos dos diferentes componentes curriculares;
- pesquisar e compreender o conteúdo abordado por outras áreas do conhecimento;
- promover diálogo e colaboração entre os professores dos diferentes componentes curriculares, sempre que possível, planejando em conjunto;
- levar em conta a diversidade dos estudantes da turma;
- propor atividades contextualizadas;
- utilizar materiais que destaquem a interdisciplinaridade.

Esta coleção propõe diferentes atividades, temas, abordagens e recursos que favorecem as relações entre conteúdos dos diferentes componentes curriculares. Além disso, as seções **Para fazer juntos** e **O mundo que queremos** sugerem o trabalho com temas, discussões e atividades que possibilitam ampliar a abordagem para um trabalho interdisciplinar. Essas relações são destacadas nas **orientações ao professor** no box **Saberes integrados**, com sugestões que facilitam a integração dos saberes.

O trabalho com projetos interdisciplinares

O trabalho com projetos é uma prática que possibilita o envolvimento de um grupo de pessoas, conciliando o diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento. Quando proposto no contexto de sala de aula, o projeto pode ser sugerido pelo professor ou pelos próprios estudantes, com base em temas significativos e motivadores para as comunidades escolar e extraescolar, que promovam o engajamento dos envolvidos na busca pela solução de um problema. Em ambos os casos, o professor atua como mediador, a fim de conduzir os interesses de todos os participantes, proporcionando a conciliação do conteúdo a ser trabalhado e a construção do conhecimento e do senso crítico.

Por se tratar de uma atividade que demanda mais tempo e recursos para ser executada, o projeto deve ser minuciosamente planejado. Ele requer um ponto de partida na busca por um ponto de chegada, mas o aspecto interessante está no trajeto a ser percorrido. Assim, o desenvolvimento de um projeto demanda três passos principais a serem seguidos, com tarefas específicas.

1. Organização

- **Escolha do tema:** devem ser temas que estabeleçam relação com o eixo de conteúdos estudados e que sejam instigantes e significativos para os estudantes.
- **Levantamento de conhecimento prévio:** verificação do que os estudantes já sabem sobre o tema do projeto.
- **Formulação de hipóteses:** levantamento das possibilidades do que se pretende verificar no desenvolvimento do projeto.
- **Definição dos objetivos:** o que se pretende trabalhar com os estudantes durante a realização de cada uma das etapas do projeto.

2. Planejamento e execução

- **Definição e estratégias para obtenção de dados:** elaboração de um plano de ação que estrutura a execução prática da atividade, envolvendo debate sobre os conceitos que a estruturam e uma pesquisa incluindo o espaço para intervenção, a materialidade usada ou a linguagem corporal.
- **Indicação de fontes de dados e informações, assim como pesquisa de suportes materiais:** orientação sobre a busca e a indicação de fontes confiáveis, além de suportes, espaços e materiais para o desenvolvimento da prática.
- **Organização, análise das informações e apropriação dos elementos centrais do tema:** momento em que os participantes organizam criteriosamente os dados coletados que são necessários para fundamentação e execução do trabalho.
- **Composição dos objetos de aprendizagem:** os estudantes desenvolvem os objetos de aprendizagem com base nas informações e materiais pesquisados e analisados.

3. Conclusão

- **Delineamento das conclusões:** momento de registrar e analisar o processo de desenvolvimento do trabalho sobre o objeto de aprendizagem, relacionando suas hipóteses e posicionamentos ao tema pesquisado.
- **Divulgação e comunicação dos resultados:** com base nas conclusões, os resultados do projeto são divulgados. É importante verificar a forma mais adequada de apresentar e comunicar as conclusões para que a informação seja transmitida com clareza.

Avaliação e autoavaliação

- Durante todas as etapas do projeto, deve ocorrer a **avaliação**, pois esta permite que o professor acompanhe o envolvimento dos estudantes, verifique o andamento das tarefas e identifique o que está funcionando bem e o que pode ser ajustado. Para que esse processo seja justo e transparente, é fundamental deixar claro, desde o início, o que será avaliado, preferencialmente com a participação da turma. Isso evita surpresas e ainda contribui para que os próprios estudantes ajudem a definir critérios de avaliação em cada etapa do trabalho.
- Outro ponto importante é reservar um momento para a **autoavaliação**. Nesse processo, os estudantes são convidados a refletirem sobre a própria participação: o que acharam interessante, do que gostaram ou não, o que deu certo e o que pode melhorar. Essa reflexão pode ser feita oralmente, por exemplo, e ajuda a dar voz aos estudantes, além de oferecer ideias para novos projetos.
- Esta coleção aborda diversos temas relevantes que podem ser um ponto de partida para trabalhar com projetos, por exemplo, na seção **O mundo que queremos**. O professor pode, ao abordar os temas dessa seção e com base nessas orientações, promover a ampliação da abordagem para o trabalho com projetos interdisciplinares.

AVALIAÇÃO

O processo de avaliação tem sido tema de muitas reflexões, evidenciando uma postura cada vez mais crítica por parte dos educadores em relação aos modelos até então utilizados, revelando o anseio por alternativas mais adequadas às características e às novas demandas da sociedade atual.

É fundamental que o professor compreenda a avaliação como parte integrante e orientadora do processo de ensino-aprendizagem, que fornece dados valiosos sobre sua própria atuação em sala de aula e sobre o progresso dos estudantes. Isso contribui para o aprimoramento de sua prática pedagógica e o alcance do principal objetivo da educação: capacitar o estudante a adquirir conhecimentos e desenvolver habilidades, de maneira competente, promovendo seu progresso. Além disso, para o estudante, a avaliação pode ser um instrumento de reflexão sobre sua trajetória de aprendizagem, permitindo que identifique conquistas e dificuldades. Desse modo, ao realizar a avaliação da aprendizagem, é fundamental direcionar intencionalmente o olhar para o

que está sendo avaliado, obtendo informações e refletindo sobre elas, para que orientem novas ações. Portanto, é essencial que os objetivos da avaliação estejam bem definidos e que os princípios fundamentais de cada modalidade avaliativa sejam compreendidos, permitindo que sejam ajustados conforme as particularidades de cada proposta e das características dos estudantes.

Para que o processo de ensino-aprendizagem seja bem-sucedido, é necessária uma avaliação contínua e diversificada, sem reduzi-la a provas com notas e médias, que isoladas não representam, de fato a dimensão e a qualidade do aprendizado.

[...]

Em relação à aprendizagem, uma avaliação a serviço da ação não tem por objetivo a verificação e o registro de dados do desempenho escolar, mas a observação permanente das manifestações de aprendizagem para proceder a uma ação educativa que otimize os percursos individuais. [...]

HOFFMANN, Jussara. *Avaliar para promover: as setas do caminho*. 15. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014. p. 19.

A avaliação pode ser feita de diversas formas e em diferentes etapas ao longo do processo de ensino-aprendizagem, como acontece com a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação somativa.

Avaliação diagnóstica

Tem como objetivo fornecer ao professor informações sobre os conhecimentos prévios dos estudantes, permitindo identificar o ponto de partida mais adequado para as abordagens que serão realizadas. Essa avaliação pode ser feita por meio de diversas ferramentas, incluindo atividades e dinâmicas, que possibilitem perceber, além dos conhecimentos prévios, interesses, atitudes, comportamentos e ritmo da turma.

Nesta coleção, a avaliação diagnóstica acontece de maneira estruturada no início dos volumes, na seção **O que você já sabe?**, e pode ser realizada no início do ano letivo. Ela apresenta propostas de atividades que visam identificar os conhecimentos que os estudantes já trazem de suas vivências e experiências, entre eles os que vão embasar os novos conhecimentos que podem ser adquiridos ao longo do ano de ensino, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais eficiente. Além disso, a abertura de cada unidade e algumas questões sugeridas ao longo do desenvolvimento dos conteúdos também contribuem para a realização de avaliações diagnósticas.

Avaliação formativa

A avaliação formativa consiste na orientação e na formação do conhecimento por meio da retomada dos conteúdos e da percepção de professores e estudantes sobre os progressos e as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. Esse processo é contínuo e requer avaliações pontuais, ou seja, o acompanhamento constante das atividades realizadas pelos estudantes. Assim, análises de pesquisas, entrevistas, trabalhos em grupos e discussões em sala de aula, por exemplo, devem ser observadas, registradas e utilizadas para, além de acompanhar a aprendizagem dos estudantes, avaliar os próprios métodos de ensino.

A avaliação formativa tem como foco a regulação e orientação do processo de ensino-aprendizagem. A regulação trata-se da recolha e análise contínua de informações a respeito do processo de ensino e aprendizagem [...]. Desta regulação surge o papel de orientação, [que] ajudará o professor a mudar de estratégias de ensino, caso não estejam resultando em aprendizagem significativa [...].

QUEIROZ, Ana Patrícia Cavalcante de. Avaliação formativa: ferramenta significativa no processo de ensino e aprendizagem. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6, 2019, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza, 2019. p. 3-4. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA17_ID8284_13082019194531.pdf. Acesso em: 8 ago. 2025.

A avaliação formativa, nesse sentido, pode contribuir para o acompanhamento da aprendizagem ao longo de todo o ano letivo, auxiliando o professor a ter uma visão mais ampla do desempenho da turma e, assim, retomar

o que for necessário para que os estudantes obtenham êxito. Além disso, possibilita que a turma supere suas dificuldades de aprendizagem por meio de atividades avaliativas diversificadas que podem ser realizadas pelo professor de acordo com as necessidades individuais e/ou do grupo. As informações obtidas com esse tipo de avaliação auxiliam no planejamento das intervenções e das estratégias necessárias para o alcance dos objetivos de aprendizagem.

Nesta coleção, a avaliação formativa é sugerida ao final de cada unidade, por meio das atividades na seção **O que você estudou?**. Também é proposta em diversos momentos no box **Acompanhando a aprendizagem nas orientações ao professor**, que sugere a utilização de atividades do **Livro do Estudante** e outras estratégias para a realização dessas avaliações.

Avaliação somativa

A avaliação somativa pode ser compreendida como um ponto de parada para a análise das informações levantadas no processo de avaliação realizado em determinado período, possibilitando ao professor uma observação mais ampla dos avanços dos estudantes. Ela tem um caráter mais geral, informando em que nível os objetivos mais amplos foram atingidos, possibilitando ao professor identificar as principais dificuldades dos estudantes e atuar para que essas defasagens não se prolonguem para as etapas seguintes.

Nesta coleção, a avaliação somativa é sugerida ao final dos volumes, na seção **O que você já aprendeu?**, oportunizando ao professor uma maneira de verificar o que foi apreendido e como se deu a formação do conhecimento dos estudantes, de modo a tornar identificável a eficácia do processo de ensino-aprendizagem. As **orientações ao professor** referentes a essa seção dão sugestões de como agir com base nas respostas dos estudantes, a fim de mitigar possíveis defasagens.

Com o intuito de auxiliar o professor a preparar os estudantes para desafios futuros, o box **Hora do teste** apresenta atividades com estrutura e linguagem semelhantes às de questões de exames e avaliações oficiais, como as aplicadas pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), que visam mensurar a qualidade da aprendizagem. Essas atividades permitem que os estudantes entrem em contato com atividades avaliativas que se assemelham às propostas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), até mesmo a maneira como deverão registrar suas respostas, servindo como parâmetro para uma avaliação diagnóstica ou formativa.

Para registro das respostas, o box **Hora do teste** apresenta um cartão-resposta semelhante ao de avaliações oficiais, para que os estudantes se familiarizem com esses registros. Oriente-os a pintar apenas um quadrinho por questão, preenchendo-o completamente.

Sugestões de instrumentos de avaliação

Para que a avaliação seja efetivamente integrada ao processo de ensino-aprendizagem, é essencial que o professor escolha os instrumentos partindo do que espera avaliar e das ações que tomará com os resultados obtidos. A seguir, algumas sugestões de ferramentas que podem ser utilizadas nesse processo.

- **Provas e testes:** podem conter atividades lúdicas, questões abertas e de análise de situações, questões objetivas, de verdadeiro ou falso, *quizzes*, questionários, entre outras estruturas. Podem ser aplicados de forma regular, sobre conteúdos específicos.
- **Rodas de conversa:** direcionam os estudantes, a fim de perceberem seus interesses, conhecimentos prévios e dificuldades em relação aos assuntos abordados.
- **Apresentações, seminários e debates:** incentivam os estudantes a exporem seus conhecimentos prévios e favorecem a percepção do professor sobre diversas habilidades, como pesquisa, organização e síntese das informações, pensamento crítico, comunicação e trabalho colaborativo.
- **Problematisações:** têm como base situações do cotidiano ou questões críticas, explorando os conhecimentos prévios, solicitando reflexão e, em alguns casos, posicionamento dos estudantes.
- **Observações:** da participação, da interação e do comportamento dos estudantes durante a realização das atividades.
- **Portfólio:** organização de trabalhos feitos pelos estudantes ao longo do desenvolvimento dos conteúdos. Essa ferramenta possibilita ao professor acompanhar o desenvolvimento dos estudantes ao longo do tempo, incorporando avaliações diagnósticas, formativas e somativas. Os portfólios podem ser compostos de registros escritos e imagéticos, reflexões, atividades práticas, projetos, montagens, redações, entre outros trabalhos.
- **Saraus:** possibilitam ao professor perceber a comunicação, a interação social, a capacidade de expressão, a criatividade, a sensibilidade, o conhecimento cultural, entre outros aspectos.
- **Elaboração de textos e ditados:** permitem ao professor identificar dificuldades dos estudantes com relação à escrita, como padrões ortográficos, foco, atenção, concentração, consciência fonológica, entre outros aspectos.

- **Autoavaliação:** pode contribuir para as avaliações formativa e somativa, pois possibilita a autorregulação do processo de ensino-aprendizagem e ajuda a desenvolver a autonomia dos estudantes. É essencial que o professor incentive os estudantes a refletirem sobre seu comportamento e engajamento em cada atividade, além de indicar quais pontos precisam ser mais bem trabalhados e desenvolvidos para que sejam aprimorados. Além disso, é necessário que, após sua aplicação, as informações sejam discutidas para indicar caminhos que contribuam para resultados positivos, tanto coletiva quanto individualmente.

Relatório individual de acompanhamento da aprendizagem

O modelo de relatório apresentado a seguir é uma sugestão para o acompanhamento da aprendizagem de cada estudante. O objetivo é subsidiar o trabalho do professor em sala de aula e em reuniões do conselho de classe. Por meio dele, é possível registrar informações essenciais da trajetória de cada estudante, destacando os avanços e as conquistas, e definir quais intervenções serão necessárias para que o estudante alcance um objetivo ou desenvolva seu aprendizado. Esse relatório pode ser utilizado como complemento às avaliações formativas e somativas destacadas anteriormente.

Ele pode (e deve) ser adequado às necessidades de cada estudante e turma, bem como aos objetivos determinados. O professor pode incluir ou excluir itens a serem avaliados e objetivos a serem atingidos, de acordo com o plano de conteúdo de cada turma.

Ao avaliar os objetivos de aprendizagem, o professor poderá marcar as alternativas de acordo com a legenda apresentada no início do quadro **Relatório individual de acompanhamento da aprendizagem**. Caso seja marcado N (não), CD (com dificuldade), CA (com ajuda) ou EP (em processo), será possível determinar as estratégias e intervenções necessárias para que o estudante atinja o objetivo em questão. Se marcado S (sim), é possível incentivar os estudantes a ampliar seus conhecimentos e alcançarem novos objetivos.

A seguir, consta o modelo de uma ficha para auxiliar no acompanhamento do desenvolvimento individual dos estudantes, com o objetivo de avaliar seus conhecimentos, habilidades, atitudes e valores.

Modelo de relatório de acompanhamento da aprendizagem

Nome do estudante _____ Ano _____
Componente curricular _____
Período letivo do registro _____ Turma _____

Objetivos, habilidades da BNCC e atividades propostas avaliadas

Objetivos/habilidades propostas	Sim	Não	Com dificuldade	Com ajuda	Em processo	Observações
(Preencher com um objetivo de aprendizagem em cada linha).						



Fundamentos teórico-metodológicos

Nesta coleção, destacamos como referências teóricas para o ensino de Arte alguns autores que enfatizam a ação mediadora do professor no processo de ensino-aprendizagem, assim como a perspectiva formadora centrada na autonomia crítica e expressiva dos estudantes. Ana Mae Barbosa (2010), em sua **proposta triangular**, estabelece a vivência como elemento central no ensino e na aprendizagem de artes visuais. Sua proposta pedagógica, referência desta coleção, permite uma aproximação entre o universo da arte e o sujeito da aprendizagem ao se pautar em seus três pilares: ler a obra de arte, contextualizar e produzir (processos interligados que não seguem necessariamente uma ordem preestabelecida), estimulando uma aprendizagem contextualizada e crítica, ao mesmo tempo que possibilita ao sujeito criar e se expressar.

Essa abordagem está centrada nos mecanismos de apreciação e criação, e não apenas na produção. Nesse processo, a História da Arte ganha o caráter de um contexto dentro de novos contextos na decodificação da obra e seus sentidos. Além disso, a proposta de Barbosa (2010) procura situar o objeto artístico dentro do imaginário que o gerou, sem negligenciar o imaginário que o receberá. Isso possibilita aos estudantes explorarem um universo artístico mais amplo, não hierárquico e dinâmico, próximo da realidade estética deles.

A emergência da contextualização do conteúdo no ensino de Arte também é recorrente na proposta de Fernando Hernández (2000), uma vez que a interpretar envolve contextualizar. É por meio dessa problematização que os estudantes se confrontarão com as mais diversas estratégias de pesquisa e aprendizagem. De acordo com o autor, a contextualização permite chegar aos procedimentos de produção. Com isso, são estabelecidos mecanismos de abertura para novos entendimentos sobre o tema, pois uma interpretação vincula as apresentações verbal e visual, sem depender de apenas um desses processos, transcendendo assim os objetos.

Importante ressaltar que o ensino de Arte, em suas quatro linguagens, tem suas especificidades. Na organização do conteúdo teatro, por exemplo, fundamentamos a coleção na proposta de educação teatral do brasileiro Ricardo Japiassu (2009) e da estadunidense Viola Spolin (2015). Ambos os autores propõem o ensino de teatro com base na vivência, na experiência dramática e nas próprias descobertas como forma de aprendizagem, por meio dos jogos teatrais. Essa integração entre o ensino de Arte e o contexto se destaca também na proposição do ensino de dança de Isabel A. Marques (1999). Para a autora, o ensino de dança deve explorar as práticas por meio da experimentação e da improvisação corporal. Assim como os demais autores, ela reconhece a importância da vivência artística no processo de aprendizagem, partindo

da premissa de que a vivência corporal na escola deve se dar nas relações referenciais que os estudantes trazem consigo. Marques (1999) enfatiza, ainda, em sua proposta de ensino, que se deve tomar como elemento condutor os aspectos contextuais, visto que há uma diversidade de interpretações tanto nos repertórios culturais dos próprios estudantes quanto na forma como o corpo é abordado em sala de aula, resultando em mensagens que expõem a forma como o corpo é pensado.

Na música, as vivências e os contextos também são elementos significativos nas propostas de Raymond Murray Schafer (1991) e Marisa Fonterrada (2008), pois trazem para o debate educacional o tema da criação significativa. Schafer (1991) afirma ser fundamental entender o universo sonoro no qual os estudantes estão inseridos, gerando vivências sonoras que possibilitem a eles o desenvolvimento de uma escuta mais apurada não só das paisagens sonoras, mas também dos elementos intrínsecos à linguagem musical (notas, instrumentos musicais etc.). Já Fonterrada (2008) toma o contexto como centro da discussão ao afirmar que a construção dos contextos musicais dos estudantes está relacionada diretamente às suas vivências. Desse modo, questões referenciais dos próprios estudantes (gostos, espaços e fontes de consumo e produção musical etc.) devem ser consideradas elementos relevantes, viabilizando, por meio desses parâmetros, um pensamento musical que transcenda o espaço escolar.

Após verificados os referenciais teóricos que geraram a organização deste material, retomamos a BNCC, ratificando que o ensino de Arte visa contribuir para a autonomia criativa e expressiva dos estudantes, pois a Arte os ajuda a se conhecerem melhor, assim como a conhecerem o outro e o mundo. No ensino de Arte, a aprendizagem se desenvolve mediante processos de pesquisa e produção artística, ampliando e aprofundando o conhecimento crítico e estético dos estudantes.

Proposta pedagógica da coleção

Quando pensamos em Arte na Educação Básica, devemos concebê-la dentro de atribuições e definições que a classificam como componente curricular. Situada na área de Linguagens, assim como os demais componentes dessa área, a Arte tem a responsabilidade de propiciar e desenvolver habilidades e reflexões sobre as linguagens artísticas, corporais e verbais, que se distribuem como objetos específicos desse universo.

Tal campo de conhecimento é abordado nesta coleção levando-se em conta o equilíbrio entre suas quatro linguagens, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96): artes visuais, dança, música e teatro, assim como as artes integradas.

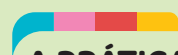
Procura-se na composição dos conteúdos e seus desenvolvimentos e atividades promover uma relação entre as linguagens, tendo-se em vista uma interdisciplinaridade,

pois cada uma tem suas especificidades que podem dialogar entre si na prática educativa. Contemplamos também o fato de que o ensino de Arte na escola se estrutura na pesquisa e no desenvolvimento de processos de criação, cujas materialidades são híbridas. Desse modo, as atividades permitem o desenvolvimento das habilidades necessárias para que os estudantes explorem, de maneira dialógica e interconectada, as especificidades de cada linguagem. Nesse sentido, é fundamental que os estudantes assumam o papel de protagonistas na promoção dos próprios trabalhos, como apreciadores, produtores e curadores, de modo consciente, ético, crítico e autônomo – desenvolvendo intervenções, *saraus*, performances, *happenings*, animações, *web art* e outras manifestações ou eventos artísticos e culturais realizados na escola e em outros espaços, tendo sempre como balizas a faixa etária e a adaptabilidade da proposta aos docentes.

Outro aspecto relevante e pontual na coleção é o fato de contemplar a contextualização dos temas como uma situação-problema nos processos artísticos, assim como a busca por aproximações às vivências artísticas e culturais dos estudantes e de seus grupos familiares e sociais, a fim de que eles consigam problematizar e apreender aquilo que lhes é proposto com o apoio de uma rede de significados originada nas relações por eles vivenciadas. Desse modo, a coleção direciona o conhecimento produzido no ensino de Arte com o objetivo claro de desenvolver nos estudantes, de forma gradual e processual, reflexões a respeito da produção e do consumo do objeto artístico, das características e da natureza de sua linguagem. Esse processo ocorre por meio de atividades de aprofundamento que incentivam reflexões e vivências artísticas, propiciando o desenvolvimento de uma consciência perceptível e sensível, o que torna os processos de reflexão e criação etapas importantes na construção da identidade e da consciência dos estudantes como seres participativos e produtivos em seu universo social e cultural, além de possibilitar a ampliação do conhecimento de si e a compreensão de seu meio como algo diversificado, aprofundando o conhecimento crítico e estético.

Nossa proposta pedagógica compreende que o conhecimento em Arte no Ensino Fundamental – Anos Iniciais deve promover o cruzamento de culturas e saberes, possibilitando o acesso e a interação com manifestações culturais e artísticas distintas, principalmente com as que envolvem a comunidade a que pertencem os estudantes. Dessa forma, os conteúdos se desdobram em unidades, que, com base em temas problematizadores, procuram incentivar a aprendizagem de forma contextualizada e vivencial, desenvolvendo nos estudantes reflexões de natureza ética e estética, centradas em experiências e vivências que contextualizam a grande diversidade cultural e artística que os envolvem no processo de formação educacional. Essa abordagem também possibilita que relacionem, de forma crítica e problematizadora, os modos como as manifestações artísticas e culturais se apresentam na contemporaneidade, estabelecendo relações entre arte, mídia, mercado e consumo.

É objetivo desta coleção encontrar caminhos que viabilizem a vivência como forma de aprendizagem e estudo, o contato com outros espaços de formação, como centros culturais, museus, galerias e áreas patrimoniais, e que promova o exercício da crítica, da apreciação e da fruição de exposições, concertos, apresentações musicais e de dança, filmes, peças de teatro, poemas, obras literárias etc., tanto de modo presencial quanto virtualmente. De forma geral, isso permite aos estudantes o contato com as expressões artísticas por meio da apreciação, do fazer, do brincar, do narrar e da contextualização histórica do fenômeno cultural ou artístico.



A PRÁTICA DOCENTE

A escola, com seus profissionais e estudantes, inserida na sociedade que está em constante modificação, precisa acompanhar essas novas demandas. Dessa maneira, a educação necessita passar por mudanças, de modo a aperfeiçoar o ensino para que os estudantes encontrem na escola e nas metodologias uma correspondência com o que vivem no cotidiano.

Para que essa vivência seja efetiva, o ensino deve deixar de ser concebido como uma intervenção pedagógica feita somente pela figura do professor como o detentor do saber historicamente construído, sendo os estudantes sujeitos passivos. No contexto atual, o professor, além de dominar os conhecimentos específicos de uma área, deve ser um profissional reflexivo, um agente de mudanças na escola e, conseqüentemente, na sociedade. Espera-se que esse docente, portanto, busque o desenvolvimento de autonomia, de valores e de criticidade nos estudantes, preparando-os para mudanças, incertezas e desafios.

[...]

Os estudantes do século XXI, inseridos em uma sociedade do conhecimento, demandam um olhar do educador focado na compreensão dos processos de aprendizagem e na promoção desses processos por meio de uma nova concepção de como eles ocorrem, independentemente de quem é o sujeito e das suas condições circundantes. No mundo atual, marcado pela aceleração e pela transitoriedade das informações, o centro das atenções passa a ser o sujeito que aprende, a despeito da diversidade e da multiplicidade dos elementos envolvidos nesse processo.

[...]

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 16.

Diante desse cenário, o professor passa a ser mais que um detentor dos conhecimentos que são transmitidos aos estudantes para também se colocar como um mediador entre esses sujeitos, propondo situações desafiadoras que despertem o interesse e incentivem os estudantes a buscarem informações, trocarem ideias, resolverem problemas e relacionarem os saberes com o cotidiano.

Ao priorizar a construção coletiva do conhecimento, o professor precisa refletir sobre sua prática pedagógica, buscando alterar e adaptar planejamento e metodologias a fim de buscar estratégias que considerem as diferentes necessidades dos estudantes dentro de uma mesma sala de aula. Além disso, é importante que crie um ambiente que incentive os estudantes a trocarem ideias e exporem opiniões e raciocínios, possibilitando condições para analisarem as situações, fazerem escolhas e proporem soluções com base nos conhecimentos científicos, em consonância com o exercício da cidadania.

Considerando que os fenômenos e as situações que ocorrem em nossa sociedade envolvem conhecimentos de diferentes áreas, é importante que os professores e a equipe pedagógica estejam aptos a trabalhar os diferentes componentes curriculares de forma integrada, realizando uma reflexão conjunta das práticas pedagógicas que envolvem as diferentes áreas, associando-as à realidade social dos estudantes.

Esta coleção foi planejada com base nas habilidades e competências da BNCC, e incentiva a autonomia do professor para adaptar seu planejamento de acordo com a necessidade da turma, incluindo, excluindo ou modificando a ordem dos conteúdos e das atividades.

Tanto o **Livro do Estudante** quanto este **Livro do Professor** fornecem subsídios para o professor incentivar o engajamento dos estudantes na construção coletiva de soluções para diversas atividades, assim como a verbalização e o registro de opiniões e raciocínios, promovendo um ambiente acolhedor. Isso se dá por meio de diversas atividades, questões, seções e **orientações ao professor**.

Cultura de paz e combate ao bullying

De acordo com Von (2014), a cultura da paz envolve o respeito a valores, atitudes, tradições, comportamentos e modo de vida, cada pessoa os desenvolvendo em relação aos demais, além do respeito aos princípios e aos direitos de cada ser humano, como a liberdade de expressão e o direito de ir e vir. Dessa forma, saber ouvir e respeitar os outros são atitudes que contribuem para viver em sociedade de forma pacífica.

É muito importante que o professor desenvolva práticas pedagógicas pautadas no compromisso com a cultura da paz, incentivando os estudantes a respeitarem e tratarem bem as pessoas, sem discriminação, preconceito e violência, a prezarem por atos generosos e a defenderem a liberdade de expressão e a diversidade cultural. Essas práticas podem ser realizadas de maneira contextualizada, de modo a combater todo e qualquer tipo de violência e preconceito aos aspectos físicos, sociais, econômicos, psicológicos e sexuais, inclusive o *bullying*, que é um tipo de violência recorrente nas instituições escolares.

O diálogo é uma importante estratégia de combate à violência na escola, por meio de atividades que promovam a reflexão sobre o individual e o coletivo, na discussão de ideias, de temas sensíveis e de valores e atitudes. Tais temáticas são fundamentais para fomentar o aprendizado de maneira inclusiva, que incentive a troca de experiências

e valores envolvendo os profissionais de educação e os estudantes.

Estratégias de ensino

A sala de aula é um espaço de grande significância para o desenvolvimento dos estudantes, pois é nela que eles interagem uns com os outros e com o professor, entram em contato com os conhecimentos e os sistematizam sob mediação docente.

Para realizar seu trabalho em sala de aula, o professor geralmente enfrenta diversos desafios, como falta de recursos, a grande quantidade de estudantes por turma e dificuldades de aprendizado. Além disso, é esperada de cada estudante uma formação humana e escolar própria, com conhecimentos construídos de diferentes maneiras no decorrer da vida dentro e fora da sala de aula, o que pode gerar diferenças do modo de aprender entre os estudantes de uma mesma turma.

Considerando que o Brasil é um país marcado por grande diversidade cultural, social, econômica e regional, é natural que essa pluralidade também se reflita no contexto escolar, gerando contrastes em áreas que envolvem educação, saúde e condições de vida dos estudantes. Tais fatores influenciam diretamente o perfil de cada estudante em sala de aula.

É fundamental compreender que os diferentes níveis de aprendizagem que podem ocorrer em uma mesma turma não representam uma limitação na capacidade de aprender de alguns estudantes, mas apenas refletem os diferentes ritmos e trajetórias de desenvolvimento deles.

Enfrentar essa realidade exige sensibilidade e flexibilidade por parte dos professores, já que não há uma resposta única ou fórmula pronta para lidar com essa diversidade. No entanto, diversas estratégias pedagógicas podem ser incorporadas à prática docente, com o objetivo de promover uma aprendizagem mais eficaz, respeitando as particularidades de cada estudante.

A seguir, algumas orientações e propostas que podem ser úteis quando essas diferenças de aprendizagem se manifestam no cotidiano da sala de aula.

- Apresente as atividades escolares de maneira desafiadora e cativante, com o objetivo de reverter a visão, muitas vezes enraizada entre os estudantes, de que estudar se resume ao cumprimento de deveres. É essencial incentivá-los a refletir sobre a relevância dos estudos e valorizar o conhecimento como ferramenta para compreender o mundo, a sociedade e a própria vida.
- Em relação ao desenvolvimento do sistema de escrita de letras e algarismos, é importante observar como os estudantes seguram o lápis para escrever, de modo que, quando necessário, sejam orientados sobre uma forma mais funcional para a saúde da mão e fluidez da escrita. Uma maneira de facilitar os movimentos da mão e do pulso durante a escrita, contribuindo para sua fluidez, é a pegada de três pontos, conhecida também como

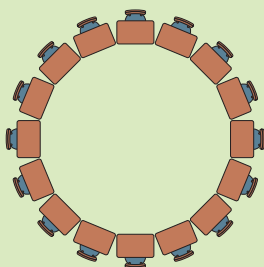
preensão tripode ou tripoide. Para essa pegada, os estudantes devem utilizar os dedos polegar e indicador para segurar o lápis, enquanto o dedo médio apoia por baixo. É essencial lembrar: cada estudante tem um ritmo próprio de desenvolvimento. Portanto, a orientação deve ser flexível. Embora a pegada de três pontos seja mais funcional, outras formas de segurar o lápis podem ser igualmente eficazes, desde que não causem dor ou cansaço. O objetivo principal é que o estudante escreva com conforto e fluidez. Para auxiliar nesse processo, peça aos estudantes que peguem e soltem o lápis repetidamente, para se familiarizarem com a pegada. Oriente-os a segurar o papel sobre a carteira com a mão não dominante, para dar estabilidade e facilitar a escrita. Incentive o uso de atividades preparatórias que fortaleçam a musculatura da mão, como manusear massinha de modelar, alinhar e brincar com encaixes, antes de focar na escrita.

- Procure incentivar o trabalho com o letramento matemático em todos os componentes. Para isso, durante a abordagem dos conteúdos, sempre que possível, incentive os estudantes a trabalharem com a contagem de elementos, escrita de algarismos e compreensão do conceito de números; a realizarem operações matemáticas básicas; a reconhecerem formas geométricas; a medirem e compararem medidas; lerem e interpretar gráficos e tabelas; e a desenvolverem o raciocínio lógico na resolução de problemas. É importante ter em mente que o letramento matemático vai além de trabalhar as estratégias citadas anteriormente. É necessário levar os estudantes a perceberem que a Matemática está presente no cotidiano e que esses conhecimentos os ajudam a compreenderem os fenômenos naturais e as situações que ocorrem na sociedade, contribuindo para que se posicionem criticamente diante de diversas situações.
- Quando possível, utilize recursos tecnológicos de forma alinhada ao seu planejamento e aos objetivos pedagógicos. A tecnologia pode ser um elemento motivador, despertando a curiosidade e o pensamento crítico, além de enriquecer os conteúdos de forma mais envolvente.
- Procure estabelecer conexões entre os conteúdos abordados e situações da atualidade ou da realidade próxima aos estudantes. Essa estratégia contribui para tornar os temas mais compreensíveis e interessantes, principalmente aqueles que podem ser considerados complexos. Se possível, utilize diferentes recursos e abordagens, como vídeos, músicas, reportagens, propagandas, visitas pedagógicas guiadas a espaços não formais de aprendizagem, como museus, centros de pesquisa, teatros, parques, cinema, centros culturais, feiras diversas etc.
- Acompanhe o progresso individual dos estudantes por meio de práticas avaliativas diversificadas, que considerem múltiplas competências e habilidades. Isso permite identificar as dificuldades específicas e

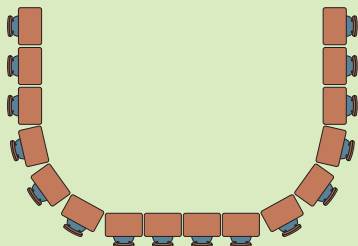
definir estratégias mais eficazes para oferecer suporte, ajudando os estudantes a alcançarem os objetivos da etapa escolar. A observação do progresso da turma também pode indicar a necessidade de ajustar as estratégias de ensino, tornando as aulas mais efetivas. Retomar alguns conteúdos periodicamente também é uma estratégia válida.

- Reconheça que, além das estratégias cotidianas, alguns casos demandam ações mais específicas para garantir que todos os estudantes avancem. Nessas situações, pode ser necessário:
 - desenvolver atividades adaptadas que favoreçam a compreensão dos conteúdos ou respondam a necessidades cognitivas particulares;
 - oferecer atenção individualizada durante as aulas, observando de perto as produções dos estudantes, identificando suas dificuldades;
 - realizar atendimentos fora do grupo-classe, quando as dificuldades forem mais acentuadas, com propostas personalizadas e recursos adicionais. Nesses casos, é fundamental que o professor mantenha diálogo com o profissional que fará o atendimento especializado, para alinhar as estratégias de acompanhamento, avaliação e continuidade da aprendizagem.
- Se possível, expor nas paredes ou murais da sala de aula produções, registros e memórias dos estudantes torna o ambiente mais personalizado, acolhedor e familiar. Essa estratégia contribui para que eles se sintam reconhecidos e valorizados, incentivando-os a participar mais ativamente das atividades.
- Incentive a participação dos estudantes em projetos de monitoria. As monitorias possibilitam que estudantes com mais facilidade em determinados conteúdos apoiem colegas com mais dificuldades, sempre com orientação docente. Essa iniciativa não apenas ajuda a superar barreiras na aprendizagem, mas também promove o desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia, cooperação, comunicação, autonomia, tomada de decisão e resolução de problemas.
- Organize o espaço da sala de aula para favorecer a aprendizagem. Diferentes tipos de enfileiramento contribuem para melhorar o engajamento, respeitar diferentes estilos de aprendizagem e tornar o ambiente mais receptivo. Algumas alternativas incluem a disposição das carteiras em formato circular (imagem 1), que pode ser usada para rodas de conversa; em formato semicircular (imagem 2), que ajuda a promover a compreensão de conteúdos, incentivando os estudantes a assumirem diferentes papéis e perspectivas; formando pequenos grupos ou estações de trabalho (imagem 3), adequados para trabalhos e movimentos colaborativos; e formando a chamada “Mandala da amizade” (imagem 4), que pode ser utilizada para promover integração.

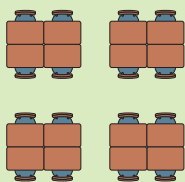
1. organização em formato circular.



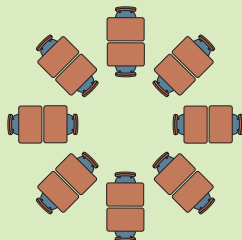
2. organização em formato semicircular.



3. organização em pequenos grupos.



4. organização no formato conhecido como "Mandala da amizade".



- Aproveite também outros espaços da escola, como biblioteca, laboratório, jardim, sala multimídia e pátio, para diversificar as experiências de aprendizagem.

É importante ter em mente que o trabalho com estudantes com dificuldades no aprendizado não é responsabilidade exclusiva do professor, devendo ser compartilhado com toda a equipe pedagógica e contar também com o suporte e apoio da família. O ritmo de cada estudante e, portanto, seus avanços individuais devem pautar as definições e adequações das estratégias adotadas e a avaliação de todo o processo.

Estratégias de aprendizagem

O ambiente educacional tem exigido novas abordagens por parte de educadores e gestores. Atualmente, o foco do processo de ensino-aprendizagem deve estar centrado nos estudantes, valorizando seu protagonismo, o contexto de suas experiências, opiniões e formas de participação. Essa mudança busca tornar a aprendizagem mais significativa e o conhecimento mais aplicável à realidade dos estudantes.

Diante disso, a diversidade de vivências e perspectivas na sala de aula exige práticas pedagógicas que incentivem a autonomia dos estudantes. No entanto, alguns têm dificuldades em desenvolver um repertório de estudo, o que pode dificultar a construção de noções e conceitos, bem como o estabelecimento de relações entre os conhecimentos construídos no âmbito educacional e as situações do cotidiano.

[...]

Estudar não se resume a pegar um livro ou texto e simplesmente ler para memorizar todas as informações, ao contrário, o estudo é uma prática que consiste em assimilar a leitura ou algo observado a fim de conseguir reproduzir na prática as informações e os conteúdos por meio de habilidades e competências.

[...]

SANTOS, Alexsandro Souza dos. *Guia de técnicas de estudo: organização e planejamento: como estudar, organizar e planejar os estudos*. Parnaíba: Canva.com, 2020, p. 9. Disponível em: https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/Parnaiba/2021/Guia_de_Estudos_UFDPAr_-_SEPE-PRAEC.pdf. Acesso em: 11 ago. 2025.

Pensando nisso, esta coleção apresenta, no início dos volumes, algumas estratégias de estudo e dicas com o objetivo de auxiliar os estudantes a se organizarem para os estudos e a compreenderem os conteúdos abordados nas unidades, incentivando a autonomia dos educandos. Como consequência, esses recursos também contribuem para o processo de ensino-aprendizagem, auxiliando o dia a dia do professor na sala de aula e o envolvimento dos pais ou responsáveis na vida escolar dos estudantes.

As estratégias de estudo apresentadas nesta coleção encontram-se no início dos volumes. Além disso, em momentos oportunos durante o desenvolvimento dos conteúdos, há selos que remetem a cada uma das estratégias apresentadas, incentivando os estudantes a utilizá-las nesses momentos, a fim de compreenderem os conteúdos e consolidarem as aprendizagens. Por isso, ao se deparar com esses selos, é importante que o professor incentive os estudantes a consultarem as páginas da seção **Estratégias de aprendizagem** do início dos volumes para que se torne um hábito procurar desenvolver um repertório de estudos. Nessas páginas, há orientações que ajudam a mediar a execução dessas estratégias.

Estratégias inclusivas

A inclusão de estudantes com deficiência no ambiente escolar regular é um compromisso ético, legal e pedagógico. É um direito garantido pela legislação brasileira e que está em consonância com a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A inclusão vai além da simples presença física na sala de aula. Ela exige participação efetiva, aprendizagem significativa e valorização das diferenças. Diante disso, é necessário o envolvimento da comunidade escolar para desenvolver práticas pedagógicas que partam da premissa de que todas as crianças têm potencial de aprender e que promovam a criação de vínculos afetivos, incentivando a interação social, sobretudo entre os estudantes. Essas interações ampliam a percepção dos estudantes sobre a diversidade, desenvolvem a empatia e favorecem o desenvolvimento de suas habilidades e competências.

Partindo do pressuposto de que a educação inclusiva é um direito de todos e que a diversidade é uma característica inerente às escolas, é necessário que as estratégias

pedagógicas sejam baseadas em modelos flexíveis, que considerem as singularidades de cada estudante. Modelos sustentados por avaliações inflexíveis podem desestimular os estudantes e gerar a exclusão.

Em suma, é papel da comunidade escolar criar um ambiente em que todos os estudantes se sintam acolhidos e valorizados e promover estratégias de ensino singulares às necessidades de cada indivíduo.

A seguir, sugestões que favorecem a participação de todos os estudantes nas aulas.

- Utilizar materiais concretos táteis e materiais com diferentes texturas e relevos.
- Fornecer informações descritivas objetivas e indicar as distâncias dos objetos.
- Flexibilizar os prazos de entrega de trabalhos e realizações de atividades em sala de aula.
- Incentivar a leitura conjunta de textos e atividades.
- Diversificar atividades a fim de explorar todos os sentidos.
- Descrever de maneira detalhada e individualizada, se necessário, imagens que devem ser analisadas.
- Priorizar posicionar-se à frente dos estudantes durante a explanação de um conteúdo ou qualquer conversa.
- Simplificar os enunciados das atividades, destacando os pontos mais objetivos, evitando ambiguidades e figuras de linguagem. Quando necessário, passar uma instrução por vez, dividindo as atividades em etapas menores.
- Adaptar recursos tecnológicos para atender às necessidades específicas dos estudantes.
- Iniciar as propostas com situações contextualizadas e motivadoras.
- Apresentar e incentivar a utilização de estratégias diversificadas para a resolução de situações-problema, considerando as vivências dos estudantes e o modo que faça sentido para eles.
- Incentivar os estudantes a se expressarem, auxiliando-os na organização de seu raciocínio.
- Utilizar ferramentas que ajudem na alfabetização e na participação ativa dos estudantes, como alfabeto móvel e banco de palavras.

Uso adequado de tecnologias digitais

A utilização de recursos tecnológicos é algo presente no cotidiano de muitos brasileiros. Nos últimos anos, o uso inadequado de equipamentos eletrônicos portáteis, como telefones celulares, por crianças, principalmente dentro das escolas, tem fomentado diversas discussões, cujo tema principal refere-se aos impactos que o uso desses equipamentos tem causado na aprendizagem e no desenvolvimento saudável das crianças e dos adolescentes.

Essas discussões, aliadas aos resultados de diversos estudos realizados nos últimos anos, apontaram os

impactos negativos aos estudantes causados pelo uso inadequado do telefone celular, culminando na aprovação da Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025, que estabelece diretrizes para o uso de telefones celulares nas escolas do Brasil. Entre os impactos negativos, destacam-se distrações que podem prejudicar o aprendizado, dependência e isolamento social provocados, principalmente, pelo uso excessivo das redes sociais, além de efeitos negativos na saúde mental e física dos estudantes, como aumento dos índices de ansiedade e autolesões, distúrbios de atenção, problemas no sono, problemas de visão e sobrepeso.

[...] Os aspectos negativos e prejudiciais do uso da tecnologia digital na educação e na sociedade incluem o risco de distração e a falta de interação humana.

A tecnologia sem regulamentação põe em risco inclusive a democracia e os direitos humanos, por exemplo, por meio da invasão de privacidade e da disseminação do ódio. Os sistemas educacionais precisam estar melhor preparados para ensinar sobre e por meio das tecnologias digitais, ferramentas que devem servir aos melhores interesses de todos os estudantes, professores e gestores. Evidências imparciais demonstram que a tecnologia está sendo usada em alguns lugares para melhorar a educação e bons exemplos desse tipo de uso têm de ser compartilhados de forma mais ampla para que a melhor forma de oferta possa ser garantida para cada contexto.

[...]

UNESCO. *Resumo do Relatório de Monitoramento Global da Educação 2023: tecnologia na educação: uma ferramenta a serviço de quem?* Paris: UNESCO, 2023. p. 9-10. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386147_por. Acesso em: 9 ago. 2025.

No entanto, o uso da tecnologia com intencionalidade pedagógica, integrado ao planejamento do professor, de forma direcionada e reflexiva, pode trazer grandes contribuições para o processo de ensino-aprendizagem, além de ampliar o acesso à educação e possibilitar reflexões críticas, éticas e seguras sobre o uso dos meios digitais.

[...] Entretanto, quando integrado ao planejamento pedagógico de forma intencional e reflexiva, o celular pode servir como uma ferramenta relevante para ampliar o acesso à educação e enriquecer as práticas de ensino, especialmente em contextos de desigualdade. Nesse sentido, a educação digital e midiática são abordagens estratégicas para garantir que o uso dessas tecnologias não apenas apoie o acesso à educação, mas também desenvolva habilidades críticas, éticas e cidadãs no uso da informação e dos meios digitais.

[...]

BRASIL. Ministério da Educação. *Conscientização para o uso de celulares na escola: por que precisamos falar sobre isso?* Brasília: MEC, 2025. p. 14. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/celular-escola/guia-escolas.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2025.

Quando se fala em tecnologia na educação, muitos pensam em computador e internet, mas é importante lembrar que a lousa, a televisão, o rádio e tantos outros recursos utilizados em sala de aula também são tecnologias.

O computador é uma importante ferramenta tecnológica utilizada na educação, principalmente se estiver conectado à internet, permitindo ao usuário pesquisar e acessar informações de *sites* do mundo inteiro, desde que acompanhado pelo professor. Mesmo sem acesso à internet, o professor ainda pode usar o computador de várias formas. É possível, por exemplo, utilizar *softwares* de edição de texto para elaborar e revisar materiais didáticos. Além disso, programas de apresentação de *slides* permitem a criação de recursos visuais atrativos para a exposição de conteúdos em sala de aula, bem como para a apresentação de trabalhos realizados pelos próprios estudantes.

É importante lembrar que ferramentas como o computador têm como principal objetivo apoiar e tornar mais dinâmico o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando aos estudantes o desenvolvimento de atividades que promovam experiências escolares mais significativas. Ressalta-se, ainda, que o uso desses recursos deve estar sempre alinhado a uma proposta didática e metodológica bem definida, sempre com o acompanhamento do professor e seguindo as diretrizes da escola.

Um exemplo relevante de como integrar as tecnologias ao contexto escolar é o acesso a museus virtuais e acervos digitais. Essa prática amplia o acesso dos estudantes a uma diversidade de fontes históricas pertencentes a diferentes épocas, culturas e regiões. Além disso, o uso dessas ferramentas pode incentivar os próprios estudantes a criarem, organizarem e compartilharem acervos relacionados à história e à cultura de sua comunidade, valorizando esses recursos como instrumentos de preservação da memória coletiva.

É fundamental compreender que tais tecnologias são aliadas no processo de ensino-aprendizagem, e, portanto, o foco deve permanecer no desenvolvimento do estudante. Em muitos casos, será necessário adaptar as metodologias de ensino para integrar essas inovações de forma eficaz, garantindo que elas atendam às necessidades tanto dos professores quanto dos estudantes — os principais protagonistas desse processo.

Para que o uso das tecnologias atinja os objetivos propostos, é essencial adotar algumas práticas pedagógicas, como:

- definir previamente os objetivos de aprendizagem e as ferramentas tecnológicas a serem usadas, de maneira intencional e direcionada;
- usar os recursos tecnológicos de modo articulado aos conteúdos, habilidades, competências e contextos próximos ao cotidiano dos estudantes, e não como um fim em si mesmo;
- propor atividades e estratégias pedagógicas que incentivem os estudantes a refletirem sobre o uso da tecnologia no cotidiano, promovendo a análise crítica de fontes e o uso seguro, consciente e responsável da internet.

Embora haja inúmeras ferramentas digitais que podem ajudar no processo de ensino-aprendizagem, é fundamental que o professor e a escola utilizem de forma equilibrada e intencional esses recursos, sem deixar de incentivar outras estratégias pedagógicas, como a leitura de livros e as atividades de pesquisa de campo ou visitas guiadas, que também desempenham um papel essencial nesse processo.

Além das possibilidades de uso de tecnologias digitais destacadas anteriormente, esta coleção apresenta alguns objetos digitais, como infográficos, além de faixas de áudios, com o objetivo de complementar e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, além de tornar os conteúdos mais atrativos para os estudantes. Esses objetos digitais podem ser identificados nas páginas do livro por meio de ícones. Além disso, o sumário apresenta a lista desses objetos e as páginas em que se encontram. Para acessar os objetos digitais, basta clicar sobre os ícones indicados nas páginas da versão digital do **Livro do Estudante** e do **Livro do Professor**.

Sequências didáticas e planejamento de rotina

O planejamento é uma ferramenta essencial para o trabalho docente, pois permite ao professor organizar tanto os conteúdos curriculares que serão abordados quanto as demandas específicas de cada turma. Trata-se de um recurso estratégico para definir os objetivos de ensino, identificar as competências e habilidades a serem desenvolvidas, selecionar os conteúdos mais adequados, estruturar as metodologias de ensino e revisar os materiais didáticos necessários para o bom andamento das aulas.

Além de seu papel na organização das atividades diárias ou semanais, o planejamento do professor precisa considerar uma característica fundamental: a flexibilidade. Ele precisa ser adaptável ao longo do percurso pedagógico, acolhendo imprevistos ou necessidades que surjam, com o propósito de garantir a aprendizagem dos estudantes.

Mais do que apenas um cronograma, o planejamento funciona como um guia construído com base nas vivências do professor, considerando tanto os acertos quanto os desafios enfrentados em sala de aula, além dos conhecimentos prévios e os diferentes níveis de aprendizagem de seus estudantes. Sua eficácia aumenta significativamente quando o docente já tem familiaridade com sua turma e compreende os diferentes ritmos de aprendizagem dos estudantes.

Uma ferramenta muito importante que ajuda o professor no planejamento e na promoção da aprendizagem dos estudantes de uma forma mais eficaz e contextualizada é a elaboração de sequências didáticas.

As sequências didáticas permitem ao professor organizar, de forma estruturada e sequencial, o conjunto de atividades e abordagens que serão trabalhadas, destacando suas interligações. A estrutura de uma sequência didática possibilita desenvolver o processo de ensino em etapas bem

definidas, podendo ser elaborada ao longo de dias, semanas ou meses, e ser adaptada de forma flexível às necessidades e ao ritmo de aprendizagem dos estudantes.

É importante que as sequências didáticas sejam elaboradas com base nos objetivos de ensino, tendo em vista as estratégias e os recursos adequados a cada realidade escolar. Além disso, devem incorporar estratégias

de avaliação, possibilitando que os professores monitorem as aprendizagens dos estudantes.

Observe agora como planejar uma sequência didática. É possível utilizar essa matriz de planejamento de sequência didática como ponto de partida, realizando as devidas alterações de acordo com sua necessidade.

Planejamento de Sequência Didática

Professor(a): [preencher aqui com o nome do professor]

Componente curricular: [preencher com o componente curricular]

Ano: [preencher o ano da turma]

Duração: [preencher a quantidade de aulas]

Assunto: [preencher os conteúdos a serem trabalhados]



1. Objetivos da Sequência

[inserir os objetivos que se espera que os estudantes atinjam ao final do trabalho com a sequência didática, em tópicos]

2. Habilidades da BNCC

[listar as habilidades da BNCC que serão desenvolvidas durante o trabalho com a sequência didática]

3. Materiais necessários/recursos didáticos

[listar os materiais e recursos didáticos que serão utilizados nas atividades e que devem ser providenciados antecipadamente pelo professor ou pelos estudantes]

4. Etapas da Sequência Didática

Aula 1: [título referente aos conteúdos ou estratégias didáticas trabalhadas]

[listar as estratégias didáticas e atividades a serem trabalhadas durante a aula]

Aula 2: [título referente aos conteúdos e estratégias didáticas trabalhadas]

[listar as estratégias didáticas e atividades a serem trabalhadas durante a aula]

Aula X: [título referente aos conteúdos e estratégias didáticas trabalhadas]

[listar as estratégias didáticas e atividades a serem trabalhadas durante a aula]

5. Avaliação

[definir instrumentos de avaliação adequados às aulas planejadas]

Durante o desenvolvimento das aulas e das atividades trabalhadas, procure acompanhar e observar a participação de cada estudante, assim como as principais dificuldades. Quando necessário, faça intervenções para facilitar a compreensão dos estudantes.

Ao final dessa sequência didática, registre as observações sobre a aprendizagem dos estudantes.

[formular e inserir questões que permitem verificar se os estudantes atingiram os objetivos descritos no início dessa sequência]

6. Autoavaliação

[formular questões direcionadas aos estudantes para que avaliem a própria participação nas atividades e se atingiram os objetivos propostos na sequência]

Durante as aulas, eu:

[preencher com as questões direcionadas aos estudantes]

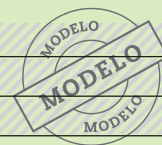
Além das sequências didáticas, é essencial que o professor elabore um planejamento de rotina, com o objetivo de organizar as atividades diárias e semanais. Esse planejamento, além de permitir a distribuição de tarefas e conteúdos de forma organizada, contribui para desenvolver nos estudantes a noção do tempo e a importância da organização de atividades.

Além da abordagem dos conteúdos e a realização das atividades, o planejamento de rotina deve incluir atividades lúdicas, momentos de leitura e de escrita, atividades recreativas e que incentivem a interação social, visitas a espaços não formais de aprendizagem, momentos que envolvem alimentação e higiene pessoal, entre outras.

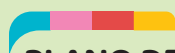
Observe a seguir uma sugestão de planejamento de rotina. O professor pode utilizá-la como ponto de partida e adaptá-la de acordo com suas necessidades e as condições da escola.

Planejamento de rotina

Nome: _____ Ano(s)/Série(s): _____
 Componente/Área: _____ Data: _____
 Escola: _____



Duração	Local	Descrição da atividade
7h30 – 8h00	Sala de aula	Roda de conversa para promover acolhimento dos estudantes.
8h00 – 10h00	Sala de aula	Trabalho com as páginas de abertura da Unidade 1 para verificar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o assunto.
10h00 – 10h30	Refeitório, banheiro e pátio	Pausa para lanche, higiene e brincadeiras.
10h30 – 11h30	Sala de aula	Abordar o primeiro tópico da Unidade 1 e realizar as atividades desse tópico para a sistematização do conteúdo.



PLANO DE DESENVOLVIMENTO ANUAL

As **orientações ao professor** apresentadas na primeira parte deste livro sugerem comentários e estratégias que podem ser considerados no planejamento. Além disso, apresentamos a seguir o **Quadro de conteúdos, habilidades e competências** e as **Sugestões de cronogramas**, que juntos vão auxiliá-lo no entendimento da sequência dos conteúdos do volume, mostrando a progressão didática dos principais conteúdos e conceitos, geradores das vivências educacionais ao longo do ano, evidenciando a intencionalidade pedagógica da obra.

Quadro de conteúdos, habilidades e competências

Para auxiliar em seu planejamento e no desenvolvimento das aulas, apresentamos a seguir um quadro que

organiza os principais conteúdos e conceitos abordados ao longo do volume, destacando as competências gerais e específicas, as habilidades e os temas contemporâneos transversais previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esses elementos foram organizados de acordo com o trabalho desenvolvido em cada unidade, garantindo uma progressão coerente e significativa da aprendizagem, alinhada às demandas reais da sala de aula. Além disso, destaca-se que esta coleção foi estruturada de modo a garantir uma progressão dos conteúdos e das habilidades que vão desde o 3º até chegar ao 5º ano, considerando o desenvolvimento dos estudantes e promovendo a consolidação e o aprofundamento gradual de suas aprendizagens.

Unidade 1 – As histórias que as imagens contam

Tópico	Principais conteúdos e conceitos	Habilidades da BNCC	Competências gerais e competências específicas	Temas contemporâneos transversais
A história em imagens	Pinturas rupestres. A produção de pigmentos. Imagens em sequência. Histórias em quadrinhos (HQs). Heróis e super-heróis nos quadrinhos. As histórias em quadrinhos no cinema e na televisão. Personagem. Onomatopeias. Fotonovelas.	EF15AR01 EF15AR02 EF15AR04 EF15AR05 EF15AR06 EF15AR07 EF15AR19 EF15AR21 EF15AR22 EF15AR25 EF15AR26	CG1; CG2; CG3; CG4; CEA1 CEA2 CEA5 CEA6 CEA8 CEA9	
O imaginário popular brasileiro	Personagens do imaginário popular brasileiro. Tradições indígenas e imaginário popular.	EF15AR01 EF15AR02 EF15AR03 EF15AR04	CG1; CG2; CG3; CG9; CG10; CEA1 CEA3 CEA6	Diversidade cultural.

Unidade 1 – As histórias que as imagens contam

Tópico	Principais conteúdos e conceitos	Habilidades da BNCC	Competências gerais e competências específicas	Temas contemporâneos transversais
O imaginário popular brasileiro	Narrativas orais. Narrativas sobre memórias na arte contemporânea.	EF15AR05 EF15AR06 EF15AR07 EF15AR17 EF15AR18 EF15AR19 EF15AR21 EF15AR24 EF15AR25	CEA9	Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras e Educação ambiental.

Unidade 2 – A arte que é um espetáculo!

Tópico	Principais conteúdos e conceitos	Habilidades da BNCC	Competências gerais e competências específicas	Temas contemporâneos transversais
Criando e vivenciando histórias	O uso de máscaras em manifestações teatrais. Máscaras e folguedos no Brasil. Origens do teatro. Gêneros teatrais: tragédia e comédia.	EF15AR02 EF15AR04 EF15AR18 EF15AR19 EF15AR20 EF15AR21 EF15AR22 EF15AR23 EF15AR24 EF15AR25	CG3; CG4; CEA1 CEA2 CEA3 CEA4 CEA8	Diversidade cultural.
O teatro de animação	O teatro de animação em diferentes lugares do mundo. O uso de objetos como personagens. Os mestres na tradição cultural. Teatro de sombras. Máscaras e objetos.	EF15AR04 EF15AR05 EF15AR06 EF15AR18 EF15AR19 EF15AR20 EF15AR21 EF15AR22	CG3; CG4; CEA1 CEA4	Vida familiar e social e Diversidade cultural.

Unidade 3 – Cantar e dançar

Tópico	Principais conteúdos e conceitos	Habilidades da BNCC	Competências gerais e competências específicas	Temas contemporâneos transversais
As muitas músicas brasileiras	Músicas e festas populares. Brincadeiras versadas. Gêneros musicais brasileiros. Instrumentos musicais da música brasileira.	EF15AR03 EF15AR07 EF15AR13 EF15AR14 EF15AR15 EF15AR17 EF15AR25	CG3; CG4; CEA1 CEA3 CEA4 CEA9	
Diferentes jeitos de dançar	O espetáculo de balé. Dançando histórias pelo mundo. Dança e ilusão. Consciência corporal. A diversidade na dança.	EF15AR08 EF15AR09 EF15AR10 EF15AR11 EF15AR12 EF15AR13 EF15AR23 EF15AR25 EF15AR26	CG1; CG2; CG3; CG4; CG5; CG8; CG9; CG10; CEA1 CEA2 CEA3 CEA4 CEA5 CEA7 CEA8 CEA9	Diversidade cultural, Saúde, Direitos da criança e do adolescente e Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras.

Unidade 4 – Fستانça: um olhar para o interior

Tópico	Principais conteúdos e conceitos	Habilidades da BNCC	Competências gerais e competências específicas	Temas contemporâneos transversais
Tradições rurais	Cancioneiro. Música caipira. Músicas de festa junina. A viola caipira. O caipira nas artes visuais e no cinema.	EF15AR01 EF15AR13 EF15AR14 EF15AR15 EF15AR25	CG2; CG3; CG4; CG5, CG7; CG9; CG10 CEA1 CEA3 CEA5 CEA6 CEA7 CEA8 CEA9	Diversidade cultural.
Acorda, São João!	As origens da festa junina. Quadrilhas juninas pelo Brasil. Dançando quadrilha.	EF15AR03 EF15AR08 EF15AR09 EF15AR10 EF15AR11 EF15AR21 EF15AR23 EF15AR24	CG3; CEA3 CEA9	Diversidade cultural.

Sugestões de cronogramas

Apresentamos a seguir três sugestões de cronogramas para auxiliar no planejamento de seu trabalho com este volume: uma proposta de planejamento bimestral, uma trimestral e outra semestral. Para elaborá-las, consideramos um ano letivo de 200 dias, ou 40 semanas de aula. No entanto, é você quem deve decidir a melhor forma de utilizar o livro didático como apoio pedagógico, selecionando os tópicos conforme seus critérios, considerando aspectos importantes como o projeto pedagógico da escola, as características da turma, a carga horária disponível e a organização da grade curricular.

Sugestão de planejamento bimestral

Bimestre	Unidades e capítulos
1º bimestre	Unidade 1 - As histórias que as imagens contam
2º bimestre	Unidade 2 - A arte que é um espetáculo!
3º bimestre	Unidade 3 - Cantar e dançar
4º bimestre	Unidade 4 - Fستانça: um olhar para o interior

Sugestão de planejamento trimestral

Trimestre	Unidades e capítulos
1º trimestre	Unidade 1 - As histórias que as imagens contam
2º trimestre	Unidade 2 - A arte que é um espetáculo! Unidade 3 - Cantar e dançar
3º trimestre	Unidade 3 - Cantar e dançar Unidade 4 - Fستانça: um olhar para o interior

Sugestão de planejamento semestral

Semestre	Unidades e capítulos
1º semestre	Unidade 1 - As histórias que as imagens contam Unidade 2 - A arte que é um espetáculo!
2º semestre	Unidade 3 - Cantar e dançar Unidade 4 - Fستانça: um olhar para o interior



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS • LIVRO DO PROFESSOR

As referências bibliográficas indicadas a seguir apresentam tanto as obras que foram utilizadas para a composição das **orientações ao professor** e do **Suplemento do Professor** quanto obras que podem ser utilizadas para complementar e aprofundar seus conhecimentos sobre processos de ensino-aprendizagem e outros assuntos relevantes para o dia a dia em sala de aula.

ALZINA, Rafael Bisquerra *et al.* *Atividades para o desenvolvimento da inteligência emocional nas crianças*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

O livro traz aos docentes atividades e exercícios que vão contribuir para o desenvolvimento das crianças com relação às competências emocionais: a consciência emocional, a adequação emocional, a autonomia emocional, as habilidades socioemocionais e as habilidades para a vida e o bem-estar emocional.

ANDRADE, José Carlos dos Santos. *O espaço cênico circense*. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Essa pesquisa analisa as mudanças ocorridas no espaço cênico do circo ao longo do tempo, inclusive no Brasil, abordando os grupos de famílias circenses que se deslocaram para o país a partir do século XIX.

ANDRÉ, Marli (org.). *Pedagogia das diferenças na sala de aula*. Campinas: Papirus, 1999.

Esse livro aborda a pedagogia das diferenças no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, propondo um caminho metodológico para lidar com as diferenças dos estudantes em sala de aula. Tomando como base teórica a pedagogia das diferenças de Philippe Perrenoud, essa abordagem é apresentada como um elemento possível na rotina escolar – um instrumento de avaliação e de investigação didática –, possibilitando a construção coletiva do projeto pedagógico.

ANTUNES, Celso. *Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Ao longo dessa obra, o autor analisa as transformações vivenciadas tanto pela escola como pelas famílias, promovendo uma reflexão sobre a aula, o professor, o currículo, as linguagens, os recursos da escola e a avaliação significativa da aprendizagem escolar.

ARANHA, Carmen S. G. *Exercícios do olhar*. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

O livro aborda a criatividade e os seus sentidos, com questionamentos que promovem reflexões sobre os processos criativos e a constituição da produção artística, manifestas em muitas obras de arte ao longo da história.

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.

Esse livro traz diversos exemplos de práticas pedagógicas relacionadas às metodologias ativas, que valorizam o protagonismo dos estudantes.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino de Arte*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

Nesse livro, a autora trata de questões pertinentes à aprendizagem da história da Arte, trazendo para o campo educacional o debate em torno da contextualização da obra em seu universo histórico, cultural e político.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). *Arte/Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Unesp, 2008.

A mediação como proposta de ensino coloca em contato o campo da Arte e seus espaços com a prática educacional. O livro aborda aspectos como o conceito de mediação, as experiências mediadoras em museus, em centros culturais e na educação formal, além da aproximação entre os campos da Arte e da cultura. Por meio de exemplos desenvolvidos em outros países, as autoras se propõem a pensar as demandas específicas dessa prática no Brasil.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (org.). *Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

Com o objetivo de estabelecer uma aprendizagem significativa em relação à imagem, esse livro trabalha uma proposta pautada na tríade contextualização, apreciação e produção, por meio de um pensamento crítico em torno da imagem e seus usos.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca; PASCHOAL, Jaqueline Delgado (org.). *Ensino fundamental de nove anos: teoria e prática na sala de aula*. São Paulo: Avercamp, 2009.

O objetivo dos autores dessa obra é conduzir os profissionais do Ensino Fundamental a uma reflexão, levantando questões sobre a prática docente com crianças de 6 a 7 anos, tais como a sua entrada na escola sob o ponto de vista legal, os princípios pedagógicos norteadores do trabalho do professor e a importância da ludicidade na sala de aula.

BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 27 ago. 2025.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, também conhecido como ECA, visa à proteção integral de crianças e adolescentes, estabelecendo seus direitos e deveres.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Versão final. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 16 ago. 2025.

Esse é o documento que unifica o currículo da Educação Básica no Brasil, estabelecendo o conjunto de aprendizagens essenciais que os estudantes devem desenvolver durante a Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. *Conscientização para o uso de celulares na escola*. Brasília: MEC, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/celular-escola/guia-escolas.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2025.

Guia que aborda importantes reflexões e orientações sobre a implementação da Lei nº 15.100, que regulamenta o uso de dispositivos eletrônicos portáteis pelos estudantes nas escolas.

BRASIL. Ministério da Educação. *Temas contemporâneos transversais na BNCC: contexto histórico e pressupostos pedagógicos*. Brasília, 2019. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf. Acesso em: 16 ago. 2025.

Documento que apresenta os temas contemporâneos transversais e a importância deles para os currículos da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica*. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica_2ed.pdf. Acesso em: 16 ago. 2025.

Esse documento do Ministério da Saúde foi elaborado para auxiliar as Equipes de Atenção Básica/Saúde da Família no trabalho com adolescentes, propondo cuidado da saúde, hábitos saudáveis e atenção aos principais aspectos clínicos.

BRITO, Giseli Artioli; FLORES, Maria Marta Lopes. A inclusão de alunos com deficiência intelectual: em foco as práticas pedagógicas. *Boletim de Conjuntura*, Boa Vista, ano V, v. 16, n. 48, p. 340-359, 2023. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/2879/966>. Acesso em: 18 ago. 2025.

Artigo que apresenta discussões e resultados de uma pesquisa qualitativa sobre a inclusão escolar e a qualidade da educação.

CARNIELLI, Walter A.; EPSTEIN, Richard L. *Pensamento crítico: o poder da lógica e da argumentação*. São Paulo: Rideel, 2009.

Nessa obra, os autores recorrem a textos de diferentes gêneros para apresentar o que são bons e maus argumentos, analisar que tipo de afirmação de natureza moral trazem implicitamente e explicar as consequências dos enunciados vagos ou ambíguos para a argumentação.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Ritual e teatro na cultura popular. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 7-22, maio 2015.

O artigo explora a noção antropológica de ritual relacionando-a à ideia de teatro nas artes cênicas, além de estabelecer um diálogo abordando as semelhanças e diferenças marcantes entre ritual e teatro. O ponto central do texto é o deslocamento do foco para a cultura popular, em especial o Carnaval das escolas de samba e o Bumba Meu Boi.

COLE, Michael; COLE, Sheila R. *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Tradução de Magda França Lopes. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Uma obra clássica que permite aos leitores compreenderem que o desenvolvimento humano é um conjunto de interações dos processos biológicos, sociais e psicológicos, integrados em diferentes contextos sociais.

CORDEIRO, Claudia Talochinski; OLIVEIRA, Ivanete da Rosa Silva de (org.). *Educação e políticas inclusivas: ressignificando a diversidade*. Londrina: Syntagma Editores, 2020.

Esse livro aborda, de forma crítica, a inclusão de pessoas com deficiência na escola sob a luz dos direitos humanos.

CORSO, Luciana Vellinho; DORNELES, Beatriz Vargas. Senso numérico e dificuldades de aprendizagem na matemática. *Psicopedagogia*, São Paulo, v. 27, n. 83, p. 298-309, 2010. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/revistapsicopedagogia.com.br/pdf/v27n83a15.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2025.

Artigo que analisa a compreensão das dificuldades de aprendizagem na Matemática e apresenta o Teste de Conhecimento Numérico, desenvolvido por Yukari Okamoto e Robbie Case (1996), aceito pela literatura atual como um bom instrumento para avaliar o senso numérico.

COSTA, Renato Pinheiro da; CASSIMIRO, Élide Estevão; SILVA, Rozinaldo Ribeiro da. Tecnologias no processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental. *Docência e Ciberultura*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 97-116, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/53068/36747>. Acesso em: 16 ago. 2025.

Esse artigo discute o uso da tecnologia para o desenvolvimento do processo de alfabetização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

DEHAENE, Stanislas. *Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler*. Tradução de Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

Nesse livro, Stanislas Dehaene apresenta seus trabalhos sobre as neurociências da leitura e explica por meio de evidências científicas como as crianças aprendem a ler.

DEITOS, Fernanda Nunes; ARAGÓN, Rosane. O processo de alfabetização com o uso das tecnologias digitais: uma revisão sistemática. In: WORKSHOP DE INFORMÁTICA NA ESCOLA (WIE), 27., 2021, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/wie/article/view/17855/17689>. Acesso em: 16 ago. 2025.

Esse artigo trata da utilização de recursos tecnológicos no processo de alfabetização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Essa abordagem se dá por meio de uma revisão sistemática da literatura que envolve esse assunto.

DINIZ, Margareth; VASCONCELOS, Renata Nunes (org.). *Pluralidade cultural e inclusão na formação de professores e professoras*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2004.

A obra discute de que forma as diferenças culturais são tratadas na escola, propondo a reflexão das práticas educativas e ações pedagógicas por meio de uma postura ética e inclusiva.

DOHME, Vania. *Atividades lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado*. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

Esse livro mostra de que maneira as atividades lúdicas, como jogos, histórias, dramatizações, músicas, danças e artes plásticas, são práticas de uma educação que objetiva o desenvolvimento pessoal e a atuação cooperativa na sociedade.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). *Didática e interdisciplinaridade*. 17. ed. Campinas: Papirus, 2012. (Coleção Práxis).

Os textos reunidos nesse livro propõem uma discussão sobre interdisciplinaridade, apresentando reflexões e análises de questões que envolvem a integração no campo da educação.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). *Interdisciplinaridade: pensar, pesquisar, intervir*. São Paulo: Cortez, 2014.

Nesse livro, os autores abordam a interdisciplinaridade como uma proposta essencial para o processo de ensino e aprendizagem, contrapondo a concepção fragmentada da racionalidade disciplinar. Ressaltam que, por envolver uma atitude de reciprocidade e complementaridade, a ação interdisciplinar proporciona um fazer pedagógico que cada vez mais prioriza a relação entre os componentes curriculares.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

A obra reúne textos de diferentes autores, com o objetivo de familiarizar os leitores com o tema da interdisciplinaridade no espaço escolar. Em cada capítulo serão apresentadas práticas docentes interdisciplinares variadas, da Educação Infantil até a pós-graduação, promovendo uma forma diferente de pensar e escrever sobre o fenômeno educativo.

FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. de Rezende e. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 2001.

O livro propõe subsídios para repensar o processo de ensino e aprendizagem da Arte na educação, apresentando elementos para a fundamentação e o desenvolvimento do trabalho artístico em sala de aula. Dividido em duas partes, aborda, primeiramente, as transformações da Arte no currículo escolar. A segunda parte traz como tema bases para a construção de um saber em Arte e de um saber em ser um professor de Arte. Propõe-se, com isso, a aproximação dos estudantes ao conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura e de suas diversas manifestações.

FERREIRO, Emilia. *Alfabetização em processo*. 21. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

A obra apresenta aspectos importantes do processo de construção da leitura e da escrita, explicando como a alfabetização ocorre no cérebro e como esse processo é importante para o desenvolvimento de inúmeros outros conhecimentos.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

Esse livro ajuda a compreender os mecanismos da argumentação e aprimorar suas habilidades de comunicação. O autor oferece uma análise profunda e abrangente do processo argumentativo, desde a construção de argumentos até a identificação de falácias.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

Um debate sobre educação musical com base na compreensão dos hábitos, nas condutas e na visão de mundo que regem a sociedade nos mais diversos períodos e contextos. Nessa dimensão cultural, fundamenta-se o debate da autora sobre o quanto a educação musical se estrutura pelo contexto cultural em que ocorre, sendo a música algo central na cultura humana.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

Nesse livro, o educador Paulo Freire discorre sobre a relação entre educadores e estudantes, promovendo uma ética de ensino orientada pelo desenvolvimento da autonomia.

GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed, 1994.

O autor propõe o conceito das inteligências múltiplas (linguística, lógico-matemática, espacial, corporal-cinestésica, musical, interpessoal e intrapessoal), em que todas as pessoas apresentam inteligências que funcionam de forma combinada para resolver problemas e/ou produzir bens sociais e culturais, dentro de seu contexto.

GRISA, Gregório Durlo et al. *Neurociência e alfabetização: noções fundamentais*. Bento Gonçalves: IFRS, 2022.

Esse livro apresenta noções sobre como ocorre o processo de alfabetização com base nos estudos recentes da Neurociência.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Livro resultante de um debate sobre o ensino da cultura visual e o papel da Arte na educação. Os debates gerados pelo autor propõem a compreensão da cultura visual de nossa época e, com base nessa dinâmica, sugere estender essa leitura para outros períodos.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. 36. ed. Joinville: Clube de autores, 2024.

O livro apresenta pressupostos metodológicos para a construção de uma avaliação mediadora, atrelando a concepção de aprendizagem a uma perspectiva na correção de testes e tarefas, além da necessidade de mudança na postura pedagógica dos professores para a melhoria da educação.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliar para promover: as setas do caminho*. 15. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

Nesse livro, a autora apresenta cinco princípios que considera essenciais para uma avaliação mediadora, com exemplos práticos relacionados à mediação, como o tempo, a elaboração de testes, as correções de tarefas avaliativas, a intervenção e os registros.

ILLERIS, Knud (org.). *Teorias contemporâneas da aprendizagem*. Porto Alegre: Penso, 2013.

Nessa obra, o pesquisador Knud Illeris reúne diferentes autores e teorias da aprendizagem e apresenta um conjunto de textos que tratam do tema, buscando caminhos para a compreensão do conceito de educar e sobre como funciona o complexo processo de ensino e aprendizagem na atualidade.

JAPIASSU, Ricardo. *Metodologia do ensino de teatro*. Campinas: Papius, 2009.

Nesse livro, o autor aborda o teatro como trabalho pedagógico na Educação Infantil e também no Ensino Fundamental.

JOIA, Michele. *A inclusão de crianças na escola: o papel do educador diante das dificuldades de aprendizagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2023.

Nesse livro, a autora traz conhecimentos sobre inclusão que ela construiu com base em dificuldades encontradas em seu dia a dia, fornecendo subsídios para o professor atuar em sala de aula com seus estudantes.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 15. ed. Campinas: Pontes, 2013.

O objetivo desse livro é apresentar a questão da interação entre os componentes curriculares como forma de buscar melhores resultados no ensino e na prática da leitura na escola. A autora discute, por exemplo, a possibilidade de diferentes componentes curriculares auxiliarem no aprimoramento da alfabetização.

KÜLLER, José Antonio; RODRIGO, Natalia de Fátima. *Metodologia de desenvolvimento de competências*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013.

Os autores têm como proposta pedagógica uma metodologia desenvolvida para apoiar a capacitação dos docentes, baseada em métodos de ensino e aprendizagem centrados na iniciativa e na atividade dos educandos.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 28. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

Nesse livro, o autor apresenta conceitos que orientam e auxiliam professores em sua prática pedagógica no contexto da escola pública, discorrendo sobre temas relacionados à didática, à metodologia do ensino e à psicologia da aprendizagem.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2013.

Esse livro aborda a prática educativa e o papel do professor nos processos de ensino e de aprendizagem. Libâneo enfatiza a necessidade de uma abordagem pedagógica crítica e reflexiva, que considera o contexto socioeconômico e cultural dos estudantes, promovendo uma educação transformadora. Ele discute métodos e estratégias de ensino que visam ao desenvolvimento integral do estudante, articulando teoria e prática de forma a preparar cidadãos críticos e participativos.

LIMA, Aurilia de Brito et al. (org.). *Políticas de inclusão na educação básica*. Curitiba: Appris Editora, 2024.

Esse livro reúne textos sobre os principais marcos das políticas públicas relacionadas à inclusão, desde as temáticas mais amplas até as mais específicas.

MARQUES, Isabel A. Dançando na escola. *Motriz*, Rio Claro, v. 3, n. 1, p. 20-28, jun. 1997. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/6496>. Acesso em: 16 ago. 2025.

No artigo, a autora discute aspectos epistemológicos, sociológicos, educacionais e artísticos da dança no universo educacional brasileiro.

MARQUES, Isabel A. *Ensino de dança hoje: textos e contextos*. São Paulo: Cortez, 2011.

Escrito no contexto da consolidação do ensino de Arte como componente curricular obrigatório pela LDB nº 9394/96, a autora propõe a reflexão sobre o ensino de Arte e a especificidade da dança nesse cenário. Com base nessa problematização, traz um debate sobre o ensino da dança no cenário educacional brasileiro.

MELLO, Fabiane de Oliveira; ALLIPRANDINI, Paula Mariza Zedu. Estratégias de aprendizagem de alunos do ensino fundamental em processo de alfabetização. *Revista de Psicologia*, v. 40, n. 2, p. 935-955, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucp.edu.pe/index.php/psicologia/article/view/25503/24038>. Acesso em: 16 ago. 2025.

Esse artigo apresenta informações provenientes de uma análise qualitativa de diversas estratégias de aprendizagem utilizadas por estudantes no processo de alfabetização.

MIRANDA, Elaine (coord.). *Educação inclusiva e a parceria da família: uma dimensão terapêutica*. São Paulo: Literare Books International, 2021.

Esse livro proporciona ao leitor uma visão abrangente sobre a inclusão, embasada por evidências científicas. Ele traz também o compartilhamento de experiências familiares, buscando estabelecer uma parceria entre família e escola.

MONDAINI, Marco. *Direitos humanos*. São Paulo: Contexto, 2006.

Esse livro disponibiliza ao leitor vários textos e documentos sobre direitos humanos.

MORAES, José Jota de. *O que é música*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

Nesse livro, o autor trata das maneiras de ouvir a música, classificando essa experiência em três formas: com o corpo, emotivamente e intelectualmente. No primeiro estágio, relaciona a música com o corpo, o impulso da dança, os ritmos e os gestos. No segundo, aborda o campo do sentimento e da emotividade. Já no terceiro estágio, propõe ouvir a música intelectualmente e pensar sua estrutura e organização, possibilitando que a música seja tomada como linguagem.

MORAIS, José. *Alfabetizar para a democracia*. Porto Alegre: Penso, 2014.

Esse livro apresenta conceitos como alfabetização e letramento e aborda como a alfabetização é fundamental para a construção da democracia. Também apresenta uma análise sobre a alfabetização no Brasil e sua relação com questões políticas e sociais.

NOVAS tecnologias facilitam a aprendizagem escolar. *Portal Brasil*, 10 jul. 2014. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/infantil/para-educadores/2014/07/novas-tecnologias-facilitam-a-aprendizagem-escolar>. Acesso em: 23 jun. 2025.

Artigo que aborda o impacto da cultura digital e o uso da tecnologia na educação.

OBICI, Giuliano Lamberti. *Gambiarra e experimentalismo sonoro*. Tese (Doutorado em Musicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Essa pesquisa aborda a gambiarra como ponto de encontro entre a música experimental e a arte sonora brasileira e faz uma busca por esse encontro, traçando um recorte na música experimental do país.

OBJETIVOS de desenvolvimento sustentável. *Nações Unidas Brasil*. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 18 ago. 2025.

Essa página apresenta os objetivos de desenvolvimento sustentável e como a ONU e seus parceiros no Brasil estão trabalhando para atingi-los.

PAIS e escolas devem dar atenção a comportamento de estudantes. *Ministério da Educação*, 20 abr. 2017. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/47731-pais-e-escolas-devem-dar-atencao-a-comportamento-de-estudantes>. Acesso em: 27 ago. 2025.

Esse texto aborda a questão do *bullying*, defendendo que é preciso dar atenção tanto à vítima quanto ao agressor e que os responsáveis e a comunidade escolar devem ficar atentos a esse tipo de comportamento.

QUEIROZ, Ana Patrícia Cavalcante de. Avaliação formativa: ferramenta significativa no processo de ensino e aprendizagem. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., 2019, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza, 2019. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA17_ID8284_13082019194531.pdf. Acesso em: 16 ago. 2025.

Nesse artigo, a autora discute o conceito de avaliação formativa, com base em revisão bibliográfica que aborda o tema. Esses estudos permitiram-lhe caracterizar esse tipo de avaliação como uma ferramenta que contribui para acompanhar o desenvolvimento dos estudantes ao longo de todo o processo de ensino e aprendizagem, modificando estratégias pedagógicas sempre que necessário.

REIS, Ana Valéria Sampaio de Almeida; DAROS, Thuinie; TOME LIN, Karina Nones. *Layouts criativos para aulas inovadoras*. Maringá: B42, 2023.

Esse livro orienta educadores que desejam transformar o ambiente da sala de aula e implementar estratégias de ensino dinâmicas. As autoras propõem uma série de *layouts* para favorecer abordagens pedagógicas diversas. O objetivo é promover práticas de inovação, inspiração e cocriação entre professores e estudantes, incentivando os educadores a se tornarem *designers* do ambiente educacional. Essa obra é recomendada para quem busca repensar a organização do espaço escolar e criar experiências de aprendizagem marcantes.

RESUMO do Relatório de Monitoramento Global da Educação 2023: Tecnologia na educação: uma ferramenta a serviço de quem? Paris: Unesco, 2023. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386147_por/PDF/386147por.pdf.multi. Acesso em: 9 ago. 2025.

Esse documento leva o leitor a refletir sobre o real papel da tecnologia no processo de ensino e aprendizagem, apresentando de maneira crítica seus benefícios e riscos.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Letramentos, mídias, linguagens*. São Paulo: Parábola, 2019.

Esse livro trata de conceitos centrais que ajudam a compreender a relação entre o desenvolvimento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) e a produção de textos multimodais e multissemióticos, utilizando diferentes linguagens em mídias diversas.

SÁ, Ivo Ribeiro de; GODOY, Kathya Maria Ayres de. *Oficinas de dança e expressão corporal para o Ensino Fundamental*. São Paulo: Cortez, 2009.

Livro que propõe a aplicação de atividades práticas da linguagem da dança que podem ser desenvolvidas em âmbito escolar com base em quatro temas: a consciência corporal; os fatores do movimento; a comunicação; e a expressividade.

SANTOS, Alessandro Souza dos. *Guia de técnicas de estudo, organização e planejamento*: como estudar, organizar e planejar os estudos. Parnaíba: Canva.com, 2020. Disponível em: https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/Parnaiba/2021/Guia_de_Estudos_UFDPAr_-SEPE-PRAEC.pdf. Acesso em: 11 ago. 2025.

Esse guia apresenta diversas orientações que contribuem para melhorar a qualidade da rotina de estudos. Essas orientações se referem a diversos aspectos, como hábitos, organização do espaço, planejamento e técnicas.

SANTOS, Maria Lucia dos; PERIN, Conceição Solange Bution. A importância do planejamento de ensino para o bom desempenho do professor em sala de aula. *Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE*, v. 1, 2013.

Esse artigo disserta sobre a importância do planejamento para o processo de ensino e aprendizagem, apresentando propostas que auxiliam o professor na elaboração do plano de trabalho docente.

SANTOS, Silvana Maria Aparecida Viana. Estratégias de ensino-aprendizagem para alunos com deficiência visual. *Observatorio de La Economía Latinoamericana*, Curitiba, v. 22, n. 2, 2024.

Esse artigo apresenta algumas estratégias de ensino-aprendizagem para a participação ativa de estudantes com deficiência visual na escola regular.

SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. Tradução de Marisa Trench Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva e Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Unesp, 1991.

Uma proposta voltada para a educação musical que tem como objetivo a escuta ativa. O livro é destinado a qualquer indivíduo interessado em música.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). *Didática e interdisciplinaridade*. 17. ed. Campinas: Papirus, 2012. (Coleção Práxis).

O texto discute o saber pedagógico como prática histórica e interdisciplinar, destacando que a educação deve articular trabalho, sociedade e cultura.

SILVA, Eva Aparecida Gomes da. O desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem do aluno com necessidades educacionais especiais. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 9, n. 3, mar. 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/8972/3542>. Acesso em: 14 ago. 2025.

Esse artigo aborda as contribuições do uso de atividades lúdicas, como jogos e brincadeiras, para o processo de ensino-aprendizagem de estudantes com necessidades educacionais especiais no ensino regular.

SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2024.

Nesse livro, a autora discute o histórico problema da alfabetização, analisando os principais métodos utilizados.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

Esse livro sugere ao leitor a releitura de artigos sobre a alfabetização, discutindo concepções e refletindo sobre práticas escolares de alfabetização e letramento.

SOARES, Magda. *Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2023.

Esse livro destaca a importância de os estudantes não apenas aprenderem o sistema alfabético de escrita, mas também conhecerem seus usos sociais, como ler, interpretar e produzir textos.

SOUZA, Fabiana de Freitas Marques. A contribuição do lúdico no processo de alfabetização e letramento. *REEDUC – Revista de Estudos em Educação*, Quirinópolis, v. 8, n. 1, 2022. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20220519114529/https://www.revista.ueg.br/index.php/reeduc/article/download/12440/8795>. Acesso em: 16 ago. 2025.

Esse artigo destaca as contribuições de atividades lúdicas, como jogos e brincadeiras, para a alfabetização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

Um livro voltado para a prática do ensino do teatro e a sua introdução em sala de aula. Aborda o lúdico como elemento desencadeador com base em dois temas relevantes para a docência: a vinculação da prática dos jogos teatrais aos jogos tradicionais e o contato com outras áreas do saber, enriquecendo a visão do estudante.

TERÇARIOL, Adriana Aparecida de Lima; IKESHOJI, Eli-sângela Aparecida Bulla; GITAHY, Raquel Rosan Christino (org.). *Metodologias para aprendizagem ativa em tempos de educação digital: formação, pesquisa e intervenção*. Jundiaí: Paco Editorial, 2021.

Nessa obra, as autoras exploram questões que envolvem a presença de diferentes metodologias em vários segmentos de ensino. Além de apresentarem pesquisas e estudos importantes sobre tecnologias e o ensino digital, buscam compartilhar os desafios enfrentados pelos docentes nesse campo do conhecimento.

VIOLÊNCIA escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial. Brasília: Unesco, 2019.

Relatório que busca fornecer dados sobre a violência escolar e o *bullying*, destacando sua natureza, sua abrangência e seus impactos, assim como iniciativas para enfrentar esses problemas.

VON, Cristina. *Cultura de paz: o que os indivíduos, grupos, escolas e organizações podem fazer pela paz no mundo*. São Paulo: Peirópolis, 2014.

Nesse livro, a autora aborda temas como igualdade e respeito às diferenças, oferecendo reflexões e estratégias para trabalhar esses assuntos com estudantes.

ISBN 978-85-16-14256-8



9 788516 142568